




UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
JOSÉ RAYMUNDO FIGUEIREDO LINS JÚNIOR

“I’M NOT NO QUEER”:
A REPRESENTAÇÃO DA HOMOAFETIVIDADE
NO CONTO *BROKEBACK MOUNTAIN*, DE ANNIE
PROULX

FORTALEZA – CEARÁ
2012



JOSÉ RAYMUNDO FIGUEIREDO LINS JÚNIOR

**“I’M NOT NO QUEER”: A REPRESENTAÇÃO DA
HOMOAFETIVIDADE NO CONTO *BROKEBACK MOUNTAIN*, DE
ANNIE PROULX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Pragmática Cultural e Estudos Críticos da Linguagem

Orientadora: Prof. Dra. Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira

FORTALEZA – CEARÁ

2012

L759i Lins Júnior, José Raymundo Figueiredo.
“*I’m not no queer*”: a representação da homoafetividade no conto *Brokeback Mountain*, de Annie Proulx / José Raymundo Figueiredo Lins Júnior. - Fortaleza, 2012.
192p.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira.

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Linguística - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Literatura Americana. 2. Homoafetividade. 3. Representação.
I. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD: 810

**TÍTULO: "I'M NOT NO QUEER": A REPRESENTAÇÃO DA
HOMOAFETIVIDADE NO CONTO BROKEBACK MOUNTAIN, DE
ANNIE PROULX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem
Linha de Pesquisa: Pragmática Cultural e Estudos Críticos da Linguagem

Autor: José Raymundo Figueiredo Lins Júnior

Conceito obtido: satisfatório

Defesa em: 10/01/2012

Nota obtida: 10.0 (louvor)
dez

BANCA EXAMINADORA

Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira

Prof^a. Dr. Dina Maria Machado Andréa Martins Ferreira (Presidente)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Vilmar Ferreira de Souza

Prof. Dr. Vilmar Ferreira de Souza
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

Pedro Henrique Lima Praxedes Filho

Prof. Dr. Pedro Henrique Praxedes Lima Filho
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Amor num romance é como sal, e eu o utilizo para acentuar o enredo e os personagens de inúmeras maneiras. Na ficção, como na vida real, o amor está misturado com raiva, compaixão como em "O cerne da questão" de Graham Greene (onde críticos obtusos o confundiram com piedade), espiritualidade, ornamento, moda, relações entre pais e filhos, padrões de beleza, sacrifício, sedução, sensações corporais, fantasias, sonhos e tramas, metáforas, mentiras e verdades falhas, poesia, virgindade, possessão, sêmen, filosofia, perda, cores desbotadas, tristeza, gravidez, hereditariedade, poder de clã.

(Annie Proulx)

O encontro de dois homens pode ser apenas um encontro, mas também pode ser uma possibilidade de diálogo e abertura para o mundo, desafio maior de todo discurso minoritário, alguma vez discriminado. [...] Não se trata apenas de considerar a homossexualidade como um adjetivo, mas de afirmar uma experiência substantiva que interliga vida cotidiana e prática intelectual. A experiência gay nada tem de redutora, classificadora, se assim o quisermos, é um mistério insondável, um ponto de partida, uma pergunta mais do que uma resposta.

(Denílson Lopes)

Dedico este trabalho ao amigo e companheiro (das horas fáceis e difíceis) José Fernandes de Medeiros Jr., sem ele não haveria pulsão para terminá-lo.

AGRADECIMENTOS

A escrita de uma dissertação é um trabalho solitário e quase vampiresco, pois implica afastar-se daqueles a quem se ama, privar-se da luz do dia, isolar-se em noites intermináveis, percebendo que as madrugadas trazem, sempre, a possibilidade da mudança junto com a sensação do que foi renunciado. E, para não precisar guardar, num cabide, uma camisa de cada um daqueles que foi importante nesse processo dissertativo é que agradeço às pessoas que estão presentes, cada uma a sua maneira, nas linhas deste trabalho.

Inicialmente, a minha avó materna, Cecília Mutti Pithon, pela presença constante na minha vida escolar e pelo gosto que me despertou pela Literatura, desde cedo. Com certeza, sem ela não haveria esta pesquisa;

A meus pais, Raymundo e Adélia, pelo carinho de sempre e pelo incentivo e, também, por terem proporcionado aquilo que não tiveram oportunidade de experimentar: a vida acadêmica;

A minha irmã, Luciana, pelas boas risadas de sempre e pela sensação de que nunca “cresci” quando estamos juntos; é sempre muito bom poder fugir da sensação da responsabilidade e poder encontrar refúgio nas lembranças das felicidades passadas;

Ao amigo, companheiro paciente e cuidadoso – não apenas nesse momento –, Fernandes Jr., com quem divido uma conversa interminável pela vida e que me fez ver que eu posso e preciso aprender a fazer escolhas; quem sabe já não estejamos, agora, descansando na nossa *Brokeback Mountain*...;

A minha orientadora – e agora posso chamar de amiga –, Prof. Dr^a. Dina Ferreira, entre tantas coisas, pela prontidão imediata de aceitar um pedido desesperado e pelas dicas, sugestões e correções, sem as quais esta dissertação não poderia ser finalizada; sobretudo pelo respeito com que tratou minhas ideias e intenções;

Ao professor e amigo Dr. Pedro Praxedes, pela leitura minuciosa e fundamental para esta pesquisa, pelos 'incontáveis' e-mails que recebo com informações sobre a temática deste trabalho e pelo exemplo acadêmico que representa, sem os quais esta dissertação deixaria (muito mais) a desejar;

Ao amigo Prof. Dr. Vilmar Ferreira de Souza, por ter aceitado – sem vacilar – o convite para 'avaliar' este trabalho; sem esquecer que muitas risadas já foram compartilhadas e que a companhia acadêmica é bem anterior a este momento;

Às professoras Claudiana Nogueira, Dilamar Araújo e Laura Tey, pela oportunidade de repensar a práxis pedagógica do Ensino Superior; em suas aulas a atividade reflexiva nunca deixou de estar presente;

À professora Vera Santiago, pelo apoio e atenção quando da disponibilidade da bolsa e por toda a atenção dispensada tanto como professora do programa, quanto como pessoa;

À CAPES, pelo financiamento no último ano desta pesquisa.

Ao longo da vida, construímos amizades importantes e que, mesmo distantes, fazem parte de nosso crescimento como pessoa. Algumas delas se tornam especiais pelo nível de afetividade desenvolvido: Carla Jucá, Sandra Motiwalla, Koryne Gama, Antonia Pereira (Dinah), Alemberg Santana (Berg), na Bahia; Efigênia Ripardo, Moisés da Costa, Paulo André, Juliana Guimarães, Lindaura Torres e Márcia Regina, no Ceará; Claudia Wonder, em São Paulo, com quem, primeiro, falei sobre o tema desse trabalho e que, se hoje viva, certamente estaria presente em sua apresentação. Todos têm um papel fundamental na minha vida pessoal ou acadêmica (se é que se pode separá-las)...;

Aos colegas de curso, em especial Ailton Claécio Lopes Dantas e Francisca Poliane Lima de Oliveira, com quem as conversas foram mais 'alongadas';

Ao colega Robson Ramos, pela leitura intensa na etapa final desse processo...;

Aos meus alunos da UFBA, URCA, Faculdade Leão Sampaio, UECE e demais instituições onde lecionei. Em especial, àqueles que aceitaram os desafios de vivenciar os prazeres de um grupo de pesquisa;

Aos amigos virtuais – com que tantos ‘afetos’ foram trocados... Aos avatares amigos do *Second Life*, sobretudo Iven Hallison e Julios Treves, por vários *insights* no decorrer desta pesquisa e aos seguidores do *Facebook*, que acompanhavam diariamente meus ‘humores’ nesse processo de redação; agradeço por todos os comentários que compartilhavam força e apoio;

A todos os que trabalha(ra)m na secretaria do CMLA/PosLA, Maria do Carmo, Claudia, Kélvia, Val, Keiliane e Pablo, deixo meu abraço e sincero agradecimento;

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a representação da homoafetividade no conto *Brokeback Mountain*, de Annie Proulx, através de um diálogo entre o Sistema de Transitividade da Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; EGGINS, 2004) e a Psicanálise (FREUD 1996a; 1996b; 1999) no que diz respeito à sexualidade humana (entendida numa perspectiva mais ampla que aquelas oferecidas pela Biologia e Antropologia, envolvendo todas as ações humanas). Para estabelecer o diálogo entre esses dois campos epistemológicos, emprega-se o conceito de representação social (MOSCOVICI, 1998; 2009; JODELET, 2005), dada a sua abordagem linguística e psicológica na constituição das representações. A metodologia adotada foi a Linguística de *Corpus* – de natureza quantitativa –, através de ferramenta computacional de análise lexical (SCOTT, 2010), que possibilitou um sistema de etiquetagem, desenvolvido manualmente, e analisado através das abordagens indutiva e dedutiva (GOATLY, 2004) – de natureza qualitativa. Os resultados mostraram que escolhas lexicogramaticais específicas, a partir de um potencial de significados oferecido pela língua, podem estabelecer representações que tanto mantêm estruturas culturalmente constituídas (no caso, a construção da masculinidade e da feminilidade e sua relação com comportamentos de atividade e passividade numa relação homoafetiva) como desestabilizam tais estruturas. Assim, a representação da homoafetividade se mostra, na obra, como um discurso polissêmico, a partir da análise dos Processos, Participantes e Circunstâncias envolvidos na constituição sexual dos protagonistas: Ennis del Mar e Jack twist, *cowboys* do oeste norte-americano.

Palavras-Chave: Homoafetividade; Representação; Psicanálise; Transitividade; Literatura.

ABSTRACT

This research aims to analyse the representation of homoaffectivity in *Brokeback Mountain*, a short-story by Annie Proulx, through a dialogue between the System of Transitivity of the Systemic-Functional Grammar (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; EGGINS, 2004) and Psychoanalysis (FREUD 1996a; 1996b; 1999), regarding human sexuality (understood under a broader perspective than those offered by biology and anthropology, that involves all human action). In order to establish the dialogue between these two different epistemological fields, I used the concept of social representations (MOSCOVICI, 1998, 2009; JODELET, 2005), a choice made for its linguistic and psychological bias in approaching the constitution of representation. The adopted methodology was *Corpus* Linguistics, which is quantitative based and was used through a computational tool for lexical analysis (SCOTT, 2010), which enabled a labeling system, developed manually and analysed through inductive and deductive approaches (GOATLY, 2004), which are qualitative based. The results showed that specific lexicalgrammatical choices (within the meaning potential offered by the language) establish representations that either maintain some culturally constituted structures (in this case, the construals of masculinity and femininity and their relation to active/passive attitudes in a homoaffective relationship) or destabilize such structures. Thus, the representation of homoaffectivity in the work is seen as a polysemic discourse, based on the analysis of Process types, Participants and Circumstances involved in the constitution of the sexuality of the protagonists: Ennis del Mar and Jack Twist, both cowboys from the American West.

Key-Words: Homoaffectivity; Representation; Psychoanalysis; Transitivity; Literature.

RÉSUMÉ

Cette étude vise à analyser la représentation « homoaffective » dans le conte *Brokeback Mountain*, de Annie Proulx (2005), à travers un dialogue entre le Système de Transitivité de la Grammaire Systémique-Fonctionnelle (HALLIDAY ; MATTHIESSEN, 2004 ; EGGINS, 2004) et la Psychologie (FREUD 1996a ; 1996b ; 1999), à l'égard de la sexualité humaine (et compris dans une perspective plus large que celles fournies par la Biologie et l'Anthropologie qui embrasent toutes les actions humaines). Pour établir un dialogue entre ces deux champs épistémologiques, on emploie le concept de la représentation sociale (MOSCOVICI, 1998 ; 2009 ; JODELET, 2005), en raison de la proximité linguistique et psychologique vers la construction des représentations. La méthodologie adoptée a été la Linguistique de *Corpus* – de nature quantitative –, grâce à l'outil informatique de l'analyse lexical (SCOTT, 2010). Cet outil a permis un système d'étiquetage, mis au point manuellement et analysé par des approches inductives et déductives (GOATLY, 2004) – de nature qualitative. À partir du potentiel de la langue (-age), les résultats ont montré que des choix lexicaux-grammaticaux spécifiques peuvent établir des représentations : d'un côté, elles sont déterminées par des structures culturelles (dans ce cas, la construction de la masculinité et de la féminité et leur comportement des actifs et des passifs), et de l'autre, eux-mêmes les déstabilisent. Donc, dans cette recherche, la représentation de « l'homoaffectivité » se présente comme un discours polysémique dont les analyses des Processus, des Participants et des Circonstances montrent comment la constitution sexuelle des protagonistes est faite : Ennis del Mar et Jack Twist, *cowboys* de l'Ouest américain.

Mots-clés: Homo-affectivité, Représentation, Psychanalyse, Transitivité, Littérature.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS	p. 13
LISTA DE SÍMBOLOS DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	p. 14
LISTA DE FIGURAS	p. 15
LISTA DE GRÁFICOS	p. 16
LISTA DE QUADROS	p. 17
1 INTRODUÇÃO	p. 18
2 HOMOAFETIVIDADE: PERCURSO E PERCALÇOS HISTÓRICOS	p. 24
2.1 Do politeísmo ao monoteísmo judaico-cristão (ou da liberdade dos sexos ao confinamento do sexo)	p. 28
2.2 Duas revoluções sexuais e a condição homoafetiva a partir da Idade Moderna	p. 37
2.3 Novas Perspectivas para a homoafetividade no Brasil	p. 43
3 PSICANÁLISE E LINGUÍSTICA: DUAS PARTIDAS, UM ENCONTRO POSSÍVEL	p. 49
3.1 Rumo à primeira partida: Freud – (homos)sexualidade e a questão dos “invertidos”	p. 50
3.1.1 Considerações sobre o afeto: caso do pequeno Hans	p. 58
3.2. Rumo à segunda partida: a Linguística	p. 62
4 LITERATURA, TRANSITIVIDADE E REPRESENTAÇÃO DE MUNDO	p. 65
4.1 O Sistema de transitividade e a literatura	p. 66
4.1.1 A gramática sistêmico-funcional	p. 66
4.1.2 O sistema de transitividade	p. 70
4.1.3 Aplicando a transitividade à literatura	p. 86
4.1.3.1 Halliday (2002)	p. 87

4.1.3.2 Goatly (2004)	p. 89
4.2 Representações sociais	p. 92
5 METODOLOGIA	p. 98
5.1 Sobre o <i>corpus</i>	p. 98
5.2 Sobre a natureza da pesquisa	p. 98
5.3 Sobre os procedimentos	p. 99
5.3.1 Da seleção do <i>corpus</i>	p. 99
5.3.2 Das categorias analíticas	p. 104
5.3.3 Das conclusões sobre a análise do <i>corpus</i>	p. 106
6 TECENDO O ENCONTRO: RESULTADOS E DISCUSSÃO	p. 107
6.1 Aproximando os discursos	p. 108
6.2 Estabelecendo o encontro	p. 111
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 141
REFERÊNCIAS	p. 145
ANEXO A – BROKEBACK MOUNTAIN	p. 156
ANEXO B – <i>Corpus</i> da Pesquisa	p. 181
ANEXO C – Código Internacional de Doenças (CID)	p. 187

LISTA DE ABREVIATURAS

CID	Código Internacional de Doenças
GSF	Gramática Sistemico-Funcional
GT	Gramática Tradicional
LSF	Linguística Sistemico-Funcional
PL	Projeto de Lei

LISTA DE SÍMBOLOS DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

- ||| - indica os limites de um complexo oracional (período)
- || - indica os limites de uma oração
- | - indica os limites de um grupo
- [[]] - indica uma oração sub-hierarquizada
- [] - indica um grupo sub-hierarquizado
- << >> - indica uma oração intercalada
- < > - indica um grupo intercalado

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Teoria do Inconsciente de Freud. Adaptado de Redding (2000).	p. 51
Figura 2: Análise metafuncional de uma oração, através da GSF (EGGINS, 2004, p. 212)	p. 69
Figura 3: Escala de hierarquias e os constituintes estruturais/configuracionais (traduzido de PRAXEDES FILHO, 2007, p. 30)	p. 70
Figura 4: Tipos de relações do significado lógico (adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 373)	p. 73
Figura 5: Elementos centrais e periféricos da estrutura experiencial (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 176).	p. 75
Figura 6: Os tipos de Processo (HALLIDAY, 1994, p. 108 <i>apud</i> LIMA-LOPES, 2001, p. 9) ...	p. 75
Figura 7: Relação entre GSF e Literatura. Adaptado de Eggins (1994)	p. 91
Figura 8: Lista de palavras geradas pelo WordList	p. 99
Figura 9: Primeira lista do Concord, usando apenas os nomes próprios	p. 101
Figura 10: Segunda lista do Concord, usando o cruzamento entre os nomes próprios	p. 101
Figura 11: Categorização do Corpus	p. 102

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1:** Frequência em números absolutos (entre parênteses) e percentuais de nomes próprios dos protagonistas da obra e suas esposas p. 111
- Gráfico 2:** Frequência em números absolutos e percentuais dos tipos de Processos encontrados no *corpus* p. 111
- Gráfico 3:** Frequência em números percentuais dos tipos de Processo e suas ocorrências tendo os protagonistas (e a montanha *Brokeback*) como os Participantes que os iniciam p. 112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: (In)transitividade nos processos materiais (HALLIDAY, 1994, p.184)	p. 76
Quadro 2: Tipos de Beneficiário	p. 77
Quadro 3: Diferença entre Meta e escopo (adaptado de EGGINS, 2004, p. 220).	p. 77
Quadro 4: Orações criativas e transformativas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.184).	p. 78
Quadro 5: Processo mental e seus participantes (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.203)	p. 78
Quadro 6: Projeção de um macrofenômeno (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.204)	p. 79
Quadro 7: Projeção de um metafenômeno (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.205)	p. 79
Quadro 8: Exemplo de oração com processo mental em ordem inversa (adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.205)	p. 79
Quadro 9: Realização do Processo relacional: atributivo, circunstancial e possessivo (EGGINS, 2004, p. 240-247)	p. 80
Quadro 10: Realização do Processo relacional identificativo (EGGINS, 2004, p. 241-247) ..	p. 80
Quadro 11: Realização do Processo verbal (EGGINS, 2004, p. 235)	p. 81
Quadro 12: Realização do processo verbal com Participante Alvo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.256)	p. 81
Quadro 13: Realização do Processo existencial (EGGINS, 2004, p. 238)	p. 81
Quadro 14: Realização do Processo comportamental (EGGINS, 2004, p. 233)	p. 81
Quadro 15: Realização do Processo comportamental com o Participante Comportamento (EGGINS, 2004, p. 234)	p. 82
Quadro 16: Realização do Processo comportamental com o Participante Fenômeno e um elemento circunstancial (exemplo meu, adaptado de EGGINS, 2004, p. 233-234)	p. 82
Quadro 17: Realização de construções causativas com Processo material (EGGINS, 2004, p. 224)	p. 82
Quadro 18: Realização de construções causativas com Processo relacional atributivo (EGGINS, 2004, p. 248)	p. 83
Quadro 19: Realização de construções causativas com Processo relacional identificativo (EGGINS, 2004, p. 248)	p. 83
Quadro 20: Tipos de Processo, seus significados e Participantes (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.176 <i>apud</i> PEREIRA, 2010, p. 24)	p. 83
Quadro 21: Tipologia dos elementos circunstanciais e seus exemplos (traduzido de PRAXEDES FILHO, 2007, p. 38)	p. 85

1. INTRODUÇÃO

*Ese es el problema, Padre,
Que ya no hay nada que confesar
Estoy cansado de pedir perdón [...]
Libertad, libertad,
No voy abandonar mis sueños.
Libertad, libertad,
Es tiempo de vivir sin miedo,
Yo solo quiero libertad [...]
Puedo amar, no hay oscuridad
Hay nuevos horizontes que buscar
Hoy mi fe me hace creer,
Que tengo mil razones para tocar el cielo y gritar
Libertad!*¹

(Christian Chaves/Anahí)

A questão das relações afetivas tem sido associada, geralmente, à questão sexual. A partir daí, os conceitos atribuídos à masculinidade e à feminilidade se constituem como determinantes para essas relações e uma “heterossexualidade” se instaura como norma ou padrão – para não usar o termo “naturalidade”. Em contrapartida, as relações afetivas que não seguem essa “norma” acabam sendo discriminadas e reprimidas em sua expressão e manifestação. E a literatura não deixa de registrar essas tensões sociais. Nesta dissertação, pretendo abordar a maneira como a relação homoafetiva de dois *cowboys* do oeste americano pode ser percebida a partir de uma perspectiva que sem ignorar esses conceitos de masculinidade e feminilidade, opta por perceber de que forma eles se constituem como “opostos”, ao invés de complementares.

Situando o indivíduo homoafetivo como personagem do gênero literário, encontrei, como uma das primeiras obras de temática homoafetiva (pelo menos, explícita) na Literatura Brasileira, o *Bom Crioulo*, do cearense Adolfo Caminha ([1895]1983). Desde então, no Brasil, o tema nunca deixou de ser abordado: seja com nuances mais erotizadas e violentas, em *Morangos Mofados*, de Caio Fernando Abreu (1996), seja com o romantismo inocente de Nelson Luiz de Carvalho (1998), *O Terceiro Travesseiro*. Porém, mesmo atravessando tais leituras, foi no conto

¹ “Este é o problema, padre, / Já não há mais nada para confessar / Estou cansado de pedir perdão / [...] / Liberdade, liberdade / Não vou abrir mão de meus sonhos / Liberdade, liberdade / É tempo de viver sem medo / Eu quero somente ser livre / Posso amar, não há o que esconder / Há novos caminhos a seguir / Hoje minha fé me faz perceber / Que tenho mil razões para tocar o céu e gritar / Liberdade!” (Tradução minha).

Brokeback Mountain (PROULX, 2005), da Literatura Norte-Americana, que me apoiou para perceber o quanto a língua pode ser sutil em suas intenções e igualmente ardilosa em seus efeitos.

Se, por um lado, a Literatura Brasileira e a Norte-Americana apresentam campos distintos e abordagens completamente diversas, dadas as condições socioculturais destas duas nações, por outro, mostram que, independentemente do tempo e do espaço², a homoafetividade sempre esteve presente nas sociedades – seja qual for a forma pela qual é representada. Vou, entretanto, considerá-la a partir da Literatura Norte-Americana, de onde retiramos o *corpus* desta pesquisa.

Antes de anunciar objetivamente o *corpus* desta pesquisa – o conto *Brokeback Mountain* (PROULX, 2005) –, utilizo, propositadamente, um intróito contextualizador, de ordem temático-histórica, que pretende envolver o(a) leitor(a) criticamente, de modo a dar mais força argumentativa ao porquê deste *corpus* e não de outro – o filme homônimo, por exemplo – que poderia também atender à temática em pauta.

Tal preocupação por um percurso contextualizador se justifica, pois a questão da homoafetividade nunca passou despercebida na literatura, nem na sétima arte. Moreno (2002) nota que se o personagem ‘homossexual’, qual seja sua isotopia, é representado de maneira estereotipada, ou seja, efeminada e vestindo cor de rosa, no caso do homem, e masculinizada e agressiva, no caso da mulher, passamos a deslocá-lo de uma representação da diferença, para uma dessemelhança, gerando assim, uma forma de exclusão social.

Faz-se necessário, ainda, explicar a escolha pelo termo homoafetividade³ e não homossexualidade ou homoerotismo, como alguns trabalhos classificam a relação entre pessoas do mesmo ‘sexo’. Ao falar de afeto, falo do desejo pelo outro – sem querer limitar tal desejo a uma estrutura baseada em aspectos biologicamente determinados, como por exemplo, o sexo genital – que leva a um encontro de corpos, emoções e sentimentos. O uso do termo homoafetividade surge, então, como uma proposta metodológica que pretende, ilocucionariamente, descortinar uma situação injusta para aqueles que ‘escapam’ da padronização de uma

² Tratarei desta questão no Capítulo 1, onde traço um pequeno histórico da homossexualidade em diversas sociedades, ao longo do tempo.

³ O termo foi inicialmente utilizado pela desembargadora Berenice Dias, na obra União homoafetiva – preconceito e justiça (2001), já em sua quinta edição (2011), na qual ela já discute a decisão do Supremo Tribunal Federal sobre a aprovação da união civil entre pessoas do mesmo sexo.

sociedade heteronormatizada. Lembro, contudo, que esta pretensão será sempre um 'jogo de linguagem' (WITTGENSTEIN, 2000), vista a "impossibilidade de se definirem critérios linguístico-formais seguros para aferir a performatividade na língua" (FERREIRA, 2007, p. 44).

A seguir, apresento uma síntese do conto (Anexo A) para aqueles que não tiveram contato com a obra.

Verão de 1963. Ennis Del Mar e Jack Twist encontram-se pela primeira vez num trabalho de pastoreio de ovelhas nas montanhas Brokeback, em Wyoming. Ennis, dezenove anos, pretende casar-se no outono e ter seu próprio rancho; perdeu os pais desde cedo, ficando responsável pela criação dos irmãos. Jack, aproximadamente da mesma idade, sem muita aproximação com o pai, que esperava dele uma continuidade da família, trabalhara na fazenda, sonhando tornar-se um grande *cowboy* de rodeio. Ambos sentem-se sós no mundo.

Inicialmente compartilham as atividades árduas do pastoreio, num clima frio, com escassez de alimentos e recursos e submetidos a possíveis ataques de animais selvagens; do simples coleguismo, desenvolve-se uma amizade mais íntima. Após uma noite de bebedeira e risada, como o frio estava congelante, Jack chama Ennis para pernoitar em sua barraca e, após uma rejeição inicial, Ennis acaba por ter uma relação sexual com Jack, assumindo o papel de ativo.

Essa relação se intensifica durante o verão, num misto de amizade, companheirismo, descobertas e diversão. No final do período de trabalho, ambos se despedem e tomam o rumo de suas vidas. Ennis casa-se com Alma, e o casal tem duas filhas. Jack conhece Lureen em um rodeio, com quem vem a casar-se e ter um filho. O pai de Lureen não aceita o genro e chega a fazer propostas para que ele suma da vida da filha.

Após quatro anos, numa carta enviada para Ennis – e prontamente respondida – acontece o primeiro reencontro, onde os amigos são flagrados por Alma num beijo apaixonado. Sem revelar o que vira, com as frequentes viagens e pescarias que fazia com Jack, e com a baixa frequência da atividade sexual (que, quando acontecia, Ennis a penetrava em coito anal), Alma divorcia-se de Ennis e casa-se com um comerciante local. Ao saber do divórcio, Jack reforça a proposta feita outrora, de construírem um rancho e morar juntos, mas Ennis afasta a ideia

dizendo que, por serem ‘estranhos’, estariam mortos em pouco tempo. Desiludido, Jack continua casado e Ennis começa a namorar uma garçonete local.

Os encontros entre os jovens *cowboys* vão se tornando menos frequentes, e Jack busca satisfazer suas necessidades sexuais com outros rapazes, no México. Com a falta de notícias de Jack e um cartão retornado pelos correios, Ennis liga para a casa de Lureen e esta lhe informa que seu companheiro havia sido morto em uma viagem. Seu corpo havia sido cremado, conforme pedido, a fim de ter as cinzas depositadas na montanha Brokeback, que, para a esposa, não passava de um lugar imaginário – referindo-se ao ex-marido como um sonhador. Ennis, então, decide conhecer os pais de Jack.

O pai diz-lhe que já havia ouvido falar de Ennis, que, um dia, viria ajudá-lo a cuidar da fazenda, juntamente com Jack. A mãe de Jack leva Ennis até o quarto do filho, e é lá que ele encontra uma camisa de Jack, manchada do sangue de uma de suas brigas na montanha. Por baixo, Ennis viu uma camisa sua, que pensava ter perdido na época em que estavam no pastoreio. Ennis leva as duas camisas consigo, e compra um cartão postal com a foto da montanha Brokeback. Ao chegar ao trailer onde morava, pendurou o cabide com as duas camisas e o cartão ao lado. Com o passar dos anos, entregue ao trabalho pesado e ao álcool, a lembrança diária de Jack é representada por esse quadro. A diferença é que, agora, é a camisa de Ennis que está sobre a de Jack.

Nesta relação de vinte anos, o afeto entre Ennis e Jack se desenvolve a partir das tensões existentes em uma sociedade rural norte-americana da segunda metade do século passado, situando-se num movimento cultural que vai influenciar, decisivamente, o *way of living* de uma sociedade puritana: o movimento *hippie* (anos 60), e um momento onde a liberdade sexual – principalmente a homoafetiva – é reprimida com o advento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS⁴ (anos 80).

Posso, agora, justificar a escolha pelo conto e não pelo filme homônimo. Trata-se mais de uma questão pessoal e acadêmica do que metodológica, pois mesmo tendo acesso tanto ao conto quanto ao roteiro (e ao próprio filme), optei pelo primeiro por duas razões. A primeira – e que mais me motivou – foi trabalhar com um texto original da Literatura Norte-Americana – e não uma adaptação (não

⁴ Embora a sigla para a doença em português seja SIDA, esta se limitou, por muito tempo aos artigos médicos, ficando conhecida popularmente, no Brasil, pela sigla em inglês.

precisarei entrar em questões de tradução e fidelidade), pois, durante toda a graduação em Língua Estrangeira – Inglês, pela Universidade Federal da Bahia, dediquei-me às literaturas de língua inglesa, cursando, inclusive, créditos extras nestas disciplinas. A segunda tem a ver com o fato de que trazer à análise linguístico-pragmática⁵ uma obra literária significa mostrar o poder da literatura de problematizar questões sociais através de suas representações. Isso remete ao fato de que devemos ler por prazer, mas também com uma perspectiva crítica que nos permita refletir sobre aquilo que é (e como é) representado.

É verdade que outros trabalhos já trataram da relação entre *Ennis del Mar* e *Jack Twist*; porém, até onde pude acompanhar, as abordagens se diferenciavam das que adotei nesta pesquisa em dois contextos. Primeiro, os *corpora* de todos esses trabalhos partiam do filme de Ang Lee (2005) e não do conto, como propus neste estudo, e, segundo, nenhum trabalho lido se propunha a desenvolver uma análise a partir do sistema de transitividade da Gramática Sistêmico-Funcional, para um questionamento da representação da homoafetividade na obra. Neste sentido, o trabalho configura-se como uma proposta sem, entretanto, presumir um esgotamento do tema; como expus logo acima, trata-se mais de questionamentos do que conclusões, o que configura a natureza pragmática da pesquisa.

A partir desta perspectiva, com o objetivo de analisar de que forma se dá a representação da homoafetividade na obra *Brokeback Mountain*, lanço a pergunta que iniciou o percurso desta pesquisa: de que maneira(s) a homoafetividade é representada discursivamente no conto norte-americano *Brokeback Mountain*, de Annie Proulx?

A partir da complexidade que se desenvolveu de uma pergunta aparentemente (e apenas isso) tão simples, espero que as reflexões sobre a representação da homoafetividade e suas implicações sociais nesta pesquisa possam contribuir com os vários estudos que se preocupam com a questão das identidades homoafetivas e sua(s) representação(ões), permitindo novas significações nas agendas sobre a questão dos direitos humanos de todos aqueles e de todas aquelas que sofrem *in differentia* na ‘ditadura hétero’, construída historicamente e contribuindo com os estudos de gênero, sobretudo aqueles que se debruçam sobre

⁵ Na pesquisa, a parte linguística será desenvolvida pelas microcategorias de análise de transitividade, da Gramática Sistêmico-Funcional, e a parte pragmática, pela teoria das representações sociais e pela Psicanálise.

a questão da homoafetividade, e com os estudos sobre representação identitária, identidade sexual e afins.

No sentido de orientar o leitor ao longo desta dissertação, apresento, a seguir, a divisão por capítulos e seus conteúdos. Este primeiro Capítulo traz uma visão geral da pesquisa desenvolvida, onde apresento o tema, contextualizo o corpus e justifico a escolha e a relevância do objeto de estudo. No Capítulo 2, trato da história da homossexualidade (NAPHY, 2006; RICHLIN, 1993; WILLIAMS, 1999) e sua contextualização (FOUCAULT, 1999), a partir da conversão cristã do Ocidente. No Capítulo 3, apresento a base argumentativa deste estudo, a saber, a questão da afetividade e sexualidade, sob a perspectiva da psicanálise freudiana (FREUD, 1996a; 1996b, 1999), discutida a partir da dicotomia homem/masculino versus mulher/feminino, pensando a identidade homoafetiva como algo performativo e não necessariamente fixo aos referenciais biológicos ou sociais. Chamei este capítulo de primeira partida, pois, precisei de categorias linguísticas para efetuar a análise do conto. Tais categorias são apresentadas no Capítulo 4, que está dividido em duas seções. Na primeira, abordo a questão da representação na Literatura (HALLIDAY, 2002; GOATLY, 2004), e apresento o sistema de Transitividade da GSF como microcategoria de análise linguística (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) – a minha segunda partida. Na segunda sessão, apresento a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1998; 2009; JODELET, 2005), que realiza o “encontro” entre as duas “partidas teóricas” desta pesquisa: a Psicanálise freudiana e a Linguística Sistêmico-Funcional. No Capítulo 5, descrevo o percurso metodológico seguido, e, finalmente, no Capítulo 6, apresento as questões de conflito relacionadas à representação das identidades homoafetivas no conto *Brokeback Mountain*, a partir de quatro temáticas identificadas a partir da análise do corpus.

2. HOMOAFETIVIDADE: PERCURSO E PERCALÇOS HISTÓRICOS

Daí ter chegado quase a dissimular as minhas emoções, a ocultar os meus pequenos prazeres e que, quando atingi a idade da reflexão, em que um homem começa a olhar à sua volta, a fazer o inventário dos seus progressos e a considerar a sua posição social, já me encontrava profundamente comprometido numa vida dupla.

(R. L. Stevenson)

A questão da sexualidade humana é particularmente complexa devido à multiplicidade de fenômenos que a perpassam. Deixou de ser uma questão da qual se preocupava, prioritariamente, a Medicina (e suas ciências correlatas) e passou a ser debatida, também, pela Sociologia, pela Antropologia, pela Política, pela Religião, pelo Direito, dentre tantas outras áreas do saber humano que têm algo a dizer sobre o assunto.

Todavia, ainda há um certo incômodo quando se propõe uma discussão sobre o tema, pois este parece, de alguma forma, desestabilizar conceitos naturalizados ao longo da história. Ilustro a questão da naturalização, neste momento, a partir da explicação do antropólogo francês Lévy-Brühl (*apud* LÉVY-STRAUSS, 1969, p. 44) em relação ao incesto:

a famosa questão da proibição do incesto [...] não requer solução alguma. Não há porque postular o problema. [...] Não há por que perguntar sobre a razão que proíbe o incesto: tal proibição não existe. [...] É algo que não acontece.

É verdade que o incesto não acontece com a frequência necessária para que se crie uma lei que o proíba, mas, quando se tem conhecimento de um caso, a Sociedade é tomada por terror e espanto. Convém lembrar, entretanto, que, a partir de Freud⁶, o problema do tabu do incesto assume uma nova perspectiva, trazendo a sexualidade ao centro das discussões e considerando a sua repressão como um dos elementos fundamentais na passagem do estado natural à cultura.

Se pensarmos conforme McCary (1980), veremos que a sociabilidade entre os primatas superiores parece estar determinada por três eixos fundamentais:

⁶ Tratarei da sexualidade a partir da perspectiva psicanalítica no próximo capítulo.

o sexo, a defesa contra os inimigos e a busca por alimentos, sendo que o sexo, o mais importante deles, não se limita apenas ao ato sexual, mas a uma (inter)ação que perpassa toda a vida social. Juntamente com o controle dos alimentos, o acasalamento estabelece a dominação de uns animais sobre os outros, gerando inclusão e exclusão sociais. Lévy-Strauss (1969) complementa que, nas relações humanas, estes instintos animais são transformados em pulsões – estruturas modeladas por leis de inter-relação – que tanto são originadas nas culturas como são o que constitui a própria cultura.

Para Foucault (1999), a sexualidade é vista como corpo do poder – dispositivos que controlam os desejos a fim de obter uma descendência sadia, prática iniciada no começo da Idade Moderna e amplamente difundida na Época Vitoriana. Apesar da rigidez da época, surgiram novos discursos sobre a sexualidade e, com a mesma intensidade, incentivaram o que queriam controlar: o desejo. A tentativa foucaultiana de compreender a sexualidade como poder e desejo se articula e o leva a pensar na história da sexualidade como uma história dos discursos, que explica como a heteronormatividade vai-se infiltrando nas sociedades que hoje existem. E,

dizendo poder, não quero significar 'o poder', como um conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um estado determinado. Também não entendo poder como um modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma de regra. Enfim, não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre o outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro. A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemônias sociais (FOUCAULT, 1999, p. 88-89).

É sabido que a homoafetividade nunca foi uma norma social, mas, segundo Greenberg (1988, p. 1-21), historiadores e pesquisadores do comportamento sexual em outras culturas – passadas e presentes – descobriram, poucas vezes, a desaprovação social, legal, moral ou religiosa deste

comportamento, comum em tantas eras da história ocidental. Essa desaprovação nos leva a entender que antes da “aceitação generalizada das normas sexuais judaicas, cristãs e islâmicas [muitas sociedades] parecia[m] mostrar pouco ou nenhum interesse” (NAPHY, 2006, p. 16) nesse comportamento.

Para Foucault (1999, p. 99-100), existem quatro estratégias globais de dominação que são constituintes do dispositivo da sexualidade como sendo decisivo na heteronormatividade: (1) a histerização do corpo da mulher, (2) a pedagogização do corpo da criança, (3) a socialização das condutas de procriação e (4) a psiquiatrização do prazer "perverso". A socialização das condutas de procriação, ou seja, a

socialização econômica por intermédio de todas as incitações, ou freios, à fecundidade dos casais, através de medidas “sociais” ou fiscais, sociabilização política mediante a responsabilização dos casais relativamente a todo o corpo social (que é preciso limitar, ou, ao contrário, reforçar), sociabilização médica, pelo valor patogênico atribuído às práticas de controle de nascimentos, com relação ao indivíduo ou à espécie (FOUCAULT, 1999, p. 99-100),

juntamente com a dominação religiosa acontecida no Ocidente são essenciais para que possamos traçar um percurso sobre a questão da homoafetividade através da história da humanidade. Neste trajeto, não excluo a ‘polarização’ entre homo e heteroafetividade, mas adoto o ‘trânsito’ entre estes dois conceitos. Para adentrar neste “entre-lugar”⁷, concordo com o historiador William Naphy (2006, p. 11) que “qualquer história da homossexualidade⁸ deve começar por lidar com dois problemas” que se relacionam entre si, porém de temáticas bem diversas, a saber: (1) a questão da natureza e da cultura, e (2) as diferenças entre as abordagens essencialistas e as construtivistas.

Sobre o primeiro ‘problema’, os impulsos genéticos não são a garantia de um comportamento heteronormatizado; “a cultura, a religião, as leis e os valores do indivíduo podem servir para travar os ditos impulsos” (NAPHY, 2006, p. 11). Ainda

⁷ O termo é utilizado por Homi Bhabha (1998), porém não o utilizo como recurso argumentativo neste trabalho; tomo-o como referência para a devida atenção ao espaço que se desvela entre os conceitos atribuídos ao masculino e ao feminino.

⁸ Para não parecer uma falha na questão terminológica, chamo a atenção para o fato de que, a partir deste momento, a palavra homossexual refere-se ao trabalho dos teóricos que orientam este trabalho. No meu discurso, entretanto, mantereí, sempre, os termos a partir da perspectiva psicanalítica do afeto: (homo/hetero)afetividade.

assim, uma sociedade com dominância das práticas sociais heteroafetivas não impede que práticas homoafetivas aconteçam.

Em relação ao segundo ‘problema’, Naphy (2006, p. 13) coloca que enquanto os “essencialistas afirmam, basicamente, que existem categorias como a heterossexualidade, a bissexualidade e a homossexualidade”, os construtivistas sugerem que tais categorias são apenas uma questão de rótulos que, classificando indivíduos e/ou grupos, acabam por gerar sentimentos de pertencimento ou exclusão – tal como apontado por McCary (1980), mais acima, na página 24. Nesta perspectiva, o indivíduo homoafetivo se identifica a partir da representação que uma determinada sociedade faz do comportamento destes (grupos de) indivíduos – e que geralmente é tomada a partir do distanciamento do que este indivíduo ‘deveria ser’ (sexualmente), mas ‘não é’. Como é possível perceber,

em culturas onde esses rótulos não existissem não existiriam também quaisquer fronteiras ou categorias inerentes. Numa sociedade sem essas categorias, uma pessoa que tivesse relações sexuais com outra do mesmo sexo talvez não se concebesse como ‘diferente’ de alguém que nunca tivesse tido relações semelhantes (NAPHY, 2006, p. 13).

Desta forma, o autor de *Born to be gay: história da homossexualidade* advoga que este segundo ‘problema’ não é apenas outra versão do debate entre natureza e cultura, pois se relaciona com a própria prática discursiva, já apontada por Foucault (1999). De toda a discussão desses dois ‘problemas’ iniciais, o que o autor quer ressaltar é que enquanto

a dicotomia ‘essencialismo vs. construtivismo’ situa as discussões sobre sexo, sexualidade e atividades sexuais no âmbito da sociedade e da cultura, a oposição ‘natureza vs. cultura’ coloca a questão sobretudo no campo do indivíduo e das suas experiências de vida (NAPHY, 2006, p. 15).

O que estes dois ‘problemas’ reforçam neste percurso histórico é que o indivíduo homoafetivo, inscrito num determinado contexto, é nele representado⁹.

⁹ Sobre a questão dos discursos como constituintes (da) e constituídos na realidade, trataremos no Capítulo 4.

2.1 Do politeísmo ao monoteísmo judaico-cristão (ou da liberdade dos sexos ao confinamento do sexo)

Uma das características mais relevantes das relações homoafetivas é o fato de terem sido poucas as culturas que precederam a Lei Mosaica e que demonstraram preocupação ‘moral’ significativa com este comportamento social. Isto se dá, em grande parte, pelo número de culturas politeístas que tinham deuses e deusas praticando sexo entre si e também com mortais. Segundo Naphy (2006, p. 20), o Código de Hammurabi – um dos mais antigos e importantes conjuntos de leis do mundo –, elaborado pelo imperador Hammurabi, na antiga Mesopotâmia, por volta do ano 1750 a.C., contém alguns privilégios que deveriam ser dados aos prostitutos e às prostitutas que participavam dos cultos religiosos. Eles eram indivíduos sagrados e tinham relações com os homens devotos dentro dos templos da Mesopotâmia, Fenícia, Egito, Sicília e Índia, entre outros lugares. Posteriormente, as leis hititas, descendentes do Código de Hammurabi, chegam a reconhecer uniões entre pessoas do mesmo sexo.

Em todo o Oriente Médio, “as pessoas seguiam o exemplo dos seus deuses e deusas” (NAPHY, 2006, p. 21) e as práticas sexuais não-heteronormativas acabavam sendo vistas com permissividade, resguardando-se os locais e ocasiões destas práticas. Entre os deuses, não importava o sexo de seu(s) parceiro(s), mas as qualidades que este(s) lhes despertava(m). Como explica o historiador Sussman (*apud* HAPHY, 2006, p. 21), “os prostitutos e as prostitutas, servindo temporária ou permanentemente, e praticando atividades heterossexuais, orais-genitais, homossexuais, bestiais e de outros tipos, ofereciam os seus préstimos em nome do templo”.

É óbvio que estes ‘préstimos’ de ordem sexual efetivavam-se em relações homo e heteroafetivas, tais como as entre os deuses; a opção do sexo do parceiro era uma questão de atração, de desejo. A importância era dada aos papéis assumidos no ato e não àqueles que os praticavam. Pensando numa perspectiva sistêmico-funcional a partir da transitividade¹⁰, diria que a única importância do ato estava em ‘quem fazia o quê a quem’. Ou seja, pensando na perspectiva da transitividade (Capítulo 4), o ato sexual se desenvolvia como um Processo material

¹⁰ Assunto do qual se ocupará o Capítulo 4.

com Ator, que assumia o papel de maior importância social (ativo), e Meta, que estava numa situação de inferioridade sendo, por isso, o receptáculo (passivo). Trata-se de uma relação que não pressupunha troca, mas um favor prestado aos seus deuses, através dos(as) prostitutas(as). Via de regra, o desprezo pelo papel sexual passivo estava mais vinculado a uma questão social do que sexual propriamente dita. Como explicita Nussbaum (*apud* NAPHY, 2006, p. 22),

a distinção fundamental para a moralidade sexual era a distinção entre os papéis ativo e passivo. O sexo do objeto [...] não era em si moralmente problemático. Os rapazes e as mulheres eram muitas vezes tratados alternadamente como objetos do desejo [masculino]. O que era importante socialmente era penetrar em vez de ser penetrado.

No Egito, os deuses eram sexualmente ativos, tendo o próprio Osíris uma relação incestuosa com a irmã (Ísis), da qual resultou o deus Hórus (NAPHY, 2006, p. 25). Segundo este mesmo autor, foi descoberto, em 1964, um túmulo que retrata dois homens de mãos dadas e com uma inscrição que pode tanto significar eunucos (homens castrados) quanto uma forma de representar “aquilo que não é nem masculino e nem feminino” (NAPHY, 2006, p. 26). Considerando que haja várias interpretações para essa descoberta (podem ser sócios, amigos, parentes), as informações descobertas descartam consideravelmente a possibilidade de terem sido castrados. O que importa, neste relato, é a relação posta entre sexo biológico e gênero, onde “a diferença entre os sexos parece quase obliterada [com] a imagem masculina adaptando-se à feminina” (NAPHY, 2006, p. 25), desconsiderando-se, assim, os traços fenóticos e culturais como categorias de diferenciação do gênero¹¹. Na Índia, os deuses “mostravam uma grande disposição para amar e ter relações sexuais com vários indivíduos, independentemente do seu sexo” (NAPHY, 2006, p. 30). Nesta cultura, os casamentos¹² tinham a função socioeconômica de estreitar os laços entre famílias, através da procriação. O máximo que se esperava dos cônjuges era que

com o tempo passassem a estimar-se e a sentir afeto um pelo outro [visto que] podiam amar (e ter relações sexuais) com quem quisessem desde que

¹¹ Embora não esteja trabalhando com a Teoria de Gênero, optei por utilizar o termo para não alterar a intenção dada pelo autor.

¹² Chamo a atenção ao fato de que os casamentos também eram percebidos nas culturas já tratadas anteriormente, mas é na Índia que esta instituição traz, mais fortemente perceptível, a questão dos laços emocionais envolvidos.

não interferisse [na] procriação, educação e herança dos filhos (NAPHY, 2006, p. 32).

Vemos, aqui, de maneira mais clara, que a sexualidade toma dimensões mais abrangentes na cultura indiana, pois fala em atração emocional e sexual. O componente afetivo torna-se visível nas relações sexuais. Os laços de amizade e de companheirismo são reforçados; o conceito de fidelidade – tal qual o conhecemos hoje em dia – ainda não tinha sido formulado. É importante registrar que “a cultura indiana [...] parece mais interessada na emoção e no amor do que na mecânica da procriação” (NAPHY, 2006, p. 45).

Uma das fontes, para melhor exemplificar que o amor pode existir entre homens – e fora do casamento –, é o *Mahabharata* (séc. IV a. C.), onde Krishna declara sua afeição por Arjuna, ambos divindades em encarnações humanas masculinas:

não considero o meu pai, a minha mãe, [...] nem a minha própria vida tão dignos de proteção [como Arjuna] em combate. Se existe algo mais precioso do que a soberania dos três mundos, não desejo possuí-lo, Ó Satwata, sem o filho de Pritha [Arjuna], para o partilhar comigo (*apud* NAPHY, 2006, p. 46).

Através desta citação, percebe-se que a ligação afetiva, na cultura indiana, manifesta-se com maior frequência entre indivíduos do mesmo sexo, o que não implica que o afeto se manifeste em ato sexual – mas também não o excluindo. Porém, a sublimação de Arjuna por Krishna sugere que o amor entre ambos é o laço emocional mais nobre entre os seres humanos. Essa união é realizada não por um casamento, visto que Krishna tinha várias esposas, mas pela amizade.

O Hinduísmo vai mostrar-se ainda mais complexo, pois ultrapassa essas duas dimensões (sexo e afeto), perpassando, também, a questão de gênero¹³. Os deuses do hinduísmo podem não apenas mudar de sexo, como também aparecer nas duas formas ao mesmo tempo. O pensamento tântrico realça

o elemento feminino em todos os homens e o elemento masculino em todas as mulheres. O resultado é que o sexo, a sexualidade e o gênero são permutáveis ao longo do ciclo da

¹³ Neste ponto, o autor explicita que a questão de gênero não era determinada pelo sexo biológico nesta cultura, mas pelas atribuições de ordem cultural, a partir dos papéis representados pelos indivíduos.

reencarnação, de um modo geral, ou mesmo dentro de determinada encarnação (NAPHY, 2006, p. 31).

Na Índia, os gêneros masculino e feminino eram construções sociais, com papéis determinados com base em atributos físicos e/ou vestimentas, sendo essas construções sempre temporárias e com finalidades específicas, como no caso dos *hijras* – “o terceiro sexo da Índia” (NAPHY, 2006, p. 49) –, que perduram até hoje¹⁴. Outro texto hindu, o *Mahabhasya* (sec. III a. C.), também trata desta questão:

P) O que vêem as pessoas quando decidem, isto é uma mulher, isto é um homem, isto não é nem uma mulher nem um homem?

R) Aquela pessoa que tem seios e cabelo comprido é uma mulher; aquela pessoa que é peluda em todo o corpo é um homem; aquela pessoa que é diferente dos dois quando essas características estão ausentes não é nem mulher nem homem (*napumsaka*) (*apud* NAPHY, 2006, p. 49).

A cultura chinesa, sobretudo na dinastia *Zhou* (1122-1027 a. C.), via o sexo não apenas com fins de procriação mas, também, como instrumento de prazer. Assim como na Índia, “os casais tinham liberdade para exprimir seu amor e romantismo noutras relações, pouco ou nada se importando com o gênero do parceiro” (NAPHY, 2006, p. 33), embora os papéis de ativo e passivo estivessem vinculados ao maior e menor prestígio social, respectivamente – fato que, como se pode observar, é comum nos atos sexuais homoafetivos das culturas orientais.

Na Grécia, a homoafetividade não era considerada “um entrave à boa ordem militar. Pelo contrário, consideravam-na uma virtude e uma força no campo de batalha” (NAPHY, 2006, p. 57). Sobre a relação de afetividade entre os soldados gregos, seguem as palavras de Plutarco (*apud* NAPHY, 2006, p. 57) dedicadas ao Batalhão Sagrado¹⁵:

porque os homens da mesma tribo ou família pouco se prezam quando o perigo aperta; mas um grupo cimentado pela amizade baseada no amor nunca se desfaz e é invencível; pois os amantes, com vergonha de agir com desonra à vista dos amados, e os amados diante dos amantes, se precipitam livremente para o perigo em defesa um dos outros.

¹⁴ Outras culturas atuais se manifestam, também, em relação a esta questão. Em Omã, por exemplo, um pequeno país árabe, os *xanith* são o exemplo do que podemos imaginar como ‘identidade sexual fluida’. Tratam-se de criados do sexo masculino, que conservam seus nomes masculinos, são tratados como mulheres, e ainda assim a maioria é “autossuficiente (como se espera de todos os homens), mesmo sendo criados” (NAPHY, 2006, p. 225).

¹⁵ “Segundo a lenda grega, o Batalhão Sagrado de Tebas era um exército de 150 pares de amantes homossexuais, que tornaram-se célebres quando conseguiram derrotar os espartanos” (NAPHY, 2006, p. 56).

A pederastia¹⁶ fazia parte da vida cotidiana e relacionava-se com a formação da cidadania do jovem ateniense. Naphy (2006) cita, inclusive, que, na maioria das vezes, essa relação estreitava os laços familiares, assim como o casamento, pois o amante mais velho era escolhido pela família do efebo¹⁷. Williams (1999) é mais explícito ao afirmar que, para Sócrates (469-399), o sexo heteroafetivo tinha a única função de procriação, enquanto as relações homoafetivas deveriam ser preservadas na cultura grega. Estas relações baseavam-se na amizade e nos laços de amor com homens mais velhos, para absorver suas virtudes e seus conhecimentos filosóficos. O ato sexual – e com ele a possibilidade de assumir o papel passivo – vinha após os 12 anos, desde que o garoto (e a família) concordasse(m), e durava até tornar-se adulto¹⁸. Por volta dos 25 anos, o jovem deixava de ser um efebo e já podia assumir o papel ativo numa relação. Percebe-se, mais uma vez, que o papel sexual ativo relaciona-se com a questão de ‘poder’, nada tendo a ver com a questão do gênero¹⁹ (mesmo não sendo o ato sexual uma prática frequente e de maior importância na relação). Assim, o que caracteriza, efetivamente, a pederastia na Antiguidade Clássica são os laços afetivos entre o jovem e seu amante e não a prática sexual propriamente dita.

As influências da Grécia sobre Roma não foram tão significativas a ponto de tornar a pederastia uma prática legal. Williams (1999) afirma que os romanos não concebiam a ideia de serem penetrados – dado o seu poder de sodomizar a tudo e a todos, mas isto não os privava da relação sexual com outro homem (geralmente prostitutas ou escravos), desde que fossem o parceiro ativo, assim como seu Império o era em comparação ao resto do mundo. Trata-se, para Richlin (1993), de uma questão identitária nacional, onde Roma se mantinha ativa em relação a um império passivo, pois foi provavelmente construída no século II a.C., sob o governo de Lucílio, através da dicotomia ‘papel ativo/virilidade/poder’ versus ‘papel passivo/não-virilidade/submissão’. Dessa forma, a ideia de um romano passivo

¹⁶ Chamo a atenção para o fato de que não devemos aplicar a carga semântica pejorativa que esta palavra adquiriu com a tradição judaico-cristã.

¹⁷ Jovem grego, geralmente entre os 16-20 anos, com características viris ainda não definidas.

¹⁸ Esta data me parece imprecisa, pois, nas referências deste trabalho, o ato sexual passivo se estendia até os 18 anos (NAPHY, 2006), os 22 anos (WILLIAMS, 1999), e, em outras fontes que não traziam as referências de pesquisa, chegava aos 25 anos, quando se tornavam adultos. Isso justifica a imprecisão que inicia a oração seguinte.

¹⁹ Sobre esta questão, Freud vai-se posicionar, falando do desejo dos homens mais velhos pelas características mais “feminilizadas” dos jovens efebos. Trato desta questão mais detalhadamente no Capítulo 3.

implicaria numa traição à posição de dominação e superioridade de todos os romanos.

Como resultado de uma prática não permissiva, mas aceitável – sob determinada circunstância (o de ser sempre o dominante) –, a cultura romana nos deixou os grandes escândalos de seus imperadores entre o “fim da República e início do Império” (NAPHY, 2006, p. 60). Acima de tudo, “os romanos, como os gregos, não dividiam os atos sexuais em homossexuais (maus) versus heterossexuais (bons)” (NAPHY, 2006, p. 63).

O advento do Judaísmo foi um divisor de águas para a história da homoafetividade, pois o Deus²⁰ de Israel, diferentemente dos deuses de outras culturas, embora não mantivesse relações sexuais, deixou clara a função do sexo nas relações humanas: “Deus os abençoou [ao homem e à mulher que tinha criado] e lhes disse: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a’ (Gênesis: 1:28²¹). A Lei Mosaica realça a posição de submissão da mulher na dimensão tanto da sexualidade quanto do gênero. Isso se configura na primeira fala de Adão:

esta, sim, é osso dos meus ossos
e carne da minha carne!
Ela será chamada ‘mulher’,
porque foi tirada do homem! (Gênesis: 2:23);

e se repete no castigo de Deus, após terem provado do fruto proibido:

à mulher, Ele disse: [...]
‘Teu desejo te impelirá ao teu marido
e ele te dominará’.
Ao homem, Ele disse:
‘Porque escutaste a voz da tua mulher [...]
maldito é o solo por causa de ti!
Com sofrimentos dele te nutrirás
todos os dias de tua vida (Gênesis: 3:16-17).

²⁰ Não entrarei na questão da representação do Deus judaico, pois seria assunto para uma outra pesquisa, mas chamo a atenção para a mudança radical que esta nova perspectiva religiosa trouxe às culturas ocidentais: um Deus que não tem uma identidade sexual precisa. As suas representações iconográficas o aproximam ‘mais’ do sexo masculino através de uma perspectiva de gênero socialmente construído (as vestimentas, por exemplo), pois as características genéticas (a barba, por exemplo) não são significativas para determinar o sexo (tratarei disso no Capítulo 3). Se essa questão se resolve no Cristianismo, com o nascimento de um filho, tão humano quanto divino, outra maior ainda se abre. Ou seja, como entender a característica da Trindade? Três pessoas com formas distintas: (1) Deus (Aquele que é – sem uma forma específica, manifestando-se por voz ou luz), (2) o Espírito Santo, representado por animal ou elemento da natureza – o fogo de Pentecostes, e (3) a forma humana, concebida sem pecado – o próprio Cristo. Essa polimorfia, característica das religiões politeístas e na qual se constitui a inexplicável Trindade, é rejeitada pelo próprio sistema judaico-cristão. Só nos resta “conserva(r) o mistério da fé numa consciência limpa” (1Tim: 3,9).

²¹ As citações bíblicas foram extraídas de A Bíblia de Jerusalém (2001).

Nestes últimos versículos, estão impressos não apenas a submissão da mulher ao homem como também a responsabilidade da mesma sobre o ‘pecado original’. A ‘voz da mulher’ deveria ser silenciada e é isso que acontece nos primórdios do Cristianismo, pois “na violação [...], o importante não era a perda de valor da mulher²², mas o ‘pecado’ do ato em si”, visto que as atividades sexuais neste período estavam vinculadas a “regras relativas ao regime alimentar, asseio e atividade ritual” (NAPHY, 2006, p. 37).

Até início do século IV d. C., o Judaísmo teve de conviver com a literatura e a filosofia clássicas que, embora defendessem a heteroafetividade como necessária à continuidade da espécie, qualificavam a relação homoafetiva como sinais de civilidade e requinte.

Os casamentos foram concebidos como um meio de garantir a descendência, que era necessária, mas apenas o amor dos homens constitui uma ocupação nobre para a alma do filósofo [...]. O casamento é um benefício e uma bênção para os homens quando é feliz, enquanto o amor dos rapazes, que busca as sagradas obrigações da amizade, eu acredito ser o privilégio apenas da filosofia. Por isso todos os homens devem casar-se, mas que apenas os sábios possam amar os rapazes, porque a virtude perfeita cresce menos que tudo entre as mulheres (Pseudo-LUCIANO *apud* MACLEOD, 1967, p. 234).

Para Williams (1999), é a partir do século IV d.C., com a conversão do Imperador Romano Constantino (272-337), que o Cristianismo começa a sua expansão através do maior império que o mundo já teve conhecimento. O sexo, antes atividade procriadora e prazenteira, perdeu esta última conotação, tornando as relações homoafetivas ‘antinaturais’. Fica claro, então, o processo de naturalização construído em torno das relações heteroafetivas – o ‘aceito’ – e a discriminação das relações homoafetivas – o ‘execrável’ –, ou seja,

se a lei bíblica estivesse realmente preocupada com a homossexualidade então o silêncio total sobre o lesbianismo pareceria inexplicável. Contudo, no contexto de uma visão do mundo em que o sexo significava apenas procriação e penetração, a ausência do lesbianismo faz sentido [...pois] o judaísmo [...] continuava a entender o sexo – o ato – como essencialmente um ‘fazer de alguma coisa a alguém’ (NAPHY, 2006, p. 38-39).

²² Situação que acompanha a mulher por um longo período na história, como que eternizado. Thompson (1995, p. 81-89) apresenta cinco *modi operandi* através dos quais a ideologia pode operar e as ‘verdades’ podem ser construídas: dissimulação, unificação, fragmentação, legitimação e reificação. Estas duas últimas, através dos processos de (a) narrativização e (b) eternização, naturalização e nominalização, parecem ter exercido uma força maior no caso da submissão da mulher ao homem.

Visto desta forma, o Judaísmo não condenava diretamente a relação homoafetiva, mas qualquer prática sexual que não incluísse a penetração da vagina pelo pênis com o fim de procriar. E uma prova disso é que mesmo com a conversão forçada do império, “os imperadores cristãos de Roma continuaram a cobrar o imposto sobre a prostituição masculina legal até o século VI d. C” (NAPHY, 2006, p. 71).

No século XII, a situação fica ainda mais drástica, quando qualquer relação sexual não procriadora implicava a acusação de ‘comportamento animal’. A Igreja utilizou-se do comportamento animal para condenar a relação anal dizendo que “o homem em cima e face a face à mulher era a única posição aceitável porque não se assemelhava à dos animais” (NAPHY, 2006, p. 75). Isso colocou as relações homoafetivas (e todas não procriativas) como atos bestiais e permitiu ao Cristianismo legitimizar²³ um determinado tipo de ato sexual, colocando qualquer outro na posição oposta, como não-legítimo, e, conseqüentemente, imoral para os valores de quem o instituiu.

A mulher também não teve nenhuma valorização neste período, continuou sendo inferior ao homem (conforme o texto do Gênesis), o que realça mais ainda a impossibilidade de aceitação de uma relação homoafetiva, pensada na perspectiva dos papéis ativo e passivo. Santo Agostinho reagia contra as relações homoafetivas, dizendo não conceber como o homem poderia ser passivo, se “o corpo de um homem é tão superior ao de uma mulher, como a alma é ao corpo” (NAPHY, 2006, p. 78).

O final da Idade Média se mostra um período turbulento para a questão sexual. Até o final do século XV, a prostituição era legalizada; os bordeis ou banhos públicos eram “sancionados, regulamentados e taxados pelo governo da cidade [e] as prostitutas eram consideradas alternativa aceitável” (NAPHY, 2006, p. 105) para evitar a violação de moças e rapazes respeitáveis por indivíduos de classes mais baixas (que, segundo norma social, só poderiam se casar após os 30 anos – período em que se tornavam mestres em seus ofícios). Entre 1347 e 1351, a Peste Negra assola a Europa, levando a uma baixa de 25 milhões de pessoas. Para Naphy (2006, p. 100), a catástrofe lembrou o fim bíblico de Sodoma e Gomorra, e a

²³ Aqui parece-me que o processo de legitimação exerce uma força maior, através dos processos de (a) racionalização e (b) universalização. O conceito de ‘naturalidade’ do sexo não procriativo torna-se, então, inconsistente.

sociedade cristã procurou bodes expiatórios para pagar pelos pecados que trouxeram o mal de volta a Terra: os Judeus e os hereges, por propagar falsa religião, e os homoafetivos e adúlteros, pela prática da bestialidade. Na tentativa de erradicar esses três últimos grupos, leis severas foram criadas – incluindo a pena de morte, que durou, em Florença, por exemplo, mais de quatro séculos.

Sobre a questão da posição e do comportamento sexuais das pessoas homoafetivas no século XVII, Naphy (2006, p. 146) relata que, em geral, notava-se “uma grande ambivalência ou condescendência para alguns tipos de atividade sodomítica [...], assim como uma interpretação mais flexível dos objetos [...] do desejo masculino”. Os atores que representavam papéis femininos no teatro, por exemplo, podiam ser considerados, igualmente, belas mulheres e homens elegantes e cultos. Somente no final do século, continua o autor, a situação começa a mudar e a criação de termos específicos começam a rotular os homoafetivos, a partir da posição sexual desempenhada: “o participante passivo (*berdache*²⁴) e [o] ativo (sodomita)” (NAPHY 2006, p. 146). No século XVIII, o terror já pairava sobre os indivíduos homoafetivos, mesmo sendo uma condição frequente, e, até certo ponto, permissiva. De acordo com Barbier (*apud* ARIÈS, 1987, p. 131), encontra-se, em um diário do séc. XVIII, o seguinte registro:

hoje, segunda-feira, 6 de julho [de 1750], foram queimados na Praça de Greve, publicamente, às cinco da tarde, dois trabalhadores: um ajudante de carpinteiro e um açougueiro, de 18 e 20 anos respectivamente, presos em flagrante, pela ronda policial, cometendo o delito de sodomia. *A opinião pública é de que os juízes foram extremamente rígidos.* Aparentemente, o excesso de vinho os impediu de tomar maiores precauções (Tradução e itálico meus).

Mais à frente, este mesmo texto diz que a execução serviu como exemplo, posto que muitas pessoas encontravam-se na mesma situação. Naphy (2006, p. 151) mostra, através de relatos policiais da época (e independente da punição atribuída àquilo então denominado delito), que as relações não eram pautadas apenas no ato sexual, mas continham grande parcela de afetividade:

²⁴ O termo é apresentado pelo autor como tendo sido criado pelos franceses e deriva da palavra persa para prostituto (*bardah*), através do italiano *bardascia* e do árabe *bardaj*. Refere-se aos aborígenes dos continentes não cristãos, o que nos permite interpretar, pelo contexto da sociedade europeia da época, que o ato passivo numa relação sexual era associado ao comportamento de um animal que não o humano. (NAPHY, 2006, p. 192-193).

dormiam juntos há dois anos. Não conseguiam adormecer sem antes se tocarem mutuamente e terem praticados atos infames. *Era mesmo quase sempre obrigatório que Dusquenel tivesse o braço estendido ao longo da cabeceira da cama, por baixo da cabeça de Dumaine. Sem isso Dumaine não conseguia dormir* (Itálicos acrescidos).

Pode-se perguntar por que tais relatos são tão minuciosamente detalhados na descrição da relação afetiva, mesmo com a presença do adjetivo “infame”, mas, por outro lado, sugerem que as relações homoafetivas podiam ser estáveis e até envolver sentimentos de amor recíproco. É nesta época, também, que se registra, “pela primeira vez a palavra lésbica” (NAPHY, 2006, p. 157), numa sátira²⁵ que William King escreveu sobre a duquesa de Newburgh. Entretanto, a transição para a Idade Moderna – e a centralização do indivíduo enquanto agente social, o que desfocou a atuação da religião no comportamento social (sem libertá-lo completamente) – não alterou significativamente a condição das pessoas homoafetivas, como ficará visível na próxima seção.

2.2 Duas revoluções sexuais e a condição homoafetiva a partir da Idade Moderna

A primeira revolução sexual, para muitos historiadores (ESCOFFIER, 2003a, p. xxxii; 2003b, p. 4-6), data do período que se segue à Época Vitoriana, mais precisamente com a nova interpretação que Freud faz sobre a sexualidade humana. Como já vimos, a vida sexual no Ocidente efetivou-se a partir da concepção de procriação, rotulando qualquer ato sexual que fugisse dessa finalidade como anormal e imoral. No próximo capítulo, veremos como Freud expande o conceito de sexualidade, libertando-o do determinismo biológico – sua única explicação até então.

Ora, não é de admirar a estranheza que o pensamento freudiano tenha causado numa geração que, de certa forma, foi influenciada pelos valores vitorianos.

²⁵ *The Toast* (1732) – sátira densa e cheia de alusões, com edições ampliadas em 1736 e 1754, deve-se ao fato de o autor ter perdido um processo contra a duquesa, que lhe devia milhares de libras. Na obra, a duquesa, sob um pseudônimo, é acusada de bruxaria e de comportamentos bissexuais e lésbicos.

Basta considerar a vida de Oscar Wilde (sem fugir da literatura) para perceber que os comportamentos homoafetivos nem sempre foram vistos com bons olhos pelas sociedades ocidentais. Naphy (2006, p. 216-217) conta que, mesmo sendo casado e pai de dois filhos, Wilde teve vários relacionamentos homoafetivos até conhecer o filho mais novo do Marquês de Queensberry, Lord Alfred Douglas, por quem se apaixonou e que lhe apresentou “o lado mais decadente do submundo homossexual de Londres”. O relacionamento foi intenso e contou com a participação de outros jovens de classe socioeconômica inferior, o que lhe custou dois julgamentos, sendo “declarado culpado e condenado a dois anos de trabalhos forçados”. O final do genial²⁶ dramaturgo irlandês foi morrer em Paris, no esquecimento e na pobreza.

Segundo Naphy (2006, p. 220), a palavra ‘homossexual’ data desta época e foi criada pelo psicólogo Karoly Maria Benkert, em 1848, ao explicar que “além do impulso sexual normal dos homens e das mulheres, a Natureza, do seu modo soberano, dotou à nascença certos indivíduos [...] do impulso homossexual”.

Se a condenação de Wilde foi motivo de tranquilidade para o Marquês de Queensberry e para uma parte da Inglaterra vitoriana, foi uma fonte de inspiração para aqueles que viam nas relações homoafetivas uma expressão das emoções humanas. Mesmo culpado,

seu discurso sobre o amor que não ousa dizer o nome foi simplesmente maravilhoso e arrebatou imediatamente de todo o tribunal uma tremenda explosão de aplausos. Ali estava o homem, após um mês na prisão e carregado de insultos, moído e ferido, perfeitamente sereno (BEERBOHM *apud* NAPHY, 2006, p. 217).

Outros, por sua vez, enxergaram, através do julgamento, a verdadeira hipocrisia da sociedade vitoriana:

se Oscar Wilde, em vez de se entregar a jogos de intimidades com rapazes e homens, tivesse arruinado a vida de meia dúzia de meninas inocentes e simplórias, ou tivesse desfeito o lar do seu amigo corrompendo a mulher deste, ninguém teria conseguido deitar-lhe a mão. [...] Se todas as pessoas culpadas dos delitos de Oscar Wilde fossem ameaçadas de prisão, haveria um êxodo surpreendente de Eton e Harrow, Rugby e Winchester (STEAD *apud* NAPHY, 2006, p. 218).

²⁶ Refiro-me, aqui, ao senso comum que atribui a Wilde o uso com maestria do elemento irônico em todas as suas comédias, bem como em seu único romance, *O Retrato de Dorian Gray*.

Do outro lado do Atlântico, na América anglo-saxônica, terra que abrigou peregrinos que se intitulavam o povo escolhido, desenvolvendo um forte sentimento cristão (puritanos na Nova Inglaterra, *quakers* na Pensilvânia, e católicos em Maryland), a notícia da condenação de Wilde foi motivo de êxtase. Os Estados Unidos da América representavam-se como o “novo Éden” não apenas por seu relevo mas também pelos nativos que representavam uma pureza selvagem quase que mitológica, posto que em muitas tribos ameríndias havia *berdaches*²⁷. Este fato torna mais evidente as restrições impostas à sexualidade humana, em todas as suas manifestações homoafetivas, com a colonização do Novo Mundo.

Gilley (2006, p. 8) diz que a existência de um ‘terceiro gênero’²⁸ era uma “instituição extremamente importante” para as sociedades tribais, pois o fato de um indivíduo possuir um espírito masculino e um espírito feminino em um único corpo o ligaria mais diretamente às divindades – o que lhe proporcionaria um maior prestígio social. Assim, além de poder participar da caça e dos demais rituais masculinos, podia, igualmente, exercer tarefas domésticas e culinárias. Algumas mulheres *berdaches* da tribo dos Crow, por exemplo, “andavam armadas e combatiam como homens, mas vestiam-se como mulheres” (NAPHY, 2006, p. 195). Tais *berdaches* podiam desenvolver, ainda, atividades que exigem certo conhecimento específico, como vidência, cura, continuidade das tradições tribais, etc. Ser *berdache* é “uma condição permanente [...] e voluntária” (NAPHY, 2006, p. 197) que traz duas explicações prováveis. A primeira, “de natureza sexual, funcional e pragmática [roga] que a pessoa mostrava interesse” nas atividades e comportamento do sexo oposto. A segunda, de natureza mística, dizia que “uma revelação sobrenatural qualquer levava [...] o indivíduo a adotar os trajes do outro sexo”. O fato é que os *berdaches* ameríndios são indivíduos complexos tanto em seu gênero quanto em sua sexualidade.

Se o período do Romantismo intensificou o discurso do amor – inclusive do amor entre homens –, a sua expressão física era afastada com intensidade bem

²⁷ Aqui, a palavra assume uma conotação diferente do rótulo pejorativo do século XVIII. Trata-se de uma pessoa, geralmente do sexo masculino, “que adotava os trajes, as ocupações e os comportamentos do outro sexo operando uma [...] mudança de gênero”. Embora não se envolvesse obrigatoriamente em atos homoafetivos, quando acontecia era com um não *berdache*, o que confirma a teoria da bissexualidade de Freud (a ser desenvolvida no Capítulo 3). Também há provas de que atividades homoafetivas nas tribos não envolviam *berdaches*, e nenhuma prova que os relacionasse ao hermafroditismo, o que transfere a discussão do campo genético para o comportamental.

²⁸ Cf. nota 12.

maior. Se a punição com o trabalho forçado de Oscar Wilde foi visto por alguns como humilhante e severo, “as leis e os castigos aplicados às populações anglo-saxônicas [...] dos Estados Unidos torna[ra]m-se mais severos e mais frequentes” (NAPHY, 2006, p. 213). No oeste americano, o desbravamento de novas terras aproximava os conquistadores, que tinham, como pano de fundo, um cenário natural, deserto e, muitas vezes, inóspito – semelhante, em parte, à Montanha Brokeback.

John Brent (WINTHROP [1862]1970), uma obra literária, datada do início da Guerra Civil americana, expressa a camaradagem entre colegas que se encontram depois de alguns anos, acentuando o elemento homoafetivo estabelecido pelos personagens. O autor, Winthrop (1970, p. 52), descreve a reação de Wade ao ver o ex-companheiro Brent se aproximar:

... um Adonis entre os peles-vermelhas... um belo jovem! Há uma dúzia de idílios num único olhar daquele jovem guerreiro... O homem é um poema! Quem me dera poder ser índio para ter um companheiro assim; ou melhor, uma índia; para por ele poder ser cortejado.

[...]

[Após o reconhecimento, Brent responde] Dez anos me presentearam com este disfarce, diz ele, enrolando as pontas do bigode. Dez anos de vida tiraram toda a minha feminilidade (Tradução minha).

Interessante a troca de posições sexuais que se manifesta no texto: Brent, ao mesmo tempo que é desejado como objeto²⁹ masculino, espanta-se de não ter sido reconhecido – pelo fato de seu amadurecimento ter apagado as marcas de uma suposta feminilidade (sujeito feminino). Infelizmente, um relato médico do mesmo período mostra que as relações homoafetivas eram, de fato, consideradas ‘anormais’:

basta dizer que todas as luxúrias antinaturais [...] são praticadas, não em casos raros e excepcionais, mas deliberada e habitualmente, nas grandes cidades do nosso país. Se decidíssemos levantar o véu sobre as cenas abomináveis com que nossa vida profissional nos pôs em contato, poderíamos falar [...] *de restaurantes frequentados por homens trajados de mulher, entregando-se a libidinosidades indescritíveis; de literatura tão inconcebivelmente diabólica que chega a defender e a exaltar essa absoluta depravação* (NAPHEYS *apud* NAPHY, 2006, p. 212).

Como vimos no início desta seção, a transição do século XIX para o século XX trouxe o que considero, neste percurso, a primeira revolução sexual com

²⁹ A questão do sujeito e do objeto de desejo e suas construções será tratada no Capítulo 3.

o pensamento de Freud sobre a sexualidade humana, daí a importância que damos, nesta pesquisa, a sua teoria psicanalítica. A segunda revolução sexual, explica Jong (2003, p. xxxvii), desenvolveu-se entre os anos de 1967 e 1975. A autora diz que o movimento que sucedeu à grande crise mundial pós-1945 não aparece do nada; influências de várias fontes já vinham se instalando na sociedade americana do período pós-guerra.

Meu objeto de pesquisa é um conto da Literatura Norte-Americana contemporânea, por isso, opto valer-me de um movimento literário da década de 1950 que teve significação relevante na segunda revolução sexual: a Geração *Beat*. A escolha não é aleatória; este movimento foi significativamente necessário para a redescoberta das culturais orientais nos Estados Unidos: o zen-budismo e as artes marciais trouxeram uma nova concepção de corpo à sociedade americana e, posteriormente, a outras culturas ocidentais. A experiência de vida tornou-se não apenas tema da literatura, mas também um espelho da própria literatura: não se tratava apenas de representar o mundo, mas de constituir-se identitariamente. William Burroughs (1977), um dos representantes do movimento, publicou, sob o pseudônimo de William Lee, *Junkie*, onde afirmava que ele mesmo era um bêbado, drogado, bissexual e frequentador do submundo nova-iorquino.

Sob a influência dos *beats* (como eram chamados os representantes do movimento), os *hippies*, no final dos anos 60, começaram um processo bem semelhante às primeiras comunidades protestantes dos Estados Unidos, mas sem adotar a austeridade e o manaquismo³⁰ dos primeiros cristãos (MOLHO; WOOD, 1998). Isso trouxe uma liberdade maior aos padrões de comportamento, principalmente no que dizia respeito às práticas sexuais, que contrariavam a moral cristã defendida com empenho até então. Os indivíduos homoafetivos começaram a mostrar que sua sexualidade não se resumia a repetições de conceitos (ditos) masculinos ou femininos unicamente. Esses conceitos deslocaram-se de seus referenciais biológicos (e/ou sociológicos) gerando novas representações tanto da homoafetividade quanto da heteroafetividade. Isso ressalta a “grande crise de masculinidade” ocorrida no Ocidente entre o final do séc. XIX e o início do séc. XX, o que explica, em parte, a figura do *cowboy*, nos Estados Unidos, como representação de virilidade (BADINTER, 1995; PETERSEN, 1998). Em contrapartida, a

³⁰ A autora se refere à vida monástica.

masculinidade (hetero ou homo) se constitui não de forma linear e homogênea como oposição à feminilidade, mas através de choques de perspectivas, temporalidades e anseios (BADINTER, 2008; CASTELO BRANCO, 2008), como pretendo explorar nesta pesquisa.

Foram entre estes “e muitos outros sinais de abertura e experiências sexuais” (ESCOFFIER, 2003a, p. xiv) que a segunda revolução sexual construiu suas bases.

Sahlins (2003) situa os conceitos de “cultura” e “razão prática”, construídos entre os séculos XIX e XX, como polares, dadas as suas diferentes abordagens, mas, ao mesmo tempo, como superadores desse dualismo. Escrito em meio ao movimento que desestabilizava a sociedade americana, impregnada de valores cristãos e mantenedora de uma economia capitalista, *Cultura e Razão Prática* (SAHLINS, 2003) é uma obra de natureza estruturalista que enxerga a razão simbólica como qualidade específica da experiência humana que só pode existir através da significação. A tensão que norteia o debate de Sahlins é a tensão entre a sociedade americana (na posição de uma cultura ocidental) e as sociedades (chamadas) primitivas, pertencentes às culturas orientais.

A Religião e a Política ganham uma forte aliada na campanha contra a homoafetividade: a Ciência. Juntas objetivam reforçar a ideia de que os desejos pessoais – de ordem sexual ou de qualquer outra ordem – são considerados ‘normais’ quando encontram estruturas culturalmente construídas, tornando não somente diferente como também ‘errado’, ‘anormal’ ou ‘imoral’ tudo aquilo que delas se afastam. No século XX, aparecem novas técnicas – não menos perversas do que as das Idades Média e Moderna – para ‘resolver o problema’ dos ‘desvios sexuais’. Naphy (2006, p. 222) diz que em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria retirou

a homossexualidade da sua lista oficial de doenças, [mas] em 1993 um médico ainda castrava um preso (a seu pedido) para curá-lo de apetites sexuais desviantes [e a lobotomia era] outro tratamento comum para a disfunção sexual (normalmente a homossexualidade e a ninfomania feminina).

Por fim, antes de finalizar este capítulo, não poderia deixar de mencionar as superações e percalços de processos, que vieram a público durante um período

de minha pesquisa (aliteração proposital!). Trata-se de registros históricos que delineiam avanços significativos sobre a união homoafetiva que aconteceram no nosso país, e que iam, a cada nova conquista, me provando que silenciar é a melhor forma de morrer em vida.

2.3 Novas perspectivas para a homoafetividade no Brasil

Levanto, agora, um histórico com um percurso cronológico em torno de um ano e meio, cujos acontecimentos podem retratar o quadro social brasileiro diante da homoafetividade.

Falamos de um país cuja instância legislativa pouco (ou nada) fez em relação aos direitos homoafetivos. Por exemplo, o primeiro Projeto de Lei (PL, doravante) da Deputada Marta Suplicy, PL 1.151/95³¹, nunca foi votado. Já houve outros projetos que o substituíram, e que também nunca receberam a devida atenção do Congresso Nacional. No final do meu primeiro ano como mestrando, precisamente em 18 de novembro de 2010, o Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, Jair Bolsonaro, discursa contra a distribuição do “kit-homofobia” nas escolas públicas. No mesmo mês, manifesta-se, em rede nacional, contra a livre expressão dos indivíduos homoafetivos, justificando que um “coro”³² bem dado resolveria para que um(a) homoafetivo(a) mudasse seu comportamento (‘assumindo’ um padrão heteronormatizado).

Em fevereiro de 2011, não satisfeito em afirmar, não apenas em uma, mas várias entrevistas³³, que está “se lixando” para movimento gay, ainda acusa o Ministério da Educação (MEC) de estimular a homossexualidade nas escolas com o

³¹ Em 1995, a deputada paulista Marta Suplicy propõe um projeto de lei (PL 1.151/95), a favor da união civil entre pessoas do mesmo sexo – projeto que nunca foi sequer avaliado pelo Congresso Nacional. Durante esse tempo, algumas ações judiciais permitiam instituir sociedade civil a pessoas do mesmo sexo que expressassem o desejo de um contrato formal para sua relação. Esse contrato pouco (ou quase nada) se diferenciava de uma firma de razão social.

³² <http://www.brasilalerta.com.br/arquivos/jair-bolsonaro-volta-a-polemizar-e-defende-agressao-a-filho-meio-gay/comment-page-1>. Acesso em 03/03/2011.

³³ As reportagens, na íntegra, envolvem questões de raça e de sexualidade, e podem ser consultadas em: <http://noticias.uol.com.br/politica/2011/03/30/deputado-jair-bolsonaro-diz-que-esta-se-lixando-para-movimento-gay.jhtm> e <http://noticias.uol.com.br/politica/2011/03/31/em-entrevista-bolsonaro-diz-que-mec-abre-as-portas-para-homossexualidade-e-pedofilia.jhtm>. Acesso em 03/03/2011.

kit anti-homofobia, o que, conseqüentemente, abriria “as portas para a pedofilia”. Posições como esta, e mais, vindas de representantes escolhidos pelo povo (e para ele) podem demonstrar as tensões nas quais se constitui a sexualidade. Interessante que o tal kit passou de “mercadoria de troca” em (mais um) escândalo político federal a “material [...] conteúdo [...] impróprio”³⁴, segundo a presidente Dilma Rousseff.

No dia 5 de maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal brasileiro (STF) votou unanimemente a favor da união estável homoafetiva³⁵, que garante aos casais homoafetivos os mesmos direitos que já gozavam os casais heteroafetivos em união estável. Dos onze ministros, apenas Dias Toffoli declarou-se impedido de votar – entretanto já havia se manifestado a favor da matéria em outra ocasião. Este ato certamente traz a possibilidade do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo para as pautas de discussão e reforça o caráter político da língua, pois, inscrito na *polis*, é capaz de promover mudança social. Este ato também exhibe sua dimensão ética, ao abordar questões que significam demandas sociais de sujeitos, de alguma forma, excluídos dos processos sociais.

Nesse mesmo mês, acontecem as primeiras manifestações da validação dessa decisão com efeito vinculante. No dia 7 de maio, a cidade de Ribeirão Preto (SP) registra a primeira união estável entre pessoas do mesmo sexo do país³⁶. Logo em seguida, foi a vez de Goiânia (GO)³⁷, em 9 de maio. No dia 11 de maio, Curitiba (PR) registra outras duas uniões homoafetivas³⁸: o casal Toni Reis e David Harrard, que já viviam juntos há 21 anos, e o casal Diana Bruneto e Léa Ribas; e o estado do Ceará outra, com o casal Leonardo de Carvalho e José Irapuã Brandão. O que vemos, então, é a passagem da condição de ‘sociedade de fato’, que representa uma forma de empresa, para a condição de ‘família’, com benefícios assegurados; ou seja, uma resignificação de uma instituição sempre presente nas sociedades e

³⁴ <http://www.jusbrasil.com.br/politica/7046334/kit-contra-homofobia-vira-moeda-de-troca-no-caso-palocci>. Acesso em 28/06/2011.

³⁵ Direitos que se igualam aos adquiridos através do casamento civil, com exceção da mudança de estado civil.

³⁶ <http://eptv.globo.com/ribeiraopreto/noticias/NOT,2,2,348562,Ribeirao+Preto+tem+1a+uniao+homoafetiva+apos+decisao+do+STF.aspx>. Acesso em 03/03/2011.

³⁷ <http://www.jornalopcao.com.br/posts/ultimas-noticias/goiania-registra-primeira-uniao-homoafetiva-do-pais>. Acesso em 04/03/2011.

³⁸ <http://www.folhape.com.br/index.php/caderno-brasil/636571?task=view>. Acesso em 04/03/2011.

que começa a se articular a partir de outras instâncias³⁹ que não justificam a limitação ao termo homossexual. A pressão exercida pelos ministros do STF sobre o Poder legislativo brasileiro, realça o fundamentalismo religiosos que alicerça o conservadorismo retrógrado aos direitos humanos de grande parte de nossos legisladores.

No dia 17 de junho de 2011, o juiz da 1ª Vara da Fazenda Pública Municipal e de Registros Públicos de Goiânia, Jerônimo Pedro Villas Boas, anula a união estável realizada em 9 de maio do mesmo ano, passando por cima da decisão do STF. O juiz alegou que tal decisão fere a constituição, uma vez que a união estável é reconhecida, apenas, entre um homem e uma mulher (BRASIL, 1988, Art. 226), fato que tornaria uma união homoafetiva “ilegítima e inconstitucional”⁴⁰. Um dos parceiros, ao comentar sobre a anulação do documento, diz que não se trata apenas de um sentimento de frustração, mas “de descrédito sobre as instituições públicas, sobre a Justiça”⁴¹.

Neste mesmo dia (17 de junho de 2011), o Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) aprova uma Resolução que expressa a preocupação com os indivíduos que sofrem qualquer tipo de violência por causa de sua sexualidade. Nesse texto, retoma-se a Declaração Universal dos Direitos Humanos, onde “todos são iguais e têm direito aos mesmos direitos e liberdades, independente de [...] qualquer [...] condição”⁴². Dos 45 países que compõem o Conselho, 23 votaram a favor – entre eles, o Brasil –, 19 votaram contra e 3 abstiveram-se do voto.

Esses acontecimentos nos chamam a atenção para o fato de que os movimentos não acontecem isoladamente, mas em processos concomitantes. No dia 21 de junho, a desembargadora Beatriz Figueiredo Franco, da Corregedoria do Tribunal de Justiça de Goiás, cassa a decisão do juiz Villas Boas, voltando a reconhecer a união de Liorcino Mendes e Odílio Torres. De acordo com a desembargadora, além do referido juiz não poder ignorar as decisões do STF com

³⁹ O termo ‘instância’ aqui (e nos demais casos desta seção) não está sendo utilizado com referência à teoria da Linguística Sistêmico-Funcional, mas aos órgãos governamentais brasileiros.

⁴⁰ <http://www.jornalstylo.com.br/noticia.php?l=589a00824411ab1419fca28d5b28e234>. Acesso em 28/06/2011.

⁴¹ Depoimento de Liorcino Mendes Pereira Filho. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2011/06/21/corregedora-do-tj-cassa-decisao-de-juiz-que-anulou-uniao-homoafetiva-em-goias.htm>. Acesso em 28/06/2011.

⁴² <http://onu.org.br/conselho-de-direitos-humanos-condena-a-violencia-baseada-na-orientacao-sexual/>. Acesso em: 25/06/2011.

efeito vinculante, sua “decisão ainda se anularia pelo fato de o magistrado não ter observado o princípio do contraditório e da ampla defesa ao não ter informado ao casal da ação⁴³” a ser tomada.

Fazendo valer a Resolução da ONU, no dia 28 de junho de 2011, Fernando Henrique Pinto, juiz de Direito da 2ª Vara de Família e das Sucessões de Jacareí, em São Paulo, homologa o primeiro casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, no Brasil. A ação permite a mudança de estado civil e de sobrenome dos cônjuges – o que representa a efetiva formação de uma nova estrutura familiar:

como um dos preceitos do casamento é a união de duas famílias para se constituir uma nova, [...] estaremos oficialmente constituindo a família Sousa Morezi, onde eu irei incorporar o sobrenome do Sérgio, o Sousa, e ele irá incorporar o meu, o Morezi⁴⁴.

O segundo casamento civil entre pessoas do mesmo sexo no Brasil aconteceu no mesmo dia, em Brasília, entre um casal de mulheres que já conviviam há onze anos. Para uma das companheiras, o ato não era apenas uma conquista aos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTTT) mas também um reconhecimento dos direitos humanos, pois “essa sentença fez com que ganhássemos cidadania, nós não nos sentíamos parte do país. Agora somos cidadãs e desfrutamos de toda a legalidade”⁴⁵.

Entre tantas conquistas, contudo, a negação do pedido de casamento civil entre duas mulheres pela Justiça do Rio Grande do Sul levou a ações mais eficazes. Após recorrerem ao Supremo Tribunal de Justiça (STJ), a fim de terem sua união reconhecida como casamento, o STJ iniciou a votação no dia 21 de outubro de 2011 – cuja sessão foi interrompida pelo ministro Marco Buzzi, último a votar. No dia 25 do mesmo mês, o STJ legitimou, finalmente, o casamento civil das requerentes, num total de quatro votos contra um⁴⁶. Tratou-se de uma conquista que mudou,

⁴³ http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2011/06/22/interna_brasil,257935/car_torios-de-go-devem-retomar-registro-de-uniao-estavel-homoafetiva.shtml. Acesso em 28/06/2011.

⁴⁴ Depoimento de Luiz André Rezende Morezi, ao expressar seu sentimento na união civil com o companheiro José Sérgio Souza. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2011/06/27/apos-decisao-judicial-primeiro-casamento-civil-gay-do-brasil-acontece-nesta-terca-em-jacarei-sp.jhtm>. Acesso em 29/06/2011, às 07:38h.

⁴⁵ Depoimento de Sílvia del Vale Gomide Gurgel. Disponível em: <http://mixbrasil.uol.com.br/pride/seus-direitos/brasil-ja-tem-seu-segundo-casamento-entre-pessoas-do-mesmo-sexo.html>. Acesso em: 30/06/2011, às 8:48h.

⁴⁶ <http://www.radiofandango.com.br/archive/valor.php?noticia=23646&titulo=STJ%20confirma%20legalidade%20do%20casamento%20de%20homossexuais>

definitivamente, a perspectiva do não-reconhecimento da afetividade nos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo.

Finalmente, como baiano que sou, não poderia deixar de registrar os primeiros casos de união estável entre pessoas do mesmo sexo nesse estado. O primeiro, desde a legalização aprovada pelo STF, deu-se no município de Teixeira de Freitas, no dia 2 de setembro de 2011⁴⁷, e o segundo, no município de Itiúba, em 9 de novembro⁴⁸. Não se encerram por aqui os episódios de conquistas pelos direitos LGBTTTs, mas, apenas, abre-se a cortina de um cenário que apresenta a expressão da homoafetividade como um direito tão legítimo quanto a da heteroafetividade, do ponto de vista do Poder Judiciário. Infelizmente, o mesmo direito de igualdade não é validado, ainda, pelo Poder Legislativo brasileiro.

E, no agora desta escrita, temos família e casamento homoafetivos, instituições inexistentes que rondaram o início desta pesquisa, o que me fez, em determinado momento da elaboração do projeto, retirar muitas vezes o termo 'estabilidade' de algumas passagens que se referiam às conquistas homoafetivas. Diante da legitimação judicial da União Estável Homoafetiva com os mesmos direitos do casamento civil a exceção da mudança de estado civil, além da condição de empresa social transformar-se em família e do deslocamento de pura atração física para contextos afetivos e institucionais maiores, certifico-me de que a questão das Representações Sociais é um tema de relevância nas sociedades atuais.

Conquistas são, geralmente, processos que decorrem de tensões sociais, e estas não passam despercebidas pela Literatura e pelo Cinema, visto que são expressões artísticas nas quais as representações sociais se manifestam. Sendo o afeto e as pulsões os grandes responsáveis pelas transformações sociais, representam-se, no movimento das ações humanas, como paixão ou angústia. Ao negar – ou excluir – afetos, criamos verdades que podem subjugar a condição humana a padrões limitadores e restritivos. A homoafetividade é, pois, uma ameaça ao sonho – inexistente – de uma natureza heteronormatizada. A utopia de alguns, portanto, não deve representar a verdade para tantos outros, mesmo quando imposta de maneira arbitrária. É por isso que essa pesquisa – e o que surgir em

⁴⁷ <http://www.sulbahianews.com.br/ver.php?id=10873#>

⁴⁸ <http://www.radioliderdosertaofm.com.br/ncf/1264,DUAS-MULHERES-PROTAGONIZAM-O-PRIMEIRO-CASAMENTO-GAY-EM-ITIUBA.html>

consequência dela – torna-se uma voz necessária e pertinente ao quadro social que, hoje, vivemos.

Mostro, nos próximos dois capítulos, que a Ciência pode servir para compreender demandas sociais, seja com a ruptura que a Psicanálise estabelece com as Ciências Biológicas (o Capítulo 3), seja através da possibilidade de reconhecer os mecanismos de representação da realidade através de processos linguísticos (o Capítulo 4).

3. LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE: DUAS PARTIDAS, UM ENCONTRO POSSÍVEL

As convicções são inimigas da verdade, mais perigosas que a mentira.

(Friedrich Nietzsche)

Como vimos no capítulo anterior, o afeto, presente na vida do indivíduo, atravessa a história da humanidade. Por isso, pensar na sua dinamicidade pressupõe ultrapassar o determinismo biológico na conceituação do masculino e do feminino. Neste capítulo e no próximo, inicio dois caminhos, respectivamente, que tendem a se encontrar na análise sobre a representação da homoafetividade na obra *Brokeback Mountain* (PROUXL, 2005).

Para a Psicanálise freudiana, a sexualidade apresenta-se como a dimensão mais ampla da experiência, presente em toda atividade humana: a forma como vamos ao encontro do outro, como nos relacionamos, como manifestamos nossos desejos, prazeres e formas de viver o masculino e o feminino (FREUD, 1996a). Por sua vez, a Linguística se ocupa da língua, onde a(s) representação(ões) do mundo é(são) construída(s) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Ao propor uma análise da representação da homoafetividade no conto *Brokeback Mountain*, aliando os Estudos Críticos da Linguagem aos conceitos de pulsão, afeto e paixão que a Psicanálise freudiana nos oferece, uma pergunta pode ser levantada: como associar uma perspectiva crítica com uma ciência estruturalista como a Psicanálise? Antecipo-me, respondendo que, respeitando os objetivos de cada ciência, alguns pesquisadores já têm realizado a ligação entre a Linguística Crítica e a Psicanálise – entre eles, Arrivé (1994), Zilberberg (2006), no contexto internacional, e Beividas (2004; 2006) e Beividas e Ravello (2005; 2006; 2010), no panorama brasileiro. Além disso, esta escolha se justifica porque

situar a reflexão sobre pulsões, afetos e paixões em psicanálise, no registro do sentido, não significa, porém, que esteja negada a parte que cabe ao corpo. Significa colocar a linguagem, o simbólico, como a sua 'causa'. [...] Significa indagar por que motivação ou causa (simbólica) se embatem [estes sentimentos] quando habitam o corpo, e tentar levar isso adiante, às últimas consequências teóricas, até mesmo ao limite em que porventura, na jusante da pesquisa, tenhamos de reconhecer, para retomar uma aguda

reflexão freudiana, termos contribuído para construir uma teoria bela, que os fatos covardemente terão assassinado depois (BEIVIDAS, 2006, p. 392).

Trata-se, entretanto, de uma conjugação árdua, devido adotar a vertente dos Estudos Críticos da Linguagem aliada à outra – a Psicanálise –, conhecida pelo seu *status* estruturalista, abordagem que tende a manter separados sujeito e objeto. A prerrogativa freudiana de que sujeito e objeto se encontram imbricados na análise psicanalista, no entanto, questiona essa posição estruturalista. Da mesma forma, a Linguística Crítica à qual me debruço nesta pesquisa afasta-se da dicotomia proposta por Saussure (2001) – *Langue x Parole* –, que pensava a língua como um sistema autossuficiente⁴⁹, e encontra no pensamento freudiano, na relação entre o sujeito (que deseja/fala) e o objeto (que é desejado/representado), um movimento contínuo de construção de sentidos, onde os discursos são, ao mesmo tempo, constituídos na realidade e dela constituintes.

Se é verdade que a(s) afinidade(s) entre a Linguística Crítica e a Psicanálise não chegam a possibilitar uma fusão entre essas disciplinas – tal proposta não passa de um “sonho, [pois] ainda que perpassada de aberturas, a parede permanece intacta” (ARRIVÉ, 1994, p. 132) –, também é verdade que, na porosidade dessas aberturas, prolifera-se a produtividade dos Estudos Críticos da Linguagem.

3.1 Rumo à primeira partida: Freud – (homo)sexualidade e a questão dos “invertidos”

A medicina, na época de Freud – início do século XX –, baseava-se unicamente na perspectiva cartesiana do dualismo corpo e mente, considerando apenas os aspectos fisiológicos. Cataldo (1991) ressalta que Freud dá um passo definitivo contra dualismo. Vele ressaltar que a tradição cartesiana foi inserida na cultura ocidental a partir da filosofia socrática e é influente até hoje nos meios acadêmicos. Nesta perspectiva, acredita-se na dicotomia entre afeto e razão, sendo esta última responsável pela parte civilizada e humana dos indivíduos, e o primeiro, pela parte animal e instintiva; e uma crença de que, em se tratando de pesquisa

⁴⁹ Se a proposta saussuriana foi necessária, no contexto histórico, para a legitimação da linguística como ciência, separando a linguagem (enquanto sistema) da língua (enquanto fala), hoje, as abordagens críticas do discurso superaram essa dicotomia, não separando a linguagem de quem a utiliza.

científica, haveria a (impossível) separação entre objeto e seu pesquisador. Concordamos com Freud (*apud* CATALDO, 1991), no que diz respeito ao fato de que a mente é afetada por processos linguísticos. E, ao subverter a concepção cartesiana de mente e corpo, Freud

estabelece um limite [...] inapreensível pelo saber, na ancoragem deste saber sobre o corpo. Isto é, o corpo (ou aquilo que remete aos afetos), seria constitutivo do saber, faria parte de sua intimidade, preservando-se, no entanto, como estranho à razão (NETO, 2008, p. 5).

Embora a sexualidade seja o tema central em torno da Psicanálise freudiana, não foi o que deu origem aos seus estudos. Segundo Garcia-Rosa (1983), Freud inicialmente se ocupou em desenvolver uma tese sobre o inconsciente. Para o pai da Psicanálise, nada acontece por acaso, ou seja, os fenômenos se relacionam entre si: para cada memória, sentimento ou ação, há uma causa a ela ligada. Aquilo que parecia acontecer espontaneamente em seus pacientes foi o ponto de partida de sua formulação.

Para Fadiman e Frager (2005, p. 20-21), ao descrever as causas visíveis de um determinado fenômeno, Freud estava lidando com o nível do consciente (*ego*), mas, quando um fenômeno parecia não ter relação imediata, direta com o fenômeno que o antecedeu, então as relações aconteciam em nível inconsciente (*id*). Para ilustrar esse primeiro postulado freudiano⁵⁰, utiliza-se, geralmente, a figura do *iceberg* para ilustrar a dimensão dos níveis consciente e inconsciente:

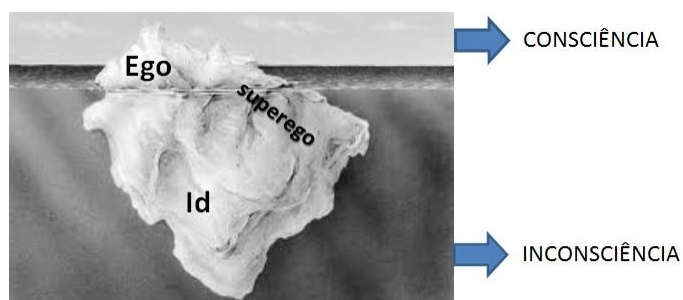


Figura 1: Teoria do Inconsciente de Freud. Adaptado de Redding (2000).

⁵⁰ Digo primeiro porque, ao longo de sua pesquisa, o conceito se mostrou insatisfatório e sofreu alterações, entretanto, como utilizo este conceito apenas para fins de contextualização, penso ser satisfatório. Para uma leitura mais crítica, indico Pontes (s/d).

De acordo com Redding (2000), o *id* representa toda a potencialidade do ser humano; é nele que se encontram os desejos, as pulsões (as inatas e agressivas), os medos e os recalcamientos. Como no desenho do *iceberg*, é a maior parte e a menos visível. O *ego*, por sua vez, é responsável pela memória e raciocínio, pelas lembranças, pelas percepções, pelos pensamentos e pelas fantasias, e se constitui na dimensão da sociabilidade. Por esse motivo, vive sob angústia constante, buscando o equilíbrio entre os desejos do *id* e as limitações culturais impostas ao *ego*. Quando o conflito é muito grande e o *ego* não consegue satisfazer o *id*, este é rejeitado, determinando o processo chamado “repressão”. Aquilo que é reprimido não permanece no inconsciente, mas reaparece sob a forma de sintomas (representantes do reprimido). Através dos discursos dos pacientes, a Psicanálise tenta encontrar as conexões que operam em nível inconsciente a fim de fazer com que os sintomas desapareçam.

Avançando em suas investigações, Freud descobriu que a maioria dos fenômenos reprimidos estava relacionada a conflitos de ordem sexual, e, em 1905, nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1996a) apresenta um estudo sobre a homossexualidade (tratada no texto como “inversão sexual”), afirmando que trata-se de um comportamento, inclusive, que acontece em número “bastante considerável” de pessoas. Ele classifica a inversão sexual em três tipos: (1) os invertidos absolutos, cujo objeto do desejo identifica-se sempre com o seu próprio sexo biológico; (2) os anfígenos (ou hermafroditas sexuais), quando se desenvolve o desejo por ambos os sexos – o que suprime da inversão o caráter de exclusividade; e (3) os invertidos ocasionais, quando o desejo surge a partir de condições externas ao indivíduo, como “a inacessibilidade do objeto sexual normal⁵¹ e a imitação” (FREUD, 1996a, p. 129). No início do século XX, sobre a condição da pessoa homoafetiva, Freud (1996a, p. 129-130) diz que enquanto

alguns aceitam a inversão como algo natural, tal como os normais aceitam a orientação de sua libido, e defendem energeticamente sua igualdade de direitos com os normais, outros [...] rebelam-se com o fato de sua inversão e a sentem como uma compulsão patológica.

⁵¹ Em relação à terminologia adotada nessa obra, vale lembrar que se trata de um texto do início do século XX e, conforme exposto pelo tradutor (p. 120), “é difícil avaliar a natureza exata de seu impacto quando da primeira publicação”, visto que alterações foram feitas num período de “dez anos após a primeira publicação do livro”, até resultar na obra completa, tal qual se apresenta agora. Por esse motivo, uma atenção especial deve ser dada a termos como “normal”, “natural” segundo assinatura do próprio Freud.

Freud propõe um novo olhar para a questão da homoafetividade através de duas formulações. Primeiro, ele nega que a inversão seja uma degeneração, explicando que esta última é encontrada “em pessoas que não exibem nenhum outro desvio grave da norma [e com elevados] desenvolvimento intelectual e cultura ética” (FREUD, 1996a, p. 131). Depois, ele retira o caráter genético, baseando-se nos dois últimos tipos da classificação supracitada. Trata-se, então, de “um caráter *adquirido* da pulsão sexual” (FREUD, 1996a, p. 132) (itálico no original), que, para ele, poderia ser “eliminad[o] pela sugestão hipnótica, o que seria assombroso numa característica inata”. Acrescenta, ainda, que “fatores externos (relacionamentos exclusivos com o mesmo sexo, companheirismo na guerra, detenção em presídios, os riscos da relação heterossexual, celibato, fraqueza sexual, etc.)” podem ser estímulos para a inversão (FREUD, 1996a, p. 132 -133)

Na tentativa de escapar daquilo que ele chama “opinião popular”, Freud (1996a, p. 134) parte dos conhecimentos anatômicos acerca do hermafroditismo para mostrar o quanto a divisão homem/mulher de base puramente genética é insuficiente:

a ciência [...] conhece casos em que os caracteres sexuais parecem confusos e é portanto difícil determinar o sexo [...]. A genitália dessas pessoas combina caracteres masculinos e femininos. Em casos raros os dois tipos de aparelho sexual coexistem plenamente desenvolvidos (hermafroditismo verdadeiro), porém com muito mais frequência acham-se ambos atrofiados.

Damiani *et al.* (2005, p. 79) trazem um novo dado a essa discussão: o caso dos “homens XX”, condição clínica descrita em 1964 por De La Chapelle, onde indivíduos do sexo masculino possuem fenótipo masculino, mas a ausência do gene SRY (*Sex-determining Region of the Y chromosome*). Os autores apontam para o fato de ser um fenômeno raro, visto que, em trinta anos de pesquisa, foram relatados apenas três casos no Brasil, corroborando, assim, a ideia de Freud de que a questão genética, *per se*, parece não ser o suficiente para se estabelecer a distinção entre homem/masculino e mulher/feminino. Esses dados realçam o fato de que “a inversão e o hermafroditismo [são] independentes entre si” (FREUD, 1996a, p. 134).

No que se refere à questão comportamental, Freud (1996a, p. 136) refuta a ideia de que a pessoa homoafetiva deva, obrigatoriamente, assumir o estereótipo do sexo biológico oposto ao seu, quando diz que

uma grande parcela de invertidos masculinos preserva o caráter psíquico da virilidade, traz[endo] relativamente poucos caracteres secundários do sexo oposto e, com efeito, busca[ndo] em seu objeto sexual traços psíquicos femininos.

Ao explicar a questão da orientação sexual, Freud utiliza-se de duas perspectivas. A primeira é construída a partir de comprovações históricas, quando, entre os gregos, o que atraía nos efebos não era a sua masculinidade, mas exatamente o oposto, a

sua semelhança física com a mulher, bem como seus atributos anímicos femininos: a timidez, o recato e a necessidade de ensinamentos e assistência. Mal se tornava homem, o efebo deixava de ser um objeto sexual para o homem, e talvez ele próprio se transformasse num amante de efebos (FREUD, 1996a, p. 137).

Nestes casos, não se trata de comportar-se como o indivíduo do sexo oposto, mas sentir desejo por outra pessoa do mesmo sexo que apresente características do sexo oposto. Falamos, portanto, do caráter sexual do objeto. Essa observação fundamenta o que Freud (1996a, p. 137) chamou de predisposição somática bissexual de todos os indivíduos, pois

o objeto sexual não é do mesmo sexo, mas uma conjugação dos caracteres de ambos os sexos, como que um compromisso entre uma moção que anseia pelo homem e outra que anseia pela mulher, com a condição imprescindível da masculinidade do corpo (da genitália).

Numa extensa nota de rodapé, Freud (1996a, p. 137) apresenta a segunda perspectiva, pautada em seus estudos clínicos. Ele diz que todos os invertidos estudados criaram um forte vínculo materno que os identificou à figura da mulher, fazendo com que, superada essa fase, identificassem-se “com esta figura e toma[ssem] a si mesmos⁵² como objeto sexual, [desejando] homens jovens e parecidos com a sua própria pessoa, a quem deveriam amar tal qual a mãe os amou” (FREUD, 1996a, p. 137). Nestes casos, falamos do caráter sexual do sujeito.

⁵² A este fenômeno Freud refere-se como “narcisismo”.

Para Freud (1996a, p. 137), “o problema da inversão é sumamente complexo e inclui tipos muito diversificados de atividade e desenvolvimento sexuais” exatamente porque envolve uma inversão ora no sujeito (que deseja) ora no objeto (que é desejado); e o sujeito, enquanto indivíduo que se constrói pelas/nas relações pode transitar entre esses modelos de inversão (FREUD, 1996a, p. 139).

Ao tratar da sexualidade infantil, ele diz que as crianças desenvolvem uma atividade investigatória para a construção do saber, à qual ele denomina pulsão escopofílica⁵³. Na tentativa de descobrir de onde vieram, por exemplo, as crianças elaboram três teorias sexuais. A primeira consiste em não distinguir os sexos, uma vez que desconhecem a diferença genética. A segunda se refere à fantasia criada em torno do nascimento dos bebês e de sua relação com as partes do corpo (umbigo, barriga, ânus etc.). A terceira traz à tona o sadismo da relação sexual, caracterizando o ato sexual como uma relação de subjugação. O resultado dessa investigação sexual – mesmo que tenha sido significativa para a constituição da criança enquanto sujeito lógico – é o fracasso total, pois, além de ser uma atividade solitária e interna, os elementos envolvidos na reprodução humana (pênis/sêmen e vagina/óvulo) são desconhecidos do pequeno investigador (FREUD, 1996a, p. 186).

A conduta sexual, entretanto, só se define depois da puberdade, quando a diferença entre o homem e a mulher é efetivada, através das representações do masculino e do feminino. Por exemplo, na infância, a atividade auto erótica das zonas erógenas ocorre do mesmo modo nos meninos e nas meninas, o que torna a diferenciação sexual imperceptível. Já na puberdade,

o desenvolvimento das inibições sexuais [...] ocorre nas garotinhas mais cedo e com menor resistência do que nos meninos; nelas, em geral, a tendência ao recalçamento parece maior, e quando se tornam visíveis as pulsões⁵⁴ parciais da sexualidade, elas preferem a forma passiva (FREUD, 1996a, p. 207).

Os conceitos de masculino e feminino são construídos a partir dos sentidos de atividade e passividade, respectivamente. Para Freud (1996a, p. 207-208), como “toda pulsão é ativa, mesmo quando estabelece para si um alvo

⁵³ Para Freud (1996a, p. 183), “na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles.”

⁵⁴ Por pulsão, Freud (1996, p. 159) entende, “a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-lo do estímulo, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora”, ou seja, é o que delimita a psique e o físico.

passivo”, a sexualidade humana se constitui nessa constante fluidez entre a atividade e a passividade.

Por fim, a conduta sexual leva em consideração aspectos constitucionais e acidentais (FREUD, 1996a, p. 138) que, segundo o autor, não podem ser categorizados com significativa precisão. Entre os homoafetivos, os aspectos constitucionais mais comuns são, geralmente, arcaicos e primitivos, como, por exemplo, a escolha narcísica do objeto e a importância erótica da zona anal. Entre os aspectos acidentais mais frequentes está a carência de uma figura paterna forte e presente.

Enquanto ciência e prática social, a Psicanálise

opõe-se com toda firmeza à tentativa de separar os homossexuais dos outros seres humanos como um grupo de índole singular [posto que] todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha de objeto homossexual e que de fato a consumaram no inconsciente. [Ela] considera, antes, que a independência da escolha objetual em relação ao sexo do objeto, a liberdade de dispor igualmente de objetos masculinos e femininos [...] é a base originária da qual, mediante a restrição num sentido ou no outro, desenvolvem-se tanto o tipo normal como o invertido. [P]ortanto, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é também um problema que exige esclarecimento (FREUD, 1996a, p. 137-138).

O Código Internacional de Doenças (CID) parece ignorar esta nota, pois mostra que a identidade sexual ainda está atrelada a princípios essencialistas que classificam o sexo de acordo com uma suposta estabilidade de “categorias biológicas e [...] construção de oposições binárias” (WOODWARD [1997]2000, p. 37). Se conferirmos os itens F64, F65 e F66 do referido documento, perceberemos que mesmo não sendo tratado mais como uma doença, a questão da identidade sexual ainda traz contradições visíveis como em F64.2 (OMS, 2005)⁵⁵: “[o]s transtornos da identidade sexual nos indivíduos púberes ou pré-púberes não devem ser classificados aqui mas sob a rubrica F66”, e a própria nota introdutória do item F66, onde fica claro que “a orientação sexual [a prática a se efetuar – ou não] por si não deve ser vista como um transtorno [prática efetuada].” Essas contradições podem, por sua vez, gerar tensões sociais mais sérias em relação à questão da identidade sexual e precisam ser problematizadas não apenas no campo da Psiquiatria mas também no campo dos Estudos Críticos da Linguagem, para que não continuemos a

⁵⁵ Cf. Anexo C.

tratá-la com a mesma ‘prioridade’ de, por exemplo, um problema de “calvície ou embranquecimento do cabelo”, segundo comparação feita por Laurenti (1984):

por analogia, pode-se dizer o mesmo do homossexualismo; [n]ão raro, pais ou responsáveis por crianças, ou o próprio adulto homossexual, procuram serviços médicos, sendo o motivo da consulta o homossexualismo. Ainda que o médico venha a explicar, *se for sua opinião*, que não se trata de doença e muito menos de transtorno mental, será necessário codificar o motivo do atendimento, *se for o caso de serviço que assim procede* (itálicos acrescidos).

Este autor pontua a possibilidade de se excluir o ‘rótulo de doença’, “quando o homossexual é conscientemente assumido e para ele tal fato não traz nenhum problema” que o leve a necessitar de uma consulta. E mais ainda, que isso não bastaria, mas apenas “se o mesmo ocorresse com todos os homossexuais”.

Ora, parece-me claro, aqui, que a identidade sexual, sob essa perspectiva está pautada no que Woodward ([1997]2000, p. 37) chama de essencialismo biológico, natural(izado), que tem a identidade como unificada e que é legitimada no próprio documento oficial. E vale salientar que o documento ainda continua usando a terminologia ‘homossexualismo’, mesmo com a conotação que o sufixo ‘-ismo’ (no lugar de -dade) lhe confere. O resultado desta ‘confusão’ é que

quanto ao fato de ser ou não homossexualismo um transtorno mental não cabe aos órgãos elaboradores das sucessivas revisões da CID se manifestarem a respeito. Isso compete à psiquiatria, área que sempre tratou do assunto, inclusive aparecendo a matéria em seus livros-textos. Esclarecido o fato, ou em havendo opinião concordante quanto a não ser um transtorno mental, caberá aos especialistas da CID enquadrá-lo em um novo lugar, mudando de capítulo e recebendo, portanto, um novo código, agora não mais o tão discutido, conhecido e renegado 302.0.

Porém, é preciso ficar bem claro que continuará existindo um código para homossexualismo na CID - instrumento estatístico para classificar causas de morte, diagnósticos de internação hospitalar e motivos de consulta mesmo que contra isso continuem os movimentos, pressões e apoios. Somente deixará de existir quando não houver mais em nenhum lugar do mundo consultas motivadas pelo fato de ser homossexual.

Da mesma maneira o heterossexualismo passará a existir na CID quando trazer a um indivíduo algum desconforto ou, principalmente, discriminação, o que o levará a procurar, sob diversos pretextos, um médico para orientá-lo! (LAURENTI, 1984).

Concluindo, para Freud (1996a, p. 263), aquilo que se constitui como normalidade parece ser “o fruto do recalçamento de certas pulsões” – necessário para a vida social, por isso a sexualidade humana deve deixar de preencher

questos sexuais, prioritariamente, e assumir uma posição de destaque nas práticas afetivas, motivadas pelo desejo do 'outro' – fator característico nas relações humanas.

3.1.1 Considerações sobre afeto: caso do pequeno Hans

Na sua construção psicanalítica, o pai da Psicanálise deixou uma série de termos que se enquadram na impossibilidade de esgotar o saber, e um deles é o afeto – posteriormente tratado por angústia. De acordo com Schneider (1993) e Neto (2008), essa impossibilidade de conceituação se dá pela dificuldade da língua em tematizar a interseção entre o corpo e o campo do saber.

Etimologicamente, afeto deriva do latim⁵⁶ *afficere*, *affectum*, palavra composta do advérbio *ad* (em, para) e do verbo *faccere* (agir, produzir, operar), significando produzir impressão; enquanto particípio passado do verbo *afficere*, significa comover o espírito, inclusive no sentido de adoecer. Numa nota, em seu *Manual de Ontopsicologia*, Meneghetti (2010, p. 379) diz que, analisando etimologicamente a palavra “afetividade”, percebe-se que a expressão latina *afficere ad actio* significa “onde o sujeito se fixa, onde o sujeito se liga”.

A grande genialidade de Freud (*apud* GARCIA-ROSA, 1999) foi entender o sujeito como sujeito do seu próprio “eu”, parte da figura do próprio ser humano, cuja mente é afetada por processos linguísticos, ou seja,

partindo do paradigma então vigente que sustentava a tripartição da experiência humana entre sensações corporais ou signos perceptivos, imagens mentais, e palavras, Freud reconhece na atividade psíquica uma dimensão processual em operação, no sentido de produzir uma organização mental cada vez mais complexa, ou seja, parte-se dos signos perceptivos [...]. que constituem um fluxo difuso de impressões psicológicas, para as imagens, consideradas como uma primeira linguagem, primitiva, capaz de proporcionar uma aglutinação em feixes deste fluxo indiferenciado inicial. A linguagem propriamente dita, verbal, representaria, então, o ápice nesta hierarquia mental, pois, devido a sua organização sintática e discursiva, molda e reformula as vivências segundo suas próprias leis, mantendo, dessa forma, um regime até certo ponto disciplinado para os impulsos psíquicos. [...] Submeter a experiência perceptiva às leis organizacionais da

⁵⁶ Verbetes do *Dizionario Etimologico* de Francesco Bonomi. Disponível em: <http://www.etimo.it/?term =affetto>.

linguagem é fazer o aparelho psíquico operar segundo o modo secundário (FREIRE, 2001, p. 40).

Schneider (1993) expõe que as questões referentes aos afetos encontram-se presentes desde os primeiros trabalhos de Freud e vão, aos poucos, deslocando-se do conceito metapsicológico de pulsão, para a angústia. Para Arrivé (1994, p. 33), “é indispensável entrar nos pormenores da etiologia das ‘psiconeuroses de defesa’; tal é, com efeito o nome que Freud, por volta de 1895, dá à histeria, à angústia e à obsessão”.

Em sua *Comunicação Preliminar*, Freud (1893 *apud* Schneider, 1993) dá um novo contorno à teoria psicanalítica, propondo que o sintoma histérico seria a consequência de um afeto bloqueado. Entendamos da seguinte maneira: um determinado acontecimento que, por uma razão qualquer não pôde ser apreendido ou significado, teria o afeto a ele ligado, por assim dizer, bloqueado. Mais tarde, Freud propõe uma modificação em sua teoria: a angústia passa de efeito a causa do recalque, ou seja, “o afeto é liberado sob uma forma transformada, porque é desligado de sua representação” (LAPLANCHE, 1998, p. 297). Em outras palavras, aquilo que provém da libido, do amor, uma vez desvinculado do que lhe representa, consiste na angústia.

Na elaboração de sua teoria, Freud (1996b) distingue, fundamentalmente, dois elementos constitutivos dos fenômenos psíquicos: o afeto – enquanto emoções e sentimentos – e sua representação – enquanto conteúdo ideativo. Para ele, esses constitutivos são independentes e podem mover-se um em relação ao outro, ou seja, pode acontecer de um afeto reproduzir-se sem um conteúdo, ou, ainda, um afeto pode se relacionar a uma representação que (aparentemente) não o justifique, como veremos mais adiante no caso do pequeno Hans. É sobretudo neste último caso que se insere o trabalho psicanalítico de reconstruir, através da língua, as cadeias de representação que ligam aquela representação (aparentemente) não justificável à representação original.

Pela natureza representacional que o afeto assume na teoria psicanalítica, a possibilidade de sua descrição e de sua definição, a partir dessa análise, significaria adotar uma postura fenomenológica, o que contrariaria tanto a teoria psicanalítica quanto os Estudos Críticos da Linguagem. E não sendo a Psicanálise uma corrente fenomenológica,

ela parte do princípio que não há acesso do sujeito ao real que não passe pelos avatares da linguagem. Os conceitos em psicanálise não correspondem jamais a simples fenômenos observáveis, estabelecidos como universais através de uma definição de caráter descritiva. Sob a perspectiva freudiana, o fenômeno não pré-existe à linguagem, mas é a própria linguagem que o cria a partir do momento que o descreve. (NETO, 2008, p. 6).

Por isso, Beividas (2006, p. 394) diz que

toda pressão de teorizar as pulsões para um lado ou para o outro, ou as faz retroceder ao biológico da matéria simples e 'estúpida', em cifras quantificadas, ou progredir no simbólico da mente complexa e inteligente, em discursos articulados, sendo, portanto, o maior desafio o de entendê-la nessa tensão.

Através da observação dos pacientes com neuroses, Freud (1996a, p. 155-158) conclui que as pulsões são reprimidas pela moralidade, pela vergonha, pelo nojo, ou seja, por construções sociais a partir daquilo que se considera 'normal'. Em outras palavras,

a doença só aparece [...] a partir das solicitações da vida sexual normal [ou] quando a libido⁵⁷ fica privada de satisfação pelas vias normais. Em ambos os casos a libido se comporta como uma corrente cujo leito principal foi bloqueado.

Freud (1999) relata o caso de um menino de cinco anos, tratado de 1906 a 1909, que tinha fobia a cavalos. Na verdade, a ocupação do psicanalista não foi com o medo em si, mas com aquilo que era reprimido por esse medo: a relação mal resolvida com os pais. A mãe, não sabendo resolver problemas pessoais, estabelece uma relação de suporte com o filho, e o pai não se vê capaz de cortar esse vínculo emocional. O sintoma 'medo-de-cavalos' é a angústia que se estabelece, então, como uma linguagem, ocultando essa relação problemática entre a criança e seus pais. A angústia do pequeno Hans, por sua vez, encobria a angústia materna, e o filho torna-se o representante daquilo que os pais não resolveram entre eles. Assim, nenhum sintoma é criado isoladamente por aquele que o sofre, mas está inserido em um contexto maior onde o seu agente está

⁵⁷ Na Psicanálise freudiana, é outra palavra para desejo ou anseio, que se caracteriza como uma energia aproveitável para os instintos de vida.

inserido. Com isso, Freud deixa claro que há angústia sempre, seja qual for a sua origem. Encontra-se, aqui, o que Arrivé (1994, p. 59) chama de “afeto errante”, que pode perdurar (até) por toda a vida do paciente, fixando-se num animal de angústia, no caso de Hans, o cavalo:

a angústia da castração recebe outro objeto e uma expressão deformada: ser mordido pelo cavalo ao invés de ser castrado pelo pai; a formação substitutiva tem duas vantagens: em primeiro lugar, evita um conflito de ambivalência, pois o pai é ao mesmo tempo um objeto amado; e, em segundo lugar, permite ao ego parar o desenvolvimento da angústia. [...] Certamente o pequeno Hans não só teme os cavalos, também sente muito respeito e se interessa muito por eles. Quando o seu medo diminuiu, identificou-se a si próprio com o animal temido, pondo-se a saltar como um cavalo e a morder o pai (FREUD *apud* ARRIVÉ, 1994, p. 61).

O cavalo, significando o pai, demonstra que esse é, ao mesmo tempo, objeto de idealização e um adversário, por isso objeto de amor e ódio. Ao explicar sua análise, Freud (1909 *apud* ARRIVÉ, 1994, p. 61) relata que

a psicanálise [...] revelou que o animal totêmico servia na realidade de substituto do pai, e isso [...] explica a contradição que ressaltamos anteriormente: por um lado, a proibição de matar o animal; por outro lado, a festa que segue a sua morte, festa precedida de uma explosão de tristeza. A atitude afetiva ambivalente que, ainda hoje, caracteriza o complexo paterno em nossas crianças e se prolonga, às vezes, até a vida adulta, estender-se-ia igualmente ao animal totêmico, que serve de substituto ao pai.

Ora, Muribeca (2010) nos diz que a teoria psicanalítica foi construída a partir da questão da diferença sexual, traduzindo a diferença entre homens e mulheres, e suas respectivas genitálias, na dicotomia entre razão e natureza. Para Freud (1996a), o homem se constitui na manutenção da ordem social e na construção da cultura – sendo o falo, símbolo desta centralidade, “o local zero da sexualidade” –, enquanto a mulher se constitui a partir de seu corpo e de sua função procriadora, como ser de natureza, posição ‘oposta’ ao masculino (ausência do masculino)⁵⁸. Assim, estabelecem-se as dicotomias que perduram até hoje no senso

⁵⁸ Interessante perceber que a superação dicotômica feita por Freud se dá no nível de separar corpo e mente no processo terapêutico de determinadas doenças que escapavam de suas origens fisiológicas. Entretanto, como a leitura sobre a psicanálise freudiana nos fez concluir, sua fundamentação é fortemente estruturalista e machista, no sentido de que tudo se desenvolve a partir do falo (ícone da masculinidade) e da castração (ícone da feminilidade), o que nos mantém numa posição dicotômica, ainda que ele discuta os elementos que constituem tais representações. Sobre

comum (bem como em muitos meios acadêmicos): homem/masculino/fálico/ativo vs. mulher/feminino/castrado/passivo.

E o afeto nessas dicotomias? Freud fundamenta-se em uma noção geral, implícita, um saber comum, como se partisse do princípio de que cada um saberia o que é um afeto, ou ao menos fosse capaz de reconhecê-lo. Ele o explica em sua conferência sobre a angústia: “a ansiedade, como tal, não há por que apresentá-la aos senhores. Cada um de nós experimentou essa sensação, ou, para expressar com maior correção, esse estado afetivo, numa ou noutra época, por nossa própria conta” (FREUD, 1996b, p. 394). Como já comentado anteriormente, o afeto, estando vinculado às pulsões, trará, como conseqüência, angústia. Pergunto, então, se o afeto, de certa forma, é aquilo que escapa à língua, e toda definição, por princípio, está no campo da linguagem, como abordá-lo?

3.2 Rumo à segunda partida: a Linguística

A Psicanálise freudiana nos trouxe alguns *insights* para compreendermos a constituição das identidades homoafetivas e, em particular, à homoafetividade masculina. Não ignorando as dicotomias desenvolvidas historicamente e advertido de que a Psicanálise freudiana não deixa, também, de se constituir pela dicotomia masculino e feminino, busquei superar tais limites dicotômicos. Uma vez que a Psicanálise freudiana e a Linguística Sistêmico-Funcional – ainda que de formas distintas – apresentam o sujeito e seu contexto como coparticipantes na constituição da realidade, reforço a minha proposta inicial de que a compatibilidade destas disciplinas pode ser homologada, resguardando-se as suas distinções, pois é

possível considerar o inconsciente, na sua ordem, como uma enunciação [...]. É fato que a metáfora do inconsciente como texto – quer dizer, como enunciado – é, em Freud, entre todas, redundante. [...] E também se sabe – é uma das evidências fundamentais da linguística – que não há enunciado sem enunciação. Inconsciente, enunciação: nada há de impossível na articulação (ARRIVÉ, 1994, p. 77).

uma necessidade de superar esta visão, no sentido de estar coerente com a perspectiva crítica à qual me proponho, chamo a atenção para o primeiro parágrafo da subseção 3.2.

Afeto e sexualidade fundem-se em fenômenos psíquicos que se manifestam através das emoções, dos sentimentos e das pulsões, tanto associados a impressões positivas (prazer, satisfação, agrado, alegria etc.) quanto a impressões negativas (dor, insatisfação, desagrado, tristeza etc.). Também a raiva, o medo, a dúvida, entre outros, são sensações experimentadas no ato de existir. A Psicanálise freudiana nos mostra como identificar a relação entre os afetos e os recalques estabelecidos e como a língua é fundamental nesta relação. Mas, para Bevidas (2006, p. 394), com “o advento da psicologia, o conceito de paixão” – que já existia no campo filosófico, mas que pouco aparecera nos estudos freudianos – “teve de disputar espaço com afeto, [...] sentimentos, emoção, etc.”.

Piaget e Wallon (*apud* DANTAS, 1992), por exemplo, acreditam que a afetividade permite ao ser humano relacionar-se com outro ser ou com outro(s) objeto(s). Esta, que pode ainda ser considerada o laço criado entre humanos, não se limita a características sexuais, mas, também, a sentimentos de amizade, confiança, cumplicidade, companheirismo etc. Para Piaget (DANTAS, 1992), o componente cognitivo e o componente afetivo, atuando paralelamente, influenciam no desenvolvimento intelectual. Mais precisamente, Wallon (2005) divide o afeto em (1) emoção, que é o componente corpóreo-motor revelado pelos gestos e expressões e (2) sentimento, que é o componente cognitivo representacional.

Nestas correntes psicológicas, o termo “afetividade” é utilizado para designar a suscetibilidade que o ser humano experimenta perante determinadas alterações que acontecem no mundo exterior ou em si próprio. Tem, por constituinte fundamental, um processo cambiante no âmbito das vivências do sujeito, em sua qualidade de experiências agradáveis ou desagradáveis. Mesmo ciente de que as teorias piagetiana e walloniana são psicogenéticas e não sociocultural como a de Vygostsky, entender essa dimensão do afeto interessa a este estudo, pois mostra uma característica de dinamicidade que está de acordo com a fluidez com a qual tratamos as identidades representadas.

Assim, consideramos que o desenvolvimento da afetividade e o da sexualidade estão intimamente relacionados: ambos construídos pela cultura, ambos fatores socioculturais. Ou seja, contribuem para a construção da homoafetividade e da singularidade de cada pessoa, formam-se a partir das vivências de autopercepção e reconhecimento do corpo, vivências que fazem parte da vida do ser

humano desde o seu nascimento e se estendem por toda a vida. A homoafetividade e a heteroafetividade são constituídas através das pulsões; elas se materializam nas projeções em que nos imaginamos com o outro e nas projeções que o(s) outro(s) faz(em) de nós, ou melhor, nos processos de representação.

Pelo que expus neste capítulo e exemplifiquei com o caso do Pequeno Hans, percebe-se que a representação tem um papel fundamental na Psicanálise freudiana, pois o afeto/angústia, enquanto representação, não significa exatamente aquilo que lhe origina (pulsão). Assim, o afeto não se relaciona diretamente com a coisa representada (sintoma), mas consiste num fluxo entre a pulsão que o origina e o sintoma que o representa. No próximo capítulo, tratarei da maneira como a língua pode representar a realidade (e também construí-la) através do sistema de transitividade da Gramática Sistemico-Funcional – a segunda partida desta jornada. Apresentarei, ainda, o referencial teórico que fundamenta o nosso conceito de Representação Social, ainda que o foco se concentre entre a Psicanálise e a Transitividade.

4. LITERATURA, TRANSITIVIDADE E REPRESENTAÇÃO DO MUNDO

Os cientistas tendem a resistir às investigações interdisciplinares em seu próprio território. Em muitos casos, tal provincianismo é fundado sobre o medo que a intrusão de outras disciplinas seja concorrência desleal para os limitados recursos financeiros e, assim, diminuir a sua própria oportunidade para a pesquisa.

(Hannes Alfvén)

Este capítulo dedica-se a um percurso teórico das temáticas indicadas no título — Literatura, transitividade e representação de mundo, analisando-as sob o viés da Linguística Sistêmico-Funcional. Estas categorias da LSF, aplicadas ao gênero literário, forneceram uma possibilidade de análise da representação social da homoafetividade. Aliás, não é novidade que estudos linguísticos sejam aplicados à Literatura, visto que a Filologia se encarregou dessa tarefa por muito tempo (TURNER, 1996). A proposta de pensar o texto literário a partir de outras áreas do conhecimento também implica distanciar-se de um universo científico hermético e lançar-se na bubuia⁵⁹ acadêmica – posição que os estudiosos da língua deveriam observar, como aponta a epígrafe deste capítulo. Na realidade, abordagens aplicadas à narrativa literária mostram como este gênero textual representa os discursos e os pensamentos de uma sociedade, pois toda prática discursiva representa uma prática social. Sob esta ótica, o discurso literário é tão eficaz analiticamente como outras classificações discursivas, tais como, o político, o religioso, o jornalístico etc. E refletir sobre a forma como a homoafetividade é representada na Literatura implicaria “repensar o papel mesmo da sociedade ao moldar e manter a linguagem” (RAJAGOPALAN, 2010, p. 40-41).

⁵⁹ Bubuia significa, literalmente, ato de boiar, mas, no linguajar do norte, significa o ato de lançar-se para a vida, para a felicidade, sem sobressaltos. As duas acepções servem ao meu convite para a seguinte interpretação neste texto: de colocar-se num terreno que percebe a língua como algo que não pode ser domado por regras e concepções, mas que, na sua fluidez (BAUMAN, 2001), constitui e se constitui (n)a realidade.

Como uma das obras que preconizam a análise do uso não padronizado da língua no que se refere à visão de mundo, a obra de Halliday (2002), *An Inquiry into the language of William Golding's The Inheritors*⁶⁰, é um marco. Também, Goatly (2004), *Corpus linguistics, systemic functional grammar and literary meaning: a critical analysis of Harry Potter and the Philosopher's Stone*⁶¹, serviu como orientação para uma análise da ideologia explícita ou implicitamente representada numa obra literária. Apresento as duas obras na próxima seção.

4.1 O sistema de transitividade e a literatura

4.1.1 A gramática sistêmico-funcional

Para iniciarmos a discussão sobre transitividade, é necessário compreender a Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF). Isso implica fazer algumas considerações sobre o Funcionalismo, mesmo sabendo que caracterizar esta corrente linguística é uma tarefa bastante difícil (NEVES, 2004), pois tantas são suas definições quantos são os chamados funcionalistas⁶². De acordo com Garvin e Mathiot (1974 *apud* NEVES, 2004), o termo “função”, no que diz respeito à língua, pode fazer menção tanto à intenção do comunicador quanto ao papel ou efeito do uso de sua comunicação. Nessa mesma direção, a autora concorda que há três funções hierarquizadas da linguagem: “a representação, a exteriorização psíquica e o apelo” (BÜHLER, 1934 *apud* NEVES 2004, p. 7). Contudo, como a língua não se permite explicar através dela própria – o que já caracterizaria, *per se*, uma tentativa frustrada de domar aquilo que não pode ser domado, mas apenas percebido e experienciado –, entendemos a representação como algo sempre a ser investigado, pois não estabelece – nesta mostra – uma relação direta com o objeto representado⁶³.

⁶⁰ Trabalho no qual Halliday apresenta uma análise da obra *The Inheritors*, de William Golding, a partir do sistema de transitividade da GSF.

⁶¹ Trabalho no qual Goatly realiza uma análise das ideologias implícitas e explícitas na obra *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, de J. K. Rowling, através do sistema de transitividade, focando sua análise, feita com o software *Wordsmith Tools*, a partir de nomes de plantas e animais com mais de quatro ocorrências.

⁶² Para um maior detalhamento desta questão, ver Praxedes Filho (2007, p. 15-17).

⁶³ Já vimos, no Capítulo 3, como a interpretação desta correlação entre objeto e objeto representado se efetiva no campo da Psicanálise, no estudo do caso do Pequeno Hans. Da mesma forma, no

Para Halliday (2002; 2004), a língua não é um sistema autônomo (como entendida pelos gerativistas, por exemplo), mas um fenômeno que deve ser pensado a partir de seus contextos de cultura (ambiente para o conjunto total das opções de uma determinada língua) e de situação (ambiente imediato de qualquer seleção particular efetuada dentro dessas opções), daí a importância de se entender o sentido de gramática⁶⁴ em sua teoria. Dessa forma, “o texto é uma unidade de língua em uso, ou seja, uma unidade linguística que está realizando alguma tarefa em um contexto definido em oposição a palavras ou sentenças isoladas” (FERREIRA, 1996).

O contexto situacional apresenta três componentes: o campo (field), o tenor (tenor) e o modo (mode), cada qual referindo-se a uma dimensão do discurso. O primeiro desses componentes, o campo do discurso, refere à ação social que ‘materializa’ o discurso, relaciona-se com os participantes que estão engajados no discurso. O segundo componente, o tenor do discurso, concerne aos envolvidos na atividade social, ou seja, “à natureza dos interactantes, seus status e respectivos papéis, e toda classe de relações (temporárias ou permanentes) socialmente relevantes” (FERREIRA, 1996) – trata-se, portanto, da relação de poder exercida entre esses interactantes. O último desses componentes, o modo do discurso “relaciona-se à parte da linguagem que está em jogo no processo interativo e ‘como’ ela é utilizada pelos actantes para corresponder ao que se espera que ela faça por eles (FERREIRA, 1996), ou seja, trata da organização simbólica do texto, seu status e sua função no contexto até o seu canal e constituição retórica. Este pequeno esboço explica a figura 7 (pg. 91).

Nessa perspectiva, gramática não se trata, portanto, de elementos linguísticos analisados apenas por sua organização na oração, mas no sentido de uma explicação para a estrutura a partir do uso e para todos os fenômenos linguísticos que servem às diversas demandas dos seus usuários. Falamos, então, de uma dimensão social da linguagem – que nos acompanha ao longo desta

Capítulo 2, vimos como a questão das práticas homoafetivas foram-se situando sócio-historicamente ao longo do tempo.

⁶⁴ Halliday (1996/2002, p. 386 - 391) estabelece a distinção entre os termos “grammar” e “grammatics”. O primeiro relaciona-se a um dos estratos, a lexicogramática, que, junto da semântica e da fonologia, compõe a língua. “Grammatics” é teoria gramatical adotada para interpretar os fenômenos linguísticos realizados pela gramática (grammar). Trata-se de “uma relação proporcional simples, a teoria gramatical (grammatics) está para a gramática (grammar) assim como a teoria linguística (linguistics) está para a língua (language)” (HALLIDAY, 1996/2002, p. 386).

pesquisa – na qual língua e estrutura social dependem uma da outra para existirem (PRAXEDES FILHO, 2007, p. 25).

Matthiessen *et al* (2008 apud FIGUEREDO, 2011) descrevem cinco variáveis⁶⁵ que tornam visível essa manifestação social da língua. Interessa-me, em particular, um dos processos que constitui a variável referente aos processos sócio semióticos nos quais a língua pode estar inserida: recriar. Esse interesse parte do fato de que é ele que permite “criar linguisticamente um evento que aconteceu no mundo que, anteriormente, foi codificado por outro processo sócio semiótico, de forma ficcional” (FIGUEREDO, 2011, p. 90), sendo o subgênero conto, expressão do gênero literário, um exemplo deste processo.

Partindo da Gramática Sistêmico-Funcional, Halliday (2002, p. 91-94) destaca três funções⁶⁶ básicas da linguagem: a (1) interpessoal, a (2) textual, e a (3) representacional, que ele prefere chamar de ideacional. Embora essas três funções ocorram simultaneamente (EGGINS, 2004, p. 206), a possibilidade de estudá-las separadamente visa atender a propósitos metodológicos e pedagógicos, pois cada uma delas realiza um tipo de significado diferente.

A metafunção interpessoal dá conta da negociação/interação entre os atores sociais e dos julgamentos de valor feitos por eles. Enquanto os significados valorativos são realizados pelo sistema de modalidade e por léxico e estruturas avaliativos, segundo Eggins (2004, p. 151-165), os significados interacionais são realizados pelo sistema de modo, realizado, por sua vez, pelas funções *Modo* (Sujeito e Finito), e *Resíduo* (*Predicador, Complemento e Adjuntos*). A metafunção representacional/ideacional refere-se ao conteúdo da mensagem e é realizada lexicogramaticalmente pelas *figuras experienciais* e pelas *relações táticas e lógico-semânticas*. A metafunção textual organiza a experiência através dos mecanismos da própria língua, através das funções estruturais *Tema*, que contém o ponto de partida da mensagem, e *Rema*, que é o desenvolvimento desse ponto de partida

⁶⁵ As variáveis citadas por Figueredo (2011, p. 89-91) são: (1) o papel da língua na situação (língua em ação ou língua como reflexão), (2) o grau de especialização da língua na situação (língua especializada ou não especializada), (3) o modo de veiculação da língua (escrita ou fala), (4) o tipo de interação (monológica ou dialógica), e (5) os diferentes processos sócio-semióticos que podem envolver a língua (explicar, reportar, recriar, compartilhar, fazer, recomendar, habilitar e explorar).

⁶⁶ São referidas, no escopo da GSF, por metafunções a fim de diferenciá-las das microfunções da primeira fase e das macrofunções da segunda fase da protolíngua do bebê (PRAXEDES FILHO, 2007).

(EGGINS, p. 296-300). A Figura 2 traz um exemplo de análise linguística baseada na Gramática Sistêmico-Funcional:

	But	George	in Switzerland	they	give	you	a cognac
Metafunção Interpessoal Sistema de Modo	Adjunto: Conjunção	Adjunto: Vocativo	Adjunto: Circunstância	Sujeito	Finito	Predicador	Complemento
	Resí...			Modo		...duo	
Metafunção Repres/ideacional Sistema de Transitividade			Circunstancial: localização: lugar	Participante: Ator	Processo: Material	Participante: Beneficiário (Recebedor)	Participante: Meta
Metafunção Textual Sistema de Tema	Textual	Interpessoal	Tópico	Rema			
	Tema						

Figura 2: Análise metafuncional de uma oração, através da GSF (EGGINS, 2004, p. 212).

Na GSF, a metafunção interpessoal se relaciona, por um lado, com as trocas semióticas entre os participantes sociais/interactantes (negociação/interação) e por outro lado, com as avaliações por ele feitas, o que possibilita a construção de suas identidades. A metafunção ideacional – que nos interessa nesta pesquisa –, diferentemente da interpessoal, não trata da relação entre os participantes sociais/interactantes, no sentido das trocas estabelecidas no discurso, mas dos Processos em que se envolvem os Participantes⁶⁷ de uma dada experiência ou figura experiencial e das Circunstâncias nas quais se estabelecem. Podemos dizer que, a partir das escolhas lexicais e gramaticais, o mundo é representado através dos discursos. Estas duas metafunções, então, estabelecem uma relação entre a linguagem e seus usuários. Por fim, existe uma função da linguagem que não toma

⁶⁷ Chamo a atenção para a diferença entre 'Participante', enquanto elemento experiencial do sistema de transitividade, que pode ser representado por figuras humanas, objetos e características, e 'participante social' (ou interactante), que são as pessoas envolvidas num determinado discurso.

os elementos extrínsecos a si; a metafunção textual se refere à criação do próprio texto/discurso, em relação à mensagem, como código linguístico. Isto não a torna menos importante que as demais, visto que é através dela que os participantes sociais/interactantes conseguem (de)codificar os conteúdos representados e expressos fônica ou graficamente.

4.1.2 O sistema de transitividade

Passo, agora, à transitividade propriamente dita – categoria linguística que norteia esta pesquisa. Os passos a seguir são: (1) identificar esse sistema em relação às metafunções já apresentadas, (2) apresentar os tipos de sentidos realizados através da transitividade verbal, e, finalmente, (3) descrever a realização lexicogramatical da transitividade, ou seja, apresentar seus Participantes, Processos e suas Circunstâncias.

A transitividade é o sistema lexicogramatical que realiza a metafunção ideacional/experiencial, ou seja, é a área da lexicogramática pela qual os significados experienciais das orações de um texto são codificados (HALLIDAY, 2002). Essa estruturação do sentido se constitui através de “entradas” que formam uma cadeia de hierarquias.

		Constituintes hierarquizados/funcionais			
Escala de Hierarquias	Complexo Oracional	Oração 1	Oração 2	Oração 3	Oração n...
	↓				
	Oração	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo n...
	↓				
	Grupos	Palavra 1	Palavra 2	Palavra 3	Palavra n...
↓					
Palavras	Morfema 1	Morfema 2	Morfema 3	Morfema n...	
↓					
Morfemas					

Figura 3: Escala de hierarquias e os constituintes estruturais/configuracionais (traduzido de PRAXEDES FILHO, 2007, p. 30).

A oração é a hierarquia que se constitui no “ponto de entrada ou domínio de vários sistemas simultâneos nas metafunções textual, interpessoal e experiencial [ideacional/representacional]” (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 72).

Decorre disso a escolha pela oração como o lócus da análise lexicogramatical nesta pesquisa.

O significado ideacional é realizado (a) pelos significados experienciais/representacionais, que por sua vez são realizados pela lexicogramática de transitividade (sistema de transitividade), e (b) pelos significados lógicos, realizados pela lexicogramática das relações táticas e lógico-semânticas.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 363-523), os significados lógicos constituem-se na dimensão mais abstrata da metafunção ideacional, pois lidam com as relações táticas ou de independência ou interdependência entre orações, através da parataxe ou hipotaxe (coordenação ou subordinação na Gramática Tradicional, doravante GT, respectivamente)⁶⁸ e com as relações lógico-semânticas (de dependência) entre as orações (projeção em relação aos Processos verbais e mentais, e expansão em relação aos demais Processos). No complexo oracional:

(a) *"This is crap," he said*⁶⁹,

temos uma oração projetada por um Processo verbal (locução), *This is crap*, que se estabelece na interdependência com a oração projetante, *he said*. Neste caso, como o uso das aspas define que esta projeção é um discurso direto, uma citação, as orações são independentes. Para Praxedes Filho (2007, p. 59-60),

quando duas ou mais orações livres e independentes se relacionam entre si, o tipo de relação tática que as une é a parataxe (têm o mesmo status). Uma oração presa – exceto as sub-hierarquizadas – é dependente de uma livre por hipotaxe (têm status desigual). Orações livres cujo processo é mental ou verbal podem projetar [...] uma oração paratática como uma ideia ou locução direta e uma oração hipotática como uma ideia ou locução indireta⁷⁰ (Tradução minha).

⁶⁸ Atento para o fato de que qualquer paralelismo entre esses construtos da GSF e da GT são inconciliáveis conceitualmente.

⁶⁹ Para ilustrar as realizações lexicogramaticais do sentido lógico, tomo de Praxedes Filho (2007) os exemplos (a) até (f), retirados de um corpus composto por narrativas escritas por americanos.

⁷⁰ *"When two or more free, independent clauses are related to one another, the type of tactic relationship that keep them together is parataxis (the clauses have equal status). A bound clause – except for the down-ranked type – is dependent upon a free one hypotactically (the clauses have unequal statuses). Free mental and verbal clauses can project – logico-semantically – a paratactic one as a direct idea or locution and a hypotactic one as an indirect idea or locution."*

Este outro exemplo:

(b) *he and the other women convinced us that the “encontro” was truly something spectacular,*

traz outra oração projetada, *that the “encontro” was truly something spectacular*, pelo Processo verbal da oração projetante, *he and the other women convinced us*, portanto outra locução. A diferença está no fato de que em (b) há uma relação de dependência da segunda oração em relação à primeira, pois se trata de um discurso indireto, um relato. A mesma situação acontece com os Processos mentais, com exceção dos que se referem à percepção, que não permitem projeção (EGGINS, 2004, p. 230). Os demais Processos mentais (cognitivos, emotivos e desiderativos) projetam parataticamente – projeção de ideia direta – ou hipotaticamente – projeção de ideia indireta, como no exemplo:

(c) *Hector couldn't pinpoint what he heard,*

onde *what he heard* é uma ideia projetada (também com um Processo mental) hipotaticamente pelo Processo mental de cognição *pinpoint*.

Praxedes Filho (2007, p. 60) esclarece que as “orações livres cujo processo é outro que não mental ou verbal expandem [em oposição à projeção] uma oração paratática ou hipotaticamente [...] por extensão [...], elaboração [...] ou intensificação” (Tradução minha). Assim, em

(d) *Anyway, I had no choice except for calling the bus station,*

a oração independente é *anyway, I had no choice*, enquanto *except for calling the bus station* é uma oração dependente que expande hipotaticamente a precedente.

Além das orações em relação de parataxe ou hipotaxe – seja por projeção ou expansão –, que são hierarquizadas, há orações sub-hierarquizadas, como em

(e) *What I want is peace,*

onde *What I want* é uma oração sub-hierarquizada à uma oração livre: *X is peace*. Os complexos oracionais podem trazer uma rede de relações lógicas no mesmo enunciado, como em

(f) *She is the person that asked what your name was,*

em que *She is the person* é uma oração hierarquizada, mas livre, e a oração sub-hierarquizada *that asked what your name was* é constituída de duas outras orações hierarquizadas *that asked* e *what your name was*. Assim, segundo Praxedes Filho (2007, p. 60),

as orações sub-hierarquizadas [em oposição às hierarquizadas paratáticas e hipotáticas...] funcionam como constituintes ou partes de constituintes da estrutura de uma outra oração ou de um grupo/frase, a unidade gramatical que está um nível hierárquico abaixo⁷¹ (Tradução minha),

ou seja, segundo Praxedes Filho (2007, p. 60), o sistema tático opera na interdependência e a sub-hierarquização opera na constituição. Assim, a Figura 3.4 apresenta um esquema de como o significado lógico opera na oração:

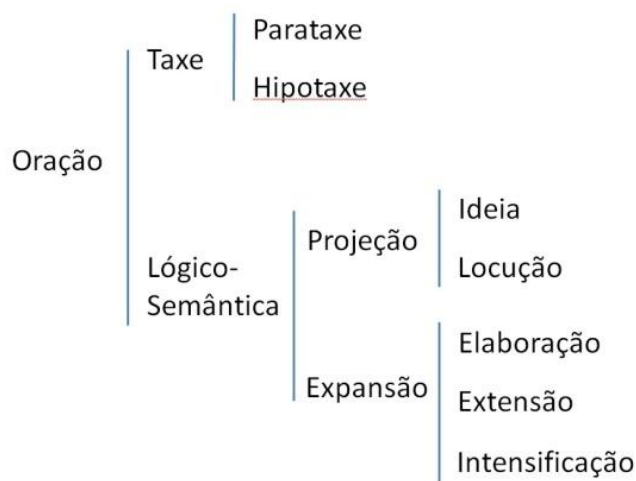


Figura 4: Tipos de relações do significado lógico (adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 373).

⁷¹ “Down-ranked clauses function differently from ranking ones because the latter relate, through the interdependency (parataxis & hypotaxis) and the logico-semantic (expansion & projection) types of relationship, only to same-rank grammatical units, that is, other clauses. Down-ranked (rankshifted, embedded) clauses, on the other hand, function as constituents or parts of constituents within the structure of another clause or of a group/phrase, which is the grammatical unit that comes one rank below.”

Com relação ao significado experiencial, realiza-se, lexicogramaticalmente ao se evidenciarem as figuras experienciais através de (a) *Processo*, realizado, por sua vez, pela classe ‘grupo verbal’, sendo o elemento⁷² central do sistema de transitividade, pois é em torno dele que os Participantes e as Circunstâncias se aglutinam; (b) *Participantes*, realizados pela classe ‘grupo nominal’; e (c) *Circunstâncias*, realizadas pela classe ‘grupo adverbial’ ou ‘frase preposicionada’. Enquanto os dois primeiros elementos da figura são obrigatórios, o último é de ocorrência facultativa. A relação entre os três elementos se dá como realização da variável do contexto de situação (social) denominada ‘campo’ e é, “provavelmente, universal em toda a linguagem humana” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 177) e tem a finalidade de construir “uma relação de sentido entre a palavra e o que ela significa” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 169). Para entender o status desses elementos experienciais na estrutura oracional, veja a figura 6⁷³, na página seguinte.

Na tentativa de categorizar as inúmeras maneiras de se organizar eventos sociais, Halliday e Matthiessen (2004) oferecem uma tipologia de seis Processos cujos Participantes desempenham papéis ou têm funções estruturais que, diferentemente da GT, dependem do Processo ao qual eles estão ligados⁷⁴. Passo, agora, à descrição desses Processos.

⁷² Halliday e Matthiessen (1999 *apud* PRAXEDES FILHO, 2007, p. 35) chamam a atenção para a diferença entre os termos a seguir, no que diz respeito à interpretação lexicogramatical da experiência: “(a) ‘figura’ ou configuração de elementos, constitui a oração, (b) ‘elementos’ ou partes constituintes da figura, desempenham um papel funcional na oração, como Processo, Participante e Circunstâncias, e (c) ‘sequências’ ou complexos de figuras, constituem o complexo oracional nos quais as figuras se relacionam através das relações táticas e lógico-semânticas. Tradução minha para “(a) ‘figure’ or a configuration of elements, making up a clause; (b) ‘elements’ or the constituent parts of a figure, playing different functional roles within it – the roles of process, participants, and circumstances; and (c) sequences or complexes of figures, making up a clause complex in which the figures relate to each other by way of taxis and logico-semantic relations.”

⁷³ Você pode nos falar sobre a formação política e cultural da Nigéria (Tradução minha).

⁷⁴ Por exemplo, enquanto na GT, o agente da ação é sempre chamado de sujeito, na GSF podemos ter um Ator, se o Processo for Material, um Experienciador, se for Mental, um Dizente, se for Verbal e assim por diante. Percebe-se, então, a relevância social dos Participantes da GSF, de maneira muito mais evidente do que na GT. Os termos foram, inicialmente, pensados em inglês e tendo em vista a descrição dessa língua; porém, hoje, já há traduções em várias línguas e, para o português, uma lista de discussão – *gsfemporugues@egroups.com* – propôs uma lista de termos traduzidos, a qual segurei na categorização dos dados.

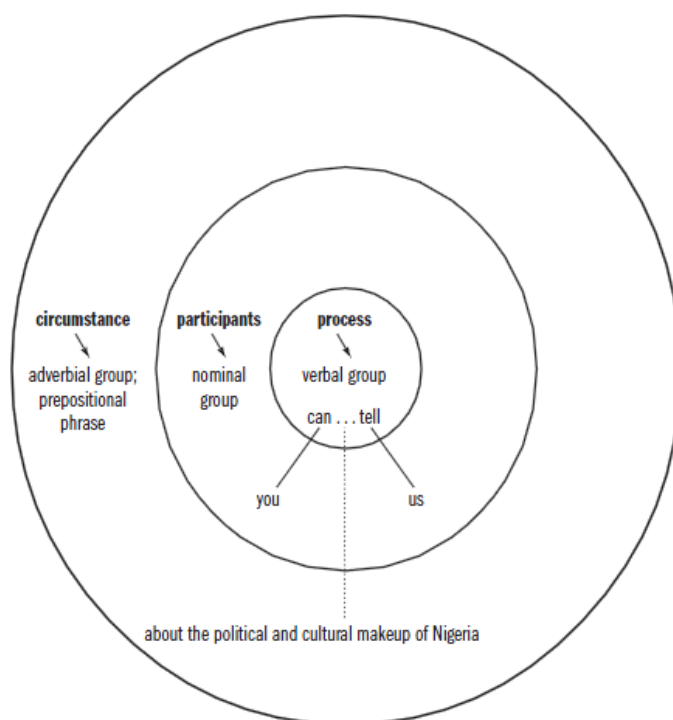


Figura 5: Elementos centrais e periféricos da estrutura experiencial (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 176).

Para Halliday (1994), a tipologia dos Processos pode ser representada através do seguinte esquema:



Figura 6: Os tipos de Processo (HALLIDAY, 1994, p. 108 *apud* LIMA-LOPES, 2001, p. 9).

Neste modelo, Lima-Lopes (2001, p. 9) diz que “há [na GSF] três tipos de processos principais: Material, Mental, Relacional e três tipos de processos que ocupam uma posição intermediária: Comportamental, Verbal e Existencial”. Essa divisão dos Processos se justifica pelo fato de que o primeiro grupo apresenta características claramente distintivas, enquanto os traços daqueles que ocupam a posição intermediária não são claramente distintivos, tornando-se uma subcategoria, por assimilar características dos que lhes estabelecem limites. Para Assis (2004, p. 22),

Halliday, explicando porque os três primeiros são tidos como principais, esclarece que desde o início da infância – três a quatro meses de idade – aprendemos a distinguir a experiência exterior a nós da experiência interior, ou seja, o que acontece “lá fora” do que acontece dentro de nós, no mundo da consciência e da imaginação. Esta experiência está relacionada com os processos materiais e mentais, respectivamente. Os processos relacionais estão relacionados com nossa habilidade de generalizar, classificar e identificar [...]. Estes processos, segundo Halliday, “são a base da gramática como teoria da experiência e apresentam três tipos distintos de configuração estrutural, respondendo pela maioria das orações em um texto”.

Nos *Processos materiais* (‘fazer’, ‘acontecer’), a “forma prototípica das experiências exteriores” (HALLIDAY, 1994 *apud* MOREIRA, 2009, p. 63) pode ser caracterizada como aqueles acontecimentos ou ações que ocorrem ao nosso redor, onde energias são desprendidas em tal realização, ou seja, entidades fazem algo a alguém ou fazem acontecer algo. Nos casos transitivos, existem, pelo menos, dois Participantes (Ator e Meta) enquanto que, nos processos que ocorrem por intransitividade, não há Meta. Compare:

<i>the lion</i>	<i>sprang</i>	∅
Ator	PR: MAT	Meta
<i>the lion</i>	<i>caught</i>	<i>the tourist</i>

Quadro 1: (In)transitividade nos processos materiais (HALLIDAY, 1994, p. 180) .

Outros participantes podem estar envolvidos nos Processos materiais. O Beneficiário, quando dos verbos transitivos diretos e indiretos pode, segundo Eggins (2004, p. 220), ser de dois tipos: Recebedor (aquele a quem algo é dado) ou Cliente

(aquele por quem algo é feito). Essa distinção desfaz uma suposta relação entre Beneficiário (GSF) e objeto indireto (GT), atualizando-lhe o significado funcional.

<i>I</i>	<i>sold</i>	<i>the car</i>	<i>to him</i> (Recebedor)
Ator	PR: MAT	Meta	Beneficiário
<i>I</i>	<i>sold</i>	<i>the car</i>	<i>for him</i> (Cliente)

Quadro 2: Tipos de Beneficiário (exemplos meus).

Há, ainda, o Escopo⁷⁵, que se diferencia da Meta por ser uma continuação do Processo. Veja a diferença entre:

<i>I</i>	<i>give</i>	<i>you</i>	<i>a gift</i>
Ator	PR: MAT	Recebedor	Meta
<i>I</i>	<i>give</i>	<i>you</i>	<i>a smile</i>
Ator	PR: MAT	Recebedor	Escopo

Quadro 3: Diferença entre Meta e Escopo (adaptado de EGGINS, 2004, p. 220).

Por fim, o Participante Atributo vai estar presente quando se tratar do que a GT entende como predicativo do objeto. Em, por exemplo, '*I painted the house yellow*', temos um Processo material [*painted*], realizado por um Ator [*I*] sobre uma Meta [*the house*], à qual é atribuída uma característica, o fato de ser amarela [*yellow*].

Os Processos materiais constituem-se, também, através dos tipos de construções que afetam o Ator ou a Meta. Trata-se de um refinamento da análise linguística que resulta em orações criativas, quando o Ator ou a Meta se constrói no desdobramento do processo, ou transformativas, quando um deles, já existente, sofre modificações com o desenvolvimento do Processo (Quadro 4, na página seguinte).

O Processo mental lida com o que acontece dentro de nós, como se fosse um reflexo do exterior, uma representação dos acontecimentos exógenos que só

⁷⁵ Inicialmente denominado Extensão (*range*, em inglês), Halliday e Matthiessen (2004, p. 192) estabelecem uma alteração de terminologia a fim de evitar confusão com "o elemento Extensão [*Range*] no modelo ergativo da oração".

quem tem acesso conscientemente é o portador das impressões (HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004). Nossas percepções, emoções, interesses, ideologias e crenças⁷⁶ se enquadram nesse tipo de representação, pois “geralmente não falamos do que estamos fazendo, mas do que pensamos ou de como nos sentimos” (EGGINS, 2004, p. 225).

ORAÇÕES	INTRANSITIVAS	TRANSITIVAS
criativas	Ator + acontecer	Ator + fazer
	<i>What happened?</i> - <i>Icicles formed.</i>	<i>What did they do?</i> - <i>They built a house.</i>
transformativas	acontecer + Ator; Ator + fazer	acontecer + Meta; Ator + fazer + Meta
	<i>What happened to the icicles?</i> - <i>They melted.</i>	<i>What happened to the icicles?</i> - <i>The sun melted them.</i>
	<i>What did Henry do?</i> - <i>He ran away.</i>	<i>What did they do to Henry?</i> - <i>They chased him away.</i>

Quadro 4: Orações criativas e transformativas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 184).

Como visto nos Processos materiais – que representam o mundo exterior –, os Atores agem sobre este mundo. Nos Processos mentais, os Participantes são o Experienciador (humano, ou com características humanas), que só pode falar do que ele mesmo sente, pensa, deseja e percebe, e o Fenômeno, aquilo que é sentido, pensado, desejado ou percebido:

<i>you</i>	<i>recognize</i>	<i>her</i>
Experienciador	PR: MENT (cognitivo)	Fenômeno

Quadro 5: Processo Mental e seus Participantes (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 203).

⁷⁶ Processos mentais perceptivo, emotivo, desiderativo e cognitivo, respectivamente.

Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 440-441), através do significado lógico, tanto os Processos mentais quanto os verbais podem projetar, também, orações. No caso dos Processos mentais, o Fenômeno, quando for uma oração projetada chama-se hiperfenômeno, e pode ser de dois tipos: (a) macrofenômenos (a partir de processos mentais perceptivos e emotivos, realizando uma oração não-finita, sub-hierarquizada no caso dos perceptivos, e projetada no caso dos emotivos). Essas orações podem ser de dois tipos: (a) Macrofenômenos, que limitam-se, basicamente, aos Processos mentais perceptivos, realizam-se através de orações não-finitas e expressam atos:

<i>He</i>	<i>saw</i>	[[<i>the sand dredger heading for the cruiser</i>]] ⁷⁷ (macrofenômeno ato)
Experienciador	PR: MENT (perceptivo)	hiperfenômeno

Quadro 6: Projeção de um macrofenômeno. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 204)

ou (b) metafenômenos, que podem ser ideias (a partir de processos mentais cognitivos e desiderativos, realizando uma oração projetada) ou fatos (a partir de processos de mentais perceptivos e emotivos, realizando uma oração finita sub-hierarquizada).

<i>I</i>	<i>am not surprised</i>	[[<i>he died thinking the novel was a failure</i>]] (metafenômeno fato)
Experienciador	PR: MENT (emotivo)	hiperfenômeno

Quadro 7: Projeção de um metafenômeno (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 205).

Os macrofenômenos assemelham-se às 'coisas', pois têm sua existência na esfera material, mas distanciam-se dos metafenômenos, porque sua existência pertence ao domínio semiótico, como proposições ou conceitos. Ainda nos

⁷⁷ Na GSF, os símbolos [[]] indicam orações sub-hierarquizadas e o símbolo || mostra a relação de in(ter)dependência entre as orações. Outros símbolos utilizados pela GSF podem ser visualizados na Lista de Símbolos desta dissertação.

Processos mentais, a ordem inversa pode ocorrer sem alterar a função dos participantes:

<i>The fact that he died thinking the novel was a failure</i>	<i>didn't surprise</i>	<i>me</i>
Fenômeno: Fato	PR: MENTAL (emotivo)	Experienciador

Quadro 8: Exemplo de oração com Processo mental em ordem inversa (adaptado de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 205).

Os *Processos relacionais* (o plano do 'ser-estar' e do 'ter') são, para Martin, Matthiessen e Painter (199, *apud* SOUZA, 2006, p. 136) “uma generalização para a noção de cópula” e “servem para definir, caracterizar e identificar, atribuindo qualidades, posse ou circunstâncias, e assim construir as experiências do mundo e as experiências de nossa consciência”, por isso se manifestam sob várias formas. Os Participantes desse Processo, quando o subtipo é atributivo, são o Portador (grupo nominal, sempre) e o Atributo a ele designado:

<i>I</i>	<i>won't be</i>	<i>a pig</i>
Portador	PR: REL: Atrib intens	Atributo: classificação
<i>You</i>	<i>are</i>	<i>very skinny</i>
Portador	PR: REL: Atrib intens	Atributo: descrição
<i>The bomb</i>	<i>was</i>	<i>in her luggage</i>
Portador	PR: REL: Atrib Circ	Atributo circunstancial
<i>This</i>	<i>is</i>	<i>yours</i>
Portador/Possuidor	PR: REL: Atrib Pos	Atributo/Possuído
<i>I</i>	<i>had</i>	<i>a daughter</i>
Portador/Possuidor	PR: REL: Atrib Pos	Atributo/Possuído

Quadro 9: Realizações do Processo relacional: atributivo intensivo, circunstancial e possessivo (EGGINS, 2004, p. 240-247).

Como visto nos exemplos acima, os Processos relacionais atributivos se subdividem em: circunstanciais, intensivos e possessivos, mas há casos onde os Processos relacionais acontecem não por atribuição, mas por identificação; são os do subtipo identificativo. Nesses casos, os Participantes são: Identificador e Identificado, e também podem ser circunstanciais, intensivos e possessivos:

<i>You</i>	<i>'re</i>	<i>the skinniest here</i>
Identificado	PR: REL: Ident	Identificador
<i>The operation</i>	<i>took</i>	<i>one hour</i>
Identificado	PR: REL: Circ	Identificador circunstancial
<i>The bomb</i>	<i>was</i>	<i>her boyfriend's</i>
Identificado/Possuído	PR: REL: Pos	Identificador/Possuidor

Quadro 10: Realização do Processo relacional identificativo (EGGINS, 2004, p. 241-247).

Os *Processos verbais* (o 'dizer') estão no limite entre os Processos mentais e os relacionais, expressando relações simbólicas construídas na consciência humana e efetivadas na forma de língua como: dizer e significar. Seus participantes são: o Dizente, o Receptor e a Verbiagem (realizada por um grupo nominal ou, conforme vimos quando tratei do significado ideacional, por uma oração projetada paratática – quando discurso direto – ou hipotaticamente – quando discurso indireto).

<i>So</i>	<i>I</i>	<i>asked</i>	<i>him</i>	<i>a question</i>
	Dizente	PR: VERBAL	Receptor	Verbiagem

Quadro 11: Realização do Processo Verbal (EGGINS, 2004, p. 235).

Pode, ainda, apresentar outro Participante denominado Alvo:

<i>He</i>	<i>also</i>	<i>accused</i>	<i>Krishan Kant</i>	<i>of conspiring with Bansi Lal...</i>
Dizente		PR: VERBAL	Alvo	Circunstancia: Assunto

Quadro 12: Realização do Processo Verbal com Participante Alvo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 256).

Os *Processos existenciais* estão no limite entre os Processos relacionais e os materiais, e são responsáveis pela maneira como fenômenos de todos os tipos são reconhecidos como ‘ser’ – enquanto existência. São facilmente reconhecidos pelo verbo *there to be*, e seu único participante obrigatório é o Existente (EGGINS, 2004, p. 238):

<i>There</i>	<i>was</i>	<i>snow</i>	<i>on the ground</i>
	PR: EXISTENCIAL	Existente	CIRC: localização: lugar

Quadro 13: Realização do Processo existencial (EGGINS, 2004, p. 238).

Por fim, os *Processos comportamentais* estão no limite entre os Processos materiais e os mentais. São aqueles que representam manifestações exteriores de atividades internas, ou seja, a externalização de processos da consciência e dos estados fisiológicos. A maioria dos Processos comportamentais apresenta um único Participante – Comportante – que é obrigatório, e é aquele que realiza o comportamento, como em:

<i>Simon</i>	<i>sniffed</i>	<i>the soup</i>
Comportante	PR: COMPORTAMENTAL	

Quadro 14: Realização do Processo comportamental (EGGINS, 2004, p. 233).

Assim como os Processos materiais, os comportamentais podem ter uma extensão, que repete o sentido do processo. A este Participante, chamamos Comportamento.

<i>He</i>	<i>smiled</i>	<i>a broad smile.</i>
Comportante	PR: COMPORTAMENTAL	Comportamento

Quadro 15: Realização do Processo comportamental com o Participante Comportamento (EGGINS, 2004, p. 234).

Pode aparecer, ainda, outro Participante que não seja os já mencionados. Neste caso, designamos de Fenômeno (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 251).

O Processo comportamental apresenta, geralmente, grande incidência de elementos circunstâncias em suas realizações:

<i>He</i>	<i>sniffed</i>	<i>the soup</i>	<i>against his will</i>
Comportante	PR: COMPORTAMENTAL	Fenômeno	Circ: causa: benefício

Quadro 16: Realização do Processo comportamental com o Participante Fenômeno e um elemento circunstancial (exemplo meu, adaptado de EGGINS, 2004, p. 233-234).

Para finalizar, gostaria de chamar a atenção às poucas construções causativas que introduzem, na oração em que se inserem, um novo Participante: o Iniciador. Esse participante é também analisado no estudo de Halliday (2002), ao mostrar que uma baixa frequência de construções causativas enfatiza a função dos Participantes nos Processos, ou seja, os atos de violência e de submissão, ou a relação desigual do poder é responsabilidade dos próprios indivíduos e não de causas que lhes são externas.

O Iniciador recebe denominações distintas a depender do Processo o qual inicia: nos Processos materiais o Iniciador chama-se Agente, nos relacionais atributivos, Atribuidor, e nos relacionais identificativos, Designador. Observando sua realização, é fácil perceber que a função do Iniciador se diferencia em relação ao Processo iniciado:

<i>He</i>	<i>made</i>	<i>his girlfriend</i>	<i>carry</i>	<i>the bomb</i>	<i>onto the plane</i>
Iniciador: Agente	PR: causativo	Ator	PR: MAT	Meta	Circ: localização: lugar

Quadro 17: Realização de construção causativa com Processo Material (EGGINS, 2004, p. 224).

<i>The experience in Genova</i>	<i>made</i>	<i>Diana</i>	<i>(become)</i>	<i>a blood donor</i>
Iniciador: Atribuidor	PR: causativo	Portador	(PR: REL: Atrib)	Atributo: descrição

Quadro 18: Realização de construção causativa com Processo relacional atributivo (EGGINS, 2004, p. 248).

<i>They</i>	<i>made</i>	<i>Simon</i>	<i>the barman</i>	<i>for the night</i>
Iniciador: Designador	PR: causativo	Identificado	Identificador	Circ: extensão: duração

Quadro 19: Realização de construções causativas com Processo relacional identificativo (EGGINS, 2004, p. 248).

Em síntese, os Processos, com relação à construção dos sentidos que evocam e aos Participantes envolvidos, podem ser apresentados da seguinte forma:

Tipo de Processo	Categoria de significado	Participantes diretamente envolvidos	Participantes indiretamente envolvidos
material: ação evento	“Fazer” ‘fazer’ ‘acontecer’	Ator, Meta	Recebedor, Cliente; Iniciador; Atributo
comportamental	‘comportar-se’	Comportante	Comportamento
mental: percepção cognição desideração emoção	‘perceber’ ‘ver’ ‘pensar’ ‘esperar’ ‘sentir’	Experienciador, Fenômeno	
verbal	‘dizer’	Dizente, Alvo	Receptor; Verbiagem
relacional atribuição identificação	‘ser’ ‘atribuir’ ‘identificar’	Portador, Atributo Identificado, Identificador	Atribuidor, Beneficiário Designador
existencial	‘existir’	Existente	

Quadro 20: Tipos de Processo, seus significados e Participantes (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 176 *apud* PEREIRA, 2010, p. 24).

O último dos elementos experienciais a ser apresentado é o circunstancial, que é realizado pelos advérbios e frases preposicionais, e tem como função principal estender o Processo ao qual se conecta. Por isso, as Circunstâncias são como Participantes do processo – por manterem essa continuidade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 260) do fluxo representativo, mas na periferia da

transitividade em relação à centralidade Processo-Participante. Para acompanhar as escolhas que podem materializar essa continuidade, apresento o seguinte esquema:

CIRCUNSTÂNCIAS		
Tipo	Subtipo	Exemplos
Extensão	Distância	for two blocks / every 100 meters / a long way
	Duração	for five years / since 2002 / every six hours
	Frequência	once / twice / three times
Localização	Lugar	at home / in the bedroom / on the table
	Tempo	at one o'clock / in January / on Tuesday
Modo	Meio	with a knife / by means of an e-mail / through books
	Qualidade	beautifully / in a happy way / with happiness
	Comparação	like everybody else / unlike most students
	Grau	deeply / to a high degree / to a low extent
Causa	Razão	because of the rain / due to the exam / thanks to money
	Propósito	for the purpose of restoring his sight / for the sake of recovering her health
	Benefício	on behalf of the LGBTT minority / in favor of same-sex marriage / against discrimination
Contingência	Condição	in case of fire / in the event of a storm / on condition of leaving now
	Falta	in the absence of fair play / in default of justice
	Concessão	in spite of prejudice / regardless of the difficulties / notwithstanding her bad health
Acompanhamento	Comitativa	with João / without Mary
	Aditiva	as well as Shirley / instead of the President
Papel	Guisa	as a teacher / in the role of your representative

	Produto	(grow) into a beautiful person / (cut) in cubes
Assunto	X	about your life / (talk) of the causes of bigotry
Ângulo	Fonte	in the words of Halliday / according to Matthiessen
	Ponto de Vista	to me / in my view / from the standpoint of SFG

Quadro 21: Tipologia dos elementos circunstanciais e seus exemplos (traduzido de PRAXEDES FILHO, 2007, p. 38).

Após essa trilha pela Gramática Sistêmico-Funcional em geral e pela metafunção e pelo sistema lexicogramatical, em particular, responsáveis pela questão da representação, preciso definir qual o conceito de representação que orienta esta pesquisa, tarefa da qual se ocupa a última seção deste capítulo. Entretanto, é necessário alertar o leitor de que este conceito funciona como o elo que estabelece o diálogo entre as apropriações que faço da Transitividade e da Psicanálise freudiana tendo em vista a análise dos dados desta pesquisa no que diz respeito à representação da homoafetividade no conto *Brokeback Mountain*, não se tratando de mais uma categoria de análise.

4.1.3 Aplicando a transitividade à literatura

Valendo-me desses conceitos da Gramática Sistêmico-Funcional, continuo o trajeto teórico desta pesquisa, agora, com o que considero a ‘segunda partida’, que objetiva encontrar-se com outra, iniciada através da Psicanálise, no capítulo anterior. Para isso, utilizo-me de Halliday (2002) que, ao tratar da questão dos estudos estilísticos, chama a atenção para a distinção necessária entre ocorrências meramente linguísticas – que não interessam aos estudos literários – e outras que se tornam significativas para o texto que está sendo analisado. Lembrando-se de uma conferência proferida por John Sinclair, em 1965, Halliday (2002, p. 88) cita que a regularidade por si própria não é garantia de “boa literatura”. Para ilustrar, ele mostra que uma cantiga inglesa para crianças, *The three blind*

*mice*⁷⁸, possui boas rima, aliteração e estrutura sintática, mas nem por isso constitui-se como exemplo daquilo que seria boa literatura.

4.1.3.1 Halliday (2002)

Analisando *The Inheritors*, de William Golding, ele discute os padrões de transitividade encontrados na obra, a partir de Processos, Participantes e Circunstâncias que ocorrem em orações de trechos selecionados, e conclui que o mundo é controlado por sociedades mais evoluídas, visto a baixa ocorrência de causalidade⁷⁹ nos processos que envolvem as tribos menos evoluídas, que demonstram não saber como controlar o mundo que os cerca. A partir desta análise, a violência e a intolerância da obra se diluem nas próprias escolhas lexicogramaticais feitas pelo autor, pois Halliday (2002, p. 119) afirma que “não existe uma razão *a priori* para que a experiência do mundo seja estruturada de uma forma e não de outra”.

Dessa forma, o pensamento sistêmico-funcional entende que a língua não é formada apenas por sistemas gramaticais, mas também por sistemas de contexto social, sistemas de significados e sistemas de expressão, formando uma grande rede onde possibilidades se configuram na composição dos discursos. A estrutura final de um discurso deriva de uma seleção de termos escolhidos a partir de nossas intenções comunicativas (e de maneira não-arbitrária), a fim de que ele aja sobre o mundo que nos cerca.

Exatamente pelo fato de que o uso da língua não é involuntário, Halliday e Matthiessen (2004) dizem que um texto se realiza nestes dois contextos: o de cultura (onde as palavras produzem significado, abrangendo o próximo contexto) e o de situação (onde os diferentes registros podem ser adequados às diferentes situações). Assim, enquanto leitores, reagimos a um determinado texto – literário ou não – em função da criatividade de seu autor na utilização do potencial de significados⁸⁰ da língua, o que caracteriza o funcionalismo hallidayano. Isso quer dizer que a língua é, em potência, tudo o que se pode fazer dela em ato, ou seja,

⁷⁸ *Three blind mice, three blind mice, / See how they run, see how they run, / They all ran after the farmer's wife, / Who cut off their tails with a carving knife, / Did you ever see such a thing in your life, / As three blind mice?*

⁷⁹ Cf. Quadros 17, 18 e 19 (p. 81-82).

⁸⁰ *Meaning potential*, nas palavras do referido linguista.

uma escolha lexicogramatical não acontece por acaso, ela se estabelece numa relação com outras possíveis escolhas, não necessariamente opostas, mas podendo, inclusive, construir essa oposição.

Ao me declarar inocente de uma determinada ação, por exemplo, eu posso estabelecer uma série de conexões: (a) responsabilizar outra pessoa, (b) atestar minha idoneidade, (c) mostrar os meus valores como superiores aos de outra pessoa, etc. E tudo isso ocorre de maneira simultânea, sem uma escolha prévia, consciente e reflexiva por parte de quem a expressa. Halliday (2002, p. 97) explica que a “diferenciação linguística entre as [meta]funções interpessoal, ideacional e textual se dá no modo como essas escolhas [lexicogramaticais] se relacionam umas com as outras”.

Suas conclusões baseiam-se na análise das microcategorias lexicogramaticais (as funções estruturais/configuracionais) que realizam as três metafunções da GSF. De acordo com a análise, ele dividiu a obra em três passagens, denominadas A, B e C, cada uma delas contendo um “padrão” lexicogramatical próprio. Para ilustrar a análise empreendida, tomo como exemplo a passagem A, que gerou o que chamou de “língua A”. Esta passagem se constitui de processos materiais, relacionais (local-posse) e mentais, contando apenas com um Participante (geralmente humano), e se manifestando em Circunstâncias de lugar ou direção, preferencialmente. Ampliando-se a análise dos Participantes da perspectiva da ação para a perspectiva de causa/efeito, chega-se à conclusão de que os Processos raramente são de uma origem externa; quando o são, geralmente os agentes não são humanos; e, quando humanos, geralmente não são personagens de importância na obra (HALLIDAY, 2002, p. 112-113). Nessa empreitada, concluiu-se que, embora determinadas construções estejam mais propensas a aparecer e se repetir na ‘língua A’, por exemplo, isso não exclui a possibilidade de outras construções acontecerem – potencial de significados.

A quantificação de dados oferecida pela GSF na análise de uma obra literária, para indicar que aspectos se sobrepõem a outros sofre dois ataques que Halliday parece não considerar válidos (HALLIDAY, 2002, p. 102). O primeiro ataque é que, sendo o estilo uma manifestação do indivíduo, não pode se reduzir a estatísticas. Sobre isso, o autor concorda em parte, pois, independentemente das características lexicogramaticais, um autor, uma obra ou um período literário vai ser

identificado pela sua frequência e pelo contraste com outros elementos coexistentes (ou não). O segundo ataque é que estatísticas seriam irrelevantes para a estilística, porque não podemos precisar a frequência de elementos linguísticos. A essa objeção, Halliday (2002, p. 102) se posiciona contra, baseando-se na questão do potencial de significados, pois as expectativas do leitor se baseiam, em parte, neste potencial. Dessa forma, Halliday (2002, p. 120) mostra que a ideia de um texto literário estabelecer um paralelo entre forma/significado e som/significado é

falsa [porque] as categorias sintáticas são per se as realizações de escolhas semânticas, e a relevância é a relevância de um grupo de sentidos sobre outro – uma relação entre os níveis de sentido da obra como um todo⁸¹ (Tradução minha.)

4.1.3.2 Goatly (2004)

Outro estudo que traz a GSF, e em particular a transitividade, como base para um estudo crítico da linguagem, é a pesquisa de Goatly (2004), que trata do significado literário em *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, de J. K. Rowling. O autor (GOATLY, 2004, p. 117), reforçando o esforço empreendido por Halliday (2002) no seu estudo de *The Inheritors*, coloca que uma abordagem puramente estatística como a adotada pela Linguística de *Corpus*, sem uma perspectiva pragmática,

apresenta apenas uma visão parcial e [...] principalmente no caso da literatura, a passagem direta das formas aos seus significados, procedimento característico da abordagem semântica da linguística crítica, é problematizada por fatores como, por exemplo, intentos locucionais⁸² (Tradução minha).

Seu estudo é dividido em duas partes e baseia-se no tipo de análise preconizado pela Linguística de *Corpus*, associada à transitividade. Na primeira parte, Goatly (2004, p. 131) utiliza-se do software *Wordsmith Tools* (SCOTT, 2010) para listar as ocorrências dos pronomes *He* (1525 vezes) e *She* (229 vezes) na obra,

⁸¹ "... [this would, I think be] a false parallel. The syntactic categories are per se the realizations of semantic options, and the relevance is the relevance of one set of meanings to another – a relationship among the levels of meaning of the work itself."

⁸² "...gives only a partial view, and that, especially in the case of literature, the straightforward move from forms to meanings inherent in the semantic critical linguistics approach is problematised by factors such as propositional attitude."

ressaltando que, entre os protagonistas, há apenas uma figura feminina⁸³, e, através do sistema de transitividade, descreve como esses Participantes representados estabelecem as relações de poder, concluindo que os personagens femininos são “estereotipados, associando-se à expressão de emoções” (Tradução minha). Ao todo, 50% das lágrimas⁸⁴ da obra, além de processos relacionados à histeria (*scream* e *shriek*)⁸⁵, são atribuídos aos personagens femininos (GOATLY, 2004, p. 132-133). Na segunda parte do estudo, ele critica esse esforço quantitativo se ignorada a “intenção da autora quanto aos padrões” (GOATLY, 2004, p. 150) identificados.

Pergunto-me, por exemplo, o porquê dessa repetição de processos para os Participantes femininos? Qual seria a intenção da autora ao representar um gigante que chora e por isso se associa ao sentimentalismo “das mulheres”? Por que da desproporção entre Participantes masculinos e femininos? Em relação a esses questionamentos, Goatly (2004, p. 152) conclui dizendo que os dados estatísticos por si só podem ser mais úteis em alguns gêneros textuais do que em outros, mas em se tratando dos gêneros literários,

com seus vários níveis de discurso e vozes que se interpenetram – personagens, narrador, autor (ainda que implícito) – existem múltiplas oportunidades para se considerar intenções locucionais complexas implicadas nos significados codificados no texto⁸⁶ (Tradução minha).

Na análise, Goatly (2004, p. 117) usa três tipos de abordagem no texto de *Harry Potter*: (a) uma dedutiva, pautada nas ideologias externas ao texto; (b) uma indutiva, que busca ideologias ocultas através do detalhamento das figuras experienciais (Participantes, Processos e Circunstâncias) e respectivas realizações lexicogramaticais; e, ainda, (c) uma abordagem que se preocupa com as ideologias apresentadas explicitamente no discurso/texto, que são significativas para a compreensão do mesmo. Essas são as abordagens que nortearão a análise da representação da homoafetividade nesta pesquisa, tarefa do Capítulo 6.

⁸³ Embora haja outros personagens femininos na obra, o autor se refere aos protagonistas como Harry Potter, Ron Weasley e Hermione Granger.

⁸⁴ Os outros 50% são atribuídos a Hagrid, o gigante “gentil e sentimental”.

⁸⁵ Grito estridente e grito penetrante, respectivamente.

⁸⁶ “...with their multiple levels of discourse and interpenetrating voices – character, narrator, (implied) author – there are manifold opportunities for taking a complex propositional attitude to the meanings encoded in the text.”

Uma abordagem indutiva a partir do sistema de transitividade pode se diferenciar a partir do tamanho do *corpus* analisado. Por exemplo, Lima-Lopes (2001, p. 10-11) apresenta uma comparação entre duas pesquisas que lidam com as ocorrências em um texto: enquanto

Thompson (1998) estuda a motivação para repetição de determinadas estruturas de transitividade em um texto [...], Matthiessen (1999) trabalha com um corpus constituído por vários tipos de texto, estudando a transitividade enquanto sistema probabilístico de escolhas e de combinações.

De acordo com Lima-Lopes (2001, p. 10) essa recorrência pode ser tanto explícita, através dos Processos e seus Participantes (primeiro nível de delicadeza), como implícita, através de figuras de linguagem e outros recursos estilísticos, por exemplo, que consolidam a fluidez e continuidade do texto. Dessa forma, Thompson⁸⁷ (1988, *apud* LIMA-LOPES, 2001, p. 11) afirma que “o produtor de um texto tem diversos fraseados à sua disposição, mas usa apenas aqueles que mantêm um padrão escolhido”. A probabilidade da ocorrência de uma determinada escolha sobre outra(s), à qual Halliday (2002) se referiu, e sobre a qual já falamos anteriormente, reaparece em Thompson (1998 *apud* LIMA-LOPES, 2001) como responsável pela representação das experiências da vida real ou ficcional, como é o caso da homoafetividade construída em *Brokeback Mountain*.

De acordo com o que foi apresentado até então, o corpus desta pesquisa se situa, dentro das escolhas metodológicas, conforme a Figura 7:

⁸⁷ THOMPSON, Geoff. Ressonance in text. *In*: SÁNCHEZ-MACARRO, Antonia; CARTER, Ronald. (Ed.). **Linguistic choice across genres**: variation in spoken and written English. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p. 29-46.

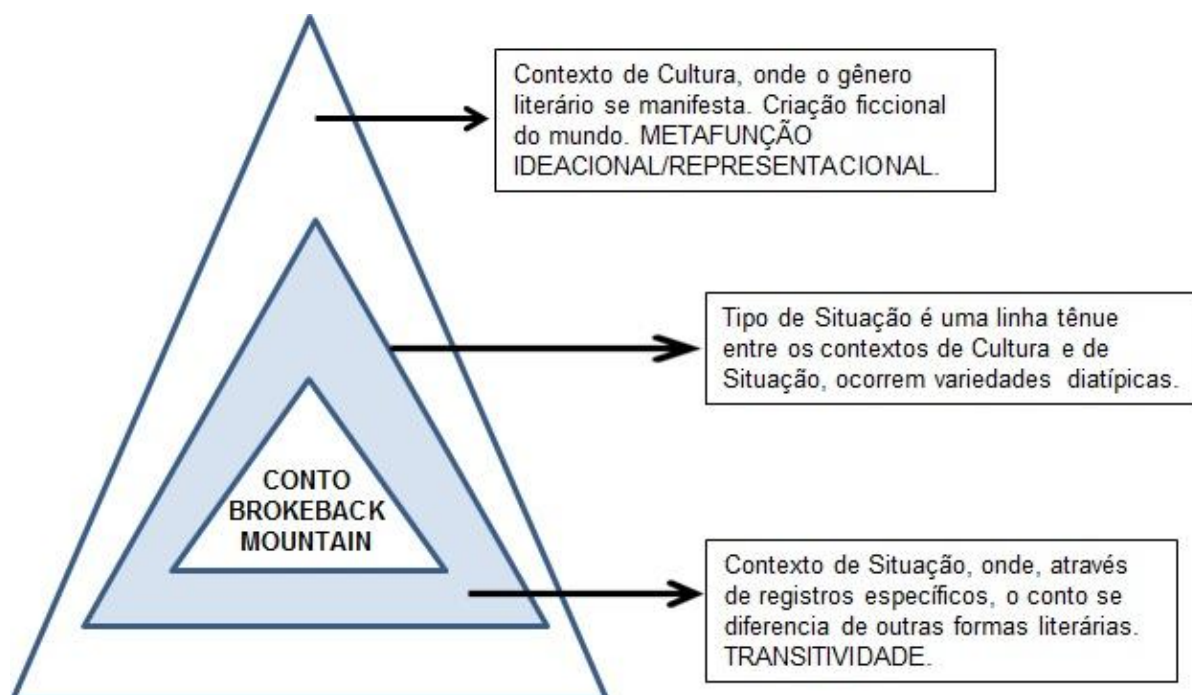


Figura 7: Relação entre GSF e Literatura. Adaptado de Eggins (1994).

4.2 Representações Sociais

Esta pesquisa, como já dito, trata da representação da homoafetividade em *cowboys* do oeste norte-americano, na segunda metade do século XX. Para isso, o conceito de representação social a que me afilio refere-se a

um sistema de valores, ideias e práticas com uma função dupla: em primeiro lugar, estabelecer uma ordem que permita aos indivíduos se posicionarem no mundo material e social no qual estão inseridos e, apreendê-lo; em segundo, permitir a comunicação entre membros de uma comunidade, através de códigos que permitam as mudanças sociais e a nominalização e classificação precisas dos vários aspectos desta comunidade e da história de seus indivíduos e grupos (MOSCOVICI, 1973, p. xiii).

Ou seja, é através das Representações Sociais⁸⁸ que captamos os sentidos do mundo e interagimos com os outros indivíduos. Para Moscovici (1998; 2009), as Representações Sociais têm como função primordial tornar conhecido

⁸⁸ É neste sentido que, afastando-me da questão de uma identidade homoafetiva, optei por analisar a sua representação na Literatura. São conceitos que podem se entrecruzar em certos momentos, mas, ao reconhecer a dimensão social da língua, através da transitividade, realço essa perspectiva coletiva do social apontada por Moscovici (1998; 2009).

aquilo que ignoramos, e que, por isso, constitui uma ameaça à realidade socialmente construída. Nas palavras de Jodelet (2005, p. 95),

é o hábito da comunidade que apaga o insólito, torna visível e ridícula a expressão da perplexidade e do medo diante dos loucos, que requer um controle de si e uma resposta semelhante por parte de todos os seus membros. [...] Na verdade, o constrangimento, o medo ou o mal-estar não estão ausentes; eles não devem se manifestar. Apesar de tudo, a população nunca afasta totalmente da consciência a ameaça surda e próxima da loucura (itálicos acescidos).

As percepções obtidas pela autora, ao analisar as reações dos moradores de uma vila que acolhiam pessoas mentalmente deficientes, mostram-nos que a representação social (da loucura, nesse caso) se estabelece no intervalo entre o que se sabe e o que não se conhece ou que não se pode explicar. Nesta perspectiva, a representação social se insere numa dinâmica entre (a) o objeto representado, (b) o sujeito que aceita a representação e (c) o grupo social desse sujeito.

Retomando nossa argumentação introdutória do Capítulo 3, em que validamos a possibilidade de compatibilidade entre recursos teóricos de áreas diferentes – Psicanálise e Linguística –, e, justificando a nossa postura crítica⁸⁹ diante das dicotomias identificadoras de uma postura estruturalista da própria Psicanálise, reafirmamos que a relação dicotômica e polarizada entre sujeito e objeto não é suficiente para compreender a natureza social da representação; ou seja, é preciso estar em contato com outros para dar sentido ao objeto representado e, assim, construir uma realidade intersubjetiva, um código comum para a comunicação e para a sociabilidade. No que diz respeito à socialização, muitas vezes,

sentimos a obrigação moral de produzir determinado comportamento. Outras vezes, experimentamos forte sensação interna de que determinado comportamento é errado. Geralmente, experimentamos a sensação de culpa se essas prescrições ou proibições são violadas (MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005. p. 81).

As representações sociais do homem e da mulher, por exemplo, dão-se por vários fatores sociais. Desde o nascimento, a família estabelece códigos que vão orientar a diferenciação dos sexos: tipos de cuidados, vestimentas, brinquedos, etc.

⁸⁹ Pontuo o sentido da palavra 'crítica', sob a perspectiva de pensar a sexualidade de maneira não polarizada, mas através de manifestações que se efetivam nas relações sociais.

Na escola, muitos dos materiais didáticos ainda trazem as mulheres como “passivas e dependentes com frequência maior do que os homens” (KORTENHAUS; DEMAREST, 1993 *apud* MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005, p. 83) ou, quando apresentadas em condição de igualdade aos homens, estes raramente são “mostrados no desempenho de [atividades] doméstic[as]” (GOODEN; GOODEN, 2001 *apud* MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005, p. 83) – o que não implica efetivamente uma condição de igualdade. De acordo com Thompson e Zerbinos (1995 *apud* MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005, p. 83), a mídia também influencia neste comportamento; numa análise de 175 episódios de 45 desenhos animados, os “personagens masculinos eram retratad[o]s como independentes, atléticos, ambiciosos e agressivos, enquanto os femininos eram mostrad[o]s como dependentes, emotivos, domésticos e românticos”.

Outra análise de ficção, nas revistas *Seventeen* e *Teen*, mostrou que os personagens femininos apresentavam problemas de ordem emocional e sempre tinham a companhia de uma pessoa confidente; enquanto os personagens masculinos adultos eram profissionais liberais de maior status (gerentes e médicos), as personagens femininas eram secretárias, enfermeiras ou donas de casa (PEIRCE, 1993 *apud* MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005, p. 83). A representação da masculinidade é, assim, “um espaço simbólico que serve para estruturar a identidade de ser homem, modelando atitudes, comportamentos e emoções a serem adotados” (GOMES, 2008: 70).

A partir do que foi exposto, pergunto-me: o ‘eu’ que representamos expressa, de fato, a nossa identidade, ou seja, existe uma relação direta – e, existindo, é imutável e essencial – entre a nossa identidade sexual, por exemplo, e a representação desta identidade? É possível imaginar que, ao adotar determinados comportamentos, esperando respostas que confirmem determinadas identidades, compartilham-se sentidos que constituem nossas identidades e, neste processo de representação, é que surgem os estereótipos (MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005, p. 111-114), e, com eles, os processos de exclusão.

Assim, essa realidade intersubjetiva que se forma através da representação social implica, obrigatoriamente, certo agenciamento do sujeito (ainda que) sob uma influência social. Isto quer dizer que, se por um lado as representações sociais convencionam e contextualizam objetos, pessoas e eventos,

por outro lado, uma vez fixadas, essas representações influenciam o comportamento humano e a interação social, geralmente nos impelindo ao(s) seu(s) significado(s), limitando o nosso potencial sócio cognitivo – o que as torna, também, prescritivas, coercitivas e partícipes da consciência coletiva⁹⁰. Respondendo à pergunta que inicia o parágrafo anterior, não existe uma relação precisa e essencial entre uma identidade e sua representação, visto que representar implica produzir sentido através de “atributos, valores, funções e condutas [já estabelecidas] em uma determinada cultura” (GOMES; NASCIMENTO; REBELLO, 2008, p. 1).

Para Moscovici (2009, p. 60), “as ciências [...] geram representações [pois] não é fácil transformar palavras não-familiares [...] em palavras usuais”; por isso, em sua teoria, dois processos estão envolvidos na constituição das representações sociais: (a) ancoragem, que classifica e nomeia, e (b) objetivação, que reproduz conceitos em imagens. A ancoragem relaciona-se ao processo de incorporar algo ignorado ao nosso “sistema particular de categorias” (Moscovici (2009, p. 60).

Na mesma perspectiva, encontram-se os estudos de Jodelet (2005), pois, com a chegada dos doentes mentais à aldeia, à palavra “loucura” foram atribuídas as características dos vagabundos e idiotas que já habitavam no lugar. A (nova) representação da loucura se dá, então, pelo contexto instaurado: a convivência dos doentes mentais fora dos manicômios, em casas de famílias. Nota-se que não apenas a atividade de nomeação aconteceu (‘são loucos’) mas também a de classificação (inseriram-se numa categoria já existente de determinados traços negativos). O que se percebe é que, na constituição da representação social, as duas atividades – ancoragem e objetivação – acontecem simultaneamente.

Ancorar é um processo necessário às representações sociais, porque aquilo que não é nomeado acaba por gerar afastamento e rejeição. É, também, um processo onde a “neutralidade é proibida” (MOSCOVICI, 2009, p. 62), pois cada coisa deve assumir determinado(s) valor(es) hierarquizado(s) que vai(vão) servir-lhe de rótulo(s). Através da ancoragem, as representações sociais traduzem duas consequências. A primeira é excluir qualquer ideia de pensamento ou percepção que não passe pelos processos de nomeação e classificação, e a segunda é que

⁹⁰ Atento para o fato de que toda a construção do pensamento de Moscovici é parte da teoria durkheimiana e a substituição dos termos coletivo por social atualiza terminologicamente seu trabalho, mas não chega a propor grande alteração semântica.

sua função principal não é rotular, mas formar opiniões sobre o objeto rotulado, ou seja, “facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas” (MOSCOVICI, 2009, p. 70).

Já a objetivação é o processo que constitui a “verdadeira essência da realidade”, pois “toda representação torna real [...] um nível diferente de realidade” (MOSCOVICI, 2009, p. 71). Esse processo envolve em si a arte de materializar o que antes era abstrato e se dá através do pensamento e da fala, sendo um processo no qual se manifestam as relações de poder. Encontramos, aqui, dois estágios de como o processo de objetivação se efetiva. No primeiro, percebemos a qualidade icônica da abstração, mas o autor faz uma advertência para o fato de que nem todas as palavras têm um correspondente icônico – seja pela “insuficiência de imagens facilmente acessíveis, seja porque as imagens lembradas são tabus” (MOSCOVICI, 2009, p. 72).

Como exemplo, ele utiliza-se da terminologia psicanalítica para mostrar que dois dos termos desta ciência estão em posição contrária em relação à correspondência icônica: de um lado, a dicotomia consciente e inconsciente – e todos os seus termos correlatos, corpo/alma, externo/interno etc. – localiza-se “no espaço um sobre o outro”, tendo a repressão como fenômeno que age sobre os níveis mais inferiores, causando os complexos; de outro, está a sexualidade, tema igualmente essencial para a Psicanálise, mas que não conseguiu sair da abstração por ainda ser tabu – mesmo com a liberdade sexual que vivemos e com as intervenções científicas que o objeto vem sofrendo ao longo do tempo, que já lhe impuseram uma grande possibilidade de referências imagéticas.

No segundo estágio, o que ele define como “resultado lógico [porque estando] a imagem totalmente assimilada, o que é percebido substitui o que é concebido” (MOSCOVICI, 2009, p. 74). Trata-se de uma relação entre a representação e o que ela representa, em que, a partir dessa relação, Moscovici (2009, p. 74) afirma que

as peculiaridades da réplica do conceito tornam-se peculiaridades dos fenômenos, ou do ambiente ao qual eles se referem, tornam-se a referência real do conceito. [...] Quando isso acontece, as imagens não ocupam mais aquela posição específica, em algum lugar entre palavras [...], mas passam a existir como objetos, são o que significam (itálicos acrescidos).

Com o intuito de organizar e resumir a rede interdisciplinar de pressupostos teóricos até então fornecidas (Capítulos 2, 3, e 4), temos já uma tessitura conceitual: inicialmente, partiu-se da Psicanálise freudiana, no que tange à sexualidade e ao afeto, como um ponto direcionador ao sentido representacional a ser alcançado na fase analítica do discurso (Capítulo 6); em seguida, aliou-se alguns pressupostos gerais da GSF ao discurso literário, focando a transitividade como recurso de categorização e análise linguísticas, o que, finalmente, nos fornece uma posição argumentativa sobre a representação social da homoafetividade.

Vale a ressalva de que a teoria de Moscovici (1998; 2009) e de sua discípula Jodelet (2005), de influência psicanalítica, mostra-nos que as representações sociais são, ao mesmo tempo, processo e resultado da construção social da realidade, constituindo-se como um elo agregador entre as aparentes incompatibilidades entre as áreas da Linguística e da Psicanálise questionadas no capítulo anterior. Enfim, de pressupostos da psicanálise freudiana, aponta-se a transitividade na língua para alcançar a representação da homoafetividade nos *cowboys* Ennis Del Mar e Jack Twist, na obra *Brokeback Mountain*, ou seja, o encontro das duas partidas.

Nos próximos capítulos, já adentrando na parte prático-analítica, apresento a metodologia (Capítulo 5), que expõe o percurso analítico do *corpus*, e, contiguamente, a análise propriamente dita (Capítulo 6).

5. METODOLOGIA

*Eu investigo, não asseguro: não afirmo coisa alguma com certeza definitiva. Conjecturo, tento, comparo, ensaio, pergunto*⁹¹ (Tradução minha)...
(Adumbratio Kabbalæ Christianæ)

Neste capítulo, reapresento o *corpus* escolhido, defino o tipo de pesquisa realizada neste trabalho e descrevo os procedimentos utilizados na seleção e análise dos dados.

5.1 Sobre o *Corpus*

Inicialmente, o conto *Brokeback Mountain*, se revisitado a partir do atual contexto nacional brasileiro, pode ser recebido de outra forma de quando da sua publicação – mesmo considerando que, talvez, a maioria das pessoas que conhecem a história de Ennis del Mar e Jack Twist o fizeram através do filme homônimo. A escolha pelo conto se dá pela oportunidade de trazer ao conhecimento mais amplo a obra literária, já que faço parte da comunidade acadêmica de Letras e pelo foco que pode ser dado à representação da homoafetividade na obra sem recorrer à análise intersemiótica, que o filme suscitaria. Em relação à opção de trabalhar com a obra original e não a versão traduzida, explica-se pelo fato de minha graduação ser em Língua Estrangeira – Inglês e, optando por este idioma, distancio-me das questões levantadas pelos estudos de tradução.

5.2 Sobre a Natureza da Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa (a) *exploratória* ao empreender esforço em conhecer mais profundamente as estratégias de representação da homoafetividade na obra literária selecionada para, então, estar apto a construir hipóteses sobre essa representação. Sem uma pesquisa (b) *bibliográfica* paralela, não teria conseguido imbricar o caráter interdisciplinar neste estudo, ao conciliar Psicanálise e Linguística.

⁹¹ “*Quæro, non pono: nihil hic determine dictans: Conjicio: conor, confero, tento, rogo...*”. Trata-se de um diálogo entre um místico da cabala e um filósofo judaico-cristão, sobre questões da origem da vida e do comportamento humano.

Trata-se, também de uma pesquisa (c) *dedutiva-indutiva*, no momento em que observo as ideologias externas ao texto (por exemplo, a representação que se tem da masculinidade e da feminilidade) e implícitas nele. Em relação ao tratamento do *corpus*, trata-se de uma pesquisa (d) *qualiquantitativa*, pois me traz dados em relação a determinadas ocorrências linguísticas na obra, que são o ponto de partida para as reflexões sobre a representação da homoafetividade na mesma.

O caráter qualitativo, nesta análise, segue o pensamento de Resende (2005, p. 12), ao se tratar de uma “forma de pesquisa potencialmente emancipatória, uma vez que, por meio dela as ciências críticas podem identificar estruturas de poder naturalizadas”. Reconhecendo, ainda, que, sem uma postura (e) *crítica* por parte do pesquisador, os resultados obtidos podem conduzir a equívocos que contestem sua validade (DIAS, 2007, p. 53), opto por trazer a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1998; 2009; JODELET, 2005) como elo que conduz à representação da homoafetividade no texto literário, através dos dois campos epistemológicos desta pesquisa: a Psicanálise (através do estudo da sexualidade, dos afetos e da angústia) e a Linguística Sistêmico-Funcional (através da transitividade).

5.3 Sobre os Procedimentos

Os processos de seleção e recortes do *corpus* são apresentados na subseção 4.3.1, ficando as outras subseções responsáveis pela (a) categorização dos dados e descrição de suas etapas (4.3.2) e (b) análise dos mesmos (4.3.3).

5.3.1 Da seleção do *corpus*

A opção de não trabalhar todo o conto deu-se pela ênfase atribuída àquilo que considere os elementos principais do conto: os *cowboys* Ennis del Mar e Jack Twist, e a Montanha Brokeback.

Para selecionar o *corpus* desta pesquisa, utilizei a última versão do *software Wordsmith Tools* (v. 5.0), desenvolvido por Mike Scott (SCOTT, 2010). O primeiro passo foi a digitalização do conto em formato de arquivo *.doc*, a correção ortográfica e a transformação deste arquivo em formato de arquivo *.txt*, que é o

aceito pelo programa. No momento de correção ortográfica, percebi que alguns dos erros apontados pelo programa *Word 2010* davam-se por conta do regionalismo adotado pela autora, como, por exemplo, a supressão do 'g' no gerúndio, quando das falas dos personagens e a substituição da preposição 'of' pela forma fônica 'a'. Chamo a atenção do leitor para essas questões quando da leitura da obra original, fornecida em anexo (Anexo I). Atento, ainda, para o recurso estilístico que a autora utiliza na obra: o contraste entre o regionalismo da oralidade do inglês do oeste americano, nos personagens, e o uso formal por parte do narrador.

O segundo passo foi inserir os dados no *Wordsmith Tools* para análise. Foram utilizadas duas das três⁹² ferramentas deste *software*. Inicialmente, apropriei-me da *WordList*, que permitiu a criação de uma lista (figura 8) com todas as palavras que compõem o conto. Desta forma, cheguei ao total de 10.686 palavras, realizadas através de 2.419 itens lexicais, que se repetiam entre 1 (a contração *you've*, por exemplo) até 624 vezes (o artigo *the*).

WordSmith Tools -- 18/11/2011				Texto BBM íntegra		
N	Word	Freq.	%	Texts	%	Lemmas
1	THE	624	5.84	1	100.00	
2	A	413	3.86	1	100.00	
3	AND	364	3.41	1	100.00	
4	IN	188	1.76	1	100.00	
5	TO	183	1.71	1	100.00	
6	HE	179	1.68	1	100.00	
7	IT	144	1.35	1	100.00	
8	OF	143	1.34	1	100.00	
9	WAS	134	1.25	1	100.00	
10	HIS	130	1.22	1	100.00	
11	I	129	1.21	1	100.00	
12	ON	121	1.13	1	100.00	
13	YOU	118	1.10	1	100.00	
14	JACK	112	1.05	1	100.00	
15	ENNIS	103	0.96	1	100.00	
16	WITH	97	0.91	1	100.00	
17	SAID	94	0.88	1	100.00	
18	THAT	80	0.75	1	100.00	
19	UP	79	0.74	1	100.00	
20	HAD	73	0.68	1	100.00	
21	OUT	69	0.65	1	100.00	
22	GOT	61	0.57	1	100.00	
23	FOR	58	0.54	1	100.00	
24	HIM	58	0.54	1	100.00	
25	BUT	57	0.53	1	100.00	
26	ME	52	0.49	1	100.00	
27	THEY	52	0.49	1	100.00	
28	GET	43	0.40	1	100.00	
29	THEM	43	0.40	1	100.00	
30	AT	41	0.38	1	100.00	
31	DOWN	41	0.38	1	100.00	

Figura 8: Lista de palavras geradas pelo *Wordlist*.

⁹² A outra ferramenta que não foi utilizada neste estudo é a *KeyWords*, pois se mostra mais eficaz na comparação de *corpora* distintos.

A partir deste resultado, a ferramenta me possibilitou criar outra lista que pensei, *a priori*, definir o *corpus* desta pesquisa. Selecionei, entre os 2.419 itens lexicais encontrados, todos os nomes próprios, pronomes e verbos⁹³, a partir de 4 ocorrências⁹⁴ (acrescentei a esta lista o substantivo “*mountain*”, pois considerei que, quando não utilizado em forma composta com Brokeback, poderia omitir alguns resultados relevantes para a constituição do *corpus*). Desta seleção, foi gerada uma lista (figura 9) com 4.521 itens, que repetiam as palavras cruzadas – mais de um terço de todo o conto, que eu denominei macro seleção. Como o meu propósito é trabalhar a representação da homoafetividade no conto – a partir do referencial teórico exposto nos capítulos 3 e 4, a saber, a Psicanálise freudiana (FREUD, 1996a; 1996b; 1999) e a Transitividade hallidayana (EGGINS, 2004; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), respectivamente –, muito do material agrupado nesta lista se mostrou de pouca serventia à análise a ser desenvolvida no Capítulo 6.

Por esse motivo, utilizei-me de outra ferramenta do *Worsmith Tools 5.0*, o *Concord* (SCOTT, 2010), que permite estabelecer linhas de concordância entre itens selecionados em uma lista de palavras. Criei listas (figura 10) a partir dos seguintes cruzamentos Ennis/Jack, Ennis/Alma, Jack/Lureen e Ennis/Jack/Brokeback/mountain, sendo que o nódulo (palavra central das entradas que o *Concord* exhibe) em todas elas era ou Jack ou Ennis. Isso pareceu, *a priori*, colocar os protagonistas em posição de maior destaque tanto nos Processos por eles realizados quanto nas narrações sobre os mesmos. Dessa forma, os demais personagens aparecem como Participantes que continuam os Processos, mas não os iniciam, haja vista que a questão de representação envolve a ancoragem e a objetivação, que só se realizam num determinado contexto social (MOSCOVICI, 2009) aqui analisado através do escopo do Sistema de Transitividade da Gramática Sistêmico-Funcional.

⁹³ Em relação aos verbos, fiz a seleção de todos eles, dada a relevância destes dados para uma análise sobre transitividade. Também contabilizei como verbo, qualquer forma que pudesse estar nominalizada no texto, seja como forma adjetivada ou como forma substantivada (em inglês, muitos verbos se diferenciam do substantivo correspondente, apenas por tonicidade das sílabas).

⁹⁴ Número obtido a partir da percentagem entre maior e menor incidência de nomes próprios.

MACRO SELEÇÃO - FINAL

3,037	got it figured, got this plan, Ennis, how we can do it, you	ENNIS
3,038	by Lureen or the husband, one. Ennis laughed a little and sa	ENNIS
3,039	adio until the batteries died. Ennis said he'd been putting	ENNIS
3,040	all it turned colder. Jack and Ennis passed a joint back and	ENNIS
3,041	a want a boy for a kid," said Ennis, undoing buttons, "but	ENNIS
3,042	nd the fire's circle of light. Ennis put his arm around Jack	ENNIS
3,043	doing all right but he missed Ennis bad enough sometimes	ENNIS
3,044	morning there were the clouds Ennis had expected, a grey ra	ENNIS
3,045	hrough the shoulders and hams, Ennis stayed as lean as a clo	ENNIS
3,046	n't lie, don't try to fool me, Ennis. I know what it means.	ENNIS
3,047	nd of the line. It said, hello Ennis, bring some fish home,	ENNIS
3,048	now," capped and tossed it to Ennis. On the third morning t	ENNIS
3,049	beaver fever doin that," said Ennis, then, "Good enough pla	ENNIS
3,050	ed beneath the horses' hooves. Ennis, weather-eyed, looked w	ENNIS
3,051	he mountain. "Alma," he said, "Jack and me ain't seen each o	JACK
3,052	st was heaving. He could smell Jack -- the intensely familia	JACK
3,053	ay? "Alma, this is Jack Twist, Jack, my wife Alma." His ches	JACK
3,054	tood Ennis could feel how hard Jack was shaking. "Alma," he	JACK
3,055	twitched. "I got a boy," said Jack. "Eight months old. Tell	JACK
3,056	y cried. "You got a kid?" said Jack. His shaking hand grazed	JACK
3,057	t could he say? "Alma, this is Jack Twist, Jack, my wife Alm	JACK
3,058	e likely he'd just go out with Jack and get drunk. Jack was	JACK
3,059	stripes, didn't know what time Jack would get there and so h	JACK
3,060	a general delivery letter from Jack Twist, the first sign of	JACK

Figura 9: Primeira lista do Concord, usando apenas os nomes próprios.

The screenshot shows a software window titled 'WordSmith Tools -- 16/11/2011'. It displays a concordance table with columns 'A' and 'B'. The table lists various text segments, with the words 'Ennis' and 'Jack' highlighted in red in several entries. The interface includes menu options like 'Área de Transferê...', 'Fonte', and 'Alinhament'.

A	B
1	mith Tools -- 16/11/2011
2	
3	N Concordance
4	1 said he probably deserved it. Jack said he was doing all ri
5	2 ight. Ennis put his arm around Jack, pulled him close, said
6	3 , Francine a little live wire. Jack slid his cold hand betwe
7	4 some problems he didn't want. Jack said he'd had a thing go
8	5 eted the horses in the meadow. Jack broke the seal on a bott
9	6 By nightfall it turned colder. Jack and Ennis passed a joint
10	7 forth, the fire burning late, Jack restless and bitching ab
11	8 t's like seein the pope now." "Jack, I got a work. Them earl
12	9 rate pace. "You been a Mexico, Jack?" Mexico was the place.
13	10 ot a say this to you one time, Jack, and I ain't foolin. Wha
14	11 atter with August. Lighten up, Jack. We can hunt in November
15	12 want none a either kind," said Jack. "But fuck-all has worke
16	13 ready to head back to Signal, Jack up to Lightning Flat to
17	14 o to Mexico one day." "Mexico? Jack, you know me. All the tr
18	15 "You still go fishin with that Jack Twist?" "Some." He thoug
19	16 .Ennis. I know what it means. Jack Twist? Jack Nasty. You a
20	17 now what it means. Jack I twist? Jack Nasty. You and him -- "
21	18 rips once or twice a year with Jack Twist and never a vacati
22	19 own inn. Can't get out of it. Jack. I don't want a ba like

Figura 10: Segunda lista do Concord, usando o cruzamento entre os nomes próprios.

As entradas obtidas através do *Concord* (SCOTT, 2010) também possibilitaram a redefinição de determinados itens lexicais como pertencentes a grupos nominais ou grupos verbais (*satisfying* como adjetivo ou verbo, por exemplo), a partir dos processos realizados. Essas informações levaram a outro processo na seleção do corpus: a anotação manual que, segundo Rodrigues Jr. (2006, p. 124), "deve ser planejada conforme a base teórica utilizada na pesquisa" e em função de

seus objetivos. Com isso, finalizei a seleção comparando todas as ocorrências apresentadas nos resultados obtidos através do *Concord* (SCOTT, 2010), o que gerou o que denominei micro seleção (figura 11), que é a parte analisada nesta pesquisa, totalizando 507 orações (Anexo B), categorizados e analisados individualmente, com o objetivo de entender, a partir das escolhas feitas pela autora do conto, como a representação da homoafetividade se constitui na obra, a partir do que apresentei no Capítulo 3 desta dissertação: a sexualidade humana, na perspectiva freudiana. Este é, portando, o encontro ao qual me refiro no título do Capítulo 3 e que espero ter concretizado no próximo capítulo – sem, entretanto, pretender ser conclusivo nas considerações apresentadas.

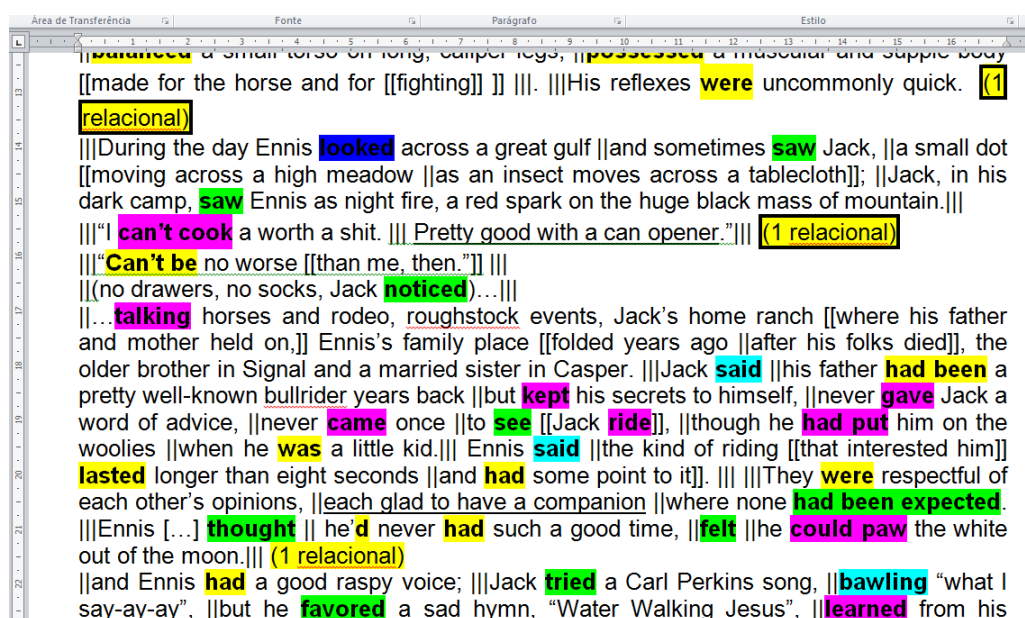


Figura 11: Categorização do corpus.

Um último comentário se faz necessário em relação ao tamanho do corpus selecionado, que partiu de um conto, passou por uma primeira (macro) seleção e se constituiu como uma micro seleção. Para Sinclair (2001 *apud* RODRIGUES JR., 2006, p. 124), embora o

tamanho do corpus influenci[e] o tipo de pesquisa a ser feita [...] não compromete sua qualidade, visto que pesquisas com corpus de pequena dimensão investigam eventos particulares dos textos sob análise.

E é exatamente esta a nossa proposta, entender a representação da homoafetividade no conto *Brokeback Mountain*, de Annie Proulx.

5.3.2 Das Categorias Analíticas

Inicialmente, a leitura de Freud (1996a; 1996b; 1999) me permitiu entender a questão da sexualidade humana como algo que ultrapassa a questão do sexo – enquanto constituição biológica e enquanto prática sexual. Trata-se de uma dimensão que se desenvolve a partir das pulsões e que podem gerar satisfações, quando realizadas, ou angústia, quando reprimidas. Em ambos os casos, o afeto está presente, visto que nunca conseguimos ter completamente satisfeitas as nossas pulsões. E as relações humanas desencadeiam relações de poder, constituídas nos/pelos discursos e, como geralmente são relações desiguais, os que se posicionam em níveis superiores nessas relações acabam por constituir a(s) hegemonia(s), no caso em questão, a heteronormatividade do Ocidente.

Em seguida, a Transitividade me permitiu ver como esses processos de relação de poder se realizam através da língua, a partir das posições que os Participantes assumem. Esta parte quantitativa da pesquisa forneceu dados em relação: (a) à quantidade de Participantes e Processos, o que estabeleceu critérios de análise para determinar as suas ações em relação ao mundo e entre si; (b) às Circunstâncias nas quais esses Processos aconteciam, o que nos trouxe informações sobre a contexto sociocultural da obra e ajudou a interpretá-los; (c) à existência ou não de fatores externos que agiam sobre os Participantes, o que mostra a responsabilidade dos mesmos pelas ações (ou não, quando da existência de um Agente, que inicia o Processo); e (d) à simplicidade/complexidade estrutural dessas realizações, enquanto fenômeno que pode facilitar/dificultar o processo de representação. Por exemplo, complexos oracionais formados por várias relações hipotáticas pode indicar um desconhecimento do que está sendo representado. É como alguém querer falar sobre sua homoafetividade e não conseguir fazê-lo de forma clara, precisando de exemplos anteriores, comparações etc., como no caso de um dos protagonistas evitar uma relação homoafetiva tocando sempre no caso presenciado quando criança (Cf. Capítulo 6, pg.118).

Por fim, é necessário ressaltar que a análise e classificação dos Processos, fundamentando-me em Halliday e Matthiessen (2004), toma como referência a análise das orações isoladamente, deixando discussões mais profundas sobre o co-texto da obra para um futuro estudo; isso não significa ignorá-lo por

completo, apenas ajustar os procedimentos de análise ao objetivo aqui proposto e adiantar que possíveis questionamentos emergentes sobre esta questão podem se dar pelo enfoque metodológico da pesquisa. Neste aspecto, as seleções oferecidas pelos cruzamentos realizados no *Concord* (SCOTT, 2010) foram essenciais para os exemplos apresentados (figura 9).

Ainda sobre a categorização, para facilitar a leitura e interpretação das orações que ilustram a análise, estabeleci o seguinte critério que tem a função de identificar os tipos de Processos e Participantes e Circunstâncias envolvidos:

|||During the day (*Circunstância: extensão: duração*) Ennis (*Ator*) **looked** (*Processo material*) across a great gulf (*Circunstância: localização: lugar*)||,

onde as orações serão identificadas através dos símbolos utilizados pela GSF, no caso aqui representado '|||', para início de complexo oracional e '|', para início de oração hierarquizada, bem como pelas funções dos constituintes que a compõem, identificados entre parênteses e em itálico. A utilização de uma seta (→) vai indicar o tipo de projeção que o Processo realiza, o uso de colchetes ([[x]]) vai identificar uma oração sub-hierarquizada e o uso de (<< x >>) indica uma oração intercalada. Para facilitar a leitura no que diz respeito às marcações gráficas do texto, optei por manter as orações analisadas – ainda que em língua inglesa – sem itálico, e os elementos experienciais marcados em itálico e entre parênteses para serem mais facilmente identificados, com o Processo, enquanto elemento central da oração, marcados em negrito.

Após essa etapa quantitativa, avanço para outra de natureza qualitativa, ao analisar a representação da homoafetividade em *Brokeback Mountain*. É neste momento que aplico a Teoria das Representações Sociais proposta por Moscovici (1998; 2009) e reforçada por Jodelet (2005), mostrando os processos que estão subjacentes a essas representações. Ao proceder à análise, tomei os dados categorizados e induzi hipóteses a partir do que estava explícito no texto, ou levantei deduções a partir da recorrência de escolha(s) da autora, oferecidas pelo potencial de significados da língua em detrimento de outras possíveis escolhas. É necessário alertar que as orações sub-hierarquizadas não representaram uma diferença significativa quando da análise qualitativa, pois seus conteúdos não interferiam no que diz respeito à representação da homoafetividade no conto. Por esse motivo,

decidi não entrar neste tipo de refinamento no capítulo de análise. Mantive a identificação dessas estruturas e suas ocorrências foram contabilizadas, mas, por não interferirem nos resultados qualitativos, não houve necessidade de proceder à detalhamentos analíticos.

Nesse percurso, foi essencial a pesquisa de Thompson (1998), cujo *corpus*, assim como o meu, é constituído de apenas um exemplar entres tantos, de um autor, e não de uma coleção de obras de mesma autoria, fato que não torna inviável nem inválida a pesquisa.

A categorização do *corpus*, segundo o Sistema de Transitividade, permitiu-me identificar quatro evidências de representação da homoafetividade na obra, constituídas pelas escolhas que a autora faz do potencial de significados da língua inglesa, sem perder de vista o contexto sociocultural da obra. Estas ocorrências contemplam a representação da homoafetividade a partir: (a) de descrições (físicas e de atividades) atribuídas a papéis masculinos e femininos, (b) de desejos latentes, ora consumidos, ora reprimidos – e a relação da montanha Brokeback nessas ações, (c) de ações que reforçam a relação da afetividade humana com a prática sexual, ou seja, uma equiparação da homoafetividade com a homossexualidade, e (d) de ações que oferecem uma possibilidade de superação dessa equiparação, pensando a afetividade humana numa perspectiva muito mais ampla e, por conseguinte, a homoafetividade como menos carregada de papéis masculinos ou femininos.

5.3.3 Das conclusões sobre a análise do *corpus*

É claro que a proposta de um percurso metodológico aqui apresentada refere-se à posição crítica de um pesquisador sob determinadas seleções, o que torna este trabalho aberto a questionamentos, sem os quais, sua intenção acadêmica seria anulada. Entretanto, aborda uma questão que vem preenchendo pautas de várias áreas do conhecimento e da política, além de se inserir na pauta das discussões sobre o casamento homoafetivo no Brasil, cumprindo sua função política e reforçando outras maneiras de se integrar Literatura e Linguística, áreas que pouco dialogam nos currículos dos cursos de Letras.

6 TECENDO O ENCONTRO: RESULTADOS E DISCUSSÃO

*já que sentir vem antes de tudo
quem presta alguma atenção
à sintaxe das coisas
nunca há de beijar-te por inteiro;

por inteiro enlouquecer
enquanto a Primavera está no mundo

o meu sangue aprova,
e beijos são muito mais destino
que sabedoria
senhora eu juro por todas as flores. Não chores
- o melhor movimento do meu cérebro vale menos que
o piscar de tuas pálpebras que diz

somos um para o outro: então
ri, reclinada nos meus braços
que a vida não é um parágrafo

E a morte julgo nenhum parêntesis⁹⁵*

(e. e. cummings)

Como anunciado nos capítulos anteriores, este capítulo se propõe a realizar o encontro entre os dois campos epistemológicos que constituem a fundamentação teórica da pesquisa: a Linguística, através do Sistema de Transitividade da Gramática Sistêmico-Funcional, e a sexualidade como compreendida pela Psicanálise freudiana. Este encontro trata de descortinar a representação da homoafetividade no conto norte-americano *Brokeback Mountain*, de Annie Proulx, publicado inicialmente na edição de 13 de outubro de 1997 do *The New Yorker*. Esse encontro foi dividido em dois momentos, que eu classifiquei como a aproximação dos discursos linguístico e psicanalítico em suas respectivas abordagens já mencionadas e o encontro propriamente dito – partes que estão desenvolvidas nos dois subitens abaixo.

Ferreira (2011, p. 165) situa “a problemática [...] da representação social” entre instâncias linguísticas, sociais, histórico-políticas e geográficas da vida

⁹⁵ *Since feeling is first/who pays any attention/to the syntax of things/will never wholly kiss you/wholly to be a fool/while Spring is in the world/my blood approves,/and kisses are a better fate/than wisdom/lady i swear by all flowers. Don't cry/ the best gesture of my brain is less than/your eyelids' flutter which says/we are for each other; then/laugh, leaning back in my arms/for life's not a paragraph/And death i think is no parenthesis.* (Tradução minha)

humana, e distanciando-se de uma pressuposta verdade segundo a qual o discurso acadêmico é estritamente objetivo, cita Bourdieu (1984) para quem “a dificuldade da *escritura* científica [...] incita o leitor a mergulhar em suas experiências e trazer informações do saber comum ao científico” – esforço empreendido, muitas vezes, através de exemplificações, que imprimem subjetividade no discurso científico. A autora continua, dizendo que, mesmo sem utilizar-se da exemplificação, a subjetividade não se afasta do discurso científico, manifestando uma sensibilidade⁹⁶ que, para Rajagopalan (2003, p. 31), significa lamentação e desejo; lamentação porque qualquer tentativa de a representação alcançar a essência do representado é – inclusive teoricamente – impossível, e desejo porque é uma atividade contínua, incansável, mesmo reconhecendo sua impossibilidade, tornando-se “a lamentação de um desejo não-realizado” (FERREIRA, 2011, p. 166)

Ora, se a Transitividade verbal nos oferece ferramentas para buscar os fenômenos linguísticos e sociais que estabelecem uma representação do mundo e se, na Psicanálise freudiana, a sexualidade tem um papel central – inclusive na questão do conhecimento (ver pulsão escopofílica no Capítulo 3, p. 54-56) é possível, portanto, estabelecer um diálogo entre a Linguística e a Psicanálise no que diz respeito à representação da homoafetividade em *Brokeback Mountain*. Conforme Corso e Corso (2011),

(...) a metáfora da ficção, seja ela pela via principalmente do Cinema mas também da Televisão e da Literatura, fala de forma mais eloquente sobre os ideais de uma época do que qualquer pesquisa ou trabalho acadêmico. A Ciência sempre chega atrás da ficção. A ficção chega primeiro. Então vai ser fácil fazer com que a ficção fale por nós e conosco.

6.1 Aproximando os discursos

Se Halliday (2002, p. 119-120) afirma que “o tema de *The Inheritors* é, de certa forma, transitividade”, ou seja, a compreensão que o homem tem dos processos que representam suas experiências e da sua participação nesses processos, da mesma forma, o tema do conto *Brokeback Mountain* – numa perspectiva sistemicista – também é transitividade, pois trata da interpretação que

⁹⁶ Em nota, a autora descreve a dificuldade de definir o que seja ‘sensível’, pois é algo que ultrapassa o gostar, desejar, frustrar-se, sofrer, perpassando outros fenômenos como escolhas, dores, sorrisos, lamentos, buscas etc.

Ennis del Mar e Jack Twist fazem de suas experiências afetivas: como eles compreendem, aceitam e rejeitam sua homoafetividade, a partir dos Processos nos quais eles próprios são Participantes.

A homoafetividade foi pensada, por muito tempo – e ainda o é –, numa perspectiva dualista a partir da representação masculino/feminino imposta por uma sociedade heteronormatizada que se consolidou como tal, sobretudo, a partir da conversão judaico-cristã do Ocidente. Isso favoreceu a concepção das relações afetivas como pura atração sexual, denominando os amantes como homo/heterossexuais. Através das escolhas explícitas da autora do conto, torna-se clara essa visão secularizada; basta ir os exemplos discutidos nos itens (a) e (b) da subseção 6.2: as associações em função do sexo social e sua transposição aos papéis sexuais desenvolvidos pelos personagens e as posições de negação do que é vivido (Processos materiais), sentido (Processos mentais) e concebido (Processos relacionais e existenciais). A Transitividade nos mostrou como a língua pode reproduzir/manter ideologias que tendem a manter estáveis as relações sociais – pois qualquer mudança em relação a essa estabilidade é uma ameaça à(s) hegemonia(s) que a sustenta(m).

Ao mesmo tempo, a Transitividade nos permite ver que essas relações não são naturais, não existem aprioristicamente às próprias relações humanas; elas são construídas na sociedade e construtoras dessa mesma sociedade. Esse caráter (dinâmico-)social da língua permite (res)significar esses construtos ideológicos, sem tornar, necessariamente, a “suposta ameaça” uma coisa negativa. Com o resgate que a Psicanálise freudiana faz da cultura na constituição do indivíduo, essa ciência abre uma possibilidade de diálogo com outros campos do saber, sobretudo com outras subáreas das Ciências Humanas.

O ‘encontro’ proposto a partir do Capítulo 3 desta dissertação se efetiva na representação social da homoafetividade no conto *Brokeback Mountain* através da análise dos Processos que envolvem os protagonistas e seus parceiros, fundamentando-se na visão freudiana da sexualidade⁹⁷ humana expressa através

⁹⁷ Cabe lembrar que, ao falar dos parceiros, incluo a relação Ennis/Jack bem como a relação entre estes e suas esposas, tomando por base a questão da bissexualidade proposta por Freud (Capítulo 3), presente em todos os indivíduos. Sobre a questão da bissexualidade, entretanto, não devemos esquecer que a Psicanálise é uma ciência estruturalista, assim, a contribuição desta proposta freudiana serve para desestabilizar o conceito biológico e social da dicotomia masculino e feminino, mas, nesta pesquisa, avanço um pouco ao pensar a homoafetividade como uma manifestação performativa da sexualidade (BUTLER, 2003) e não como algo que possa ser prescrito/estabelecido.

das pulsões (desejos). No que se refere à homoafetividade, esses desejos podem ser expressos de duas maneiras: (a) um desejo pelo objeto, onde há uma projeção de atributos ‘idealizados’ no outro desejado, ou (b) um desejo de se subjetivar para o outro, no caso, atribuir-se tais idealizações. Essas duas maneiras, já discutidas no Capítulo 3, acabam por estabelecer representações sociais “proibidas”. Falo de uma proibição enquanto fator sociocultural que, ao mesmo tempo em que mantém os valores coletivos estabilizados a favor de uma paz social, aniquila (ou transfere) as satisfações individuais, levando aos sintomas desenvolvidos pelos pacientes que foram acompanhados pelo fundador da Psicanálise. Assim, ignora-se a multiplicidade das manifestações da sexualidade humana e impõe-se à homoafetividade papéis sexuais já determinados pela relação (equivocada) do masculino e do feminino.

As referências de infância de Jack e Ennis mostram essa “imposição social” e refletem visivelmente nas suas representações identitárias, sobretudo a sexual, como mostram as análises das temáticas identificadas nos itens (a) a (d), a seguir. É com essas referências que adentramos na obra e buscamos aquilo que não está na superfície – o implícito que se desvela na relação de uma determinada escolha e não de outra.

Falamos, então, da língua como instrumento que pode manter ou alterar a realidade, posto que esta depende do agenciamento dos seus usuários. Refiro-me a agenciamento porque, até para manter a estabilidade, posicionamo-nos enquanto Participantes do(s) Processo(s) – não agir (querer/poder/desejar/falar em) é, portanto, uma forma de agir à qual estamos posicionados.

Por fim, e ao mesmo tempo em que justifico a inclusão da última seção do Capítulo 1, defendo que o uso do termo homoafetividade neste trabalho acadêmico é uma forma de posicionar-me frente à mudança social que vem acompanhando alguns países Ocidentais, em especial o Brasil, ao reconhecer não apenas a União Estável aos casais homoafetivos, mas também o casamento civil entre pessoas homoafetivas. Falar em homoafetividade implica falar de (1) pessoas (2) que (se) desejam e (3) têm os mesmos direitos que quaisquer outras pessoas heteroafetivas, pois não é o aparelho reprodutor nem papéis – ‘pré-concebidos’ – que devem imprimir o valor do ser humano. Assim, como veremos na análise a seguir, nem a hetero nem a homoafetividade, nem tampouco suas representações (pela

impossibilidade, como vimos de uma representação que abarque toda a coisa representada), são, por assim dizer, atos consumados, mas algo que se constrói continuamente no fazer-se enquanto pessoa (e com pessoas). Trata-se, portanto, da “meta-representação” proposta por Ferreira (2011, p. 167), ou seja,

o mundo numenal – as coisas em si, a realidade – são impossíveis de se manifestar, ficando as coisas tal como são apreendidas; e nessa apreensão o que fica é a apresentação de uma representação, já que a realidade numenal está fora do tempo, está nas profundezas do ser inacessível ao saber científico.

Mas enquanto busca, o desejo de representação da homoafetividade não pode deixar de existir – nem lamentar-se –, principalmente, no momento em que se percebe, no Brasil, um deslocamento da heteronormatividade (injustamente) estabelecida, através das novas conquistas dos indivíduos homoafetivos. Não se trata de estabelecer novas categorias de sexualidade, mas de analisar a representação da homoafetividade no conto *Brokebak Mountain*, na defesa da constituição de uma identidade sexual livre de “pré”-conceitos, ou, como diz Costa (1994, p. 121),

continuar discutindo sobre “homossexualidade”, partindo da premissa de que todos somos “por natureza heterossexuais, bissexuais e homossexuais”, significa tornar-se cúmplice de um jogo de linguagem que se mostrou violento, discriminador, preconceituoso e intolerante, pois levou-nos a crer que pessoas humanas como nós são “moralmente inferiores” só pelo fato de sentirem atração por outras do mesmo sexo biológico.

6.2 Estabelecendo o Encontro

Inicialmente, a análise quantitativa trouxe alguns resultados observáveis a partir do próprio texto da obra, o que, na abordagem de Goatly (2004, p. 133), chama-se “*overt ideologies*” (ideologias explícitas). Trata-se de uma abordagem indutiva que observa dados sobre concordância e frequência de itens lexicais, a fim de analisar suas ocorrências sem buscar suposições *a priori*. Por exemplo, o *WordList* permitiu contabilizar o número total de ocorrências das palavras relativas aos nomes dos personagens Ennis e Jack e suas respectivas esposas.

Jack é um Participante com maior frequência de ocorrência tanto no conto quanto na seleção deste que constituiu o *corpus* analisado. Entretanto, a diferença fica mais visível no *corpus* e não é um fenômeno aleatório, mas resultante do cruzamento, exposto no Capítulo 5, entre os itens lexicais. Isso leva a crer que Jack é mais participativo nos Processos, independentemente da posição de Participante ocupada e do tipo de Processo envolvido, conforme indicado no Gráfico 1:

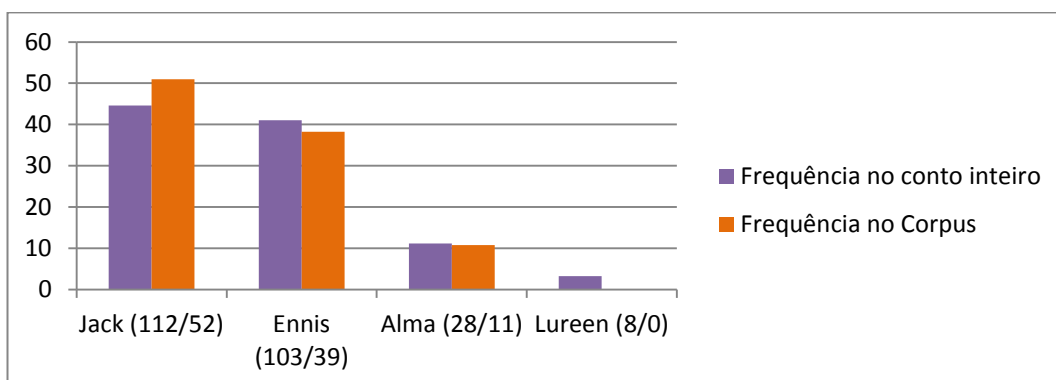


Gráfico 1: Frequência em números absolutos (entre parênteses) e percentuais de nomes próprios dos protagonistas da obra e suas esposas.

Onteressante perceber que no *corpus*, Lureen (a esposa de Enis) não aparece – dado que é levado para a análise a seguir, como ponto positivo à identidade homoafetiva de Jack Twist em relação a seu companheiro, Ennis del Mar. Na análise do *corpus*, contabilizei 507 Processos realizados, conforme indicado no Gráfico 2:

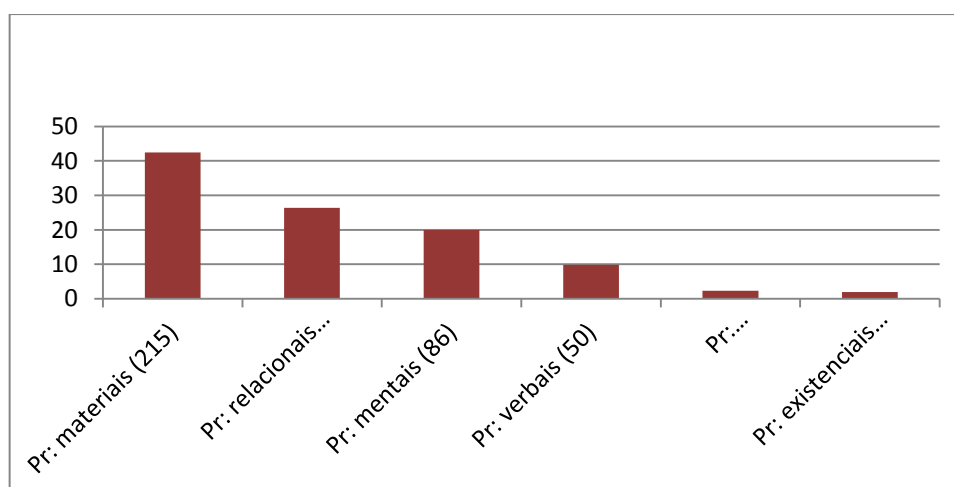


Gráfico 2: Frequência em números absolutos (entre parênteses) e percentuais dos tipos de Processos encontrados no *corpus*.

Das 507 orações analisadas, 113 têm seus Processos iniciados por Ennis, 68 por Jack, 63 por ambos: “we” (quando expressos pelas vozes dos próprios personagens) ou “they” (quando apresentados pelo narrador), e apenas 7 têm a montanha *Brokeback* como Participante ou Circunstância, conforme Gráfico 3:

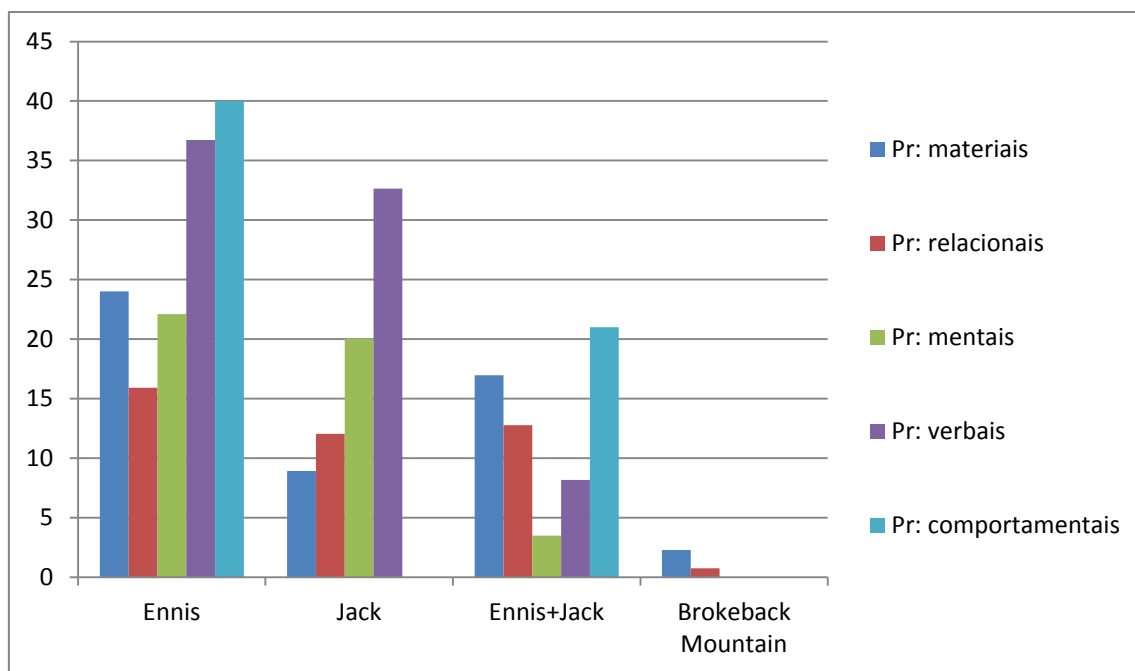


Gráfico 3: Frequência em números percentuais dos tipos de Processo e suas ocorrências tendo os protagonistas (e a montanha *Brokeback*) como os Participantes que os iniciam.

Nos Processos materiais, Ennis aparece em 53 ocorrências como Ator, Jack em 18, ambos em 36, e a montanha *Brokeback*, em 5. Nos relacionais, Ennis aparece como Portador, Possuidor ou Identificado em 20 ocorrências, Jack em 16 e ambos em 17. A montanha *Brokeback* aparece uma única vez como Portador, não vindo a ser Participante de onde se iniciam os próximos tipos de Processo.

Os Processos mentais são, na grande maioria, do tipo cognitivo, que representa, em número, quase o dobro dos perceptivos, sendo seguidos pelos emotivos e desiderativos, respectivamente. Nesse tipo de Processo, Ennis e Jack, individualmente, contabilizam quase o mesmo número de ocorrências, sendo 18 para o primeiro deles e 19 para o segundo. Juntos, ambos aparecem em apenas 3 ocorrências. O mesmo acontece com os Processos verbais, onde Ennis apresenta 18 ocorrências como Dizente e Jack, 16. Outra vez, a frequência de ocorrência diminui quando ambos são o Participante Dizente, realizando apenas 4 ocorrências. Os demais Processos são realizados por outros Participantes.

Em relação aos Processos comportamentais, concentram-se em Ennis as 6 ocorrências, sendo que quatro delas têm Jack, também, como Comportante: uma realizada na primeira conversa que eles têm, no início do pastoreio, na montanha *Brokeback*, duas no ato sexual e uma última em indicando que eles nunca falavam sobre sexo. Na verdade, este é um ponto relevante nesta análise e que diz respeito à proposta que defendemos na utilização do termo homoafetividade em relação à homossexualidade: se o que eles experienciavam sexualmente não era motivo de reflexões, o mesmo não acontece em relação às consequências desse ato, ou seja, a preocupação com a sociedade, o que seria da vida de ambos enquanto companheiros, e as expectativas (frustradas) em seus casamentos, discussões que tomarão as próximas linhas deste capítulo.

Apenas um Processo causativo (forças externas aos Participantes) foi encontrado no *corpus*, o que faz com que a representação da homoafetividade seja percebida a partir dos próprios personagens, ou seja, não há causas externas que influenciem suas ações. Percebe-se, então, um padrão no conto *Brokeback Mountain*, a partir do *corpus* selecionado: os Processos são realizados pelos próprios Participantes, e a eles é atribuída toda a responsabilidade de suas ações, o que, de acordo com Halliday (2002, p. 119), significa estabelecer uma regra sintática e sua relevância no texto, ou seja, é “uma maneira de expressar um dos níveis de significado do trabalho” (Tradução minha).

Antes de partir para a análise das temáticas relacionadas à representação da homoafetividade no conto *Brokeback Mountain*, dedico uma atenção especial àqueles Participantes que opõem-se à relação homoafetiva de Ennis e Jack: as suas esposas. Percebi que estes personagens femininos, além de apresentar menos realizações de Processos, têm uma grande concentração de Processos mentais, o que caracteriza pouca atividade na narrativa acional do conto, limitando-se a uma única forma de sentir, perceber e entender os fenômenos experienciados. Por exemplo, em relação à Alma:

...||because she (*Experienciador*) **dreaded** (*Processo mental: emoção*) another pregnancy (*Fenômeno*)... (l. 188-189)⁹⁸
...||what (*Fenômeno*) she (*Experienciador*) **hated** (*Processo mental: emoção*)... (l. 100)

⁹⁸ As numerações de linhas indicam a localização das orações no *corpus* da pesquisa (Anexo II).

...|||She (*Experienciador*) had **seen** (*Processo mental: percepção*) [[what she had **seen** (*hiperfenômeno*)]]|||... (l. 130)
 ...||if she (*Experienciador*) didn't **want** (*Processo mental: desideração*) any more of his kids (*Fenômeno*)... (l. 191)
 ...||And under that (*Circunstância: localização: lugar*), **thought** (*Processo mental: cognitivo*)... (l. 192)
 ...|[the embrace (*Fenômeno*) she (*Experienciador*) had **glimpsed** (*Processo mental: percepção*),]|... (l. 194).

Os poucos Processos verbais realizados por esse personagem também não denotam grande interferência na posição de submissão na qual se encontra. Adicionando-se o Processo comportamental no qual ela é Comportante, essa submissão à atividade de Ennis é reforçada:

...|||"Sure enough," (*Verbiagem*) ||**said** (*Processo verbal*) Alma (*Dizente*) in a low voice (*Circunstância: modo: meio*)... (l. 130)
 ...||Alma (*Dizente*) **asked** (*Processo verbal → locução*) Ennis (*Receptor*) ||to use (*Processo material*) rubbers (*Meta*) (l. 189)
 ...||she (*Dizente*) **said** (*Processo verbal → locução*), ||what (*Meta*) am (*Processo...*) I (*Ator*) doing (*...material*) ||hangin around (*Processo material*) with him (*Circunstância: acompanhamento: comitativo*)... (l. 198-199)
 ...||until she (*Comportante*) **shuddered** (*Processo comportamental*)... (l. 99).

Em relação aos Processos materiais (um deles já apareceu como oração hierarquizada em um dos Processos verbais do exemplo anterior) nos quais Alma é Ator, a ação se desenvolve em torno de Ennis e estão relacionados ao envolvimento afetivo entre este personagem e Jack Twist, apontando para uma insatisfação desta no casamento:

...||and Alma (*Ator*) **looking** (*Processo1⁹⁹...*) out (*Circunstância: localização: lugar*) for a few seconds (*Circunstância: extensão: duração*) **at** (*...comportamental*) Ennis's straining shoulders (*Fenômeno*) ||and **shutting** (*Processo2 material*) the door (*Meta*)... (l. 118-119)
 ...||and Alma (*Ator*) **stood** (*Processo material*) in the narrow light (*Circunstância: localização: lugar*) |||... (l. 123)
 ...||**divorced** (*Processo1 material*) Ennis (*Meta*) ||and **married** (*Processo2 material*) the Riverton grocer (*Meta*)|||... (l. 199).

Lureen, a esposa de Jack, aparece no *corpus* em apenas dois Processos mentais:

...||| (*Experienciador*) **thought** (*Processo1 mental: cognitivo → hiperfenômeno*) ||Brokeback Mountain (*Portador*) was (*Processo2 relacional*

⁹⁹ Nos complexos oracionais, indico as orações analisadas a partir do número de Processos realizados.

atributivo circunstancial) around [where (*Circunstância do Processo3: localização: lugar*) he (*Ator*) grew up (*Processo3 material*)] (*Circunstância do Processo2: localização: lugar*). |||But **knowing** (*Processo mental: cognitivo*) Jack (*Fenômeno*)... (l. 248-249).

Os fragmentos acima indicam, portanto, que a obra se desenvolve realmente em torno de Ennis del Mar e Jack Twist e essa narrativa estabelece conceitos formados em relação à homoafetividade desses *cowboys* – como na repetição do Processo mental “*she had seen what she had seen*”, que torna essa relação algo que foge ao padrão, a ponto de precisar, de fato, ser percebido. Se voltarmos à leitura de Jodelet (2005), poderíamos comparar a representação da homoafetividade nesta obra com a representação da loucura que os moradores da vila tinham dos pacientes que acolhiam.

Passo, agora, à discussão desta representação (da homoafetividade) a partir dos Processos nos quais Ennis e Jack são Participantes. Para entender como essa representação está manifesta – explícita e implicitamente – na obra, selecionei quatro temáticas: (a) ‘Pseudo-Descrições: Representações Traiçoeiras’, (b) ‘O Outro Desejado: (Des)Encontros’, (c) ‘Resquícios da Homo/Heterossexualidade: Atos Consumidos’ e (d) ‘Homoafetividade: Ato Consumado?’, que serviram de orientação para as considerações finais desta dissertação.

(a) Pseudo-Descrições: Representações Traiçoeiras

Esta primeira temática concentra os dados que imprimem aos personagens atributos socialmente determinados em função do sexo biológico. Nas análises, discuto como essas representações tendem a manter estáveis essas construções sociais que atribuem à figura masculina força, coragem, raciocínio e à figura feminina a sensibilidade e o corpo enquanto objeto de atenção.

Ainda nesta temática, posicionei os Processos nos quais a *Montanha Brokeback* aparece como elemento significativo na representação da homoafetividade na obra: como Participante Ator ou como Circunstância.

Inicialmente, em

...|||They (*Meta*) **were raised** (*Processo material*) on small, poor ranches in opposite corners of the state (*Circunstância: localização: lugar*)... (l. 5)
...||**brought up** (*Processo material*) to hard work and privation (*Circunstância: acompanhamento: comitativo*)... (l. 6-7)

...|||Neither of them (*Portador*) **was** (*Processo relacional atributivo intensivo*) twenty (*Atributo: descrição*) |||... (l. 8),

a construção passiva realça o processo em si e Jack e Ennis como os únicos envolvidos nele, excluindo a participação dos pais nesse processo de criação dos filhos (que é retomado em outras passagens do conto). As figuras paterna e materna, segundo a Psicanálise freudiana, representam a influência na constituição da sexualidade do indivíduo, a partir da adolescência, período em que os dois personagens se conhecem, conforme identificado no Processo relacional descrito acima. Continuando, em

...||both (*Portador*) high school dropout country boys with no prospects (*Atributo: descrição*)... (l. 6)

...||both (*Portador*) rough-mannered, rough-spoken (*Atributo: qualidade*)... (l. 8)

...||**inured** (*Processo material*) to the stoic life (*Circunstância: assunto*)|||... (l. 8),

encontramos Processos relacionais elididos que apresentam o *background* sociocultural dos personagens tanto caracterizando-os como membros de um grupo específico (garotos do interior, sem educação nem perspectivas) – Processo relacional atributivo intensivo –, quanto caracterizando-os dentro desse grupo (rudes) – Processo relacional atributivo intensivo –, fato que é reforçado pelo Processo material: acostumados à vida estóica que, em inglês, remete a uma apassivação do sujeito, pois é aquele que não reclama da sorte, que aceita tudo do jeito que lhe vem.

Na descrição física dos personagens, a autora deixa claro que a representação da homoafetividade se dá a partir de uma concepção dualista de masculino/feminino construída socialmente. Os atributos associados a cada um desses opostos vão direcionar os personagens a uma visão estereotipada de sua homoafetividade e vão posicioná-los em papéis que representem essas oposições, mesmo se tratando de duas pessoas do sexo (biológico) masculino. Vejamos a descrição de Jack em relação a Ennis:

...|||Jack (*Portador*) **seemed** (*Processo1 relacional atributivo intensivo*) fair enough (*Atributo: descrição*) with his curly hair and quick laugh (*Circunstância do Processo1: causa: razão*), ||but for a small man (*Circunstância do Processo2: modo: comparação*) he (*Portador*) **carried** (*Processo2 relacional atributivo possessivo*) some weight (*Atributo de posse: descrição*) in the haunch (*Circunstância: localização: lugar*) ||and his

smile (*Ator*) **disclosed** (*Processo3 material*) buckteeth (*Meta*), ||but noticeable (*Atributo: qualidade*). |||He (*Portador*) **was** (*Processo relacional atributivo intensivo*) infatuated (*Atributo: qualidade*) with the rodeo life (*Circunstância: assunto*) ||and he (*Portador*) **was** (*Processo relacional atributivo intensivo*) crazy [[**to be** somewhere, anywhere else than Lightning Flat]] (*Atributo: qualidade*)... (l. 10-13)

...|||Ennis (*Portador*), <<high-arched nose and narrow face (*Atributo de posse: descrição do Processo2 elidido*),>> **was** (*Processo1 relacional atributivo intensivo*) scruffy and a little cave-chested (*Atributo: descrição*), ||**balanced** (*Processo3 relacional atributivo possessivo*) a small torso (*Atributo de posse: descrição*) on long, caliper legs (*Circunstância: localização: lugar*), ||**possessed** (*Processo4 relacional atributivo possessivo*) a muscular and supple body [[**made** for the horse and for [[**fighting**]]¹⁰⁰]] (*Atributo de posse: descrição*) |||. |||His reflexes (*Portador*) **were** (*Processo5 relacional atributivo intensivo*) uncommonly quick (*Atributo: qualidade*)... (l. 15-17)

...|||Ennis (*Portador*) **had** (*Processo6 relacional atributivo possessivo*) a good raspy voice (*Atributo de posse: descrição*)... (l. 42).

Os Processos relacionais, conforme visto no Capítulo 4, realizam definições, classificações das experiências do mundo; assim, parece haver uma apropriação de Jack a características femininas através da ênfase dada às características de beleza tanto pelo adjetivo ‘*fair*’ (belo) e pela locução adjetiva ‘*some weight in the haunch*’ (cadeirudo), quanto pelos adjetivos associados a estados mentais de emoção: ‘*infatuated*’ (apaixonado) e ‘*crazy*’ (louco por). Quanto a Ennis, além de características associadas à virilidade, como em ‘*body made for the horse and fighting*’ (um corpo feito pra montaria e pra brigar) e um afastamento de características que denotem zelo e preocupação com o visual, como em ‘*scruffy*’ (desgrenhado), grande parte dos Processos relacionais são possessivos, o que realça a função de Ennis como proprietário – o que não é percebido em Jack.

Se voltarmos ao Capítulo 1, perceberemos que a questão da atividade e passividade refere-se muito mais à questão de ordem socioeconômica do que da relação masculino/feminino: o ativo era aquele que provinha, de alguma forma, o passivo. Na relação entre Ennis e Jack, o fator socioeconômico não era o diferencial para um deles, porém, a autora deixa claro, através de suas escolhas lexicogramaticais, que Ennis deveria ser aquele que tomaria a posição do ativo na relação. E, em relação a essa posição, o personagem, através de Processos mentais, questiona a própria questão da sensibilidade:

¹⁰⁰ Lembro que os Processos de orações sub-hierarquizadas não foram analisados para a discussão qualitativa.

...|||“**Doubt** (Oração projetante com *Processo1 mental: cognição*) ||| (*Experienciador*) ‘**ll feel** (*Processo2 mental: percepção*) nothing (*Fenômeno*)”. |||But he (*Ator*) **staggered** (*Processo3 material*) under canvas (*Circunstância: localização: lugar*), ||**pulled** (*Processo4...*) his boots (*Meta*) off (...*material*), ||**snored** (*Processo5 comportamental*) on the ground cloth (*Circunstância: localização: lugar*) for a while (*Circunstância: extensão: duração*), ||**woke** (*Processo6 material*) Jack (*Meta*) with the clacking of his jaw (*Circunstância: modo: meio*) |||... (l. 49-50).

Os Processos mentais aqui expressos denotam um questionamento do “sentir” tanto na oração projetante “duvidar” quanto na oração projetada, que é uma negação dessa sensibilidade, no caso, o frio da montanha. O último Processo material coloca Jack como Participante Meta – aquele para quem a ação é direcionada e que sofre a partir de um processo mental perceptivo (ouvir) deduzido exoforicamente, pois acordar com o bater do dente pressupõe ouvir tal barulho. Por fim, essa dedução se apoia no Processo Comportamental realizado por ‘snore’ (roncar).

Não se discute que, ao longo da história, a representação da masculinidade reuniu “um conjunto de atributos, valores, funções e condutas que se espera que um homem tenha em determinada cultura” (GOMES; NASCIMENTO; REBELLO, 2008). O Processo material realizado por Ennis – reafirmado por Jack num Processo relacional – ilustra essa perspectiva:

...|||“**I** (*Ator*) **can’t cook** (*Processo1 material*) a worth a shit (*Meta*). ||| Pretty good (*Atributo: qualidade*) with a can opener (*Circunstância: modo: meio*)” |||... (l. 25)
...|||“**Can’t be** (*Processo1 relacional atributivo intensivo*) no worse [[than me, then.”]] (*Atributo: qualidade*) |||... (l. 26).

Assim, a “masculinidade [é] um espaço simbólico que serve para estruturar a identidade de ser homem, modelando atitudes, comportamentos e emoções a serem adotados” (GOMES, 2008, p. 70). Pelo que foi exposto nessa primeira temática, pode-se deduzir, então, que a homoafetividade é representada, no conto com base na dicotomia masculino/feminino e nas características atribuídas às oposições dessa dicotomia. Neste sentido, a autora não permite uma ruptura para a construção da identidade sexual – e o faz através de uma representação da homoafetividade estereotipada através de papéis sexuais vinculados ao masculino e ao feminino construídos socialmente.

Por último, chamo a atenção para como a montanha *Brokeback*, local onde a relação entre Ennis e Jack se inicia, posiciona-se como elemento experiencial. Em Literatura, espaço e tempo (*setting*) são elementos ficcionais – criados pela língua – que representam muito mais do que a localização (espacial e temporal) da ação narrativa. Eles podem, também, determinar como os personagens se comportam e influenciar as impressões que a história desperta (*mood of a story*). Welty (1990) diz que toda história seria uma outra história – e irreconhecível – se sua ação narrativa acontecesse em outro lugar, pois a ficção depende deste para existir. Assim, a montanha *Brokeback* é Participante, no sentido de agir sobre as impressões que desenvolvemos a ler o conto:

...|||The mountain (*Ator*) **boiled** (*Processo1 material*) with demonic energy (*Circunstância: causa: razão*), ||**glazed** (*Atributivo do Processo2 elidido: relacional atributivo intensivo*) with flickering broken-cloud light (*Circunstância: causa: razão*)... (l. 80-81)
...|||Old Brokeback (*Ator*) **got** (*Processo material*) us (*Meta*) good (*Atributo*)... (l. 147-148).

Enquanto Ator (no primeiro Processo acima), a montanha apresenta um fenômeno que suscita mudança de condição: o verbo ferver (*boil*). Enquanto Portador, traz uma característica fixa, permanente, com o adjetivo laqueado (*glazed*). Essa contradição exhibe frestas por onde outra(s) representação(ões) da homoafetividade possa(m) ser empreendida(s), mesmo parecendo que a sua posição de Participante Ator no segundo Processo material (*got*) do fragmento acima é uma forma de camuflar a responsabilidade dos *cowboys*, que realizam o elemento experiencial Meta.

O adjetivo “demoníaco” parece trazer um sentido de maléfico à montanha, local onde nasce a relação homoafetiva entre Ennis e Jack, portanto sendo considerada um lugar “onde ninguém é esperado” (*where none had been expected*) que, nas palavras de Welty (1990, p. 117-118) é a “encruzilhada da circunstância, a prova evidente do que aconteceu e quem estava envolvido”¹⁰¹ (Tradução minha).

Deslocar a ideia de que a homoafetividade é um comportamento não apropriado devendo, portanto, ser evitado, rejeitado ou condenado é uma intenção subjacente ao objetivo principal desta pesquisa, que é investigar sobre a

¹⁰¹ Location is the crossroads of circumstance, the proving ground of "What happened? Who's here? Who's coming?"- and that is the heart's field.

representação da homoafetividade (no conto *Brokeback Mountain*), afinal qual a finalidade social de uma pesquisa que não se ocupe de demandas reais?

Nesta primeira assertiva, aponte para a questão da homoafetividade pensada a partir de atributos considerados como 'masculinos' ou 'femininos', e como essa concepção pode ser insuficiente para representar, de fato, a identidade sexual dos personagens do conto, daí, tal representação ser 'traíçoeira'. A partir da leitura que pode ser feita através das escolhas realizadas pela autora, realizei, nas próximas temáticas, através de uma abordagem indutiva, uma análise da representação da homoafetividade de Ennis e Jack, que ficaria incompleta sem outra abordagem, dessa vez dedutiva, que dá conta da relação entre essas escolhas e o que Halliday e Matthiessen (2004) chamam de potencial de significados da língua. Tais abordagens fundamentam-se no que já foi apresentado em capítulos anteriores no que diz respeito às questões da sexualidade, segundo a Psicanálise freudiana e a Representação Social.

(b) O Outro Desejado: (Des)Encontros

Como vimos no Capítulo 3 (e, também, no item 6.1, pgs. 103-104), o desejo homoafetivo para Freud (1996a, p. 137) pode ser explicado de duas formas. Primeiramente, como uma projeção de características atribuídas ao sexo oposto no objeto desejado – falamos, então, do caráter sexual do desejo –, como percebido através desta realização de Ennis em relação a Jack:

...||and Ennis (*Dizente*), <<not big on endearments (*Atributo: qualidade*),>> **said** (*Processo1 verbal projetante da locução*→) ||what (*Verbi...*) he (*Dizente*) **had said** (*Processo2 verbal*) to his horses and daughters (*Receptor*), little darling (...*agem*)|||... (l. 121-122).

Ennis compara o sentimento pelo companheiro ao que tem por suas filhas (referindo-se à fragilidade delas e necessidade da figura masculina que esta fragilidade requer). Essa projeção de atributos 'femininos' a Jack se repete em outros momentos do conto:

...|||Ennis (*Ator*) **put** (*Processo1 material*) his arm (*Meta*) around Jack (*Circunstância: localização: lugar*), ||**pulled** (*Processo2 material*) him (*Meta*) close (*Circunstância: localização: lugar*), [...]. |||Jack (*Ator*) **slid** (*Processo3*

material) his cold hand (*Meta*) between Ennis's legs (*Circunstância: localização: lugar*)... (l. 207-208),

onde Ennis realiza o papel do protetor e Jack, o de que aceita tal proteção. Ao realizar o último Processo do fragmento acima, Jack concretiza aquilo que seria uma segunda forma de explicar o desejo homoafetivo, na visão freudiana: deixando-se ser abraçado e protegido por Ennis e escorregando sua mão por entre as pernas do companheiro, assume uma atitude considerada passiva, historicamente atribuída à figura feminina. Em passagem anterior do conto, o sentimento desse desejo pelo corpo de Ennis já havia sido representado em "... ||no drawers, no socks (*Fenômeno*), Jack (*Experienciador*) **noticed** (*Processo mental: percepção*)...||" (l. 28).

Que o desejo existe por parte de ambos os personagens não se questiona, mas a maneira como esse desejo é representado é o que torna a argumentação significativa. No fragmento a seguir, a afetividade é associada à atividade sexual – fato que se dá através das escolhas lexicogramaticais feitas pela autora. Trata-se da primeira conversa que eles têm, falando sobre interesses e relembando suas infâncias:

...||Ennis (*Dizente*) **said** (*Processo1 verbal projetante da locução* →) ||the kind of riding [[that **interested** him]] (*Portador*) **lasted** (*Processo2 relacional atributivo circunstancial*) longer than eight seconds (*Atributo: circunstancial*) ||and **had** (*Processo3 relacional atributivo possessivo*) some point (*Atributo de posse: descrição*) to it (*Circunstância: assunto*)... (l. 35-36).

Numa abordagem indutiva, a partir das orações seguintes, parece que o sexo para Ennis é algo distinto do sentimento –

...||**got to his knees** (*Processo1 material*), ||**unbuckled** (*Processo2 material*) his belt (*Meta*), ||**shoved** (*Processo3 material*) his pants (*Meta*) down (*Circunstância: localização: lugar*), ||**hauled** (*Processo4 material*) Jack (*Meta*) onto all fours (*Circunstância: localização: lugar*) ||and, with the help of the clear slick and a little spit (*Circunstância: modo: meio*), **entered** (*Processo5 material*) him (*Meta*)... (l. 59-61)
...||They (*Ator*) **went** (*Processo material*) at it (*Circunstância: localização: lugar*) in silence (*Circunstância: modo: qualidade*) except for a few sharp intakes of breath (*Circunstância: contingência: falta*)... (l. 62-65)
...||Ennis (*Experienciador*) [...] **thought** (*Processo1 mental: cognitive projetante do hiperfenômeno* →) ||he (*Portador*) 'd (*Processo2...*) never **had** (...relacional atributivo possessivo) such a good time (*Atributo de posse: qualidade*), ||**felt** (*Processo3 mental: emotivo projetante do hiperfenômeno* →) ||he (*Ator*) **could paw** (*Processo4 material*) the white (*Meta*) out of the moon (*Circunstância: localização: lugar*)... (l. 38-39) –

em que, durante o ato sexual nada de consciente é percebido, apenas Processos materiais que se referem a atitudes sexuais instintivas, não se percebendo nem a realização de processos verbais. Em contrapartida, no decorrer do conto, percebe-se que o sentimento de Jack em relação à presença (e ao companheirismo de Ennis) traz Processos mentais e materiais, afinal, foi uma relação que se manteve por vinte anos:

Years on years (Circunstância: extensão: duração) they (Ator) worked (Processo1 material) their way (Meta) through the high meadows and mountain drainages (Circunstância: localização: lugar) [...],|but never returning (Processo2 material) to Brokeback (Circunstância: localização: lugar) (l. 201-202).

(c) Resquícios da Homo/Heterossexualidade: Atos Consumidos

Não são poucos os textos clássicos que parecem corroborar a permissão de uma representação da homoafetividade a partir da questão sexual, sob uma dicotomia heteronormatizada de categorias masculinas e femininas, na qual estas últimas estão sempre em posição inferior e vinculadas à ideia de passividade. Como exemplo, trago o *Emílio* (ROUSSEAU, 2004), obra de 1762, que pregava uma educação diferenciada entre meninos e meninas, sendo a finalidade dessas últimas agradar ao homem.

Nesta temática, aponto os resultados da análise do *corpus* que representam a homoafetividade subjugada à imitação de um modelo heteronormativo, no qual a atividade e a passividade vão representar os papéis sociais que os *cowboys* desempenham na relação. Não que estas posições não possam ser questionadas, mas me concentro nas escolhas feitas pela autora para representar essa relação dicotomizada. Deixo para a próxima temática, as discussões que ultrapassam essa dicotomia.

Na primeira conversa que Ennis e Jack têm na montanha, percebemos a relação dos personagens com seus pais e sua infância:

...|talking (Processo comportamental) horses and rodeo, roughstock events, Jack's home ranch [[where his father and mother held on,]] Ennis's family place [[folded years ago |after his folks died]], the older brother in Signal and a married sister in Casper (Circunstância: assunto)... (l. 31-32)

... |||Jack (*Dizente*) **said** (*Processo1 verbal projetante da locução →*)|| his father (*Portador*) **had been** (*Processo2 relacional atributivo intensivo*) a pretty well-known bullrider (*Atributo: descrição*) years back (*Circunstância do Processo2: localização: tempo*) ||but **kept** (*Processo 3 material*) his secrets (*Escopo*) to himself (*Circunstância: localização: lugar*), ||never **gave** (*Processo4 material*) Jack (*Recebedor*) a word of advice (*Escopo*), ||never **came** (*Processo5 material*) once (*Circunstância do Processo 5: extensão: frequência*) ||**to see** (*Processo6 mental: percepção*) [[Jack **ride**,]] ||though he (*Ator*) **had put** (*Processo7 material*) him (*Meta*) on the woolies (*Circunstância do processo7: localização: lugar*) ||when (*Circunstância do Processo8: duração: tempo*) he (*Portador*) **was** (*Processo8 relacional atributivo intensivo*) a little kid (*Atributo: descrição*)... (l. 32-35)

A relação entre Jack e o pai vai se distanciando com o tempo, mesmo havendo uma identificação do filho com a figura do pai. Freud (1996a, p. 216) diz que a afeição pelos pais são vestígios reavivados na puberdade para a escolha do objeto de desejo. Da mesma forma, essa afeição estabelece, entre filho e pai, um vínculo que busca superar o complexo da castração da infância, que é o momento em que o filho enxerga a ausência do falo da mãe e receia vir a perder o seu próprio falo.

Neste momento, o pai torna-se espelho e segurança, ao mesmo tempo: segurança por saber que ele pode evitar a castração; e espelho porque, para tal, ele precisa reforçar os atributos identificados na paternidade/masculinidade. Parece que Jack, neste relato, reconhece uma não-motivação por parte do pai no que diz respeito à sua intenção de seguir seus passos de peão, uma finalidade não alcançada; ou, utilizando-me da Psicanálise freudiana, um recalque se estabelece uma vez que essa pulsão não é satisfeita. E isso acontecendo, a constituição identitária de Jack, no que diz respeito à sexualidade, pode ser influenciada por fatores externos que tragam compensações a essa falta.

Outro ponto, na perspectiva da relação com o pai, é a elaboração das estruturas linguísticas. No momento em que o pai é inserido na conversa, as estruturas passam de Circunstância realizada por grupos nominais para orações, mostrando uma tendência de utilizar mais recursos linguísticos para explicar aquilo que não se tem familiaridade. Entra, aqui, o processo de objetivação das representações sociais¹⁰², na constituição da representação da masculinidade,

¹⁰² A noção de representação da GSF não invalida a noção de representação social (Moscovi, 2009), o intuito é reforçar a questão, pois a primeira representação parte da língua enquanto a segunda se ancora no social, e tem a Psicanálise como fonte de explicação para a sua constituição – sobretudo no que diz respeito ao processo de objetivação.

construída a partir da figura paterna. Para Jack, seria a reprodução do modelo de vida do pai – já que este ainda é vivo.

Se formos analisar a relação de Ennis com o pai, esta é ainda mais grave, pois não só se desfaz muito cedo, pela perda deste, como também traz simultaneamente uma referência de masculinidade como repressão de qualquer desejo que fuja a ‘norma’ heterossexual. A homoafetividade surge, então, em Ennis como “resultado lógico” do processo de objetivação que faz da experiência sentida aquilo que define o que poderia ser concebido de outra forma (MOSCOVICI, 2009, p. 74). Este processo, no qual a representação social da homoafetividade de Ennis del Mar se evidencia, é registrado no primeiro reencontro após *Brokeback Mountain*, quando o personagem relata que

...|||“There **was** (*Processo1 existencial*) these two old guys [[**ranch**ed together down home, Earl and Rich]] (*Existente*) – ||Dad (*Dizente*) **would pass** (*Processo2 verbal*) a remark (*Verbiagem*) ||when (*Circunstância do Processo3: localização: tempo*) he (*Experienciador*) **seen** (*Processo3 mental: percepção*) them (*Fenômeno*). |||They (*Portador*) **was** (*Processo4 relacional atributivo intensivo*) a joke (*Atributo: descrição*) ||even though they (*Portador*) **was** (*Processo5 relacional atributivo intensivo*) pretty tough old birds. (*Atributo: descrição*) |||| (*Portador*) **was** (*Processo6 relacional atributivo intensivo*) what, nine years old (*Atributo: descrição*) ||and they (*Ator*) **found** (*Processo7 material*) Earl (*Meta*) dead (*Atributo*) in a irrigation ditch (*Circunstância do Processo7: localização: lugar*). |||They (*Ator*) **'d took** (*Processo8 material*) a tire iron (*Meta*) to him (*Recebedor*), ||**spurred** (*Processo9...*) him (*Meta*) **up** (...*material*), ||**drug** (*Processo10...*) him (*Meta*) **around** (...*material*) by his dick (*Circunstância do Processo10: modo: meio*) ||until it (*Ator*) **pulled off** (*Processo11 material*) [...] |||“Dad (*Experienciador*) **made sure** (*Processo12 mental projetante de hiperfenômeno →*) || (*Experienciador*) **seen** (*Processo13 mental: percepção*) it (*Fenômeno*). [...] |||Me and K.E. (*Comportante*) **laughed** (*Processo14 comportamental*) about it (*Circunstância: assunto*)... (l. 167-175).

Os Processos realizados indicam a constituição dessa representação. Em primeiro lugar, através dos tipos de Processo realizados, pode-se induzir estruturas representacionais. Por exemplo, o Processo existencial parece justificar a constante recusa por parte de Ennis de uma vida a dois, proposta várias vezes por Jack. Também, a grande ocorrência de Processos materiais parece colocar uma relação homoafetiva como algo que precisa ser extirpado do convívio social através de ações. Neste sentido, parece-me que a representação da loucura apontada por Jodelet (2005) parece tomar forma na representação social da homoafetividade desenvolvida pela autora do conto. O tipo de violência sofrida por Earl não se diferencia da que se impunha sobre os fora-da-lei, na ausência de uma instituição

policial. Por fim, os Processos relacionais, mentais e comportamental colocam Ennis na posição de quem compactua com tal atitude.

Em segundo lugar, pode-se deduzir que a homoafetividade é representada como algo ‘proibido’, ‘errado’, que merece ser corrigido ou, no pior dos casos, punido. Tais construções acabam por gerar homofobia, tanto no sentido de construir representações ‘antinaturais’ da homoafetividade – e aqui falo de representações sociais –, quanto no que se denomina homofobia internalizada (MEYER; DEAN, 1998, p. 173-175), e que tende a funcionar como mecanismos de opressão da sexualidade, em especial as suas manifestações que fogem ao que é considerado ‘normal’: no caso, a homoafetividade. Sobre esta questão Freud (1996a, p. 212) diz que a angústia gerada a partir da libido não satisfeita no adulto torna-o criança ao “sentir medo tão logo fi[que] sozinho, ou seja, sem uma pessoa de cujo amor se acredite seguro”; como se verifica na fala de Ennis referindo-se ao pai, caso este soubesse da relação entre eles:

...|||If he (Portador) **was** (Processo1 relacional atributivo intensivo) alive (Atributo: qualidade) ||and **was to put** (Processo2 material) his head (Meta) in that door (Circunstância: localização: lugar) right now (Circunstância: localização: tempo) ||you (Experienciador) **bet** (Processo3 mental: cognição projetante do hiperfenômeno →) ||he (Ator) **'d go get** (Processo4 material) his tire iron (Meta)... (l. 176-177)
...|||There's (Processo1 existencial) no reins (Existente) on this one (Circunstância: localização: lugar). |||It (Experienciador) **scares** (Processo2 mental: emotivo) the piss out of me (Fenômeno).”|||... (l. 159).

O Processo mental exige um Participante humano ou com características humanas para ser realizado. O Pronome “it” vai referir-se, então, à ação consciente na relação, ao agenciamento que resulta no medo oriundo de uma experiência (trauma) de infância, alicerçado pela representação social da homoafetividade na época e na região de Wyoming, onde se passa o conto. No que diz respeito à Representação Social, segundo Moscovici (2009), os processos de inclusão e exclusão – e suas relações com a cultura – podem ser percebidos em:

...|||“It (Ator) **don't happen** (Processo2 material) in Wyomin (Circunstância do Processo2: localização: lugar) ||and if it (Ator) **does** (Processo3 material) ||I (Experienciador) **don't know** (Processo4 mental: cognição projetante do hiperfenômeno →) ||what (Meta) they (Ator) **do** (Processo5 material), ||maybe **go** (Processo6 material) to Denver (Circunstância do Processo6: localização: lugar)”, (Verbiagem) ||**said** (Processo1 verbal projetante da locução contida na citação precedente) Jack (Dizente),... (l. 184-185).

As posições de Ennis e Jack alternam-se, o que dificulta perceber uma representação sólida e consistente da homoafetividade no conto. Ao falar sobre sua identidade sexual, Jack diz que “não dá a mínima”, além de incentivar uma vida a dois, ou seja, os Processos relacionais expressam aquele desejo do casamento, de uma vida a dois – que geralmente, se atribui à figura feminina. Então, ao mesmo tempo em que se posiciona num modelo de ruptura das normas (não dar importância a como se manifesta sua sexualidade) ele se compromete com um sistema heteronormativo, que preza pela instituição ‘casamento’:

...||“and I (Experienciador) **don’t give** (Processo1 mental: emotivo) a flyin fuck (Escopo).[...] |||This (Portador) **ain’t** (Processo2 relacional atributivo intensivo) no little thing [[that’s **happenin** here.”]] (Atributo: qualidade) |||... (l. 185-186)

...||if you and me (Portador) **had** (Processo1 relacional atributivo possessivo) a little ranch together, little cow and calf operation, your horses, (Atributo de posse) ||it (Portador) **’d be** (Processo2 relacional atributivo intensivo) some sweet life (Atributo: qualidade). [...] |||I (Experienciador do Processo3/Portador do Processo4) **got** (Processo3...) it (Fenômeno) **figured** (...mental: cognição), ||**got** (Processo4 relacional atributivo possessivo) this plan (Atributo de posse), Ennis, ||how (Circunstância do Processo5: modo: meio) we (Ator) **can do** (Processo5 material) it (Meta),... (l. 161-163).

Já Ennis se posiciona contra essa possibilidade, sem uma visão otimista para essa condição:

...|||It (Portador) **ain’t goin a be** (Processo1 relacional atributivo circunstancial) that way (Atributo circunstancial). |||We (Portador) **can’t**¹⁰³ (Processo2 relacional atributivo possessivo). |||I (Portador) **’m** (Processo3 relacional atributivo intensivo) stuck (Atributo: qualidade) with [what I **got,**] (Circunstância do Processo3: acompanhamento: comitativo) ||**caught** (Processo4 material) in my own loop (Circunstância do Processo4: localização: lugar). |||**Can’t get out** (Processo5 material) of it (Circunstância do Processo5: localização: lugar). Jack, ||I (Portador) **don’t want a be** (Processo6 relacional atributivo circunstancial) like them guys [[you **see** around sometimes.]] (Atributo circunstancial) |||And I (Portador) **don’t want a be** (Processo7 relacional atributivo intensivo) dead (Atributo: qualidade)... (l. 165-167)

...|||Two guys¹⁰⁴ (Ator) ? |||No. |||All [[I **can see**]] (Identificador) **is** (Processo relacional identificativo intensivo) [[we **get together** once in a while way the hell out in the back of nowhere]]” (Identificador)... (l. 177-178)

...||“I (Experienciador) **doubt** (Processo2 mental: cognitivo projetante do hiperfenômeno →) ||there’s (Processo3 existencial) nothing (Exist...) now (Circunstância do Processo3: localização: tempo) [[we **can do,**”]] (...ente)

¹⁰³ Refere-se à proposta de Jack de terem um pequeno rancho, no fragmento analisado anteriormente.

¹⁰⁴ Processo recuperado exoforicamente: “living together”.

||**said** (*Processo1 verbal projetante da locução contida na citação precedente*) Ennis (*Dizente*). [...] ||You and me (*Portador*) **can't** hardly **be** (*Processo4 relacional atributivo intensivo*) decent (*Atributo: qualidade*) together (*Circunstância do Processo4: acompanhamento: comitativo*) || [[if what **happened** back there"]] <<- he (*Ator*) **jerked** (*Processo7 material*) his head (*Meta*) in the direction of the apartment (*Circunstância do Processo7: localização: lugar*) ->> "**grabs on** (*Processo6 material*) us (*Meta*) like that (*Circunstância do Processo6: modo: comparação*). |||We (*Ator*) **do** (*Processo8 material*) that (*Meta*) in the wrong place (*Circunstância do Processo8: localização: lugar*) ||we (*Portador*) **'ll be** (*Processo9 relacional atributivo intensivo*) dead (*Atributo: qualidade*)... (l. 154-159).

Seja qual for o contexto acional no conto, a representação da homoafetividade se constitui como a negação de uma identidade homoafetiva. Isto fica óbvio tanto na fala de Ennis que intitula esta dissertação (e corroborada por Jack), quanto em outra fala, anos mais tarde (quando ele nega sua homoafetividade, dizendo que gosta de sexo com mulheres, também, apelando, inclusive, para o fato de ambos serem casados):

...|||They (*Ator*) never **talked** (*Processo1 comportamental*) about the sex (*Circunstância: assunto*), [...] ||except once (*Circunstância: extensão: frequência*) Ennis (*Dizente*) **said** (*Processo2 verbal projetante da locução* →), ||"I (*Portador*) **'m not** (*Processo3 relacional atributivo intensivo*) no queer (*Atributo: descrição*)," ||and Jack (*Ator*) **jumped in** (*Processo4 material*) with ["Me neither. |||A one-shot thing. |||Nobody's business ||but ours."] (*Circunstância: modo: meio*) |||... (l. 68-72)

A negação se confirma nos processos relacionais elididos, ao não pressupor uma representação explícita do que está sendo vivido pelos cowboys. É fato que ambos se casaram e tiveram filhos. Isso tende a associar a visão da homoafetividade mais ainda à questão de homossexualidade, no sentido de pensar que se trata apenas do desejo físico – no conto acontece uma ou duas vezes por ano. Inclusive, o próprio desejo sexual de Ennis para com sua esposa direciona-se para um sexo 'antinatural' (conforme exposto no Capítulo 2), pois não era o tipo de sexo que gerava filhos:

...||**slipping** (*Processo1 material*) his hand (*Meta*) up her blouse sleeve (*Circunstância do Processo1: localização: lugar*) ||and **stirring** (*Processo2 material*) the silky armpit hair (*Meta*), ||then **easing** (*Processo3 material*) her (*Meta*) down (*Circunstância do Processo3: localização: lugar*), ||fingers (*Ator*) **moving** (*Processo4 material*) up her ribs to jelly breast, over the round belly and knee and up into the wet gap all the way to the north pole or equator (*Circunstância: localização: lugar*) depending which way [[you

thought ||you **were sailing**,] (Circunstância: modo: meio) ||**working** (Processo5 material) at it (Circunstância do Processo5: localização: lugar) ||until she (Comportante) **shuddered** (Processo6 comportamental) ||and **bucked** (Processo7 material) against his hand (Circunstância do Processo7: localização: lugar) ||and he (Ator) **rolled** (Processo8 material) her (Meta) over (Circunstância do Processo8: localização: lugar), ||**did** (Processo9 material) quickly (Circunstância do Processo9: modo: qualidade) ||what (Fenômeno) she (Experienciador) **hated** (Processo10 mental: emoção)... (l. 95-100)

...|||And under that (Circunstância: assunto), thought¹⁰⁵ (Processo1 mental projetante do hiperfenômeno →), ||anyway, [[what you **like to do**]] (Ator) **don't make** (Processo2 material) too many babies (Meta)... (l. 192-193).

Como vimos, o fato de serem homoafetivos não exclui a possibilidade dos amantes se casarem e terem filhos – o que por si, já problematiza não apenas a questão da homoafetividade em si, mas de toda sexualidade dos cowboys – o que nos leva a entender a complexidade em relação à identidade sexual apontada por Freud (1996a). Na relação entre Ennis e Alma, a presença de Processos materiais para o esposo e nenhum para a esposa já identifica o tipo de ‘autonomia’ e ‘liberdade’ atribuídos à figura feminina, ou seja, o ‘macho’ realiza (e não a ‘fêmea’).

Por fim e sem dúvida uma das passagens mais significativas do conto, no que diz respeito à representação da homoafetividade como um processo que, além de imitar os papéis sexuais heteronormatizados, imprime neste tipo de relação um viés estritamente sexual, é a descrição do primeiro ato sexual entre os *cowboys* – e também a única em todo o conto.

Como verificado anteriormente, é visível a rejeição de Ennis em assumir a posição de passivo, mas não a condição de homoafetivo, pois as pulsões estão sendo satisfeitas; o que está em jogo são as relações de poder que se constituem neste ato (oração sublinhada). A iniciativa de Jack em trazer a mão de Ennis até seu pênis não o limita à questão de atividade ou passividade, de dominação ou submissão, mas do contato com a genitália masculina: o falo, que, por sua vez, é o centro da discussão Psicanalítica freudiana. Ennis, ao expressar rejeição inicial e depois deslocar sua satisfação enquanto ‘ativo’ – papel sexual heteronormatizado –, é quem acentua a representação social da homoafetividade a partir de um sistema dicotômico já construído:

¹⁰⁵ Alma é o Experienciador elidido neste Processo.

...||when (*Circunstância: localização: tempo*) Jack (*Ator*) **seized** (*Processo1 material*) his¹⁰⁶ left hand (*Meta*) ||and **brought** (*Processo2 material*) it (*Meta*) to his erect cock (*Circunstância do Processo2: localização: lugar*). ||Ennis (*Ator*) **jerked** (*Processo3 material*) his hand (*Meta*) away (*Circunstância do Processo3: localização: lugar*) ||as though he (*Experienciador*) 'd **touched** (*Processo4 mental: perceptivo*) fire (*Fenômeno*), ||**got** (*Processo5 material*) to his knees (*Escopo*), ||**unbuckled** (*Processo6 material*) his belt (*Meta*), ||**shoved** (*Processo7 material*) his pants (*Meta*) down (*Circunstância do Processo7: localização: lugar*), ||**hauled** (*Processo8 material*) Jack (*Meta*) onto all fours (*Circunstância do Processo8: modo: meio*) ||and, with the help of the clear slick and a little spit, (*Circunstância do Processo9: modo: meio*) **entered** (*Processo9 material*) him (*Meta*), ||nothing [[he'd done before]] (*Atributo: descrição*) ||but no instruction manual (*Meta*) **needed** (*Processo10 material*)... (l. 57-62).

Os Processos matérias realizados por Ennis são diferentes daqueles realizados por Jack. Este último personagem parece permitir que o primeiro desempenhe o papel de ativo; não se trata, portanto, de algo que aconteça aleatoriamente, mas que se constrói identitariamente e conscientemente. De um lado, constata-se, então, uma representação da homoafetividade a partir de uma visão heteronormatizada, parecendo associar tal expressão de sexualidade humana a algo impróprio a essa condição de humanidade, pois se opõe àquilo que faz parte da construção social do masculino e do feminino; ou seja, uma representação da homoafetividade pensada na dicotomia masculino/feminino e não numa outra dimensão da masculinidade, visto que se tratam de dois *cowboys*. De outro, questiona-se essa mesma dicotomia ao permitir o trânsito de seus atributos na representação da homoafetividade masculina, fato a ser desenvolvido na última temática e que coloca em xeque uma relação entre duas pessoas do mesmo sexo biológico¹⁰⁷ apenas em função deste sexo, o que torna inadequada, a expressão homossexual, pelo sentido adquirido ao longo dos tempos.

(d) Homoafetividade: Ato Consumado?

A representação do que é vivido por Ennis e Jack ultrapassa a dimensão física e sexual desta relação e problematiza alguns padrões comportamentais que foram considerados 'normais', como vimos no Capítulo 1, no que tange a história da homoafetividade no Ocidente. Por esse motivo, se dá a escolha deste termo que

¹⁰⁶ His = Ennis's (a mão de Ennis).

¹⁰⁷ Não levo em consideração, aqui, a problematização que Judith Butler (2003) levanta em relação à questão da falibilidade genética para determinação do sexo, através de estudos que apontam homens com genótipo XX.

defendo não apenas nesta dissertação mas também ao referir-me a qualquer expressão da condição afetiva entre pessoas do mesmo sexo biológico.

Essa escolha, contudo, constitui-se, igualmente, numa representação, que é um tema antigo, e acaba por traduzir-se numa “teoria da linguagem” quando pensamos na pergunta que Poli (2007, p. 25) lança sobre essa questão: “as palavras seriam meros nomes delegados aos objetos ou já seriam outra coisa”? Foi para fugir das explicações que se fundamentam em pressupostos materialistas (os nomes derivam das coisas) ou em pressupostos essencialistas (os nomes foram atribuídos às coisas) que recorreremos à Psicanálise freudiana, na qual a realidade psíquica é relativamente independente dos fatos materiais, ou seja,

na escuta clínica cotidiana, não se espera que os enunciados produzidos pelos pacientes correspondam a fatos verídicos para que eles sejam considerados verdadeiros. A realidade psíquica pode não corresponder aos dados empíricos e nem por isso deixa de produzir efeitos de verdade (POLI, 2007, p. 26).

Sobre esta questão, indiquei, no Capítulo 3 (subseção 3.1.1), o caso do Pequeno Hans e seu medo por cavalos. Nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (FREUD, 1996a) verifica-se um “fundamento para as representações psíquicas que não fosse derivado nem das identificações, nem das fantasias, e que pudesse dar conta dessas manifestações do inconsciente” (POLI, 2007, p. 30).

Sobre o feminino e o masculino, Freud (1996a, p. 207-210) diz que ambos supõem uma operação psíquica que não está determinada por completo pelo desenvolvimento psicossocial, e que tal incompletude se dá pela ideia da castração. Conforme apresentado na instância temática anterior, ao perceber a falta do falo (sobretudo) na mãe, o menino fragiliza-se com a possível perda do seu próprio falo e tende a identificar-se com o pai, o que implica numa passividade ao submeter-se às representações fálicas. Isso não o faz confundir-se com a posição da menina, que já tem reconhecida essa ausência.

A castração, assim, feminiliza homens e mulheres, e desnaturaliza o corpo ao fazer incidir sobre ele a função significante¹⁰⁸. Assim, falo e castração são termos correlatos (1996a), onde “a castração é a inscrição da falta que é significada pelo falo” (POLI, 2007, p. 37) na compreensão do masculino e do feminino. É neste

¹⁰⁸ Ressalto que é de Lacan a utilização do termo significante; para uma apropriação da terminologia freudiana, leia-se “simbólica”.

campo das possibilidades do constituir-se homoafetivo, sem estereótipos aprioristicamente determinados por questões biológicas ou convenções sociais que encerro esta etapa de análise, a partir de espaços que a própria autora estabelece através de suas escolhas lexicogramaticais.

Logo no início do conto, na descida da montanha *Brokeback*, a autora nos apresenta um conflito originado pelas experiências vividas durante o pastoreio através dos Atributos “*mixed*” (confuso) e “*in a slow motion...fall*” (queda em câmera lenta) e da Circunstância de modo (qualidade) “*in a disquieting way*” (de maneira desconcertante):

... In a disquieting way (*Circunstância: modo: qualidade*) everything (*Portador*) **seemed** (*Processo relacional atributivo intensivo*) mixed (*Atributo: qualidade*)... (l. 77-78)

... As they (*Ator*) **descended** (*Processo1 material*) the slope (*Escopo*) ||Ennis (*Experienciador*) **felt** (*Processo2 mental: perceptivo projetante do hiperfenômeno* →) ||he (*Portador*) **was** (*Processo3 relacional atributivo circunstancial*) in a slow-motion, but headlong, irreversible fall (*Atributo circunstancial*)... (l. 82-83).

Esse desconforto se justifica pela visibilidade que a relação pode adquirir no meio social. Era como se a montanha *Brokeback* os protegesse, os deixasse à margem, conforme eles imaginavam: “...They (*Experienciador*) **believed** (*Processo mental: cognitivo*) themselves (*Fenômeno*) invisible (*Atributo: qualidade*)...” (l. 75).

O nível de cumplicidade (quando Ennis sentia uma felicidade nunca experimentada) que existia entre Ennis e Jack também superava qualquer pressuposição de que essa relação homoafetiva se desse apenas em nível sexual, como demonstra o respeito que nascia dessa cumplicidade, realizado através do Processo relacional:

...They (*Portador*) **were** (*Processo1 relacional atributivo intensivo*) respectful (*Atributo: qualidade*) of each other's opinions (*Circunstância: assunto*), ||each (*Portador*) glad [[**to have** a companion ||where none **had been expected**]] (*Atributo: qualidade*).

Poli (2007, p. 18) afirma que a Psicanálise (sobretudo com Freud) tem a “serventia de desvincular a identidade sexual de um único viés anatômico e aproximá-la à enunciação do desejo”. Como apresentado no Capítulo 2, Freud (1996a, p. 207-208) entende o “masculino” e o “feminino” sob três perspectivas: a biológica, a sociocultural e, ainda, como sinônimo de atividade/passividade,

respectivamente. Sendo os dois primeiros critérios questionáveis e relativos quando analisados à miúdo, resta ao interesse da Psicanálise a questão da atividade e da passividade, que representa a bissexualidade constitucional dos indivíduos.

Sendo a libido satisfação pulsional, ela só pode ser ativa por tratar-se de um esforço de busca nos objetos (que, para Freud, não se tratam de coisas do mundo exterior, mas da representação psíquica desses objetos). Mesmo se pensarmos na situação de nos fazermos objeto, essa passividade é ativamente produzida. Ao explicar a teoria da bissexualidade, Freud (1996a) desestabiliza aquilo que fora, anteriormente, representado como masculino ou feminino. Nesse sentido, não é o papel desempenhado no ato sexual que determina masculinidade ou feminilidade. Por exemplo, a expectativa pelo reencontro, após quatro anos sem notícias, deixa Ennis numa situação de pura tensão, como se observa em:

...Ennis (*Experienciador*), <<**wearing** (*Processo1 material*) his best shirt, white with wide black stripes (*Meta*)>>, **didn't know** (*Processo2 mental: cognitivo projetante do hiperfenômeno* →) ||what time (*Circunstância: localização: tempo*) Jack (*Ator*) **would get** (*Processo3 material*) there (*Circunstância: localização: lugar*) ||and so **had taken** (*Processo4 mate...*) the day (*Meta*) **off** (*...terial*), ||**paced** (*Processo5 material*) back and forth (*Circunstância: localização: lugar*)... (l. 108-109)
...and he (*Experienciador*) **saw** (*Processo1 mental: perceptivo projetante do hiperfenômeno* →) [[Jack (*Ator*) **get out** (*Processo2 material*) of the truck (*Circunstância: localização: lugar*)]]. [...] |||A hot jolt (*Ator*) **scalded** (*Processo3 material*) Ennis (*Meta*)||and he (*Portador*) **was** (*Processo4 relacional atributivo circunstancial*) out on the landing (*Atributo circunstancial*) ||**pulling** (*Processo5 material*) the door (*Meta*) closed (*Atributo*) behind him (*Circunstância: localização: lugar*)... (l. 112-113).

A posição de Ennis como Meta nesta realização demonstra que a expectativa de reencontrar Jack é um desejo latente que altera todo o seu comportamento: do físico (andar de um lado para o outro) ao emocional (foi tomado por um abalo quente). O encontro, para ambos, foi plena satisfação pulsional, conforme podemos observar através dos Processos materiais realizados e da Meta do primeiro Processo, que se refere a ambos:

...They (*Ator*) **seized** (*Processo1 material*) each other (*Meta*) by the shoulders (*Circunstância: localização: lugar*), ||**hugged** (*Processo2 material*) mightily (*Circunstância: modo: qualiadde*), ||**squeezing** (*Processo3 material*) the breath (*Meta*) out of each other (*Circunstância: localização: lugar*), ||**saying** (*Processo4 verbal*), son of a bitch, son of a bitch, (*Verbiagem*) ||then, and easily [[as the right key **turns** the lock tumblers]], (*Circunstância do Processo6: modo: qualidade*) their mouths (*Ator*) **came** (*Processo5 material*) together (*Circunstância: acompanhamento*):

comitativo), and hard (*Circunstância: modo: qualidade*), ||Jack's big teeth (*Ator*) **bringing** (*Processo6 material*) blood (*Escopo*), ||his hat (*Ator*) **falling** (*Processo7 material*) to the floor (*Circunstância: localização: lugar*), ||stubble (*Ator*) **rasping** (*Processo8 material*), ||wet saliva (*Ator*) **welling** (*Processo9 material*)... (l. 114-118).

Que a satisfação não está vinculada apenas à questão sexual fica claro em três momentos distintos da fala de Ennis: (a) quando ele expressa desejo pelo sexo com homens e mulheres, mas ressalta o que sente com Jack; (b) quando ele expõe a falta que sentiu de Jack, mesmo no dia da despedida na montanha *Brokeback*; e (c) quando expressa ciúme com a possibilidade de saber das aventuras de Jack.

Procedo, agora, a análise de cada um dos casos acima, isoladamente. No primeiro momento (a), a bissexualidade de Ennis não é uma negação à sua homoafetividade. Pelo contrário, as duas manifestações de sua sexualidade coexistem e são representadas através de um Processo material que coloca Ennis como Ator da ação (*Processo1*), e por um Processo existencial, que confirma a representação de sua identidade sexual (*Processo2*). A ênfase não deve ser justificada apenas pela questão do sexo, pois, logo em seguida, fica claro que o desejo de Ennis não é pelo sexo em si, mas por Jack – que, no caso, tem o mesmo sexo biológico que o seu, como vemos através da passagem dos Processos materiais ao Processo mental “*thinkin about you*” (pensando em você). Ou seja, o ato de Ennis masturbar-se representa uma satisfação física, mas que não era realizada através de nenhuma outra figura masculina, senão o próprio Jack:

...I (*Ator*) **like doin** (*Processo1 material*) it (*Meta*) with women (*Circunstância: acompanhamento: comitativo*), ||yeah, but Jesus H., **ain't** (*Processo2 existencial*) nothing (*Existente*) like this (*Circunstância: modo: comparação*). ||I (*Portador*) never **had** (*Processo3 relacional atributivo possessivo*) no thoughts [[a **doin** it with another guy]] (*Atributo de posse*) || except I (*Ator*) sure **wrang** (*Processo4...*) it (*Meta*) **out** (...*material*) a hundred times (*Circunstância: extensão: frequência*) ||**thinkin about** (*Processo5 mental: cognitivo*) you (*Fenômeno*)... (l. 143-145).

Os Processos relacional e mental também confirmam que o desejo por Jack ultrapassa a dimensão do sexo em si, ao estabelecer uma ação consciente, refletida na pessoa de Jack, e não no objeto masculino que Jack representa.

No segundo momento (b), esse desejo, que começou na montanha *Brokeback*, manifestou-se como mal físico e, só aos poucos, foi compreendido por

Ennis. Em dois fragmentos do conto, encontram-se representações sintomáticas, como aquelas do Pequeno Hans (FREUD, 1999); quando se despedem na montanha, após o pastoreio e no primeiro reencontro, respectivamente.

...and they (Ator) **shook** (Processo1 material) hands (Meta), ||**hit** (Processo2 material) each other (Meta) on the shoulder (Circunstância: localização: lugar), ||then there **was** (Processo3 existencial) forty feet of distance between them (Existente) ||and nothing **[[to do]]** (Existente de Processo4 elidido) ||but **drive** (Processo5 material) away in opposite directions (Circunstância do Processo5: localização: lugar). |||Within a mile (Circunstância do Processo6: extensão: distância) Ennis (Experenciador) **felt** (Processo6 mental: perceptivo) **[[like someone was pulling his guts out hand over hand a yard at time.]]** |||He (Ator) **stopped** (Processo7 material) at the side of the road (Circunstância do Processo7: localização: lugar) ||and, in the whirling new snow (Circunstância do Processo8: localização: lugar), **tried to puke** (Processo8 material) ||but nothing (Ator) **came up** (Processo9 material). |||He (Portador) **felt** (Processo10 relacional atributivo intensivo) about as bad **[[as he ever had]]** (Atributo: descrição) ||and it (Portador) **took** (Processo11 relacional atributivo circunstancial) a long time for the feeling **[[to wear off]]** (Atributo circunstancial)... (l. 85-90)

...**Took** (Processo material) me (Meta) about a year (Circunstância: extensão: duração) **[[a figure out ||it was ||that I shouldn't a let you out a my sights]]** (Ator)... (l. 150-151).

O desejo de Ennis estar próximo de Jack – enquanto figura masculina – contradiz a auto-suficiência da qual aquele personagem parece ser portador e que, igualmente, parece não ser alimentada na relação com a esposa. Sobre essa questão, os exemplos dos tipos de Processo realizados por Alma, no início deste capítulo, confirmam um casamento infeliz: o tipo de sexo não reprodutivo, o carinho que ela tinha visto no primeiro reencontro dos dois, a falta de interesse sexual de Jack, os longos passeios realizados com Jack sem nunca ter saído com ela e as filhas levaram ao divórcio e a Alma a buscar outro companheiro.

No terceiro momento (c), observa-se que, se por um lado Ennis não se importava muito com a esposa, com relação a Jack, esse cuidado era tão manifesto que parecia chegar ao limite do ciúme, com dupla função: não perder o objeto desejado e impor poder, o que associa esse sentimento à atividade como elemento sociopolítico e não biológico:

...“You (Portador) **been** (Processo1 relacional atributivo circunstancial) a Mexico (Atributo circunstancial), Jack?” |||Mexico (Identificado) **was** (Processo2 relacional identificativo intensivo) the place (Identificador). |||He (Experenciador) **'d heard** (Processo3 mental: perceptivo)... (l. 218)
... “I (Dizente) **got a say** (Processo1 verbal) this (Verbiagem) to you (Receptor) one time (Circunstância: extensão: frequência), Jack, ||and I

(*Ator*) **ain't foolin** (*Processo2 material*). |||What (*Fenômeno do Processo2*) I (*Experienciador*) **don't know** (*Processo2 mental: cognitivo*),” ||said (*Processo3 verbal*) Ennis (*Dizente*), [[“all them things I **don't know**]] (*Inicador*) **could get** (*Processo4...*) you (*Meta*) **killed** (*...material*) ||if I (*Experienciador*) **should come to know** (*Processo5 mental: cognitivo*) them (*Fenômeno*)”... (l. 220-222).

No Processo 5 (*should come to know*), o conhecimento sobre as ações de Jack parece dotar Ennis de um poder sobre seu companheiro, que se realiza através de um processo causativo. Dessa forma, esse controle funciona como uma forma de reafirmar sua atividade e não sua masculinidade, como demonstra a teoria da bissexualidade de Freud (1996a).

Sobre a questão do ciúme – bem como outras neuroses –, Freud (1996a, p. 216) diz que nunca faltam razões para encontrar raízes na infância: pode advir de um casamento infeliz, de desavenças do casal ou da falta de referência de um casamento feliz, como no caso de Ennis que perdeu os pais cedo. Jack, por sua vez, pouco cobrava de Ennis, limitando-se às propostas de uma vida a dois. Quando questionado, certa vez, sobre o que fazer com uma relação com encontros anuais, ele disse que já havia proposto uma solução para isso:

...You (*Portador*) **got** (*Processo1 relacional atributivo possessivo*) a better idea (*Atributo de posse*)?”
 “I (*Portador*) **did** (*Processo2 relacional atributivo possessivo*) once (*Circunstância: extensão: frequência*).”|||The tone (*Portador*) **was** (*Processo3 relacional atributivo intensivo*) bitter and accusatory (*Atributo: qualidade*)... (l. 215-216).

Os três Processos relacionais parecem estabelecer um limite de tempo irrecuperável, que já consolidou a impossibilidade da relação, representando a homoafetividade como algo que não se consuma na permanência, mas apenas na temporariedade. Em outro fragmento, a representação da homoafetividade como algo temporário e não permanente é retomada com a ideia de que “o tempo nunca era suficiente”:

...One thing (*Ator*) never **changed**: (*Processo1 material*) ||the brilliant charge of their infrequent couplings (*Meta*) **was darkened** (*Processo2 material*) by the sense [[of time **flying**]] (*Ator*), ||never enough time, never enough (*Existente*)... (l. 211-213).

É uma temporariedade que se constitui conscientemente, como que mantendo a posição estabelecida; não se questiona, não se problematiza com

receio de ameaçar as estruturas dessa representação, ou seja, a representação social da homoafetividade como identidade fixa contradiz tudo que vimos até agora sobre a sexualidade humana:

...they (Ator) **torqued** (Processo1 material) things (Meta) almost to [where they **had been**] (Circunstância: localização: lugar), ||for [[what they'd said]] **was** (Processo2 relacional atributivo intensivo) no News (Atributo: descrição). |||Nothing (Meta) **ended** (Processo3 material), ||nothing (Meta) **begun** (Processo4 material), ||nothing (Meta) **resolved** (Processo6 material)... (l. 234-235).

As lembranças, entretanto, exercem uma função positiva na representação da homoafetividade em *Brokeback Mountain*, mostrando-a como algo que ultrapassa o limite da dicotomia homem-masculino/mulher-feminino, ainda que certos rastros dessa dicotomia não estejam, de todo, apagados. Por exemplo:

...[[What Jack **remembered** ||and **craved** in a way [[he could neither **help** ||nor **understand**]] (Identificado) **was** (Processo1 relacional identificativo intensivo) the time that distant summer on Brokeback [[when Ennis **had come up** behind him ||and **pulled** him close]] (Identificador), ||the silent embrace (Ator) **satisfying** (Processo2 material) some shared and sexless hunger (Meta)... (l. 236-239).

Ennis rejeita o abraço de frente com Jack, pois o objeto desejado não representa o oposto da masculinidade: os traços masculinos do amado podem ameaçar a posição de atividade do amante e, como forma de proteção, mantem-se o abraço sempre por trás – a forma mais ‘normal’ de manter a relação de atividade/passividade como proteção à passividade, “como uma produção secundária da libido, resultado da flexibilidade no percurso pulsional” (POLI, 2007, p. 32).

A realização lexicogramatical dessa representação constitui-se de várias orações sub-hierarquizadas, levando-me a entender que o agenciamento da passividade de Jack em relação a Ennis não é algo, simplesmente voluntário, mas constitui-se na relação de poder dessa relação homoafetiva. Embora a homoafetividade de Ennis e Jack se constitua por experiências semelhantes (ambos são casados, têm experiências extraconjugais e não apenas expressam mas satisfazem o desejo que um sente pelo outro), parece haver uma intenção de Ennis de proteger Jack (e a si próprio), haja vista os exemplos em que recusa de viverem juntos para não ter o mesmo fim de Earl, o rancheiro assassinado por seu pai, e o

tratamento que ele dá a Jack igual a suas próprias filhas, chamando-o de “*little darling*”.

Essa posição de protetor aparece como forma de poder que tanto estrutura essa relação homoafetiva quanto é estruturado por ela ou, como diz Pinho (2005, p, 139), “mais poder significa mais masculinidade, e sua ausência, feminilização, na medida em que masculinidade é uma metáfora para o poder e vice-versa”. Assim manter a masculinidade para Ennis significa exercer mais poder em relação a Jack, e, no momento que Jack permite esta posição, não se contrapondo a esse poder, submete-se à feminilização.

Outra vez, voltamos à associação freudiana do masculino e feminino relacionada ao poder e não ao sexo biológico ou social (entendido como gênero). A fragilidade de Ennis é exposta ainda na lembrança de Jack sobre esse abraço, o que confirma que mesmo a passividade é uma ação ativamente construída:

...Later (*Circunstância: localização: tempo*), that dozy embrace (*Ator solidified* (*Processo1 material*) in his memory (*Circunstância: localização: lugar*) as the single moment of artless, charmed happiness in their separate and difficult lives (*Circunstância: papel: guisa*). ||Nothing (*Ator*) **marred** (*Processo2 material*) it (*Meta*), ||even the knowledge [[that Ennis **would not** then **embrace** him face to face]] ||because he (*Experienciador*) **did not want to see** (*Processo4 mental: perceptivo projetante de hiperfenômeno* →) ||nor **feel** (*Processo5 mental: perceptivo projetante de hiperfenômeno* →) [[that it (*Portador*) **was** (*Processo6 relacional atributivo intensivo*) Jack [[he **held**]]]]

O fato é que ao, lembrar de um “abraço mudo que satisfez um desejo compartilhado e assexuado” (PROULX *apud* PROULX; McMURTRY; OSSANA, 2005, p. 22), a autora parece imprimir à voz de Jack uma ruptura com tudo que foi colocado nas temáticas anteriores; ela estabelece uma relação na qual o desejo e a satisfação deste não se limitam – e, neste caso específico, nem contemplam – à questão sexual. Outra vez, a ocorrência de orações sub-hierarquizadas podem representar a inquestionabilidade do ‘apassivamento’ (primeira oração sub-hierarquizada) por parte de Jack e ‘imposto’ por Ennis (segunda oração sub-hierarquizada).

O mesmo carinho pode ser percebido em Ennis, quando retoma uma lembrança materna para agir em relação a Jack:

...until Ennis (*Dizente*), <<**dredging up** (*Processo2 material*) a rusty but still useable phrase from the childhood time [[before his mother **died**]] (*Meta*)>>, **said** (*Processo1 verbal projetante da locução →*), ||"Time [[**to hit** the hay,] cowboy (*Atributo: descrição*)... (l. 240-241).

Chamo a atenção para a insuficiência de tempo não como brevidade, mas como incompletude – pois aí reside a questão da libido, das pulsões, que é sempre uma busca pela satisfação e uma luta contra as imposições (sociais e de outras ordens) que se lhe apresentam.

Após a morte de Jack e a visita de Ennis aos pais dele para prestar-lhes solidariedade, Ennis descobre a camisa que considerava perdida. Estava guardada por baixo de uma camisa de Jack, representando o carinho e o sentimento de proteção que Jack sentia por Ennis. Posteriormente, essas camisas vão estar no *trailer* de Ennis, em posição inversa:

...his dirty shirt (*Atributo: descrição*), ||the pocket (*Portador*) **ripped** (*Atributo: qualidade*), ||buttons (*Ator*) **missing** (*Processo2 material*), ||**stolen** (*Processo3 material*) by Jack (*Ator*) ||and **hidden** (*Processo4 material*) here inside Jack's own shirt (*Circunstância: localização: lugar*), ||the pair (*Portador*) like two skins (*Atributo circunstancial*), ||one (*Portador*) inside the other (*Atributo circunstancial*), ||two (*Portador*) in one (*Atributo circunstancial*)... (l. 263-265)

...He (*Ator*) **pressed** (*Processo1 material*) his face (*Meta*) into the fabric (*Circunstância: localização: lugar*) ||and **breathed in** (*Processo2 comportamental*) slowly (*Circunstância: modo: qualidade*) through his mouth and nose (*Circunstância: modo: meio*), ||**hoping for** (*Processo3 mental: desiderativo*) the faintest smoke and mountain sage (*Fenômeno*) ||and **hoping for** (*Processo4 mental: desiderativo*) for the salty sweet stink of Jack (*Fenômeno*) ||but there **was** (*Processo5 existencial*) no real scent (*Existente*), ||only the memory of it, the imagined power of Brokeback Mountain [[of which nothing **was** left ||but what (*Meta*) he (*Ator*) **held** (*Processo7 material*) in his hands (*Circunstância: localização: lugar*)] (*Existente de Processo6 elidido*)... (l. 265-269)

...he (*Ator*) **hang** (*Processo1 material*) the wire hanger and the two old shirts [[**suspended** from it]] (*Meta*). ||He (*Ator*) **stepped** (*Processo2 material*) back (*Circunstância: localização: lugar*) ||and **looked at** (*Processo3 comportamental*) the ensemble (*Extensão*) through a few stinging tears (*Circunstância: modo: meio*).

"Jack, I (*Dizente*) **swear** (*Processo4 verbal projetante da locução citada*)–" ||he (*Dizente*) **said** (*Processo5 verbal*), ||though Jack (*Dizente*) **had** (*Processo6...*) never **asked** (...verbal) him (Receptor) ||**to swear** (*Processo7 verbal*) anything (*Verbiagem*) ||and **was** (*Processo8 relacional...*) himself (*Portador*) **not** (...atributivo intensivo) the swearing kind (*Atributo qualidade*)... (l. 272-275).

Desta forma, contradizendo qualquer tentativa de categorizar a língua como algo fixo ou universal, finalizo esta análise com um exemplo de que os discursos – literários ou não – têm a capacidade de traduzir não apenas uma, mas

várias ideias a partir de suas representações, pois a própria palavra detém esse poder.

Em *Brokeback Mountain*, a representação da homoafetividade dá-se numa perspectiva dinâmica, ora refletindo uma construção heteronormatizada que impõe papéis determinados aos sujeitos nela implicados ora libertando-a desta dicotomia masculino/feminino. A metáfora final do conto deixa isso claro, momento em que Ennis troca a posição das camisas que Jack havia deixado no cabide. O cabide, sempre à vista permite a mudança na posição das camisas, e, quem sabe um dia, possamos ver as crenças e os valores aos quais somos subjugados, como as antigas

crenças em feitiçaria, ou seja, como produtos obtusos e obsoletos da imaginação; como “um erro do tempo”. Os indivíduos, nesta cidade ideal da ética humanitária e democrática, serão livres para amar sexualmente de tantas formas quantas lhes seja possível inventar. O único limite para a imaginação amorosa será o respeito pela integridade física e moral do semelhante. “Heterossexuais, bissexuais e homossexuais” serão, então, figuras curiosas, nos museus de mentalidades antigas. Na vida, terão desaparecido como “rostos de areia no limite do mar” (COSTA, 1994, p. 122).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da transitividade verbal dos processos realizados por Ennis del Mar e Jack Twist – e também dos demais personagens do conto –, cheguei a duas constatações que respondem de maneira oposta à pergunta que iniciou esta pesquisa: como se dá a representação da homoafetividade em *Brokeback Mountain*?

Na primeira constatação, a homoafetividade é associada à homossexualidade e baseia-se, em grande parte, na dicotomia masculino-ativo/feminino-passivo, através dos papéis sexuais desempenhados por Ennis del Mar e Jack Twist, respectivamente. Este argumento – fruto de uma perspectiva indutiva – é comprovado através de duas observações que analisam a representação dos protagonistas e suas ações, a partir dos elementos presentes na obra.

Primeiro, ao se identificarem sexualmente, os protagonistas do conto expressam uma representação da homoafetividade que se distancia de uma política de representação identitária LGBTTTT. Isso se dá pela negação dessa identidade: “*I’m not no queer*”, pronunciado por Ennis del Mar, e a imediata resposta “*Me neither*”, de Jack Twist. Trata-se, portanto, de desvincular o desejo por um objeto do mesmo sexo da categoria ‘homossexual’, o que se configura, também, pela confirmação da ‘bissexualidade’ (FREUD, 1996a) de Ennis, em “*we both got wives and kids*” e “*I like doing it with women*” – bastando lembrar que, na teoria freudiana, a bissexualidade é um potencial de todo ser humano, como vimos no Capítulo 3. Nesses casos, a representação da homoafetividade é construída a partir de um sistema heteronormatizado, no qual a dominação masculina (ativo) subjuga a posição feminina (passivo).

Segundo, as características – físicas e/ou sociais –, socialmente atribuídas aos sexos foram utilizadas com a finalidade de classificar os protagonistas do conto sob os rótulos ‘masculino’ e ‘feminino’. Enquanto Ennis del Mar possui “um corpo muscular e apto para a montaria e para a briga” (*possessed a muscular and supple body made for the horse and for fighting*), Jack, por sua vez, parecia “um rapaz meigo com seus cabelos cacheados e seu riso fácil” (*fair enough with his curly hair and quick laugh*). A construção léxico-gramatical expressa nos pares (a) corpo

muscular x atraente, cabelos cacheados e (b) montaria, briga x riso fácil nos remete a uma rede de significados na qual as representações do masculino (a virilidade de Ennis) e do feminino (beleza, docilidade de Jack) se constituem numa relação de oposição.

Nesta perspectiva explícita, a representação da homoafetividade no conto *Brokeback Mountain* tende a reforçar o modelo da dicotomia dominação/submissão que a heteronormatividade impôs/impõe às relações homens/mulheres e, conseqüentemente, homens/homens.

Entretanto, através de uma abordagem dedutiva – fundamentada na Teoria das Representações Sociais e na Psicanálise – pude constatar, também, que a representação da homoafetividade dos *cowboys* norte-americanos pode propor rupturas com o modelo heteronormatizado. Neste caso, o potencial de significados da língua é acionado, e (res)significações são feitas. Esse argumento se baseia, também, em duas observações.

A primeira é que tais representações são problematizadas em ambos os personagens. Por exemplo, Ennis, ao perder o companheiro, “dá uns passos para trás e olha o quadro com algumas lágrimas que lhe ardião os olhos” (*stepped back and looked at the ensemble through a few stinging tears*), subjugando toda uma constituição física viril à sensibilidade emotiva (atribuída – e somente isso – às representações da feminilidade). Da mesma forma, a representação da feminilidade de Jack, é questionada quando ele toma a atitude de constituir, efetivamente uma relação. Em outras palavras, Jack é o ator de um processo que propõe (*propose*, em inglês, ato que, por norma social deve partir do homem) a Ennis uma “vida tranquila” (*sweet life*) com a construção de “um rancho para ambos” (*a little ranch together*).

A segunda é que a heteronormatividade apresenta uma falha na própria construção dos papéis sociais masculinos exercidos por homens, quando permite a exclusão de indivíduos representados no/pelo seu próprio sistema representativo. Por exemplo, a condição de macho reprodutor dominante de Ennis é problematizada quando Alma se recusa a ter relações com ele sem preservativo. Primeiro, a esposa rejeita, verbalmente, ter mais filhos, quando o pai não se representa como provedor – “eu os teria se você cuidasse deles” (*I'd have em if you'd support em*). Isso mostra que a dominação masculina também está associada a questões socioeconômicas. Em seguida, a ‘heteroafetividade’ de Ennis é posta em xeque quando ela pensa

consigo mesma que “o que ele gosta de fazer não gera filhos” (*what you like to do don't make many babies*). Neste caso, confirma-se a posição de dominação do papel representado por Ennis, enquanto ator, ou seja, não é a meta (Alma ou Jack), mas o próprio processo (a relação anal) – visto que a passividade subjuga tanto homens quanto mulheres àquele que assume o papel ativo da relação.

E como a homoafetividade humana não se constitui apenas pela atração física, e, por conseguinte, na dimensão sexual enquanto coito, a representação da homoafetividade no conto *Brokeback Mountain* não deve ser vista como uma estrutura inflexível, solidificada na polarização masculino/feminino – aquele “ideal ilusório” austiniano¹⁰⁹, mas como uma categoria fluida, que não ignora esta polarização, mas a ultrapassa quando entende a língua como fenômeno social, ou seja, linguagem como constituinte da realidade e por ela constituída.

Essas constituições, ora permitidas ora reprimidas, tornam o indivíduo homoafetivo agente de sua própria sexualidade. Dessa forma, ao adotar o termo homoafetividade em oposição a tantos outros conhecidos, inseri, nesta pesquisa, duas outras dimensões: a interdisciplinar, por permitir o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, e a política, porque, sendo todo ato acadêmico um ato político, problematizar hegemonias é sempre uma forma de avançar nas conquistas dos direitos humanos.

Dessa forma, acredito não apenas ter respondido a pergunta de partida, mas ampliado uma possibilidade de análise que pode (e irá) favorecer às futuras análises literárias que venha a desenvolver – o que é de extrema valia, visto que leciono disciplinas de Literatura Inglesa e Norte-Americana no curso de Letras. Além disso, a possibilidade de continuar a pesquisa em um grupo de estudo ou de pesquisa em Instituições de Ensino Superior traz um envolvimento político e acadêmico para a questão de como a homoafetividade é representada no gênero literário.

Por fim, a partir das propostas contidas nesta pesquisa – visto que nada é definitivo, senão a possibilidade dialógica que delas resultam –, podemos também avaliar o nosso percurso como caminhando em direção aos estudos de gênero (em particular para os que tratam sobre a representação da masculinidade em todas as

¹⁰⁹ Em sua obra *Philosophical Papers* (1961), Austin compara a questão da liberdade com a da verdade, no sentido de que ambas são “ideais ilusórios” no que diz respeito às declarações (ou atos assertivos).

suas extensões, hetero ou homoafetivas), à Teoria *Queer* dos Estudos Culturais e a questões de sexualidade, entre outros caminhos teórico-temáticos que se entrecruzam de alguma maneira no que diz respeito às representações sociais da homoafetividade.

Concluo, enfim, afirmando que as relações homoafetivas – mesmo sendo menos comuns que as heteroafetivas e independentemente de como elas sejam representadas no conto *Brokeback Mountain* ou em qualquer outro discurso – são um componente da vida humana, e, por isso, não deveriam ser consideradas antinaturais ou anormais, nem tampouco gerar atitudes negativas, como homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia, que se configuram, no mínimo, como ignorância do estar humano.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. Reflexiones em torno a la historia de la homosexualidad. *In*: ARIÈS, P.; BÉJIN, André (Orgs.). **Sexualidades ocidentales**. Buenos Aires: Paidós, 1987, p. 103-122.

ARRIVÉ, Michel. **Linguística e psicanálise**: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros. (Trad. Mário Laranjeira e Alain Mouzat.). São Paulo: Edusp, 1994. p. 31-77, 95-132.

ASSIS, Roberto C. de. **A transitividade na representação de Sethe no corpus paralelo Beloved-Amada**. Belo Horizonte, 2004. 122 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 2004.

AUSTIN, John L. Performative Utterances. *In*: **Philosophical Papers**. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 1961. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/philosophicalpap013680mbp#page/n0/mode/2up/search/Philosophical+papers>. Acesso: 12/06/2010.

BADINTER, Elizabeth. **XY, on masculine identity**. New York: Columbia University Press, 1995.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. (Trad. Plínio Dentzien.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BEIVIDAS, Waldir. **O lugar de uma teoria do discurso na psicanálise** (ou: um recado de Lacan). *Cadernos de Semiótica Aplicada*, Araraquara, v. 2, n. 2, p. 1-6, 2004.

_____. **Pulsão, afeto e paixão**: psicanálise e semiótica. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 2, p. 391-398, maio/ago, 2006.

BEIVIDAS, Waldir; RAVANELLO, Tiago. **O Diferente**. Anais da Associação Brasileira de Estudos Semióticos - II Congresso Internacional - Brasil, identidade e alteridade. São Paulo, v. 1. p. 1-10, 2005.

_____. **Identidade e Identificação**: entre semiótica e psicanálise. Alfa (ILCSE/UNESP), v. 50, p. 129-144, 2006.

_____. **Entre paixão, pulsão e corpo: reflexões epistemológicas para o diálogo sobre os fenômenos afetivos**. Cadernos de Semiótica Aplicada, Araraquara, v. 8, p. 82-95, 2010.

Bíblia de Jerusalém. (Trad. Domingos Zamanga et al). São Paulo: Paulus, [1985]2001. p. 31-36.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional de 5 de outubro de 1988 atualizado e consolidado até a Emenda Constitucional nº 66 de 13 de julho de 2010. Disponível em: http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_13.07.2010/index.shtm. Acesso em: dezembro, 2011.

Brokeback Mountain. Dir. Ang Lee. Prod. David Linde, James Schamus. Roteiro: Larry McMurtry, Diana Ossana. Intérpretes: Jake Gyllenhaal, Heath Ledger. Estados Unidos: Focus Features, 2005. (130 min.), cor, DVD.

BURROUGHS, William. **Junkie**. New York: Penguin Books, 1977.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade (Trad. Renato Aguiar). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELO BRANCO, Pedro V. **História e masculinidades**: a prática escriturística dos literatos e as vivências no início do século XX. Teresina: EDUFPI, 2008.

CATALDO, Maria de Lourdes C. **Hipocondria**: revisão. Revista Psiquiatria do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, n. 13. v. 3. p. 185-190, 1991.

CHAVES, Christian; PARRA, Samuel. **Libertad**. (Intérpretes: Christian Chaves e Anahí). Los Angeles: peerT6H Music LCC, 2011. 1 Single CD. (3:48 min). Digital: estéreo. Disponível em: http://www.4shared.com/file/cKBa5Cvg/Christian_Chavez__Anahi_-_Libe.html. Acesso em 25/07/2011.

CÓDIGO INTERNACIONAL DE DOENÇAS (CID). Disponível em <http://luizmeira.com/cid/>. Acesso: 20/10/2010.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **A família contemporânea em cena: novas identidades sexuais, novos pais**. Campinas: CPFL Cultura, maio de 2011. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/site/2011/05/05/a-familia-contemporanea-em-cena-novas-identidades-sexuais-novos-pais-%E2%80%93-diana-lichtenstein-corso-e-mario-corso/>.

COSTA, Jurandir F. **A ética e o espelho da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DAMIANI, Durval et al. **Homem XX: relato de três casos na faixa etária pediátrica**. Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia. São Paulo, v. 49, n. 1, Feb., 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-27302005000100010&lng=en&nrm=iso.

DANTAS, Heloisa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: LA TAILLE, Yves de et al. **Piaget, Vygotski, Wallon**. Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

DIAS, Maria Berenice. **União Homossexual**. Preconceito e Justiça. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001.

DIAS, Tatiana R. N. **Práticas identitárias em relatos de mulheres vítimas de violência doméstica**. 2007. 144p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2007.

EGGINS, Susan. **An introduction to systemic functional linguistics**. New York/London: Continuum, 2004.

ESCOFFIER, Jeffery. Introduction. *In*: _____ (Ed.). **Sexual revolution**. New York: Avalon Publishing Group, 2003a. p. xi-xxxv.

_____. The second sexual revolution. *In*: _____ (Ed.). **Sexual revolution**. New York: Avalon Publishing Group, 2003b. p. 4-19.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Personality and personal growth**. 6. ed. New York: Longman, 2005. p. 20-27.

FAIRLEY, Irene R. Syntax for Seduction: A Reading of Cumming's 'Since Feeling is First'. *In*: _____. **Language and Literature**, v. 9, 1984. p. 55-57.

FERREIRA, Dina M. M. 'Meta-representação': representando a representação social e cultural. *In*: CARMO, Cláudio M. do. **Textos e práticas de representação**. Curitiba: Honoris Causa, 2011. p. 165-188.

FERREIRA, Raimundo Ruberval. **Guerra na língua**: mídia, poder e terrorismo. Fortaleza: EdUECE, 2007.

FERREIRA, Isaías M. **O status da tematização no discurso editorialístico**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e estudos Críticos da Linguagem. Florianópolis, v. 5, 1996.

FIGUEREDO, Giacomo P. **Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro**: contribuições para os estudos multilíngues. Belo Horizonte, 2011. 383 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 2011.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. (Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.). vol. 1. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999).

FREIRE, Marcelo Muniz. **A escritura psicótica**. Tese de doutorado – Universidade estadual de Campinas. Campinas: [s.n.], 2001.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: Obras psicológicas completas*. Edição standard brasileira. (Trad. Jayme Salomão.). v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 117-265.

_____. Conferência XXV: a ansiedade, 1917. *In: _____*. **Conferências introdutórias sobre psicanálise (cont.)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

_____. **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos: o pequeno Hans**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

GARCIA-ROSA, Luiz A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

_____. Inconsciente. *In: _____*. **Introdução à Metapsicologia Freudiana**. vol. 3. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 207-287.

GILLEY, Brian J. **Becoming two-spirit: gay identity and social acceptance in indian country**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2006.

GOATLY, Andrew. **Corpus linguistics, systemic functional grammar and literary meaning: a critical analysis of Harry Potter and the Philosopher's Stone**. Ilha do Desterro. Florianópolis, n. 46, p. 115-154, jan./jun., 2004.

GOMES, Romeu. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2008.

GOMES, Romeu; NASCIMENTO, Elaine F. do; REBELLO, Lúcia E. F. de Souza. As representações da masculinidade e o ser homem. *In: Fazendo Gênero*, 8., 2008, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis: UFSC, 2008. p. 1-7.

GREENBERG, David A. **The construction of homosexuality**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

HALLIDAY, Michael A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

_____. Functional Descriptions: Theory in Practice. In: WEBSTER, J. J. ed. **On Grammar: Collected Works of M. A. K Halliday – Volume 1**. London e New York: Continuum, 1996, p. 384 - 432.

_____. Linguistic function and literary style: an inquiry into the language of William Golding's *The Inheritors*. In: **Linguistic studies of text and discourse**. (Ed. Jonathan Webster). London and New York: Continuum, 2002.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

HELMONT, Franciscus M. van. **Adumbratio Kabbalæ Christianæ, id est Syncatabasis hebraizans, sive brevis applicatio doctrinæ Hebræorum cabbalisticæ ad dogmata novi fœderis pro formanda hypothesis ad conversionem ludæorum proficua**. Frankfurt: Johannis Davidis Zunner, 1684. Disponível em: <http://www.e-rara.ch/doi/10.3931/e-rara-4310>. Acesso: 14/11/11.

JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais**. (Trad. De Lucy Magalhães.). Petrópolis: Vozes, 2005.

JONG, Erica. Pure possibility. In: Escoffier, Jeffery (Ed.). **Sexual revolution**. New York: Avalon Publishing Group, 2003. p. xxxvii-lxiv.

KRAMMER, Jane. Against nature. **A French feminist on motherhood**. The New Yorker, 25/07/2011, p. 44-55. Disponível em: <http://archives.newyorker.com/?i=2011-07-25#folio=044>. Acesso: 09/11/2011.

LAPLANCHE, Jean. **Problemáticas I: a angústia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAURENTI, Ruy. **Homossexualismo e a classificação internacional de doenças**. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 18, n. 5, Oct. 1984.

LÉVY-STRAUSS, Claude. **Las estructuras elementares del parentesco**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1969.

LIMA-LOPES, Rodrigo E. de. **Estudos de transitividade em língua portuguesa: o perfil do gênero cartas de venda**. São Paulo, 2001. 176 p. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, 2001.

MACLEOD, Matthew D. (Trad.). Affairs of the Heart. *In: Lucian*. v. VIII. Cambridge: Harvard University Press, 1967. p. 147-235.

MATTHIESSEN, Christian; TERUYA, Kazuhiro; LAM, Marvin. **Key terms in systemic functional linguistics**. London/New York: Continuum, 2010.

MCCARY, James Leslie. **A Sexualidade Humana**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de ontopsicologia**. 4. ed. São João do Polênise: OntoEd Universitária, 2010.

MEYER, Ilan H.; DEAN, Laura. Internalized homophobia, intimacy and sexual behaviour among gay and bisexual men. *In: HEREK, Gregory M. (Ed). Stigma and sexual orientation: understanding prejudice against lesbians, gay men and bisexuals*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998. pp. 160–186.

MICHENER, H. Andrew; DELAMATER, John D.; MYERS, Daniel J. **Psicologia Social**. (Trad. Eliane Fitipaldi; Suely Sonoe Murai Cuccio.) São Paulo: Pioneira, 2005.

MOLHO, Anthony; WOOD, Gordon. (Ed.). **Imagined histories: American historians interpret the past**. Princeton: Princeton University Press, 1998.

MOREIRA, Kelly C. de Almeida. **Análise discursiva sobre a proteção à juventude em risco**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, Brasília, v. 10, n. 2, 2009.

MORENO, Antonio. **A Personagem homossexual no cinema brasileiro**. 2ª ed. EdUFF, Rio de Janeiro, 2002.

MOSCOVICI, Serge. Foreword. *In*: HERZLICH, Claudine (Ed.). **Health and illness: a social psychological analysis**. London: Academic Press, 1973. p. ix-xiv.

_____. **Notes towards a description of social representations**. European Journal of Social Psychology. London, v. 18. n. 3, p. 211-250, jul. 1998. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ejsp.2420180303/abstract>.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MURIBECA, Maria das Mercês Maia. **Das origens da sexualidade feminina ao feminino nas origens da psicosexualidade humana**. Estudos de psicanálise. Belo Horizonte, n. 33, jul. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372010000100010&lng=es&nr m=iso. Acesso: 15/06/2011.

NAPHY, William. **Born to be gay: história da homossexualidade**. Lisboa: Edições 70, 2006.

NETO, Oswaldo França. O afeto na psicanálise e as dificuldades de sua operacionalização. *In*: Colóquio Internacional Atividades e Afetos, 1., 2008, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 1-11.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PEREIRA, Eunice B. **O professor avaliado em textos jornalísticos: análise da avaliatividade em reportagens de Veja e Isto é**. Belém, 2010. 148 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2010.

PETERSEN, Allan. **Unmasking the masculine**: 'men' and 'identity' in a sceptical age. California: Sage Publications, 1998.

POLI, Maria C. **Feminino/masculino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

PONTES, Suely A. **Inconsciente e linguagem**: uma leitura crítica da obra freudiana. s/d. Disponível em: [http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/inconsciente %20 e%20linguagem.pdf](http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/inconsciente%20e%20linguagem.pdf).

PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique Lima. **A corpora-based study of the development of EFL Brazilian learners' interlanguage**: from simplification to complexification in the light of systemic-functional grammar. Florianópolis, 2007. 406 p. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras/Inglês e Literatura Correspondente. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2007.

PROULX, Annie. Brokeback Mountain. In: PROULX, Annie; McMURTRY, Larry; OSSANA, Diana. **Brokeback Mountain**. Story to screenplay. New York: Scribner, 2005. p. 1-28.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova pragmática**: fase e feições de um fazer. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **Uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

REDDING, Paul. Freud's theory of consciousness.' In: LEVINE, Michael P. (Ed.). **The analytic Freud, philosophy and psychoanalysis**. London, New York: Routledge, 2000.

RESENDE, Viviane M. **Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo**: o discurso sobre a infância nas ruas. Brasília, 2005. 256p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2005.

RICHLIN, Amy. **Not before homosexuality**: the materiality of the *cinaedus* and the Roman law against love between men. *The Journal of the History of Sexuality*, v. 3, n. 4, Apr., 1993. p. 523-573. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/3704392>. Acesso: 12/10/2011.

RODRIGUES JR., Adail S. **A representação de personagens gays na coletânea de contos *Stud* e em sua tradução *As Aventuras de um Garoto de Programa***. Belo Horizonte, 2006. 255p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. (Trad. Roberto Leal Ferreira). São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. (Trad. Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 30. ed. São Paulo: Cultrix. 2001.

SCHNEIDER, Monique. **Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud**. (Trad. Mônica M. Seincman). São Paulo: Escuta, 1993.

SCOTT, Mike. **WordSmith tools help**: version 5.0. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2010.

SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. Recife, 2006. 418 p. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2006.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. São Paulo: ABNARA, 2011.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa (4ª ed.). Petrópolis: Vozes, 1995.

TURNER, Mark. **The Literary Mind**. New York: Oxford University Press, 1996.

WALLON, Henri Paul H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 2005.

WELTY, Eudora. Place in fiction. *In*: _____. **The eye of the story**: selected essays and reviews. New York: Vintage International, 1990. p. 116-133.

WILLIAMS, Craig A. **Roman homossexuality**: ideologies of masculinity in Classical Antiquity. New York: Oxford University Press, 1999.

WINTHROP, Theodore. **John Brent**. Connecticut: College and University Press, 1970.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. (Trad. José Carlos Bruni). São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2000.

WOODWARD, Comer Vann. (Org.). **The comparative approach to American history**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 1997.

WOODWARD, Kathryn [1997]. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. Petropolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

ZILBERBERG, Claude. **Éléments de grammaire tensive**. Limoges: Pulim, 2006.

<http://www.dictionary.reference.com/browse>. Acesso: 29/12/2010.

<http://www.guardian.co.uk/books/2008/may/15/fiction>. Acesso: 22/11/2011.

1 **ANEXO A – BROKEBACK MOUNTAIN**

2
3 **By Annie Proulx**

4
5 *Ennis Del Mar wakes before five, wind rocking the trailer,*
6 *hissing in around the aluminum door and window frames. The*
7 *shirts hanging on a nail shudder slightly in the draft. He*
8 *gets up, scratching the grey wedge of belly and pubic hair,*
9 *shuffles to the gas burner, pours leftover coffee in a*
10 *chipped enamel pan; the flame swathes it in blue. He turns*
11 *on the tap and urinates in the sink, pulls on his shirt and*
12 *jeans, his worn boots, stamping the heels against the floor*
13 *to get them full on. The wind booms down the curved length*
14 *of the trailer and under its roaring passage he can hear*
15 *the scratching of fine gravel and sand. It could be bad on*
16 *the highway with the horse trailer. He has to be packed and*
17 *away from the place that morning. Again the ranch is on the*
18 *market and they've shipped out the last of the horses, paid*
19 *everybody off the day before, the owner saying, "Give em to*
20 *the real estate shark, I'm out a here, "dropping the keys*
21 *in Ennis's hand. He might have to stay with his married*
22 *daughter until he picks up another job, yet he is suffused*
23 *with a sense of pleasure because Jack Twist was in his*
24 *dream.*

25
26 *The stale coffee is boiling up but he catches it before it*
27 *goes over the side, pours it into a stained cup and blows*
28 *on the black liquid, lets a panel of the dream slide*
29 *forward. If he does not force his attention on it, it might*
30 *stoke the day, rewarm that old, cold time on the mountain*
31 *when they owned the world and nothing seemed wrong. The*
32 *wind strikes the trailer like a load of dirt coming off a*
33 *dump truck, eases, dies, leaves a temporary silence.*

34
35 ***

36
37 They were raised on small, poor ranches in opposite corners
38 of the state, Jack Twist in Lightning Flat up on the
39 Montana border, Ennis del Mar from around Sage, near the
40 Utah line, both high school dropout country boys with no
41 prospects, brought up to hard work and privation, both
42 rough-mannered, rough-spoken, inured to the stoic life.
43 Ennis, reared by his older brother and sister after their
44 parents drove off the only curve on Dead Horse Road leaving
45 them twenty-four dollars in cash and a two-mortgage ranch,
46 applied at age fourteen for a hardship license that let him
47 make the hour-long trip from the ranch to the high school.
48 The pickup was old, no heater, one windshield wiper and bad
49 tires; when the transmission went there was no money to fix
50 it. He had wanted to be a sophomore, felt the word carried

51 a kind of distinction, but the truck broke down short of
52 it, pitching him directly into ranch work.

53

54 In 1963 when he met Jack Twist, Ennis was engaged to Alma
55 Beers. Both Jack and Ennis claimed to be saving money for a
56 small spread; in Ennis's case that meant a tobacco can with
57 two five-dollar bills inside. That spring, hungry for any
58 job, each had signed up with Farm and Ranch Employment --
59 they came together on paper as herder and camp tender for
60 the same sheep operation north of Signal. The summer range
61 lay above the tree line on Forest Service land on Brokeback
62 Mountain. It would be Jack Twist's second summer on the
63 mountain, Ennis's first. Neither of them was twenty.

64

65 They shook hands in the choky little trailer office in
66 front of a table littered with scribbled papers, a Bakelite
67 ashtray brimming with stubs. The venetian blinds hung askew
68 and admitted a triangle of white light, the shadow of the
69 foreman's hand moving into it. Joe Aguirre, wavy hair the
70 color of cigarette ash and parted down the middle, gave
71 them his point of view.

72

73 "Forest Service got designated campsites on the allotments.
74 Them camps can be a couple a miles from where we pasture
75 the sheep. Bad predator loss, nobody near lookin after em
76 at night. What I want, camp tender in the main camp where
77 the Forest Service says, but the HERDER" -- pointing at
78 Jack with a chop of his hand -- "pitch a pup tent on the
79 q.t. with the sheep, out a sight, and he's goin a SLEEP
80 there. Eat supper, breakfast in camp, but SLEEP WITH THE
81 SHEEP, hunderd percent, NO FIRE, don't leave NO SIGN. Roll
82 up that tent every mornin case Forest Service snoops
83 around. Got the dogs, your .30-.30, sleep there. Last
84 summer had goddamn near twenty-five percent loss. I don't
85 want that again. YOU," he said to Ennis, taking in the
86 ragged hair, the big nicked hands, the jeans torn, button-
87 gaping shirt, "Fridays twelve noon be down at the bridge
88 with your next week list and mules. Somebody with
89 supplies'll be there in a pickup." He didn't ask if Ennis
90 had a watch but took a cheap round ticker on a braided cord
91 from a box on a high shelf, wound and set it, tossed it to
92 him as if he weren't worth the reach. "TOMORROW MORNIN
93 we'll truck you up the jump-off." Pair of deuces going
94 nowhere.

95

96 They found a bar and drank beer through the afternoon, Jack
97 telling Ennis about a lightning storm on the mountain the
98 year before that killed forty-two sheep, the peculiar stink
99 of them and the way they bloated, the need for plenty of
100 whiskey up there. He had shot an eagle, he said, turned his
101 head to show the tail feather in his hatband. At first

102 glance Jack seemed fair enough with his curly hair and
103 quick laugh, but for a small man he carried some weight in
104 the haunch and his smile disclosed buckteeth, not
105 pronounced enough to let him eat popcorn out of the neck of
106 a jug, but noticeable. He was infatuated with the rodeo
107 life and fastened his belt with a minor bull-riding buckle,
108 but his boots were worn to the quick, holed beyond repair
109 and he was crazy to be somewhere, anywhere else than
110 Lightning Flat.

111

112 Ennis, high-arched nose and narrow face, was scruffy and a
113 little cave-chested, balanced a small torso on long,
114 caliper legs, possessed a muscular and supple body made for
115 the horse and for fighting. His reflexes were uncommonly
116 quick and he was farsighted enough to dislike reading
117 anything except Hamley's saddle catalog.

118

119 The sheep trucks and horse trailers unloaded at the
120 trailhead and a bandy-legged Basque showed Ennis how to
121 pack the mules, two packs and a riding load on each animal
122 ring-lashed with double diamonds and secured with half
123 hitches, telling him, "Don't never order soup. Them boxes a
124 soup are real bad to pack." Three puppies belonging to one
125 of the blue heelers went in a pack basket, the runt inside
126 Jack's coat, for he loved a little dog. Ennis picked out a
127 big chestnut called Cigar Butt to ride, Jack a bay mare who
128 turned out to have a low startle point. The string of spare
129 horses included a mouse-colored grullo whose looks Ennis
130 liked. Ennis and Jack, the dogs, horses and mules, a
131 thousand ewes and their lambs flowed up the trail like
132 dirty water through the timber and out above the tree line
133 into the great flowery Meadows and the coursing, endless
134 wind.

135

136 They got the big tent up on the Forest Service's platform,
137 the kitchen and grub boxes secured. Both slept in camp that
138 first night, Jack already bitching about Joe Aguirre's
139 sleep-with-the-sheep-and-no-fire order, though he saddled
140 the bay mare in the dark morning without saying much. Dawn
141 came glassy orange, stained from below by a gelatinous band
142 of pale green. The sooty bulk of the mountain paled slowly
143 until it was the same color as the smoke from Ennis's
144 breakfast fire. The cold air sweetened, banded pebbles and
145 crumbs of soil cast sudden pencil-long shadows and the
146 rearing lodgepole pines below them massed in slabs of
147 somber malachite.

148

149 During the day Ennis looked across a great gulf and
150 sometimes saw Jack, a small dot moving across a high meadow
151 as an insect moves across a tablecloth; Jack, in his dark

152 camp, saw Ennis as night fire, a red spark on the huge
153 black mass of mountain.

154

155 Jack came lagging in late one afternoon, drank his two
156 bottles of beer cooled in a wet sack on the shady side of
157 the tent, ate two bowls of stew, four of Ennis's stone
158 biscuits, a can of peaches, rolled a smoke, watched the sun
159 drop.

160

161 "I'm commutin four hours a day," he said morosely. "Come in
162 for breakfast, go back to the sheep, evenin get em bedded
163 down, come in for supper, go back to the sheep, spend half
164 the night jumpin up and checkin for coyotes. By rights I
165 should be spendin the night here. Aguirre got no right a
166 make me do this."

167

168 "You want a switch?" said Ennis. "I wouldn't mind herdin. I
169 wouldn't mind sleepin out there."

170

171 "That ain't the point. Point is, we both should be in this
172 camp. And that goddamn pup tent smells like cat piss or
173 worse."

174

175 "Wouldn't mind bein out there."

176

177 "Tell you what, you got a get up a dozen times in the night
178 out there over them coyotes. Happy to switch but give you
179 warnin I can't cook worth a shit. Pretty good with a can
180 opener."

181

182 "Can't be no worse than me, then. Sure, I wouldn't mind a
183 do it."

184

185 They fended off the night for an hour with the yellow
186 kerosene lamp and around ten Ennis rode Cigar Butt, a good
187 night horse, through the glimmering frost back to the
188 sheep, carrying leftover biscuits, a jar of jam and a jar
189 of coffee with him for the next day saying he'd save a
190 trip, stay out until supper.

191

192 "Shot a coyote just first light," he told Jack the next
193 evening, sloshing his face with hot water, lathering up
194 soap and hoping his razor had some cut left in it, while
195 Jack peeled potatoes. "Big son of a bitch. Balls on him
196 size a apples. I bet he'd took a few lambs. Looked like he
197 could a eat a camel. You want some a this hot water?
198 There's plenty."

199

200 "It's all yours."

201

202 "Well, I'm goin a warsh everthing I can reach," he said,

203 pulling off his boots and jeans (no drawers, no socks, Jack
204 noticed), slopping the green washcloth around until the
205 fire spat.

206

207 They had a high-time supper by the fire, a can of beans
208 each, fried potatoes and a quart of whiskey on shares, sat
209 with their backs against a log, boot soles and copper jeans
210 rivets hot, swapping the bottle while the lavender sky
211 emptied of color and the chill air drained down, drinking,
212 smoking cigarettes, getting up every now and then to piss,
213 firelight throwing a sparkle in the arched stream, tossing
214 sticks on the fire to keep the talk going, talking horses
215 and rodeo, roughstock events, wrecks and injuries
216 sustained, the submarine Thresher lost two months earlier
217 with all hands and how it must have been in the last doomed
218 minutes, dogs each had owned and known, the draft, Jack's
219 home ranch where his father and mother held on, Ennis's
220 family place folded years ago after his folks died, the
221 older brother in Signal and a married sister in Casper.
222 Jack said his father had been a pretty well known bullrider
223 years back but kept his secrets to himself, never gave Jack
224 a word of advice, never came once to see Jack ride, though
225 he had put him on the woolies when he was a little kid.
226 Ennis said the kind of riding that interested him lasted
227 longer than eight seconds and had some point to it. Money's
228 a good point, said Jack, and Ennis had to agree. They were
229 respectful of each other's opinions, each glad to have a
230 companion where none had been expected. Ennis, riding
231 against the wind back to the sheep in the treacherous,
232 drunken light, thought he'd never had such a good time,
233 felt he could paw the white out of the moon.

234

235 The summer went on and they moved the herd to new pasture,
236 shifted the camp; the distance between the sheep and the
237 new camp was greater and the night ride longer. Ennis rode
238 easy, sleeping with his eyes open, but the hours he was
239 away from the sheep stretched out and out. Jack pulled a
240 squalling burr out of the harmonica, flattened a little
241 from a fall off the skittish bay mare, and Ennis had a good
242 raspy voice; a few nights they mangled their way through
243 some songs. Ennis knew the salty words to "Strawberry
244 Roan." Jack tried a Carl Perkins song, bawling "what I say-
245 ay-ay," but he favored a sad hymn, "Water-Walking Jesus,"
246 learned from his mother who believed in the Pentecost, that
247 he sang at dirge slowness, setting off distant coyote yips.

248

249 "Too late to go out to them damn sheep," said Ennis, dizzy
250 drunk on all fours one cold hour when the moon had notched
251 past two. The meadow stones glowed white-green and a flinty
252 wind worked over the meadow, scraped the fire low, then
253 ruffled it into yellow silk sashes. "Got you a extra

254 blanket I'll roll up out here and grab forty winks, ride
255 out at first light."
256
257 "Freeze your ass off when that fire dies down. Better off
258 sleepin in the tent."
259
260 "Doubt I'll feel nothin." But he staggered under canvas,
261 pulled his boots off, snored on the ground cloth for a
262 while, woke Jack with the clacking of his jaw.
263
264 "Jesus Christ, quit hammerin and get over here. Bedroll's
265 big enough," said Jack in an irritable sleep-clogged voice.
266 It was big enough, warm enough, and in a little while they
267 deepened their intimacy considerably. Ennis ran full-
268 throttle on all roads whether fence mending or money
269 spending, and he wanted none of it when Jack seized his
270 left hand and brought it to his erect cock. Ennis jerked
271 his hand away as though he'd touched fire, got to his
272 knees, unbuckled his belt, shoved his pants down, hauled
273 Jack onto all fours and, with the help of the clear slick
274 and a little spit, entered him, nothing he'd done before
275 but no instruction manual needed. They went at it in
276 silence except for a few sharp intakes of breath and Jack's
277 choked "gun's goin off," then out, down, and asleep.
278
279 Ennis woke in red dawn with his pants around his knees, a
280 top-grade headache, and Jack butted against him; without
281 saying anything about it both knew how it would go for the
282 rest of the summer, sheep be damned.
283
284 As it did go. They never talked about the sex, let it
285 happen, at first only in the tent at night, then in the
286 full daylight with the hot sun striking down, and at
287 evening in the fire glow, quick, rough, laughing and
288 snorting, no lack of noises, but saying not a goddamn word
289 except once Ennis said, "I'm not no queer," and Jack jumped
290 in with "Me neither. A one-shot thing. Nobody's business
291 but ours." There were only the two of them on the mountain
292 flying in the euphoric, bitter air, looking down on the
293 hawk's back and the crawling lights of vehicles on the
294 plain below, suspended above ordinary affairs and distant
295 from tame ranch dogs barking in the dark hours. They
296 believed themselves invisible, not knowing Joe Aguirre had
297 watched them through his 10x42 binoculars for ten minutes
298 one day, waiting until they'd buttoned up their jeans,
299 waiting until Ennis rode back to the sheep, before bringing
300 up the message that Jack's people had sent word that his
301 uncle Harold was in the hospital with pneumonia and
302 expected not to make it. Though he did, and Aguirre came up
303 again to say so, fixing Jack with his bold stare, not
304 bothering to dismount.

305 In August Ennis spent the whole night with Jack in the main
306 camp and in a blowy hailstorm the sheep took off west and
307 got among a herd in another allotment. There was a damn
308 miserable time for five days, Ennis and a Chilean herder
309 with no English trying to sort them out, the task almost
310 impossible as the paint brands were worn and faint at this
311 late season. Even when the numbers were right Ennis knew
312 the sheep were mixed. In a disquieting way everything
313 seemed mixed.

314

315 The first snow came early, on August thirteenth, piling up
316 a foot, but was followed by a quick melt. The next week Joe
317 Aguirre sent word to bring them down -- another, bigger
318 storm was moving in from the Pacific -- and they packed in
319 the game and moved off the mountain with the sheep, stones
320 rolling at their heels, purple cloud crowding in from the
321 west and the metal smell of coming snow pressing them on.
322 The mountain boiled with demonic energy, glazed with
323 flickering broken-cloud light, the wind combed the grass
324 and drew from the damaged krummholz and slit rock a bestial
325 drone. As they descended the slope Ennis felt he was in a
326 slow-motion, but headlong, irreversible fall.

327

328 Joe Aguirre paid them, said little. He had looked at the
329 milling sheep with a sour expression, said, "Some a these
330 never went up there with you." The count was not what he'd
331 hoped for either. Ranch stiffs never did much of a job.

332

333 ***

334

335 "You goin a do this next summer?" said Jack to Ennis in the
336 street, one leg already up in his green pickup. The wind
337 was gusting hard and cold.

338

339 "Maybe not." A dust plume rose and hazed the air with fine
340 grit and he squinted against it. "Like I said, Alma and
341 me's gettin married in December. Try to get somethin on a
342 ranch. You?" He looked away from Jack's jaw, bruised blue
343 from the hard punch Ennis had thrown him on the last day.

344

345 "If nothin better comes along. Thought some about going
346 back up to my daddy's place, give him a hand over the
347 winter, then maybe head out for Texas in the spring. If the
348 draft don't get me."

349

350 "Well, see you around, I guess." The wind tumbled an empty
351 feed bag down the street until it fetched up under his
352 truck.

353

354 "Right," said Jack, and they shook hands, hit each other on
355 the shoulder, then there was forty feet of distance between

356 them and nothing to do but drive away in opposite
357 directions. Within a mile Ennis felt like someone was
358 pulling his guts out hand over hand a yard at a time. He
359 stopped at the side of the road and, in the whirling new
360 snow, tried to puke but nothing came up. He felt about as
361 bad as he ever had and it took a long time for the feeling
362 to wear off.

363

364 ***

365

366 In December Ennis married Alma Beers and had her pregnant
367 by mid-January. He picked up a few short-lived ranch jobs,
368 then settled in as a wrangler on the old Elwood Hi-Top
369 place north of Lost Cabin in Washakie County. He was still
370 working there in September when Alma Jr., as he called his
371 daughter, was born and their bedroom was full of the smell
372 of old blood and milk and baby shit, and the sounds were of
373 squalling and sucking and Alma's sleepy groans, all
374 reassuring of fecundity and life's continuance to one who
375 worked with livestock.

376

377 When the Hi-Top folded they moved to a small apartment in
378 Riverton up over a laundry. Ennis got on the highway crew,
379 tolerating it but working weekends at the Rafter B in
380 exchange for keeping his horses out there. The second girl
381 was born and Alma wanted to stay in town near the clinic
382 because the child had an asthmatic wheeze.

383

384 "Ennis, please, no more damn lonesome ranches for us," she
385 said, sitting on his lap, wrapping her thin, freckled arms
386 around him. "Let's get a place here in town?"

387

388 "I guess," said Ennis, slipping his hand up her blouse
389 sleeve and stirring the silky armpit hair, then easing her
390 down, fingers moving up her ribs to the jelly breast, over
391 the round belly and knee and up into the wet gap all the
392 way to the north pole or the equator depending which way
393 you thought you were sailing, working at it until she
394 shuddered and bucked against his hand and he rolled her
395 over, did quickly what she hated. They stayed in the little
396 apartment which he favored because it could be left at any
397 time.

398

399 ***

400

401 The fourth summer since Brokeback Mountain came on and in
402 June Ennis had a general delivery letter from Jack Twist,
403 the first sign of life in all that time.

404 Friend this letter is a long time over due. Hope you get
405 it. Heard you was in Riverton. Im coming thru on the 24th,

406 thought Id stop and buy you a beer Drop me a line if you
407 can, say if your there.

408

409 The return address was Childress, Texas. Ennis wrote back,
410 you bet, gave the Riverton address.

411

412 The day was hot and clear in the morning, but by noon the
413 clouds had pushed up out of the west rolling a little
414 sultry air before them. Ennis, wearing his best shirt,
415 white with wide black stripes, didn't know what time Jack
416 would get there and so had taken the day off, paced back
417 and forth, looking down into a street pale with dust. Alma
418 was saying something about taking his friend to the Knife &
419 Fork for supper instead of cooking it was so hot, if they
420 could get a baby-sitter, but Ennis said more likely he'd
421 just go out with Jack and get drunk. Jack was not a
422 restaurant type, he said, thinking of the dirty spoons
423 sticking out of the cans of cold beans balanced on the log.

424

425 Late in the afternoon, thunder growling, that same old
426 green pickup rolled in and he saw Jack get out of the
427 truck, beat-up Resistol tilted back. A hot jolt scalded
428 Ennis and he was out on the landing pulling the door closed
429 behind him. Jack took the stairs two and two. They seized
430 each other by the shoulders, hugged mightily, squeezing the
431 breath out of each other, saying, son of a bitch, son of a
432 bitch, then, and easily as the right key turns the lock
433 tumblers, their mouths came together, and hard, Jack's big
434 teeth bringing blood, his hat falling to the floor, stubble
435 rasping, wet saliva welling, and the door opening and Alma
436 looking out for a few seconds at Ennis's straining
437 shoulders and shutting the door again and still they
438 clinched, pressing chest and groin and thigh and leg
439 together, treading on each other's toes until they pulled
440 apart to breathe and Ennis, not big on endearments, said
441 what he said to his horses and daughters, little darlin.

442

443 The door opened again a few inches and Alma stood in the
444 narrow light.

445

446 What could he say? "Alma, this is Jack Twist, Jack, my wife
447 Alma." His chest was heaving. He could smell Jack -- the
448 intensely familiar odor of cigarettes, musky sweat and a
449 faint sweetness like grass, and with it the rushing cold of
450 the mountain. "Alma," he said, "Jack and me ain't seen each
451 other in four years." As if it were a reason. He was glad
452 the light was dim on the landing but did not turn away from
453 her.

454

455 "Sure enough," said Alma in a low voice. She had seen what
456 she had seen. Behind her in the room lightning lit the
457 window like a white sheet waving and the baby cried.

458

459 "You got a kid?" said Jack. His shaking hand grazed Ennis's
460 hand, electrical current snapped between them.

461

462 "Two little girls," Ennis said. "Alma Jr. and Francine.
463 Love them to pieces." Alma's mouth twitched.

464

465 "I got a boy," said Jack. "Eight months old. Tell you what,
466 I married a cute little old Texas girl down in Childress --
467 Lureen." From the vibration of the floorboard on which they
468 both stood Ennis could feel how hard Jack was shaking.

469

470 "Alma," he said. "Jack and me is goin out and get a drink.
471 Might not get back tonight, we get drinkin and talkin."

472

473 "Sure enough," Alma said, taking a dollar bill from her
474 pocket. Ennis guessed she was going to ask him to get her a
475 pack of cigarettes, bring him back sooner.

476

477 "Please to meet you," said Jack, trembling like a run-out
478 horse.

479

480 "Ennis -- " said Alma in her misery voice, but that didn't
481 slow him down on the stairs and he called back, "Alma, you
482 want smokes there's some in the pocket a my blue shirt in
483 the bedroom."

484

485 They went off in Jack's truck, bought a bottle of whiskey
486 and within twenty minutes were in the Motel Siesta jouncing
487 a bed. A few handfuls of hail rattled against the window
488 followed by rain and slippery wind banging the unsecured
489 door of the next room then and through the night.

490

491 ***

492

493 The room stank of semen and smoke and sweat and whiskey, of
494 old carpet and sour hay, saddle leather, shit and cheap
495 soap. Ennis lay spread-eagled, spent and wet, breathing
496 deep, still half tumescent, Jack blowing forceful cigarette
497 clouds like whale spouts, and Jack said, "Christ, it got a
498 be all that time a yours ahorseback makes it so goddamn
499 good. We got to talk about this. Swear to god I didn't know
500 we was goin a get into this again -- yeah, I did. Why I'm
501 here. I fuckin knew it. Redlined all the way, couldn't get
502 here fast enough."

503

504 "I didn't know where in the hell you was," said Ennis.

505 "Four years. I about give up on you. I figured you was sore
506 about that punch."

507

508 "Friend," said Jack, "I was in Texas rodeoin. How I met
509 Lureen. Look over on that chair."

510

511 On the back of the soiled orange chair he saw the shine of
512 a buckle. "Bullridin?"

513

514 "Yeah. I made three fuckin thousand dollars that year.
515 Fuckin starved. Had to borrow everthing but a toothbrush
516 from other guys. Drove grooves across Texas. Half the time
517 under that cunt truck fixin it. Anyway, I didn't never
518 think about losin. Lureen? There's some serious money
519 there. Her old man's got it. Got this farm machinery
520 business. Course he don't let her have none a the money,
521 and he hates my fuckin guts, so it's a hard go now but one
522 a these days -- "

523

524 "Well, you're goin a go where you look. Army didn't get
525 you?" The thunder sounded far to the east, moving from them
526 in its red wreaths of light.

527

528 "They can't get no use out a me. Got some crushed
529 vertebrates. And a stress fracture, the arm bone here, you
530 know how bullridin you're always leverin it off your thigh?
531 -- she gives a little ever time you do it. Even if you tape
532 it good you break it a little goddamn bit at a time. Tell
533 you what, hurts like a bitch afterwards. Had a busted leg.
534 Busted in three places. Come off the bull and it was a big
535 bull with a lot a drop, he got rid a me in about three flat
536 and he come after me and he was sure faster. Lucky enough.
537 Friend a mine got his oil checked with a horn dipstick and
538 that was all she wrote. Bunch a other things, fuckin busted
539 ribs, sprains and pains, torn ligaments. See, it ain't like
540 it was in my daddy's time. It's guys with money go to
541 college, trained athaletes. You got a have some money to
542 rodeo now. Lureen's old man wouldn't give me a dime if I
543 dropped it, except one way. And I know enough about the
544 game now so I see that I ain't never goin a be on the
545 bubble. Other reasons. I'm gettin out while I still can
546 walk."

547

548 Ennis pulled Jack's hand to his mouth, took a hit from the
549 cigarette, exhaled. "Sure as hell seem in one piece to me.
550 You know, I was sittin up here all that time tryin to
551 figure out if I was -- ? I know I ain't. I mean here we
552 both got wives and kids, right? I like doin it with women,
553 yeah, but Jesus H., ain't nothin like this. I never had no
554 thoughts a doin it with another guy except I sure wrang it

555 out a hundred times thinkin about you. You do it with other
556 guys? Jack?"

557

558 "Shit no," said Jack, who had been riding more than bulls,
559 not rolling his own. "You know that. Old Brokeback got us
560 good and it sure ain't over. We got a work out what the
561 fuck we're goin a do now."

562

563 "That summer," said Ennis. "When we split up after we got
564 paid out I had gut cramps so bad I pulled over and tried to
565 puke, thought I ate somethin bad at that place in Dubois.
566 Took me about a year a figure out it was that I shouldn't a
567 let you out a my sights. Too late then by a long, long
568 while."

569

570 "Friend," said Jack. "We got us a fuckin situation here.
571 Got a figure out what to do."

572

573 "I doubt there's nothin now we can do," said Ennis. "What
574 I'm sayin, Jack, I built a life up in them years. Love my
575 little girls. Alma? It ain't her fault. You got your baby
576 and wife, that place in Texas. You and me can't hardly be
577 decent together if what happened back there" -- he jerked
578 his head in the direction of the apartment -- "grabs on us
579 like that. We do that in the wrong place we'll be dead.
580 There's no reins on this one. It scares the piss out a me."

581

582 "Got to tell you, friend, maybe somebody seen us that
583 summer. I was back there the next June, thinkin about goin
584 back -- I didn't, lit out for Texas instead -- and Joe
585 Aguirre's in the office and he says to me, he says, 'You
586 boys found a way to make the time pass up there, didn't
587 you,' and I give him a look but when I went out I seen he
588 had a big-ass pair a binoculars hangin off his rearview."
589 He neglected to add that the foreman had leaned back in his
590 squeaky wooden tilt chair, said, Twist, you guys wasn't
591 gettin paid to leave the dogs baby-sit the sheep while you
592 stemmed the rose, and declined to rehire him. He went on,
593 "Yeah, that little punch a yours surprised me. I never
594 figured you to throw a dirty punch."

595

596 "I come up under my brother K.E., three years older'n me,
597 slugged me silly ever day. Dad got tired a me come bawlin
598 in the house and when I was about six he set me down and
599 says, Ennis, you got a problem and you got a fix it or it's
600 gonna be with you until you're ninety and K.E.'s ninety-
601 three. Well, I says, he's bigger'n me. Dad says, you got a
602 take him unawares, don't say nothin to him, make him feel
603 some pain, get out fast and keep doin it until he takes the
604 message. Nothin like hurtin somebody to make him hear good.
605 So I did. I got him in the outhouse, jumped him on the

606 stairs, come over to his pillow in the night while he was
607 sleepin and pasted him damn good. Took about two days.
608 Never had trouble with K.E. since. The lesson was, don't
609 say nothin and get it over with quick." A telephone rang in
610 the next room, rang on and on, stopped abruptly in mid-
611 peal.

612
613 "You won't catch me again," said Jack. "Listen. I'm
614 thinkin, tell you what, if you and me had a little ranch
615 together, little cow and calf operation, your horses, it'd
616 be some sweet life. Like I said, I'm gettin out a rodeo. I
617 ain't no broke-dick rider but I don't got the bucks a ride
618 out this slump I'm in and I don't got the bones a keep
619 gettin wrecked. I got it figured, got this plan, Ennis, how
620 we can do it, you and me. Lureen's old man, you bet he'd
621 give me a bunch if I'd get lost. Already more or less said
622 it -- "

623
624 "Whoa, whoa, whoa. It ain't goin a be that way. We can't.
625 I'm stuck with what I got, caught in my own loop. Can't get
626 out of it. Jack, I don't want a be like them guys you see
627 around sometimes. And I don't want a be dead. There was
628 these two old guys ranched together down home, Earl and
629 Rich -- Dad would pass a remark when he seen them. They was
630 a joke even though they was pretty tough old birds. I was
631 what, nine years old and they found Earl dead in a
632 irrigation ditch. They'd took a tire iron to him, spurred
633 him up, drug him around by his dick until it pulled off,
634 just bloody pulp. What the tire iron done looked like
635 pieces a burned tomatoes all over him, nose tore down from
636 skiddin on gravel."

637
638 "You seen that?"

639
640 "Dad made sure I seen it. Took me to see it. Me and K.E.
641 Dad laughed about it. Hell, for all I know he done the job.
642 If he was alive and was to put his head in that door right
643 now you bet he'd go get his tire iron. Two guys livin
644 together? No. All I can see is we get together once in a
645 while way the hell out in the back a nowhere -- "

646
647 "How much is once in a while?" said Jack. "Once in a while
648 ever four fuckin years?"

649
650 "No," said Ennis, forbearing to ask whose fault that was.
651 "I goddamn hate it that you're goin a drive away in the
652 mornin and I'm goin back to work. But if you can't fix it
653 you got a stand it," he said. "Shit. I been lookin at
654 people on the street. This happen a other people? What the
655 hell do they do?"

656 "It don't happen in Wyomin and if it does I don't know what
657 they do, maybe go to Denver," said Jack, sitting up,
658 turning away from him, "and I don't give a flyin fuck. Son
659 of a bitch, Ennis, take a couple days off. Right now. Get
660 us out a here. Throw your stuff in the back a my truck and
661 let's get up in the mountains. Couple a days. Call Alma up
662 and tell her you're goin. Come on, Ennis, you just shot my
663 airplane out a the sky -- give me somethin a go on. This
664 ain't no little thing that's happenin here."

665

666 The hollow ringing began again in the next room, and as if
667 he were answering it, Ennis picked up the phone on the
668 bedside table, dialed his own number.

669

670 ***

671

672 A slow corrosion worked between Ennis and Alma, no real
673 trouble, just widening water. She was working at a grocery
674 store clerk job, saw she'd always have to work to keep
675 ahead of the bills on what Ennis made. Alma asked Ennis to
676 use rubbers because she dreaded another pregnancy. He said
677 no to that, said he would be happy to leave her alone if
678 she didn't want any more of his kids. Under her breath she
679 said, "I'd have em if you'd support em." And under that,
680 thought, anyway, what you like to do don't make too many
681 babies.

682

683 Her resentment opened out a little every year: the embrace
684 she had glimpsed, Ennis's fishing trips once or twice a
685 year with Jack Twist and never a vacation with her and the
686 girls, his disinclination to step out and have any fun, his
687 yearning for low paid, long-houred ranch work, his
688 propensity to roll to the wall and sleep as soon as he hit
689 the bed, his failure to look for a decent permanent job
690 with the county or the power company, put her in a long,
691 slow dive and when Alma Jr. was nine and Francine seven she
692 said, what am I doin hangin around with him, divorced Ennis
693 and married the Riverton grocer.

694

695 Ennis went back to ranch work, hired on here and there, not
696 getting much ahead but glad enough to be around stock
697 again, free to drop things, quit if he had to, and go into
698 the mountains at short notice. He had no serious hard
699 feelings, just a vague sense of getting shortchanged, and
700 showed it was all right by taking Thanksgiving dinner with
701 Alma and her grocer and the kids, sitting between his girls
702 and talking horses to them, telling jokes, trying not to be
703 a sad daddy. After the pie Alma got him off in the kitchen,
704 scraped the plates and said she worried about him and he
705 ought to get married again. He saw she was pregnant, about
706 four, five months, he guessed.

707 "Once burned," he said, leaning against the counter,
708 feeling too big for the room.
709 "You still go fishin with that Jack Twist?"
710
711 "Some." He thought she'd take the pattern off the plate
712 with the scraping.
713
714 "You know," she said, and from her tone he knew something
715 was coming, "I used to wonder how come you never brought
716 any trouts home. Always said you caught plenty. So one time
717 I got your creel case open the night before you went on one
718 a your little trips -- price tag still on it after five
719 years -- and I tied a note on the end of the line. It said,
720 hello Ennis, bring some fish home, love, Alma. And then you
721 come back and said you'd caught a bunch a browns and ate
722 them up. Remember? I looked in the case when I got a chance
723 and there was my note still tied there and that line hadn't
724 touched water in its life." As though the word "water" had
725 called out its domestic cousin she twisted the faucet,
726 sluiced the plates.
727
728 "That don't mean nothin."
729
730 "Don't lie, don't try to fool me, Ennis. I know what it
731 means. Jack Twist? Jack Nasty. You and him -- "
732
733 She'd overstepped his line. He seized her wrist; tears
734 sprang and rolled, a dish clattered.
735
736 "Shut up," he said. "Mind your own business. You don't know
737 nothin about it."
738
739 "I'm goin a yell for Bill."
740
741 "You fuckin go right ahead. Go on and fuckin yell. I'll
742 make him eat the fuckin floor and you too." He gave another
743 wrench that left her with a burning bracelet, shoved his
744 hat on backwards and slammed out. He went to the Black and
745 Blue Eagle bar that night, got drunk, had a short dirty
746 fight and left. He didn't try to see his girls for a long
747 time, figuring they would look him up when they got the
748 sense and years to move out from Alma.
749
750 ***
751
752 They were no longer young men with all of it before them.
753 Jack had filled out through the shoulders and hams, Ennis
754 stayed as lean as a clothes-pole, stepped around in worn
755 boots, jeans and shirts summer and winter, added a canvas
756 coat in cold weather. A benign growth appeared on his

757 eyelid and gave it a drooping appearance, a broken nose
758 healed crooked.

759

760 Years on years they worked their way through the high
761 meadows and mountain drainages, horse-packing into the Big
762 Horns, Medicine Bows, south end of the Gallatins,
763 Absarokas, Granites, Owl Creeks, the Bridger-Teton Range,
764 the Freezeouts and the Shirleys, Ferrises and the
765 Rattlesnakes, Salt River Range, into the Wind Rivers over
766 and again, the Sierra Madres, Gros Ventres, the Washakies,
767 Laramies, but never returning to Brokeback.

768

769 Down in Texas Jack's father-in-law died and Lureen, who
770 inherited the farm equipment business, showed a skill for
771 management and hard deals. Jack found himself with a vague
772 managerial title, traveling to stock and agricultural
773 machinery shows. He had some money now and found ways to
774 spend it on his buying trips. A little Texas accent
775 flavored his sentences, "cow" twisted into "kyow" and
776 "wife" coming out as "waf." He'd had his front teeth filed
777 down and capped, said he'd felt no pain, and to finish the
778 job grew a heavy mustache.

779

780 ***

781

782 In May of 1983 they spent a few cold days at a series of
783 little icebound, no-name high lakes, then worked across
784 into the Hail Strew River drainage.

785

786 Going up, the day was fine but the trail deep-drifted and
787 slopping wet at the margins. They left it to wind through a
788 slashy cut, leading the horses through brittle branchwood,
789 Jack, the same eagle feather in his old hat, lifting his
790 head in the heated noon to take the air scented with
791 resinous lodgepole, the dry needle duff and hot rock,
792 bitter juniper crushed beneath the horses' hooves. Ennis,
793 weather-eyed, looked west for the heated cumulus that might
794 come up on such a day but the boneless blue was so deep,
795 said Jack, that he might drown looking up.

796

797 Around three they swung through a narrow pass to a
798 southeast slope where the strong spring sun had had a
799 chance to work, dropped down to the trail again which lay
800 snowless below them. They could hear the river muttering
801 and making a distant train sound a long way off. Twenty
802 minutes on they surprised a black bear on the bank above
803 them rolling a log over for grubs and Jack's horse shied
804 and reared, Jack saying "Wo! Wo!" and Ennis's bay dancing
805 and snorting but holding. Jack reached for the .30-.06 but
806 there was no need; the startled bear galloped into the

807 trees with the lumpish gait that made it seem it was
808 falling apart.

809

810 The tea-colored river ran fast with snowmelt, a scarf of
811 bubbles at every high rock, pools and setbacks streaming.
812 The ochre-branched willows swayed stiffly, pollened catkins
813 like yellow thumbprints. The horses drank and Jack
814 dismounted, scooped icy water up in his hand, crystalline
815 drops falling from his fingers, his mouth and chin
816 glistening with wet.

817

818 "Get beaver fever doin that," said Ennis, then, "Good
819 enough place," looking at the level bench above the river,
820 two or three fire-rings from old hunting camps. A sloping
821 meadow rose behind the bench, protected by a stand of
822 lodgepole. There was plenty of dry wood. They set up camp
823 without saying much, picketed the horses in the meadow.
824 Jack broke the seal on a bottle of whiskey, took a long,
825 hot swallow, exhaled forcefully, said, "That's one a the
826 two things I need right now," capped and tossed it to
827 Ennis.

828

829 On the third morning there were the clouds Ennis had
830 expected, a grey racer out of the west, a bar of darkness
831 driving wind before it and small flakes. It faded after an
832 hour into tender spring snow that heaped wet and heavy. By
833 nightfall it turned colder. Jack and Ennis passed a joint
834 back and forth, the fire burning late, Jack restless and
835 bitching about the cold, poking the flames with a stick,
836 twisting the dial of the transistor radio until the
837 batteries died.

838

839 Ennis said he'd been putting the blocks to a woman who
840 worked part-time at the Wolf Ears bar in Signal where he
841 was working now for Stoutamire's cow and calf outfit, but
842 it wasn't going anywhere and she had some problems he
843 didn't want. Jack said he'd had a thing going with the wife
844 of a rancher down the road in Childress and for the last
845 few months he'd slank around expecting to get shot by
846 Lureen or the husband, one. Ennis laughed a little and said
847 he probably deserved it. Jack said he was doing all right
848 but he missed Ennis bad enough sometimes to make him whip
849 babies.

850

851 The horses nickered in the darkness beyond the fire's
852 circle of light. Ennis put his arm around Jack, pulled him
853 close, said he saw his girls about once a month, Alma Jr. a
854 shy seventeen-year-old with his beanpole length, Francine a
855 little live wire. Jack slid his cold hand between Ennis's
856 legs, said he was worried about his boy who was, no doubt
857 about it, dyslexic or something, couldn't get anything

858 right, fifteen years old and couldn't hardly read, he could
859 see it though goddamn Lureen wouldn't admit to it and
860 pretended the kid was o.k., refused to get any bitchin kind
861 a help about it. He didn't know what the fuck the answer
862 was. Lureen had the money and called the shots.

863 "I used a want a boy for a kid," said Ennis, undoing
864 buttons, "but just got little girls."

865

866 "I didn't want none a either kind," said Jack. "But fuck-
867 all has worked the way I wanted. Nothin never come to my
868 hand the right way." Without getting up he threw deadwood
869 on the fire, the sparks flying up with their truths and
870 lies, a few hot points of fire landing on their hands and
871 faces, not for the first time, and they rolled down into
872 the dirt. One thing never changed: the brilliant charge of
873 their infrequent couplings was darkened by the sense of
874 time flying, never enough time, never enough.

875

876 A day or two later in the trailhead parking lot, horses
877 loaded into the trailer, Ennis was ready to head back to
878 Signal, Jack up to Lightning Flat to see the old man. Ennis
879 leaned into Jack's window, said what he'd been putting off
880 the whole week, that likely he couldn't get away again
881 until November after they'd shipped stock and before winter
882 feeding started.

883

884 "November. What in hell happened a August? Tell you what,
885 we said August, nine, ten days. Christ, Ennis! Whyn't you
886 tell me this before? You had a fuckin week to say some
887 little word about it. And why's it we're always in the
888 friggin cold weather? We ought a do somethin. We ought a go
889 south. We ought a go to Mexico one day."

890

891 "Mexico? Jack, you know me. All the travelin I ever done is
892 goin around the coffeepot lookin for the handle. And I'll
893 be runnin the baler all August, that's what's the matter
894 with August. Lighten up, Jack. We can hunt in November,
895 kill a nice elk. Try if I can get Don Wroe's cabin again.
896 We had a good time that year."

897

898 "You know, friend, this is a goddamn bitch of a
899 unsatisfactory situation. You used a come away easy. It's
900 like seein the pope now."

901

902 "Jack, I got a work. Them earlier days I used a quit the
903 jobs. You got a wife with money, a good job. You forget how
904 it is bein broke all the time. You ever hear a child
905 support? I been payin out for years and got more to go. Let
906 me tell you, I can't quit this one. And I can't get the
907 time off. It was tough gettin this time -- some a them late
908 heifers is still calvin. You don't leave then. You don't.

909 Stoutamire is a hell-raiser and he raised hell about me
910 takin the week. I don't blame him. He probly ain't got a
911 night's sleep since I left. The trade-off was August. You
912 got a better idea?"

913

914 "I did once." The tone was bitter and accusatory.

915

916 Ennis said nothing, straightened up slowly, rubbed at his
917 forehead; a horse stamped inside the trailer. He walked to
918 his truck, put his hand on the trailer, said something that
919 only the horses could hear, turned and walked back at a
920 deliberate pace.

921

922 "You been a Mexico, Jack?" Mexico was the place. He'd
923 heard. He was cutting fence now, trespassing in the shoot-
924 em zone.

925

926 "Hell yes, I been. Where's the fuckin problem?" Braced for
927 it all these years and here it came, late and unexpected.

928

929 "I got a say this to you one time, Jack, and I ain't
930 foolin. What I don't know," said Ennis, "all them things I
931 don't know could get you killed if I should come to know
932 them."

933

934 "Try this one," said Jack, "and I'll say it just one time.
935 Tell you what, we could a had a good life together, a
936 fuckin real good life. You wouldn't do it, Ennis, so what
937 we got now is Brokeback Mountain. Everthing built on that.
938 It's all we got, boy, fuckin all, so I hope you know that
939 if you don't never know the rest. Count the damn few times
940 we been together in twenty years. Measure the fuckin short
941 leash you keep me on, then ask me about Mexico and then
942 tell me you'll kill me for needin it and not hardly never
943 gettin it. You got no fuckin idea how bad it gets. I'm not
944 you. I can't make it on a couple a high-altitude fucks once
945 or twice a year. You're too much for me, Ennis, you son of
946 a whoreson bitch. I wish I knew how to quit you."

947

948 Like vast clouds of steam from thermal springs in winter
949 the years of things unsaid and now unsayable -- admissions,
950 declarations, shames, guilts, fears -- rose around them.
951 Ennis stood as if heart-shot, face grey and deep-lined,
952 grimacing, eyes screwed shut, fists clenched, legs caving,
953 hit the ground on his knees.

954

955 "Jesus," said Jack. "Ennis?" But before he was out of the
956 truck, trying to guess if it was heart attack or the
957 overflow of an incendiary rage, Ennis was back on his feet
958 and somehow, as a coat hanger is straightened to open a
959 locked car and then bent again to its original shape, they

960 torqued things almost to where they had been, for what
961 they'd said was no news. Nothing ended, nothing begun,
962 nothing resolved.

963

964 ***

965

966 What Jack remembered and craved in a way he could neither
967 help nor understand was the time that distant summer on
968 Brokeback when Ennis had come up behind him and pulled him
969 close, the silent embrace satisfying some shared and
970 sexless hunger.

971

972 They had stood that way for a long time in front of the
973 fire, its burning tossing ruddy chunks of light, the shadow
974 of their bodies a single column against the rock. The
975 minutes ticked by from the round watch in Ennis's pocket,
976 from the sticks in the fire settling into coals. Stars bit
977 through the wavy heat layers above the fire. Ennis's breath
978 came slow and quiet, he hummed, rocked a little in the
979 sparklight and Jack leaned against the steady heartbeat,
980 the vibrations of the humming like faint electricity and,
981 standing, he fell into sleep that was not sleep but
982 something else drowsy and tranced until Ennis, dredging up
983 a rusty but still useable phrase from the childhood time
984 before his mother died, said, "Time to hit the hay, cowboy.
985 I got a go. Come on, you're sleepin on your feet like a
986 horse," and gave Jack a shake, a push, and went off in the
987 darkness. Jack heard his spurs tremble as he mounted, the
988 words "see you tomorrow," and the horse's shuddering snort,
989 grind of hoof on stone.

990

991 Later, that dozy embrace solidified in his memory as the
992 single moment of artless, charmed happiness in their
993 separate and difficult lives. Nothing marred it, even the
994 knowledge that Ennis would not then embrace him face to
995 face because he did not want to see nor feel that it was
996 Jack he held. And maybe, he thought, they'd never got much
997 farther than that. Let be, let be.

998

999 ***

1000

1001 Ennis didn't know about the accident for months until his
1002 postcard to Jack saying that November still looked like the
1003 first chance came back stamped DECEASED. He called Jack's
1004 number in Childress, something he had done only once before
1005 when Alma divorced him and Jack had misunderstood the
1006 reason for the call, had driven twelve hundred miles north
1007 for nothing. This would be all right, Jack would answer,
1008 had to answer. But he did not. It was Lureen and she said
1009 who? who is this? and when he told her again she said in a
1010 level voice yes, Jack was pumping up a flat on the truck

1011 out on a back road when the tire blew up. The bead was
1012 damaged somehow and the force of the explosion slammed the
1013 rim into his face, broke his nose and jaw and knocked him
1014 unconscious on his back. By the time someone came along he
1015 had drowned in his own blood.

1016
1017 No, he thought, they got him with the tire iron.

1018
1019 "Jack used to mention you," she said. "You're the fishing
1020 buddy or the hunting buddy, I know that. Would have let you
1021 know," she said, "but I wasn't sure about your name and
1022 address. Jack kept most a his friends' addresses in his
1023 head. It was a terrible thing. He was only thirty-nine
1024 years old."

1025
1026 The huge sadness of the northern plains rolled down on him.
1027 He didn't know which way it was, the tire iron or a real
1028 accident, blood choking down Jack's throat and nobody to
1029 turn him over. Under the wind drone he heard steel slamming
1030 off bone, the hollow chatter of a settling tire rim.

1031
1032 "He buried down there?" He wanted to curse her for letting
1033 Jack die on the dirt road.

1034
1035 The little Texas voice came slip-sliding down the wire. "We
1036 put a stone up. He use to say he wanted to be cremated,
1037 ashes scattered on Brokeback Mountain. I didn't know where
1038 that was. So he was cremated, like he wanted, and like I
1039 say, half his ashes was interred here, and the rest I sent
1040 up to his folks. I thought Brokeback Mountain was around
1041 where he grew up. But knowing Jack, it might be some
1042 pretend place where the bluebirds sing and there's a
1043 whiskey spring."

1044
1045 "We herded sheep on Brokeback one summer," said Ennis. He
1046 could hardly speak.

1047
1048 "Well, he said it was his place. I thought he meant to get
1049 drunk. Drink whiskey up there. He drank a lot."

1050
1051 "His folks still up in Lightnin Flat?"

1052
1053 "Oh yeah. They'll be there until they die. I never met
1054 them. They didn't come down for the funeral. You get in
1055 touch with them. I suppose they'd appreciate it if his
1056 wishes was carried out."

1057
1058 No doubt about it, she was polite but the little voice was
1059 cold as snow.

1060
1061 ***

1062 The road to Lightning Flat went through desolate country
1063 past a dozen abandoned ranches distributed over the plain
1064 at eight- and ten-mile intervals, houses sitting blank-eyed
1065 in the weeds, corral fences down. The mailbox read John C.
1066 Twist. The ranch was a meagre little place, leafy spurge
1067 taking over. The stock was too far distant for him to see
1068 their condition, only that they were black baldies. A porch
1069 stretched across the front of the tiny brown stucco house,
1070 four rooms, two down, two up.

1071

1072 Ennis sat at the kitchen table with Jack's father. Jack's
1073 mother, stout and careful in her movements as though
1074 recovering from an operation, said, "Want some coffee,
1075 don't you? Piece a cherry cake?"

1076

1077 "Thank you, ma'am, I'll take a cup a coffee but I can't eat
1078 no cake just now."

1079

1080 The old man sat silent, his hands folded on the plastic
1081 tablecloth, staring at Ennis with an angry, knowing
1082 expression. Ennis recognized in him a not uncommon type
1083 with the hard need to be the stud duck in the pond. He
1084 couldn't see much of Jack in either one of them, took a
1085 breath.

1086

1087 "I feel awful bad about Jack. Can't begin to say how bad I
1088 feel. I knew him a long time. I come by to tell you that if
1089 you want me to take his ashes up there on Brokeback like
1090 his wife says he wanted I'd be proud to."

1091

1092 There was a silence. Ennis cleared his throat but said
1093 nothing more.

1094

1095 The old man said, "Tell you what, I know where Brokeback
1096 Mountain is. He thought he was too goddamn special to be
1097 buried in the family plot."

1098

1099 Jack's mother ignored this, said, "He used a come home
1100 every year, even after he was married and down in Texas,
1101 and help his daddy on the ranch for a week fix the gates
1102 and mow and all. I kept his room like it was when he was a
1103 boy and I think he appreciated that. You are welcome to go
1104 up in his room if you want."

1105

1106 The old man spoke angrily. "I can't get no help out here.
1107 Jack used a say, 'Ennis del Mar,' he used a say, 'I'm goin
1108 a bring him up here one a these days and we'll lick this
1109 damn ranch into shape.' He had some half-baked idea the two
1110 a you was goin a move up here, build a log cabin and help
1111 me run this ranch and bring it up. Then, this spring he's
1112 got another one's goin a come up here with him and build a

1113 place and help run the ranch, some ranch neighbor a his
1114 from down in Texas. He's goin a split up with his wife and
1115 come back here. So he says. But like most a Jack's ideas it
1116 never come to pass."

1117

1118 So now he knew it had been the tire iron. He stood up,
1119 said, you bet he'd like to see Jack's room, recalled one of
1120 Jack's stories about this old man. Jack was dick-clipped
1121 and the old man was not; it bothered the son who had
1122 discovered the anatomical disconformity during a hard
1123 scene. He had been about three or four, he said, always
1124 late getting to the toilet, struggling with buttons, the
1125 seat, the height of the thing and often as not left the
1126 surroundings sprinkled down. The old man blew up about it
1127 and this one time worked into a crazy rage. "Christ, he
1128 licked the stuffin out a me, knocked me down on the
1129 bathroom floor, whipped me with his belt. I thought he was
1130 killin me. Then he says, 'You want a know what it's like
1131 with piss all over the place? I'll learn you,' and he pulls
1132 it out and lets go all over me, soaked me, then he throws a
1133 towel at me and makes me mop up the floor, take my clothes
1134 off and warsh them in the bathtub, warsh out the towel, I'm
1135 bawlin and blubberin. But while he was hosin me down I seen
1136 he had some extra material that I was missin. I seen they'd
1137 cut me different like you'd crop a ear or scorch a brand.
1138 No way to get it right with him after that."

1139

1140 The bedroom, at the top of a steep stair that had its own
1141 climbing rhythm, was tiny and hot, afternoon sun pounding
1142 through the west window, hitting the narrow boy's bed
1143 against the wall, an ink-stained desk and wooden chair, a
1144 b.b. gun in a hand-whittled rack over the bed. The window
1145 looked down on the gravel road stretching south and it
1146 occurred to him that for his growing-up years that was the
1147 only road Jack knew. An ancient magazine photograph of some
1148 dark-haired movie star was taped to the wall beside the
1149 bed, the skin tone gone magenta. He could hear Jack's
1150 mother downstairs running water, filling the kettle and
1151 setting it back on the stove, asking the old man a muffled
1152 question.

1153

1154 The closet was a shallow cavity with a wooden rod braced
1155 across, a faded cretonne curtain on a string closing it off
1156 from the rest of the room. In the closet hung two pairs of
1157 jeans crease-ironed and folded neatly over wire hangers, on
1158 the floor a pair of worn packer boots he thought he
1159 remembered. At the north end of the closet a tiny jog in
1160 the wall made a slight hiding place and here, stiff with
1161 long suspension from a nail, hung a shirt. He lifted it off
1162 the nail. Jack's old shirt from Brokeback days. The dried
1163 blood on the sleeve was his own blood, a gushing nosebleed

1164 on the last afternoon on the mountain when Jack, in their
1165 contortionistic grappling and wrestling, had slammed
1166 Ennis's nose hard with his knee. He had staunched the blood
1167 which was everywhere, all over both of them, with his
1168 shirtsleeve, but the staunching hadn't held because Ennis
1169 had suddenly swung from the deck and laid the ministering
1170 angel out in the wild columbine, wings folded.

1171

1172 The shirt seemed heavy until he saw there was another shirt
1173 inside it, the sleeves carefully worked down inside Jack's
1174 sleeves. It was his own plaid shirt, lost, he'd thought,
1175 long ago in some damn laundry, his dirty shirt, the pocket
1176 ripped, buttons missing, stolen by Jack and hidden here
1177 inside Jack's own shirt, the pair like two skins, one
1178 inside the other, two in one. He pressed his face into the
1179 fabric and breathed in slowly through his mouth and nose,
1180 hoping for the faintest smoke and mountain sage and salty
1181 sweet stink of Jack but there was no real scent, only the
1182 memory of it, the imagined power of Brokeback Mountain of
1183 which nothing was left but what he held in his hands.

1184

1185 ***

1186

1187 In the end the stud duck refused to let Jack's ashes go.
1188 "Tell you what, we got a family plot and he's goin in it."
1189 Jack's mother stood at the table coring apples with a
1190 sharp, serrated instrument. "You come again," she said.

1191

1192 Bumping down the washboard road Ennis passed the country
1193 cemetery fenced with sagging sheep wire, a tiny fenced
1194 square on the welling prairie, a few graves bright with
1195 plastic flowers, and didn't want to know Jack was going in
1196 there, to be buried on the grieving plain.

1197

1198 ***

1199

1200 A few weeks later on the Saturday he threw all Stoutamire's
1201 dirty horse blankets into the back of his pickup and took
1202 them down to the Quik Stop Car Wash to turn the high-
1203 pressure spray on them. When the wet clean blankets were
1204 stowed in the truck bed he stepped into Higgins's gift shop
1205 and busied himself with the postcard rack.

1206

1207 "Ennis, what are you lookin for rootin through them
1208 postcards?" said Linda Higgins, throwing a sopping brown
1209 coffee filter into the garbage can.

1210

1211 "Scene a Brokeback Mountain."

1212

1213 "Over in Fremont County?"

1214

1215 "No, north a here."
1216
1217 "I didn't order none a them. Let me get the order list.
1218 They got it I can get you a hunderd. I got a order some
1219 more cards anyway."
1220
1221 "One's enough," said Ennis.
1222
1223 When it came -- thirty cents -- he pinned it up in his
1224 trailer, brass-headed tack in each corner. Below it he
1225 drove a nail and on the nail he hung the wire hanger and
1226 the two old shirts suspended from it. He stepped back and
1227 looked at the ensemble through a few stinging tears.
1228
1229 "Jack, I swear -- "he said, though Jack had never asked him
1230 to swear anything and was himself not the swearing kind.
1231
1232 ***
1233
1234 Around that time Jack began to appear in his dreams, Jack
1235 as he had first seen him, curly-headed and smiling and
1236 bucktoothed, talking about getting up off his pockets and
1237 into the control zone, but the can of beans with the spoon
1238 handle jutting out and balanced on the log was there as
1239 well, in a cartoon shape and lurid colors that gave the
1240 dreams a flavor of comic obscenity. The spoon handle was
1241 the kind that could be used as a tire iron. And he would
1242 wake sometimes in grief, sometimes with the old sense of
1243 joy and release; the pillow sometimes wet, sometimes the
1244 sheets.

1245 There was some open space between what he knew and what he
1246 tried to believe, but nothing could be done about it, and
1247 if you can't fix it you've got to stand it.

1 ANEXO B – *Corpus da Pesquisa*

2
3 *As referências à direita correspondem ao número da linha no conto (Anexo I).*

4
5 They were raised on small, poor ranches in opposite corners of the state [...],
6 both high school dropout country boys with no prospects, brought up to hard
7 work and privation, both rough-mannered, rough-spoken, inured to the stoic life.
8 [...] Neither of them was twenty (l. 37-63).

9 [...]

10 At first glance Jack seemed fair enough with his curly hair and quick laugh, but
11 for a small man he carried some weight in the haunch and his smile disclosed
12 buckteeth, but noticeable. He was inflated with the rodeo life and he was crazy
13 to be somewhere, anywhere else than Lightning Flat (l. 101-110)

14 [...]

15 Ennis, high-arched nose and narrow face, was scruffy and a little cave-chested,
16 balanced a small torso on long, caliper legs, possessed a muscular and supple
17 body made for the horse and for fighting. His reflexes were uncommonly quick
18 (l. 112-116).

19 [...]

20 During the day Ennis looked across a great gulf and sometimes saw Jack, a
21 small dot moving across a high meadow as an insect moves across a
22 tablecloth; Jack, in his dark camp, saw Ennis as night fire, a red spark on the
23 huge black mass of mountain (l. 149-153).

24 [...]

25 “I can’t cook a worth a shit. Pretty good with a can opener.”

26 “Can’t be no worse than me, then” (l. 179-182).

27 [...]

28 (no drawers, no socks, Jack noticed) (l. 203-204).

29 [...]

30 ...talking horses and rodeo, roughstock events, Jack’s home ranch where his
31 father and mother held on, Ennis’s family place folded years ago after his folks
32 died, the older brother in Signal and a married sister in Casper. Jack said his
33 father had been a pretty well-known bullrider years back but kept his secrets to
34 himself, never gave Jack a word of advice, never came once to see Jack ride,
35 though he had put him on the woolies when he was a little kid. Ennis said the
36 kind of riding that interested him lasted longer than eight seconds and had
37 some point to it. They were respectful of each other’s opinions, each glad to
38 have a companion where none had been expected. Ennis [...] thought he’d
39 never had such a good time, felt he could paw the white out of the moon (l. 214-
40 233)

41 [...]

42 ...and Ennis had a good raspy voice; Jack tried a Carl Perkins song, bawling
43 “what I say-ay-ay”, but he favored a sad hymn, “Water Walking Jesus”, learned
44 from his mother who believed in the Pentecost (l. 241-246).

45 [...]

46 “Too late to go out to them damn sheep”, said Ennis, dizzy drunk on all fours
47 one cold hour when the moon had notched past two (l. 249-251).

48 [...]

49 "Doubt I'll feel nothing". But he staggered under canvas, pulled his boots off,
50 snored on the ground cloth for a while, woke Jack with the clacking of his jaw (l.
51 260-262).

52 [...]

53 Bedroll's big enough," said Jack in an irritable sleep-clogged voice (l. 264-265).

54 [...]

55 It was big enough, warm enough, and in a little while they deepened their
56 intimacy considerably. Ennis ran full-throttle on all roads whether fence mending
57 or money spending, and he wanted none of it when Jack seized his left hand
58 and brought it to his erect cock.

59 Ennis jerked his hand away as though he'd touched fire, got to his knees,
60 unbuckled his belt, shoved his pants down, hauled Jack onto all fours and, with
61 the help of the clear slick and a little spit, entered him, nothing he'd done before
62 but no instruction manual needed. They went at it in silence except for a few
63 sharp intakes of breath and Jack's chocked "gun's goin off," then out, down and
64 asleep.

65 Ennis woke in red dawn with his pants around his knees, a top-grade headache,
66 and Jack butted against him; without saying anything about it both knew how it
67 would go for the rest of the summer, sheep be damned.

68 As it did go. They never talked about the sex, let it happen, at first only in the
69 tent at night, then in the full daylight with the hot sun striking down, and at
70 evening in the fire glow, quick, rough, laughing and snorting, no lack of noises,
71 but saying not a goddamn word except once Ennis said, "I'm not no queer," and
72 Jack jumped in with "Me neither. A one-shot thing. Nobody's business but ours"
73 (l. 266- 291).

74 [...]

75 They believed themselves invisible (l. 295-296).

76 [...]

77 In August Ennis spent the whole night with Jack in the main camp [...] In a
78 disquieting way everything seemed mixed (l. 305-313).

79 [...]

80 The mountain boiled with demonic energy, glazed with flickering broken-cloud
81 light, the wind combed the grass and drew from the damaged krummholz and
82 slit rock a bestial drone. As they descended the slope Ennis felt he was in a
83 slow-motion, but headlong, irreversible fall (l. 322-326).

84 [...]

85 and they shook hands, hit each other on the shoulder, then there was forty feet
86 of distance between them and nothing to do but drive away in opposite
87 directions. Within a mile Ennis felt like someone was pulling his guts out hand
88 over hand a yard at time. He stopped at the side of the road and, in the whirling
89 new snow, tried to puke but nothing came up. He felt about as bad as he ever
90 had and it took a long time for the feeling to wear off.

91 In December Ennis married Alma Beers and had her pregnant by mid-January.
92 [...]all reassuring of fecundity and life's continuance (l. 354-374).

93 [...]

94 "Ennis, please, no more damn lonesome ranches for us",

95 "I guess", said Ennis, slipping his hand up her blouse sleeve and stirring the
96 silky armpit hair, then easing her down, fingers moving up her ribs to jelly
97 breast, over the round belly and knee and up into the wet gap all the way to the
98 north pole or equator depending which way you thought you were sailing,

99 working at it until she shuddered and bucked against his hand and he rolled her
100 over, did quickly what she hated (l. 384-395).
101 [...]
102 The fourth summer since Brokeback Mountain came on and in June Ennis had
103 a general delivery letter from Jack Twist, the first sign of life in all that time. (l.
104 401-403).
105 [...]
106 Ennis wrote back, (l. 409).
107 [...]
108 Ennis, wearing his best shirt, white with wide black stripes, didn't know what
109 time Jack would get there and so had taken the day off, paced back and forth,
110 (l. 414-417)
111 [...]
112 and he saw Jack get out of the truck [...]. A hot jolt scalded Ennis and he was
113 out on the landing pulling the door closed behind him. Jack took the stairs two
114 and two. They seized each other by the shoulders, hugged mightily, squeezing
115 the breath out of each other, saying, son of a bitch, son of a bitch, then, and
116 easily as the right key turns the lock tumblers, their mouths came together, and
117 hard, Jack's big teeth bringing blood, his hat falling to the floor, stubble rasping,
118 wet saliva welling, and the door opening and Alma looking out for a few
119 seconds at Ennis's straining shoulders and shutting the door again and still they
120 clinched, pressing chest and groin and thigh and leg together, treading on each
121 other's toes until they pulled apart to breathe and Ennis, not big on
122 endearments, said what he had said to his horses and daughters, little darling.
123 The door opened again a few inches and Alma stood in the narrow light.
124 What could he say? "Alma, this is Jack Twist, Jack, my wife Alma." His chest
125 was heaving. He could smell Jack – the intensely familiar odor of cigarettes,
126 musky sweat and a faint sweetness like grass, and with it the rushing cold of the
127 mountain. "Alma," he said, "Jack and me ain't seen each other in four years (l.
128 426-451).
129 [...]
130 "Sure enough," said Alma in a low voice. She had seen what she had seen (l.
131 455-456).
132 [...]
133 They went off in Jack's truck, bought a bottle of whiskey and within twenty
134 minutes were in the Motel Siesta jouncing a bed (l. 485-487).
135 [...]
136 The room stank of semen and smoke and sweat and whiskey, of old carpet and
137 sour hay, saddle leather, shit and cheap soap (l. 493-495).
138 [...]
139 We got to talk about this. Swear to god I didn't know we was goin a get into this
140 again – yeah, I did. Why I'm here. I fucking knew it (l. 499-501).
141 [...]
142 You know, I was sitting up here all that time trying to figure out if I was -? I know
143 I ain't. I mean here we both got wives and kids, right? I like doin it with women,
144 yeah, but Jesus H., ain't nothing like this. I never had no thoughts a doin it with
145 another guy except I sure wrang it out a hundred times thinkin about you. You
146 do it with other guys, Jack?"
147 "Shit no," said Jack, who had been riding more than bulls, [...] Old Brokeback
148 got us good and it sure ain't over (l. 550-560).

149 [...]
150 Took me about a year a figure out it was that I shouldn't a let you out a my
151 sights. Too late then by a long, long while.
152 "Friend," said Jack. "We got us a fuckin situation here. Got a figure out what to
153 do."
154 "I doubt there's nothing now we can do," said Ennis. "What I'm saying, Jack, I
155 built a life up in them years. Love my little girls. Alma? It ain't her fault. You got
156 your baby and wife, that place in Texas. You and me can't hardly be decent
157 together if what happened back there" – he jerked his head in the direction of
158 the apartment – "grabs on us like that. We do that in the wrong place we'll be
159 dead. There's no reins on this one. It scares the piss out of me" (l. 566-580).
160 [...]
161 "You won't catch me again," said Jack. "Listen. I'm thinking, tell you what, if you
162 and me had a little ranch together, little cow and calf operation, your horses, it'd
163 be some sweet life. [...] I got it figured, got this plan, Ennis, how we can do it,
164 you and me. [...]"
165 "Whoa, whoa, whoa. It ain't goin a be that way. We can't. I'm stuck with what I
166 got, caught in my own loop. Can't get out of it. Jack, I don't want a be like them
167 guys you see around sometimes. And I don't want a be dead. "There was these
168 two old guys ranched together down home, Earl and Rich – Dad would pass a
169 remark when he seen them. They was a joke even though they was pretty
170 tough old birds. I was what, nine years old and they found Earl dead in a
171 irrigation ditch. They'd took a tire iron to him, spurred him up, drug him around
172 by his dick until it pulled off, just bloody pulp. What the tire iron done looked like
173 pieces a burned tomatoes all over him, nose tore down from skiddin on gravel."
174 "You seen that?"
175 "Dad made sure I seen it. Took me to see it. Me and K.E. laughed about it. Hell,
176 for all I know he done the job. If he was alive and was to put his head in that
177 door right now you bet he'd go get his tire iron. Two guys? No. All I can see is
178 we get together once in a while way the hell out in the back of nowhere—"
179 "How much is once in a while?" said Jack. "Once in a while even four fucking
180 years?"
181 "No," said Ennis, forbearing to ask whose fault that was. [...] But if you can't fix
182 it you got a stand it, he said. "Shit. I been lookin at people on the street. This
183 happen a other people? What the hell do they do?"
184 "It don't happen in Wyomin and if it does I don't know what they do, maybe go
185 to Denver", said Jack [...], "and I don't give a flyin fuck[...] This ain't no little
186 thing that's happenin here" (l. 613-664).
187 [...]
188 A slow corrosion worked between Ennis and Alma, no real trouble, just
189 widening water. [...] Alma asked Ennis to use rubbers because she dreaded
190 another pregnancy. He said no to that, said he would be happy to leave her
191 alone if she didn't want any more of his kids. Under the breath she said, "I'd
192 have em if you'd support em." And under that, thought, anyway, what you like to
193 do don't make too many babies.
194 Her resentment opened out a little every year: the embrace she had glimpsed,
195 Ennis's fishing trips once or twice a year with Jack Twist and never a vacation
196 with her and the girls, his disinclination to step out and have any fun [...], his
197 propensity to roll to the wall and sleep as soon as he hit the bed, and when

198 Alma Jr. was nine and Francine seven she said, what am I doing hangin around
199 with him, divorced Ennis and married the Riverton grocer (l. 672-693).
200 [...]
201 Years on years they worked their way through the high meadows and mountain
202 drainages [...], but never returning to Brokeback (l. 760-767).
203 [...]
204 Jack said he was doing all right but he missed Ennis bad enough sometimes to
205 make him whip babies (l. 847-849).
206 [...]
207 Ennis put his arm around Jack, pulled him close, [...] Jack slid his cold hand
208 between Ennis's legs, (l. 852-856).
209 [...]
210 Nothing never come to my hand the right way." [...] the sparks flying up with
211 their truths and lies [...], and they rolled down into the dirt. One thing never
212 changed: the brilliant charge of their infrequent couplings was darkened by the
213 sense of time flying, never enough time, never enough (l. 867-874).
214 [...]
215 You got a better idea?"
216 "I did once." The tone was bitter and accusatory (l. 912-914).
217 [...]
218 "You been a Mexico, Jack?" Mexico was the place. He'd heard (l. 922-923).
219 [...]
220 "I got a say this to you one time, Jack, and I ain't foolin. What I don't know," said
221 Ennis, "all them things I don't know could get you killed if I should come to know
222 them."
223 "Try this one," said Jack, "and I'll say it just one time. Tell you what, we could a
224 had a good life together, a fuckin real good life. You wouldn't do it, Ennis, so
225 what we got now is Brokeback Mountain. Everything built on that. It's all we got,
226 boy, fuckin all, so I hope you know that if you don't never know the rest. [...] "I'm
227 not you. I can't make it on a couple a high-altitude fucks once or twice a year.
228 You're too much for me, Ennis, you son of a whoreson bitch. I wish I knew how
229 to quit you."
230 Like vast clouds of steam from thermal springs in winter the years of things
231 unsaid and now unsayable – admissions, declarations, shames, guilts, fears –
232 rose around them (l. 929-950).
233 [...]
234 ...they torqued things almost to where they had been, for what they'd said was
235 no news. Nothing ended, nothing begun, nothing resolved.
236 What Jack remembered and craved in a way he could neither help nor
237 understand was the time that distant summer on Brokeback when Ennis had
238 come up behind him and pulled him close, the silent embrace satisfying some
239 shared and sexless hunger (l. 959-970).
240 [...]until Ennis, dredging up a rusty but still useable phrase from the childhood
241 time before his mother died, said, "Time to hit the hay, cowboy (l. 982-984)
242 [...]
243 Later, that dozy embrace solidified in his memory as the single moment of
244 artless, charmed happiness in their separate and difficult lives. Nothing marred
245 it, even the knowledge that Ennis would not then embrace him face to face
246 because he did not want to see nor feel that it was Jack he held (l. 991-996).
247 [...]

248 “... I thought Brokeback Mountain was around where he grew up. But knowing
249 Jack, it might be some pretend place where the bluebirds sing and there’s a
250 whiskey spring.” [...] He could hardly speak (l. 1040-1046).
251 [...]
252 Jack used a say, ‘Ennis del Mar,’ [...] ‘I’m goin a bring him up here one a these
253 days and we’ll lick this damn ranch into shape.’ He had some half-baked idea
254 the two a you was goin a move up here, build a log cabin and help me run this
255 ranch and bring it up. Then, this spring he’s got another one’s goin a come up
256 here with him and build a place and help run the ranch, some ranch neighbor a
257 his from down in Texas. He’s goin a split up with his wife and come back here.
258 So he says. But like most a Jack’s ideas it never come to pass.”
259 So now he knew it had been the tire iron (l. 1107-1118).
260 [...]
261 The shirt seemed heavy until he saw [...] another shirt inside it, the sleeves
262 carefully worked down inside Jack’s sleeves. It was his own plaid shirt, lost, he
263 thought, long ago in some damn laundry, his dirty shirt, the pocket ripped,
264 buttons missing, stolen by Jack and hidden here inside Jack’s own shirt, the
265 pair like two skins, one inside the other, two in one. He pressed his face into the
266 fabric and breathed in slowly through his mouth and nose, hoping for the
267 faintest smoke and mountain sage and hoping for the salty sweet stink of Jack
268 but there was no real scent, only the memory of it, the imagined power of
269 Brokeback Mountain of which nothing was left but what he held in his hands (l.
270 1172-1183).
271 [...]
272 ...he hang the wire hanger and the two old shirts suspended from it. He stepped
273 back and looked at the ensemble through a few stinging tears.
274 “Jack, I swear—” he said, though Jack had never asked him to swear anything
275 and was himself not the swearing kind (l. 1225-1230).
276 [...]
277 There was some open space between what he knew and what he tried to
278 believe, but nothing could be done about it, and if you can’t fix it you’ve got to
279 stand it (l. 1245-1247).

ANEXO C – Código Internacional de Doenças (CID)

Capítulo V Transtornos Mentais e Comportamentais (F00-F99)

F60-F69 Transtornos da personalidade e do comportamento do adulto

F60 Transtornos específicos da personalidade

F61 Transtornos mistos da personalidade e outros transtornos da personalidade

F62 Modificações duradouras da personalidade não atribuíveis a lesão ou doença cerebral

F63 Transtornos dos hábitos e dos impulsos

F64 Transtornos da identidade sexual

F65 Transtornos da preferência sexual

F66 Transtornos psicológicos e comportamentais associados ao desenvolvimento sexual e à sua orientação

F68 Outros transtornos da personalidade e do comportamento do adulto

F69 Transtorno da personalidade e do comportamento do adulto, não especificado

F64 Transtornos da identidade sexual

F64.0 Transexualismo

Trata-se de um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto. Este desejo se acompanha em geral de um sentimento de mal estar ou de inadaptação por referência a seu próprio sexo anatômico e do desejo de submeter-se a uma intervenção cirúrgica ou a um tratamento hormonal a fim de tornar seu corpo tão conforme quanto possível ao sexo desejado.

F64.1 Travestismo bivalente

Este termo designa o fato de usar vestimentas do sexo oposto durante uma parte de sua existência, de modo a satisfazer a experiência temporária de pertencer ao sexo oposto, mas sem desejo de alteração sexual mais permanente ou de uma transformação cirúrgica; a mudança de vestimenta não se acompanha de excitação sexual.

Transtorno de identidade sexual no adulto ou adolescente, tipo não-transexual

Exclui:

travestismo fetichista (F65.1)

F64.2 Transtorno de identidade sexual na infância

Transtorno que usualmente primeiro se manifesta no início da infância (e sempre bem antes da puberdade), caracterizado por um persistente e intenso sofrimento com relação a pertencer a um dado sexo, junto com o desejo de ser (ou a insistência de que se é) do outro sexo. Há uma preocupação persistente com a roupa e as atividades do sexo oposto e repúdio do próprio sexo. O diagnóstico requer uma profunda perturbação de identidade sexual normal; não é suficiente que uma menina seja levada ou traquinas ou que o menino tenha uma atitude afeminada. Os transtornos da identidade sexual nos indivíduos púberes ou pré-púberes não devem ser classificados aqui mas sob a rubrica F66.-.

Exclui:

orientação sexual egodistônica (F66.1)

transtorno da maturação sexual (F66.0)

F64.8 Outros transtornos da identidade sexual

F64.9 Transtorno não especificado da identidade sexual

Transtorno do papel sexual SOE

F65 Transtornos da preferência sexual

Inclui:

parafilias

F65.0 Fetichismo

Utilização de objetos inanimados como estímulo da excitação e da satisfação sexual. Numerosos fetiches são prolongamentos do corpo, como por exemplo as vestimentas e os calçados. Outros exemplos comuns dizem respeito a uma textura particular como a borracha, o plástico ou o couro. Os objetos fetiches variam na sua importância de um indivíduo para o outro. Em certos casos servem simplesmente para reforçar a excitação sexual, atingida por condições normais (exemplo: pedir a seu parceiro que vista uma dada roupa).

F65.1 Travestismo fetichista

Vestir roupas do sexo oposto, principalmente com o objetivo de obter excitação sexual e de criar a aparência de pessoa do sexo oposto. O travestismo fetichista se distingue do travestismo transexual pela sua associação clara com uma excitação sexual e pela necessidade de se remover as roupas uma vez que o orgasmo ocorra e haja declínio da excitação sexual. Pode ocorrer como fase preliminar no desenvolvimento do transexualismo.

Fetichismo com travestismo

F65.2 Exibicionismo

Tendência recorrente ou persistente de expor seus órgãos genitais a estranhos (em geral do sexo oposto) ou a pessoas em locais públicos, sem desejar ou solicitar contato mais estreito. Há em geral, mas não constantemente, excitação sexual no momento da exibição e o ato é, em geral, seguido de masturbação.

F65.3 Voyeurismo

Tendência recorrente ou persistente de observar pessoas em atividades sexuais ou íntimas como o tirar a roupa. Isto é realizado sem que a pessoa observada se aperceba de o vê-lo, e conduz geralmente à excitação sexual e masturbação.

F65.4 Pedofilia

Preferência sexual por crianças, quer se trate de meninos, meninas ou de crianças de um ou do outro sexo, geralmente pré-púberes ou no início da puberdade.

F65.5 Sadomasoquismo

Preferência por um atividade sexual que implica dor, humilhação ou subserviência. Se o sujeito prefere ser o objeto de um tal estímulo fala-se de masoquismo; se prefere ser o executante, trata-se de sadismo. Comumente o indivíduo obtém a excitação sexual por comportamento tanto sádicos quanto masoquistas.

Masoquismo
Sadismo

F65.6 Transtornos múltiplos da preferência sexual

Por vezes uma pessoa apresenta mais de uma anomalia da preferência sexual sem que nenhuma delas esteja em primeiro plano. A associação mais freqüente agrupa o fetichismo, o travestismo e o sadomasoquismo.

F65.8 Outros transtornos da preferência sexual

Diversas outras modalidades da preferência e do comportamento sexual tais como o fato de dizer obscenidade por telefone, esfregar-se contra outro em locais públicos com aglomeração, a atividade sexual com um animal, o emprego de estrangulamento ou anóxia para aumentar a excitação sexual.

Bolinagem
Necrofilia

F65.9 Transtorno da preferência sexual, não especificado

Desvio sexual SOE

F66 Transtornos psicológicos e comportamentais associados ao desenvolvimento sexual e à sua orientação

Nota:

A orientação sexual por si não deve ser vista como um transtorno.

F66.0 Transtorno da maturação sexual

O paciente está incerto quanto a sua identidade sexual ou sua orientação sexual, e seu sofrimento comporta ansiedade ou depressão. Comumente isto ocorre em adolescentes que não estão certos da sua orientação (homo, hetero ou bissexual), ou em indivíduos que após um período de orientação sexual aparentemente estável (freqüentemente ligada a uma relação duradoura) descobre que sua orientação sexual está mudando.

F66.1 Orientação sexual egodistônica

Não existe dúvida quanto a identidade ou a preferência sexual (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade ou pré-púbere) mas o sujeito desejaria que isto ocorresse de outra forma devido a transtornos psicológicos ou de comportamento associados a esta identidade ou a esta preferência e pode buscar tratamento para alterá-la.

F66.2 Transtorno do relacionamento sexual

A identidade ou a orientação sexual (hetero, homo ou bissexual) leva a dificuldades no estabelecimento e manutenção de um relacionamento com um parceiro sexual.

F66.8 Outros transtornos do desenvolvimento psicosexual

F66.9 Transtorno do desenvolvimento sexual, não especificado

